

RAUL MINH'ALMA

[ROMANCE]

GANHEI UMA VIDA

QUANDO TE PERDI

O LIVRO
QUE TE VAI AJUDAR
A ESQUECER QUEM
NÃO TE MERECE

10ª EDIÇÃO

DO AUTOR DO
**LIVRO MAIS
VENDIDO**
DE 2019

 MANUSCRITO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

RAUL MINH'ALMA

[ROMANCE]

GANHEI UMA VIDA

QUANDO TE PERDI

O LIVRO
QUE TE VAI AJUDAR
A ESQUECER QUEM
NÃO TE MERECE

10ª EDIÇÃO

DO AUTOR DO
**LIVRO MAIS
VENDIDO**
DE 2019

 MANUSCRITO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

RAUL MINH'ALMA

[ROMANCE]

GANHEI UMA VIDA

QUANDO TE PERDI

O LIVRO
QUE TE VAI AJUDAR
A ESQUECER QUEM
NÃO TE MERECE

10ª EDIÇÃO

DO AUTOR DO
**LIVRO MAIS
VENDIDO**
DE 2019

 MANUSCRITO

RAUL MINH'ALMA

GANHEI UMA VIDA QUANDO TE PERDI

O LIVRO QUE TE VAI AJUDAR
A ESQUECER
QUEM NÃO TE MERECE

ILUSTRAÇÕES DE RAUL MINH'ALMA

 ANUSCRITO

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2019

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito encontram-se reservados para
Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título original: *Ganhei Uma Vida Quando Te Perdi*

Autor: *Raul Minh'alma*

Copyright © Raul Minh'alma, 2019

Copyright © Editorial Presença, S.A., Lisboa, 2019

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Laura Kate Bradley/Arcangel*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Fotografia do autor: © Laura Mostardinha

Ilustrações do autor

Composição, impressão e acabamento:

Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-989-8975-27-0

Depósito legal n.º 462 043/19

1.ª edição em papel, Lisboa, novembro, 2019

Esta é uma obra de ficção e qualquer semelhança com a realidade é pura
coincidência.

Dedico este livro a ti.



— Como é que se esquece alguém?

Fui direta ao assunto. Não tinha tempo a perder. A situação com o Gustavo estava a deixar-me profundamente ansiosa e impaciente, e tudo o que eu mais queria era livrar-me daquela agonia. Já me tinha inscrito no ginásio, nas aulas de ioga, e até já tinha começado a fazer meditação, mas nada parecia estar a resultar. Pensava nele de manhã à noite e o sono era o meu único momento de descanso. Às vezes, nem isso, quando me apercebia de que até nos meus sonhos ele fazia questão de aparecer. Não me restou outra solução que não fosse render-me à insistência da minha mãe de começar a fazer psicoterapia, pois embora nunca tivesse desabafado com ela, eu sabia que ela sabia que esta ansiedade envolvia um rapaz.

— Alice, calma. Vamos por partes. *Sugeriu a doutora.* Começemos então pelo início. Primeiro, preciso de saber o que é que a traz por cá. O que é que a está a incomodar?

— Doutora, eu não estou a aguentar mais este sofrimento, esta indefinição na minha vida. E tudo por causa de uma pessoa.

— E quem é essa pessoa para si?

— É o amor da minha vida.

— Estamos a falar do seu namorado, marido...

Encolhi os ombros antes de responder.

— Na verdade, nem uma coisa nem outra.

— Preciso que seja mais elucidativa para eu a poder ajudar.

— Eu vou tentar resumir-lhe a nossa história. Ele chama-se Gustavo e foi uma pessoa que apareceu na minha vida por destino. Pelo menos assim parecia. Conhecemo-nos no hospital, onde ele é enfermeiro e onde eu estava a fazer o meu estágio curricular, enquanto farmacêutica. Desde aí começámos a falar regularmente e a trocar mensagens pelas redes sociais e fomos ficando cada vez mais próximos, até que nos envolvemos. Contudo, ele não quis assumir nada, disse-me que a fase da vida dele em que nos conhecemos não era a melhor, pois tinha saído há pouco de um relacionamento, e

afastámo-nos. Algum tempo depois, o meu irmão mais novo magoou-se a jogar hóquei e tivemos de ir ao hospital. Eu calculava que o Gustavo estivesse de serviço e talvez pudesse mexer os cordelinhos lá dentro e acelerar o atendimento do meu irmão, que estava muito queixoso. No entanto, não queria dizer-lhe nada porque tínhamos combinado deixar de falar e não queria que ele pensasse que aquilo era uma desculpa para falar com ele. Mas percebi que havia coisas mais importantes em jogo e acabei por lhe ligar. Ele por acaso estava de serviço, veio ter connosco e foi muito atencioso o tempo todo. Por consequência, voltámos a conversar diariamente a partir desse dia e, claro está, voltámos a envolver-nos. Mas foi sol de pouca dura porque, mais uma vez, ele decidiu afastar-se porque não se sentia preparado para assumir um novo relacionamento. Embora me dissesse sempre que gostava de mim e que se sentia muito atraído por mim e todas essas coisas. Ouvir isso, claro, era muito bom e dava-me esperança. Depois de todas as coincidências e de todos os afastamentos e reencontros, comecei a acreditar que o destino nos queria juntos. A verdade é que ando nisto há meses e não vejo as coisas a resolverem-se. Sinto-me sem forças para continuar a lutar, mas o problema é que também não tenho coragem para desistir. Não aguento mais esta indefinição. Tudo isto tem-me sugado demasiada energia e não sei o que fazer.

Levei as mãos ao rosto para esconder a minha vergonha e para tentar autocontrolar-me e não entrar de novo no buraco da lamentação em que a minha mente insistia em entrar.

— Tenha calma. *Voltou a pedir.* Estamos aqui para encontrar as soluções de que precisa. Começou por me perguntar como se esquece alguém, é mesmo isso que pretende fazer?

— A doutora sabe dizer-me como se esquece alguém?

— Bom... esquecer, esquecer, não. Contudo, dar-lhe-ei as ferramentas necessárias durante as sessões que faremos juntas para poder ultrapassar esta fase sentimental negativa pela qual está a passar. Mas, para isso, eu preciso que a Alice alinhe as suas ações com as suas palavras, pensamentos e desejos. Ou seja, eu preciso de saber que a Alice quer de verdade desligar-se desta pessoa.

Fiz uma pausa para refletir no que tinha acabado de ouvir e comecei a sentir uma leve sensação de pânico ao imaginar o tempo e as sessões a que teria de me sujeitar.

— Eu ainda tenho esperanças de que vai dar certo. *Confessei.* Comprimiu os lábios e lançou-me um sorriso seco.

— Não é uma confissão que me surpreenda, pois é bastante comum. De facto, quando ainda existe essa esperança, que é

perfeitamente normal e compreensível, o processo é mais demorado.

— E como é que me vejo livre dessa esperança?

— Porque é que a Alice acha que ainda vai dar certo? *Perguntou como se nem tivesse ouvido a minha questão.*

— Porque todas as coincidências, encontros e reencontros, além da conexão que senti com o Gustavo, tudo isso tem de ter um significado. Eu sinto que ele tinha de entrar na minha vida.

— Não duvido que ele tivesse mesmo de entrar na sua vida. Mas será que tem de ficar nela? Já pensou nisso?

— Se não fosse para ficar, porque é que a vida o colocaria no meu caminho? Porque é que a vida colocaria na minha vida alguém tão compatível comigo, se não fosse para sermos felizes?

— É importante que perceba que há pessoas que têm mesmo de entrar na nossa vida e não podem mesmo ficar nela. Por favor, não interprete mal as minhas perguntas. São perguntas para a fazer refletir sobre outros pontos de vista. Por exemplo, diga-me, acha que se fosse para ser, já não teria sido?

— E, se fosse para não ser, será que ainda estaríamos nisto?

— A Alice veio cá à espera que eu lhe desse esperança para continuar a lutar por ele ou coragem para desistir dele?

— Eu não sei! Eu só sei que preciso de tirar isto da minha cabeça, não aguento mais. Isto já é ridículo o suficiente. Diga-me, doutora, como é que eu me liberto desta relação tóxica de uma vez?

— Nenhum caminho é fácil. Por exemplo, o mais construtivo é o mais demorado, mas o mais rápido é o mais doloroso.

— Qual é o caminho mais rápido?

— O mais rápido seria a Alice descobrir que ele já tem outra pessoa e que está feliz. E de preferência que ele lhe diga nos olhos que já não quer nada. Nesse momento, as suas esperanças acabavam, a Alice batia no fundo, mas por outro lado seria esse bater no fundo que lhe daria um impulso para voltar à superfície.

— Não, não, não! Isso é demasiado mau. Nem quero imaginar isso sequer. Não há nenhuma forma menos dolorosa?

— Há outro caminho, menos doloroso, mas não acho que seja o mais construtivo nem tampouco o mais provável.

— Doutora, quando estamos a ser torturados há tanto tempo por um sentimento assim, nós já não queremos saber se acaba bem ou mal, apenas queremos que acabe. Por isso, eu não quero saber se é construtivo ou não, eu só quero saber se funciona.

— O outro caminho é a Alice apaixonar-se por outra pessoa. Mas isso seria sair de um buraco e meter-se noutra. Por isso, não acho que seja uma boa solução e vamos fazer de conta que eu nunca lhe

disse isto. Mas sim, é a menos dolorosa.

Senti-me desolada ao perceber que nem aquela última hipótese me agradava. Não porque não fosse apetecível, mas porque não me parecia concretizável tendo em conta a situação.

— Como é que eu me vou apaixonar por outra pessoa se eu só o quero a ele? Se eu só penso nele? Como é que me vou apaixonar por outro se todos me parecem desinteressantes quando comparados com ele? Será que eu não tenho outra escolha que não seja sofrer? Diga-me, por favor, que há alguma forma de eu simplesmente tirar esta pessoa da minha cabeça e do meu coração.

Desviou o olhar para o chão antes de me responder.

— Sabe que as coisas não funcionam assim. Eu entendo o que está a sentir, mas não é possível apagar essa dor.

Comecei a hiperventilar quando uma sensação de desespero começou a apoderar-se de mim. Tinha de me ir embora dali. Apressei-me a despedir-me da doutora e, sem grandes explicações, abandonei o consultório. Percorri os dez metros que separavam o consultório da esplanada ao lado e fiz sinal à minha mãe, que esperava ali por mim, para irmos embora. Assim que me viu, arrumou as coisas, pagou a conta e veio ao meu encontro.

— Como é que correu, meu amor?

— Não como eu esperava. Nenhuma solução me agradou.

— Filha, não podias estar à espera que ela te desse um frasquinho com um remédio e saíesses dali de dentro como nova. Estas coisas levam tempo. Quando é a próxima sessão?

— Não haverá uma próxima. Vamos embora, por favor.

— Alice, meu amor, ouve a mãe, eu não te trouxe a esta psicóloga por acaso. Além de minha amiga, é uma excelente profissional, mas tens de ser paciente, senão não vai resultar.

— Estou demasiado desgastada para ser paciente, mãe.

Não esperei por um comentário dela e segui à sua frente em direção ao carro. Percebi que falou durante toda a viagem de regresso, mas não tomei sentido em nada do que estava a dizer. Quando chegámos a casa, corri para o meu quarto, descalcei-me e deixei-me cair na cama. Fiquei ali, de barriga para baixo, por tempo indefinido, como se de alguma forma me sentisse mais protegida das preocupações que me assolavam a mente. Durante todo esse tempo, estive com os olhos colados no telemóvel, que estava pousado sobre a mesinha de cabeceira. Olhava para ele e olhava para a minha mão e tentava conter a minha vontade de pegar nele. O relaxamento que me proporcionava aquela posição era uma boa força de contenção a meu favor, mas o meu lado masoquista demonstrou ser mais forte e

não resisti. Peguei no telemóvel e entrei no Instagram do Gustavo na esperança de encontrar alguma indireta para mim. Senti-me, mais uma vez, ridícula ao fazê-lo, mas era mais forte do que eu. O meu coração acelerou com receio do que pudesse encontrar, mas a única novidade que encontrei no Instagram dele era uma foto com uns amigos, do que parecia ser uma saída à noite. Estavam os três muito sorridentes, cada um segurando um copo, e reparei que a foto tinha sido publicada no dia anterior. Na descrição dizia apenas a palavra «Feliz» e quando a li deu-me um aperto no peito por saber que ele estava tão bem sem mim e eu tão mal sem ele. Não sei se a minha intenção era fazê-lo lembrar-se de mim ou mostrar-lhe que aquilo não me afetava, mas fiz um gosto na fotografia e mergulhei de seguida a minha cabeça na almofada. Mas logo depois chegou a minha mãe ao quarto de telemóvel na mão.

— Filha? Desculpa, mas tive de ligar de novo à psicóloga para falar sobre ti e agora ela quer falar contigo. Podes?

Assim que ela me entregou o telemóvel, abandonou o quarto. Eu peguei nele, desconfiada, e respondi à chamada.

— Estou? Doutora? É a Alice.

— Olá de novo, Alice. Olhe. *Fez um compasso de espera.* É muito raro fazer isto que vou fazer, mas dadas as circunstâncias talvez eu conheça uma solução alternativa para o seu caso...



Assim que desliguei a chamada, peguei no papel onde tinha apontado as informações que a psicóloga me tinha dado e fiquei a olhar para ele, sentada na beira da cama. Deu-me somente um nome e uma morada e disse-me que aquela pessoa tinha uma técnica especial para esquecer alguém. Depois da desilusão que tinha sido a consulta, embora eu soubesse que a culpa tinha sido minha, e depois da sensação amarga que tinha sido ver a fotografia do Gustavo muito animado com os amigos, aquela chamada tinha sido um balão de oxigénio. Não sabia se aquele Artur que ela me tinha sugerido me iria valer de alguma coisa, mas, pelo menos até ter a certeza de que não, aquela esperança dava-me um alento rejuvenescedor. Olhei para o relógio e vi que ainda tinha tempo de passar por lá e voltei a calçar-me. Entretanto, batem à porta do meu quarto e surge de seguida uma cabeça pela abertura. Era o meu irmão Mateus, que tinha precisamente metade da minha idade, onze anos.

— Estás bem? *Perguntou.* A mãe disse que estás doente.

Estranhei aquela pergunta. Não fazia parte do feitio dele preocupar-se com o meu bem-estar, mas dei-lhe o benefício da dúvida. Ia dizer-lhe que não, mas depois ele ia continuar a ver-me em baixo e não me apetecia estar a pensar numa justificação.

— Digamos que sim. *Acabei por dizer.* Mas a mana vai ficar boa em breve, não te preocupes. O que é que me vais pedir?

— Pedir? Nada. Estou só preocupado. Não posso?

— Vou fingir que acredito. Volta lá para a *PlayStation*.

— Está bem. Tchau! Vou fechar a porta.

Ao mesmo tempo que ouvi o baque da porta, ouvi um grito do meu irmão. Corri para ver o que tinha acontecido e quando abri a porta encontrei-o agarrado à mão ensanguentada.

— Meu Deus! O que é que aconteceu?

— Aaaai! Foi na porta. Aleijei-me na porta!

— Merda! Merda! Anda comigo, vamos lavar isso.

Levei-o pelo braço até à casa de banho, pus a sua mão no lavatório e abri a água para a lavar. Assim que a limpei, comecei à procura da ferida de um lado e do outro e não a encontrei.

— Onde é que te dói, Mateus? Não vejo nada?

Ele começou a rir-se descontroladamente e eu percebi logo que tinha acabado de me pregar mais uma das suas partidas. Depois levou a outra mão ao bolso das calças e tirou uma bisnaga.

— Sangue falso, maninha! Comprei na loja do chinês. Parece que foste apanhada mais uma vez. Faz uma vénia ao mestre!

Virou-me as costas, levantou as mãos e abandonou a casa de banho como se tivesse uma plateia a ovacioná-lo. Ouvi-o a congratular-se pelo corredor, enquanto eu permanecia com as mãos apoiadas no lavatório a recuperar do susto. Estava constantemente a pregar-me partidas e eu já não sabia se sentia raiva dele ou de mim por me deixar ser sempre apanhada. Aquela distração fez-me perder alguns minutos preciosos e tinha de me apressar sob o risco de não conseguir falar com o Artur ainda nesse dia. Peguei nas minhas coisas e fui devolver o telemóvel à minha mãe.

— Vou sair. *Disse-lhe.* Mas não me devo demorar.

— Para onde vais? O que é que ela te disse para fazer?

— Deu-me um conselho. Vá, não te preocupes. Já volto!

Segui as indicações da psicóloga e não demorei muito a chegar à morada que me deu, mas pensei ter-me enganado porque a morada correspondia a uma loja de fatos. Dirigi-me para a loja e, quando me aproximava, vi um homem engravatado a abandoná-la e, ao mesmo tempo, um outro, do lado de dentro, a virar para fora a tabuleta com a inscrição «Fechado». Acelerei o passo e detive a porta para que não se fechasse. A pessoa que encontrei do lado de dentro era um rapaz. Aparentava ser jovem, embora mais velho do que eu, mas não muito mais. Era alto e o cabelo ligeiramente comprido, mas não era, de todo, a figura que esperava encontrar.

— Boa tarde, posso ajudar? *Perguntou, sorridente.*

— Olá, eu vinha à procura do senhor Artur.

— Então veio ao local certo. O que pretende?

— Estou a falar com o próprio?

— Não, mas está a falar com o braço-direito dele. Vá... o direito e o esquerdo, porque eu é que tenho de fazer tudo aqui. Mas fique à vontade, falar comigo é falar com ele. Pretende um fato à medida? É para o namorado? Futuro marido? Pai? Cunhado?

— Não, não, não! Eu não pretendo fato algum. Na verdade, o que quero não tem nada a ver com o que se vende aqui.

— Muito bem, e pelos meus cálculos e previsões não me vai dizer

o que pretende do senhor Artur, correto?

— Preferia falar diretamente com ele, se possível.

— Deixa estar que eu trato disso, Rodrigo. *Disse um homem que aparentava ter uns 60 anos depois de surgir atrás do balcão.* E tu vai tratar destas calças, que elas não se dobram sozinhas.

— Com certeza, patrão, é para já.

O rapaz lançou-me um sorriso resignado e dirigiu-se para o balcão, encostando-se a um dos cantos a dobrar as ditas calças.

— Em que lhe posso ser útil? *Perguntou o Artur, ajeitando a fita métrica de costura que trazia ao pescoço.*

— Olá, eu sou a Alice. *Cumprimentei.* Antes de mais, perdoe-me ter vindo em cima da hora do fecho, mas não podia deixar para amanhã. Eu cheguei aqui por intermédio da minha psicóloga, ela disse-me que o senhor me poderia ajudar.

O senhor olhou para o Rodrigo e logo depois também olhei para ele por impulso e reparei que estava a observar-nos.

— Dá-nos um momento, por favor. *Pedi o Artur.*

Ele acatou a ordem e olhou-nos com ar de caso quando passou por nós, antes de desaparecer pela porta atrás do balcão.

— Eu espero mesmo que me possa ajudar. *Continuei.* A doutora disse-me que o senhor tinha uma técnica...

— Eu sou um mero alfaiate, menina, como pode ver.

— Eu já percebi que sim, mas penso que não seja essa a sua única arte. A doutora indicou-me o seu nome e a sua morada. Disse-me que tinha uma técnica especial para esquecermos alguém e é disso que eu mais preciso neste momento.

— Pois, mas já me reformei dessas coisas. *Disse ele, começando a ajeitar umas camisas penduradas atrás de si.*

Aquela resposta tinha-me apanhado desprevenida.

— Isso significa que já não me pode ajudar?

Ficou parado e em silêncio por um segundo e depois voltou a ajeitar as camisas. Percebi que estava à procura de uma desculpa para me dar e eu não estava a entender porquê. Mas antes que ele se lembrasse de alguma voltei a insistir.

— Senhor Artur, eu não sei o que o senhor faz ou que técnica especial é essa, só sei que se vim aqui é porque é realmente importante para mim e estou quase a entrar em desespero.

— Em desespero porquê? O que é que aconteceu?

— É uma questão amorosa que está a ser difícil de gerir.

— Não me diga que está casada há vinte anos, é mãe de três filhos e descobriu agora que o seu marido tem outra família.

Percebi que ele tentou encontrar um cenário exagerado para

desdramatizar qualquer que fosse a minha situação e a verdade é que fiquei a sentir-me ridícula por ela não ser, em teoria, tão grave como aquela que ele acabava de expor.

— Não, como é óbvio. No meu caso é a pessoa que eu amo que não se decide a ficar comigo, mesmo depois de tantos sinais que a vida nos deu de que nos quer juntos. E eu já não aguento mais suportar esta indecisão dele. É agonizante.

— Deixe-me ver se eu entendi bem. *Disse, debruçando-se sobre o balcão.* A menina está a sofrer desesperadamente, pelo que entendi, por um rapaz que acredita que ama, mas com quem nem sequer tem um relacionamento. É isso?

— Sim, é isso mesmo que acabou de dizer.

— Oh! Eu pensava que fosse algo sério.

O homem agarrou em duas caixas de costura, dirigiu-se para o lado oposto do balcão e quando chegou ao fundo começou a arrumar as caixas num armário como se eu não estivesse ali.

— Eu entendo que com a sua experiência já deve ter tido conhecimento de casos bem piores do que o meu, mas você não pode usar a sua régua para medir a minha dor ou a minha felicidade. Não compare as minhas dores com as suas ou as de outras pessoas, porque eu nunca serei elas e elas nunca serão eu.

— Eu não lhe disse o que disse para inferiorizar a sua dor. Eu apenas lhe dei um exercício de comparação para perceber que podia ser muito pior. Talvez assim não se queixe tanto.

— Por essa lógica, eu nunca terei razões para estar triste, porque haverá sempre alguém pior do que eu, nem razões para estar feliz, porque haverá sempre alguém melhor do que eu.

— Alice, não é? *Anuí.* Ouça uma coisa. Você é uma rapariga jovem, bonita e com a vida toda pela frente. Eu sei que isto parece o fim do mundo, mas não é. E quando passar vai ver que tenho razão. Agora se me dá licença, eu preciso de fechar a loja.

— Enfim, ninguém entende o que sinto. Obrigado!

Dirigi-me para a saída e abandonei a loja, fazendo um esforço para conter a raiva que de repente me possuiu. Contudo, quando cheguei à rua não aguentei mais e comecei a chorar descontroladamente. Sentia-me incompreendida e isso gerava em mim uma sensação sufocante de impotência. Sentei-me num pequeno muro que ladeava um jardim em frente à loja e perdi a noção do tempo. Entretanto, o som de uns passos ao meu lado fez-me erguer a cabeça. Era o Rodrigo que estava ao meu lado, segurando um capacete no braço, mas limitou-se a olhar para mim.

— Parece que a sua cliente ainda não desistiu, senhor Artur.

Gritou o rapaz para a entrada da loja.

Logo de seguida, colocou o capacete, montou-se na sua moto e arrancou, mas não sem antes me olhar uma última vez. Não demorou muito até o senhor Artur surgir também do meu lado de semblante carregado, mas, ao mesmo tempo, compassivo.

— Sabe porque é que se diz esquecer alguém? *Perguntou.* Porque é um processo que começa na cabeça. Quem não é visto, não é lembrado, e quem não é lembrado, não é amado.

— E o que é que eu posso fazer com essa informação?

— Pode começar por pegar em tudo o que a faz lembrar dessa pessoa, como fotografias, presentes e outros objetos, pôr numa caixa e voltar cá amanhã com isso. Talvez eu a ajude.



— Como assim uma técnica especial para esquecer alguém?
Perguntou-me a Bela, a minha melhor amiga, assim que abandonámos a biblioteca da nossa faculdade.

— Não sei. Só sei que ele me pediu para juntar todas as coisas que me fizessem lembrar do Gustavo, pô-las numa caixa e depois voltar à loja. Pelos vistos, assim eu não me lembro tanto dele e torna-se mais fácil esquecê-lo. Mas não sei se a técnica é só isto.

— Mas esse homem é algum psicólogo ou conselheiro?

— É o que eu vou descobrir em breve. Segundo ele, é apenas um alfaiate, mas sei que é muito mais do que isso.

— Será que é um bruxo? *Perguntou num tom jocoso.* E vai fazer-te um feitiço para te esqueceres desse Gustavo?

— Não digas parvoíces, Bela!

— Pelo menos é seguro? Confias no senhor?

— Não confio propriamente, mas confio na minha mãe.

— E o que é que a tua mãe tem a ver com isso?

— Foi a psicóloga da minha mãe, que me atendeu ontem, que me indicou este senhor. E a minha mãe confia muito nela. Ora, se foi sugerido por alguém da confiança de alguém da minha confiança é porque também deve ser de confiança. A verdade é que também não estou em condições de desperdiçar soluções alternativas. Mas diz-me o meu sexto sentido que este senhor me vai ajudar.

— Parece que só dás ouvidos ao sexto sentido quando te interessa, porque de certeza que muitas vezes ele te disse que essa história com o enfermeiro não ia resultar e tu ignoraste-o.

Aceitei a indireta porque, além de a merecer, também precisava de a ouvir para ver se abria os olhos e seguia em frente. Contudo, sempre que eu tomava essa decisão ou quando me sentia suficientemente distante dele para, pelo menos, desconfiar que já o tinha esquecido, ele voltava a surgir na minha vida por algum motivo. E era como se todo o trabalho e evolução que tinha feito fosse por água abaixo. Por ironia, nesse exato momento vibrou-me o telemóvel

no bolso e era precisamente uma mensagem do Gustavo. Fiquei estática a olhar para o ecrã quando vi de quem era.

— O que é que foi? Más notícias? *Perguntou a Bela.*

— Sinceramente não sei se são boas ou más. Parece que chamaste por ele e eu fui brindada com mais uma coincidência. Acabei de receber uma mensagem do Gustavo. Diz que tem um convite para me fazer. E agora? O que é que eu lhe respondo?

— É simples. Não lhe respondes. *Disse, antes de me virar as costas e recomeçar a caminhar pelo corredor.*

Corri atrás dela até acertar o meu passo com o seu.

— Como assim, não lhe respondo? Eu tenho, pelo menos, de saber qual é o convite, Bela. E depois recuso ou não.

— Não estou a dizer para recusares. Até porque já te conheço e sei que, mesmo que fosse um convite para irem assistir a uma corrida de caracóis, tu aceitavas, desde que fosse com ele. *Não estava a olhar para ela, mas imaginava que estivesse a revirar os olhos.* O que eu estou a dizer é que não tens de lhe responder já.

— Mas qual é o mal de lhe responder agora?

Parou, virou-se para mim, olhou para os lados e respondeu.

— Tu não percebes mesmo nada, pois não? Não vês que, se lhe responderes agora a correr, ele vai perceber que estavas ansiosa por ele te procurar ou mesmo desesperada por um convite?

— Não é mentira nenhuma. *Confessei num murmúrio.*

— Não é mentira, mas ele também não tem de saber que é verdade. Podes perfeitamente disfarçar. Os homens não gostam desse facilitismo. Espera que ele volte a insistir no convite.

— E se ele mudar de ideias? Ou não disser mais nada?

— Se ele mudar de ideias é porque não queria assim tanto. E será que tu queres alguém que não te quer assim tanto? Oh! *Levou ironicamente a mão à cabeça.* Claro que queres. Que pergunta. Ouve! Espera que ele te volte a dizer alguma coisa. E, se não disser, dizes tu. Amanhã, por exemplo. E, quando o fizeres, finge que não estás muito interessada, apenas curiosa.

A minha amiga Isabel, que eu sempre tratava por Bela, percebia a mente masculina muito melhor do que eu. Recorria muitas vezes a ela para me orientar e aconselhar, e se me dizia para esperar que ele me dissesse mais alguma coisa é porque tinha fundamento. Naquele regresso a casa, não parava de pensar na mensagem do Gustavo. Sentia-me ridícula, claro, mas era saborosa a sensação de saber que ele tinha um convite para mim, assim como imaginar que convite seria aquele. Tentei evitar expectativas elevadas, mas a vontade de estar com ele era tanta que não conseguia conter a minha imaginação.

Quando cheguei a casa, chamei pela minha mãe e pelo silêncio que tive de resposta percebi que ela estaria no ateliê embrenhada em mais um dos seus projetos de decoração. Aproveitei e fui para o meu quarto adiantar o meu relatório de estágio. Pousei o telemóvel, pus os óculos, abri o computador e foi tudo o que fiz durante vinte minutos. Não conseguia escrever, tampouco pensar, pois só queria agarrar naquele telemóvel. Dei por mim a ver as horas e a calcular o tempo que eu devia demorar a responder-lhe para ele não pensar que eu estava desesperada, sendo que esperar até ao dia seguinte já estava fora de questão. Talvez à noite, pensei, mas para isso não podia continuar naquele quarto com o telemóvel tão perto de mim. Por isso, larguei tudo e fui ter com ela.

— Bem! Agora bateu uma saudade... *Desabafou a minha mãe assim que me viu a entrar no ateliê.*

— Uma saudade de quê, mãe?

— Não sei. *Respondeu, nostálgica.* Acho que era dos tempos em que vinhas para aqui, pequenina, ensaiar aquelas peças de teatro que fazias na escola e me pedias para confirmar se estavas a dizer o texto bem. Deve ser porque estou aqui a ver uns tecidos para uns cortinados e lembrei-me das cortinas do palco de teatro.

Depois daquela explicação, também eu fiquei nostálgica.

— Pois... mas essas cortinas já se fecharam há muito tempo.

— Infelizmente. *Disse, cabisbaixa.* Como vai esse relatório?

— Vai devagarinho. Ia mais depressa se eu tivesse disposição para ele. Mas ainda tenho tempo. Precisas de ajuda?

Ergueu-se e ficou a encarar-me com um ar intrigado.

— Já não me lembro da última vez que te ofereceste para me ajudar. O que é que se passa? É sobre aquilo de ontem?

— Apenas preciso de ocupar a minha cabeça. Preciso de estar entretida o resto da tarde. Podes ajudar-me com isso?

— Filha, eu sou a tua mãe, eu dou-te o que fazer até ao ano que vem, se for preciso, mas não é isso que está em causa. Gostava que desabafasses mais comigo. Sou mãe, mas também amiga.

— Não consigo. Tenho vergonha. Mas tu também não falas comigo sobre a tua vida. Por isso, está tudo certo.

— Só se quiseses que te fale de trabalho. Não tem graça.

— Podes falar-me da tua situação com o pai.

Aquela deixa apanhou-a desprevenida. Por momentos ficou sem reação, mas logo tratou de mudar de assunto.

— Achas que este amarelo-torrado e este vermelho combinam nuns cortinados? *Perguntou, exibindo uns tecidos.*

— Vês. És pior do que eu. Também não consegues falar.

— A minha situação com o teu pai já está resolvida há muito tempo. Ele tem a vida dele e eu tenho a minha.

— Será? Não me parece que esteja. Pelo menos da tua parte.

Fez um longo compasso de espera antes de me responder.

— Há coisas que temos de fazer de imediato por mais que não queiramos sob o risco de perdermos o *timing* certo. Se não as fizermos logo, depois é muito mais difícil e pode mesmo ser irreversível. Talvez tenha sido isso que aconteceu comigo.

Os meus pensamentos começaram a ferver com o que me tinha acabado de dizer. Aquela história do *timing* estava a encaixar-se na perfeição com o meu dilema atual. Estaria eu a perder o *timing*? Correria eu o risco de ser tarde de mais? E se o Gustavo precisasse de uma resposta imediata e eu estava armada em difícil? Ou estaria eu a fazer demasiados filmes só para arranjar uma desculpa para lhe responder de uma vez? Merda! Pensei.

— Mãe, eu tenho de ir, mas esta conversa não acabou.

Corri de volta para o meu quarto e no segundo imediatamente antes de desbloquear o telemóvel desejei que estivesse ali uma segunda mensagem dele. Não estava, mas não desanimei.

— Que convite? *Respondi, de forma muito crua, para tentar parecer desinteressada, tal como a Bela aconselhou.*

— Já estava a perder a esperança. *Respondeu o Gustavo, também por mensagem, poucos minutos depois.* Tenho um jantar com a equipa aqui da minha unidade. Cada um pode levar o seu par. Pensei que poderias ir comigo. O que achas?

Consegui conter a euforia para não lhe responder logo a seguir com um gigantesco «Claro!», mas não consegui disfarçar o sorriso que se desenhava no meu rosto depois de ler aquelas palavras. Ele queria ir comigo a um evento público onde estariam os amigos e colegas dele. Teria de significar alguma coisa. Nunca o tinha feito comigo e até me custava a acreditar no que estava a acontecer.

— E quando seria? *Perguntei ainda.*

— Hoje! *Respondeu de imediato, deixando-me em pânico.*

Demorei a responder, propositadamente, como se primeiro tivesse de confirmar a minha disponibilidade na minha agenda, mais uma vez seguindo os preciosos conselhos da Bela.

— Não tenho nada para fazer. Por mim, pode ser. *Disse, como se não fosse o que eu mais queria naquele momento.*

— Ótimo! Passo às nove da noite em tua casa para te apanhar.

Assim que pousei o telemóvel, subi o fundo das calças para confirmar o estado da minha depilação e corri para o armário para ver se tinha alguma roupa que se adequasse ao evento. Como previa,

nenhuma me agradava, mas não havia tempo para lamentações e tinha de improvisar. Os momentos que se seguiram foram passados a tentar equilibrar o stresse, a ansiedade e a excitação pelo reencontro que se avizinhava. Só quando estava quase pronta é que me lembrei de um pormenor importante, o senhor Artur tinha-me pedido para passar na sua loja nesse dia e levar comigo tudo o que me fazia lembrar do Gustavo. Uma ideia que aquele convite à última hora tinha posto em pausa. Por um lado, era desagradável da minha parte não aparecer, já que me tinha dado trabalho convencê-lo a ajudar-me, mas, por outro, era sinal de que já não era necessário e isso era uma excelente razão. Às nove em ponto, ouvi um carro a parar em frente à minha casa e apressei-me a sair. O Gustavo esperava-me do lado de fora dele e quando o meu olhar se cruzou com o seu voltei a questionar-me se aquilo estava mesmo a acontecer. Podia parecer ridículo ou até exagerado, mas dentro da minha cabeça aquilo para mim era como um sonho. Não sabia se havia de lhe dar um beijo na boca ou no rosto e para não passar por um momento constrangedor limitei-me a sorrir. Arrancámos, por fim, com destino ao jantar e eu continuava sem saber a verdadeira razão para ele me ter convidado, mas estava prestes a descobrir.



— Estás muito bonita. *Elogiou, olhando-me de relance.*

— Não estou nada de especial. Convidaste-me em cima da hora e vesti a primeira roupa que me chamou a atenção. Com mais tempo fazia melhor, mas espero estar vestida adequadamente.

— Estás ótima. É apenas um jantar de colegas. Nada formal. Costumamos organizar sempre um por esta altura do ano.

— Suponho que esteja marcado há muito tempo. Porque é que só me convidaste hoje? *Questionei-o em jeito de indireta.*

— Não tinha a certeza se te devia convidar. Não por eu não querer que viesses, mas por não saber se aceitarias. Só que depois vi que gostaste da minha foto no Instagram e decidi arriscar.

Afinal, o impulso que senti para gostar da fotografia sortiu efeito e fez-me acreditar que o universo conspirava a meu favor.

— Fizeste bem. Convida sempre. Depois se eu quiser aceito, se não quiser não aceito. Só não desistas antes de tentar.

Arrependi-me logo de ter dito aquilo. Talvez me tenha revelado demasiado, segundo o que me tinha recomendado a Bela. Mas se até através de mensagens eu tinha dificuldade em controlar-me, pessoalmente era quase impossível. Seria uma questão de tempo até me descuidar, mas não sabia ser de outra forma. Jogos de sedução claramente não eram o meu forte. Posso perder mais por ser quem sou, mas só sendo quem sou de verdade é que eu posso ter a certeza de que aquilo que vai e que vem é o que tem de ser. Goste ou não. Concluí pelo seu silêncio que estava a refletir sobre o que lhe tinha dito, mas recuperando o alerta sobre o *timing* que a minha mãe me fez, tinha de aproveitar aquele para fazer a inevitável pergunta.

— Porque é que me convidaste a mim?

— Quem é que eu havia de convidar, senão tu?

Sim, foi ótimo ouvir aquilo, mas não me tinha respondido.

— Porque é que não foste sozinho, por exemplo? Porque é que decidiste levar alguém e porquê a mim?

— Achei que se adequava e que fazia sentido. Eu gosto da tua

companhia, tu gostas da minha e além disso queria ver-te. Fiz mal? Com tantas perguntas, começo a achar que não devia.

— Não! Nada disso! Já disse que fizeste bem. Apenas quero entender o contexto do convite. Nunca me convidaste para sair juntamente com os teus amigos e colegas. Sabes que o mais provável é fazerem perguntas. Nomeadamente se somos namorados...

— Não te preocupes com isso, e se perguntarem alguma coisa dizes que és uma amiga. Não deixa de ser verdade.

Sabia-me a pouco aquela resposta. Sentia até que me tinha deixado um gosto amargo na garganta, mas não a ia comentar e muito menos demonstrar que não me tinha preenchido as medidas. Queria apenas tentar focar-me ao máximo nas coisas boas da sua companhia e desfrutar daquele momento. Chegámos logo depois ao restaurante, estacionámos e, antes mesmo de sair, o Gustavo aproximou-se de mim e deu-me um beijo demorado no rosto. Fiquei a olhar para ele sem saber se era suposto eu alimentar aquela história, mas se era nunca cheguei a saber porque ele lançou-me um sorriso relâmpago e abandonou o carro. Agarrei na minha pochete e segui os passos dele até ao interior do restaurante, sempre na sua retaguarda. À entrada, a receber-nos, estava a mestre de cerimónias, que não era difícil de perceber que era próxima do Gustavo pela forma eufórica como o recebeu. Depois de se cumprimentarem, olhou para mim com ar simpático e curioso ao mesmo tempo.

— Alice! *Apresentei-me*. Sou... amiga do Gustavo.

— Eu sou a Ana, muito gosto. Também és enfermeira?

— Não. Ainda estudo. Falta-me apenas entregar e apresentar o relatório de estágio para ser oficialmente farmacêutica.

— Parabéns! Imagino que nunca tenhas estado no meio de tantos enfermeiros, vá... no hospital não conta, mas tenho a certeza de que vais gostar. Aviso já que quando tiramos as batas transformamo-nos. *Deu uma gargalhada*. Fiquem à vontade.

Continuámos para o interior do restaurante e acompanhei o Gustavo nos cumprimentos a alguns colegas que ainda estavam de pé a conversar. Apercebia-me dos olhares discretos que me lançavam e sabia que, à partida, eram inocentes e inofensivos, mas para o meu cérebro eram olhares de julgamento. Uma impressão que era culpa de uma espécie de fobia social que eu tinha desenvolvido. Só sabia que se ninguém falasse comigo eu não ia falar com ninguém e corria sérios riscos de pensarem que era antipática sem o ser. Entretanto, os cumprimentos e as conversas de ocasião terminaram e começámo-nos a sentar. Do meu lado direito ficou o Gustavo e do esquerdo ficou, precisamente, a Ana. O jantar começou, as conversas continuaram e

eu tentei participar nelas da forma mais eloquente possível. Entretanto, olho para o fundo da mesa, como se algo tivesse atraído a minha atenção, e o meu olhar cruza-se com o de uma rapariga. Foi só um segundo, mas foi o suficiente para perceber que ela já estava a olhar para mim. E como é normal quando nos apercebemos de que alguém está a reparar em nós, começamos também a reparar nessa pessoa. Por isso, a partir desse momento, sempre que podia olhava de relance para o fundo da mesa e por várias vezes apanhei-a a olhar para mim. Comecei a ficar intrigada e a querer saber quem era ela e ninguém melhor para me satisfazer essa curiosidade do que a mestre de cerimónias.

— Quem é aquela ali ao fundo de *top* vermelho? *Perguntei discretamente, aproveitando a confiança que já tinha com ela.*

A Ana afastou a cabeça de mim e arregalou os olhos.

— Como assim, não sabes quem é? *Murmurou.*

— Não, não faço ideia de quem seja. Apenas reparei que está sempre a olhar para mim e comecei a ficar intrigada.

Começou a olhar em volta dando a entender que estava à procura de alguma coisa e depois chamou pelo Gustavo.

— Podes ir buscar-me um cinzeiro? *Pedi-lhe.*

Ele prontificou-se a satisfazer-lhe o pedido e levantou-se. Quando percebeu que ele estava longe o suficiente para não nos ouvir, aproximou-se de mim e esclareceu-me as dúvidas.

— Pensei que soubesses. Aquela é a Clara, a ex do Gustavo.

— Não fazia ideia... *Disse, depois de fazer uma pausa para digerir o impacto que aquela informação teve em mim.*

— Ela é médica lá no hospital. Por acaso, não era para vir ao jantar, mas disse-me hoje de manhã que afinal vinha.

A vontade de lhe perguntar mais coisas sobre eles os dois era enorme, mas não me ia sujeitar a essa figura. Além disso, já tinha demonstrado falta de conhecimento sobre o passado dele e seria demasiado humilhante para mim demonstrar que uma colega de trabalho sabia mais sobre ele do que eu. Tinha de admitir que essa Clara era muito bonita, além do facto de ser médica. Automaticamente o meu cérebro começou a comparar os nossos parâmetros e, quando percebi que estava a perder em todos eles, tive de parar. O único parâmetro em que ganhava, em teoria, era que ele estava na minha companhia e não na dela, mas, por algum motivo, não me satisfez. O Gustavo chegou com o cinzeiro, retomou a conversa e de repente senti que tinha viajado para um universo paralelo. Tentei parecer natural, mas já não conseguia abstrair-me daquela informação. A minha mente começou a criar vários cenários até que parou num em

concreto e o meu coração acelerou.

— Ele sabia que ela vinha? *Sussurrei ao ouvido da Ana.*

— Sim. Quando ela me confirmou, achei melhor avisá-lo.

Quando ela me disse aquilo, comecei a suar e o meu batimento cardíaco acelerou ainda mais. O *puzzle* que a minha mente criou tinha acabado de receber a sua última peça e eu conseguia ver finalmente o que estava a acontecer com toda a clareza. Afinal, o impulso que senti para gostar da fotografia dele no Instagram não era uma jogada do universo a meu favor, mas sim contra mim.

— Não me estou a sentir bem. Preciso de apanhar ar.

— O que é que se passa, Alice? *Perguntou o Gustavo.*

Levantei-me sem lhe responder e apressei-me a abandonar o restaurante. Cheguei ao exterior e o Gustavo chegou logo a seguir, mas eu nem conseguia olhar para a sua cara.

— O que é que tens? *Insistiu.* Precisas de alguma coisa?

— Preciso, sim! Preciso que me digas a verdade!

— Mas qual verdade, Alice? Não estou a perceber nada.

— Mas já percebi eu. Já percebi o verdadeiro motivo para me teres convidado. Não. Não foi porque gostavas de me ver, foi porque gostavas que ela, a Clara, te visse comigo. Foi apenas para lhe fazeres ciúmes que me convidaste para vir a este jantar, não foi?

— Não faz qualquer sentido o que estás a dizer.

— Faz, sim! E o mal é esse. Não me convidaste antes porque nem sequer estava nos teus planos vir acompanhado, mas quando hoje a Ana te disse que, afinal, a Clara vinha, decidiste convidar-me em cima da hora. E porquê? Porque ontem, por acaso, aqui a parva lembrou-se de gostar de uma foto tua que te deu a entender que eu ainda estava atenta à tua vida. Percebeste que eu era um bom e fácil trunfo que poderias usar para mexer com ela.

— Não sei de onde tiraste essas ideias mirabolantes. Tens uma imaginação fértil. É que eu nem sequer sabia que ela vinha.

Comecei a rir-me, mas com vontade de chorar.

— Gustavo. *Fiz uma pausa.* A Ana acabou de me dizer que te avisou que ela vinha. Parece que deste um passo em falso agora. Mas ainda bem que te revelaste. Já chega! Hoje fizeste-me sentir um verdadeiro lixo. *Abri a minha pochete, tirei uma nota e pousei-a na mão dele.* É para pagares o meu jantar. E, se sobrar algum, usa-o para tomares um café com ela. Adeus, Gustavo.

— Espera! *Agarrou-me no braço.* Não vais embora assim.

— Deixa-me ir. Por favor. Só quero estar sozinha.

— Mas não vais estar sozinha na rua.

— Eu chamo um táxi, mas primeiro preciso de caminhar.

Soltei o meu braço e meti-me pelo passeio sem me preocupar se era aquele o caminho mais curto para casa. Só queria sair dali o mais depressa possível e estar sozinha comigo mesma. Caminhei e chorei durante meia hora, culpando-me a cada passo que dava por me ter iludido mais uma vez. Sentia-me humilhada e envergonhada pela figura triste que fiz durante todo aquele dia que só queria que acabasse. Vagueei pelas ruas da cidade até que o ruído estridente de uma moto a passar por mim me fez erguer a cabeça e perceber que estava a caminhar numa rua deserta. Logo à minha frente, a moto parou no semáforo e de repente vi-me sozinha com um *motard* numa rua que eu nem sequer reconhecia. O *motard* estava de capacete e olhou para mim de relance. Peguei de imediato no telemóvel e fiz de conta que tinha acabado de receber uma chamada. Acelerei o passo e comecei a controlá-lo pelo canto do olho. Ele voltou a olhar para mim, desta vez durante mais tempo, até que tirou o capacete e depois de um momento de incerteza reconheci o seu rosto. Era o Rodrigo, o rapaz da loja do senhor Artur.



— Estava-me a parecer que te conhecia de algum lado. *Disse o Rodrigo, montado na moto no meio da estrada.*

Fiquei sem saber o que fazer. Se entrava em diálogo ou se me limitava a sorrir e seguir o meu caminho. E se falasse tratava-o por tu, como ele a mim, ou mantinha a distância do você, como quando nos conhecemos? Não deixava de ser um desconhecido, mas pelo menos era um desconhecido mais confiável do que qualquer outro que pudesse aparecer ali àquela hora.

— Também não foi difícil reconhecer-te. Depois de tirares o capacete, claro. *Respondi, limpando as lágrimas do rosto.*

— É normal, dizem que tenho um rosto inesquecível.

Aquela deixa foi suficiente para perceber que não estávamos na mesma frequência. Se em condições normais já não tinha paciência para aquele tipo de postura, naquele momento muito menos. Apercebi-me de que o sinal ficou verde e aproveitei logo para me despedir. Olhei de relance para o semáforo para lhe dar a dica, disse-lhe adeus com a mão e retomei a marcha. Rodrigo também o fez, mas não com a velocidade que eu esperava. Em vez disso, aproximou-se de mim e começou a andar ao meu ritmo, ele na estrada, em cima da moto, e eu no passeio. Olhei-o de lado, mas não o dissuadi.

— O que fazes aqui sozinha a uma hora destas?

— Saí agora de um jantar. Estou a ir para casa.

— E foste expulsa desse jantar?

— Se fui expulsa? Claro que não! Que pergunta.

— Estás a chorar. Alguma coisa de mau deve ter acontecido.

— Eu não estou a chorar. *Disse, sem olhar para ele, mas por impulso levei a mão ao rosto e denunciei-me sem querer.*

— Mas estavas quando te vi. O que é que aconteceu?

— Não estás à espera que fale da minha vida privada com um tipo que mal conheço, enquanto ele me persegue em cima de uma moto numa rua deserta à uma hora da manhã.

— Perseguir é andar atrás de alguém. Eu estou a andar ao teu lado, por isso estou a acompanhar-te. É diferente.

— Não sei. Qual a probabilidade de nos cruzarmos num local destes precisamente um dia depois de nos termos conhecido? Pois... Parece que a minha tese acabou de ganhar força.

— Se estamos aqui é porque tinha de ser. O destino não é regido por probabilidades. Quando duas pessoas têm de se cruzar, cruzam-se, independentemente das circunstâncias.

— Destino? É um excelente álibi. Mas parece que hoje o destino só me quer tramar. Por isso, todo o cuidado é pouco.

— Vais continuar a andar ignorando o facto de eu estar a conduzir a uma velocidade que me pode facilmente fazer cair?

— Não te desejo mal, mas talvez assim aprendesses que não o deves fazer. Além disso, acho que já dei a entender que dispenso companhia. Estava sozinha e quero continuar assim.

Ele parou a moto e eu parei a olhar para ele.

— Vá, sobe. Eu levo-te a casa.

— Não, nem pensar. Não vou aceitar boleia de um desconhecido. Muito menos a esta hora. Eu vou chamar um táxi.

— Bom... teoricamente continua a ser uma boleia de um desconhecido. A não ser que conheças o taxista. Mal por mal, vais comigo, que pelo menos não tens de pagar.

— Já disse que não. Obrigada pela gentileza, mas podes ir.

— E achas que o táxi chega aqui antes daqueles homens ali ao fundo que estão a caminhar na nossa direção?

Olhei para onde o Rodrigo tinha apontado com a cabeça e vi um grupo de quatro ou cinco homens de cigarro na boca e com um aspeto duvidoso. Além disso, pareciam demasiado animados.

— Só tens um capacete. Como é que fazemos?

— Ficas tu com ele. Eu sou um cavalheiro. *Sorriu.*

Segurei a pochete no meio das minhas pernas, peguei no capacete e coloquei-o. Ficava a baloiçar na minha cabeça, mas isso era uma preocupação menor. Subi sem jeito para cima da moto e depois pousei as mãos nos ombros dele para me segurar.

— Não é a forma mais segura de te agarrares. Uma aceleração mais forte e caís para trás. *Alertou.* Abraça-me o tronco.

— Não te preocupes, eu seguro-me bem. Vamos!

O Rodrigo não pareceu convencido e pegou ele próprio nas minhas mãos e pô-las junto à sua barriga.

— Minha moto, minhas regras, mas não te aproveites.

Revirei os olhos com tanta gabarolice, mas já não havia forma de ele ver. Arrancámos logo de seguida e foi já durante a viagem que lhe

dei um ponto de referência para perceber mais ou menos onde eu morava. Sentia-me estranha por estar a confiar numa pessoa que tinha conhecido no dia anterior para me levar a casa àquela hora, mas ao mesmo tempo sentia uma certa indiferença. Era como se, depois da humilhação interior a que o Gustavo me sujeitou naquela noite, o perigo não tivesse tanta importância.

— Não te assustes. *Comentou o Rodrigo a dada altura.*

Levantei a minha cabeça e espreitei por cima do ombro dele. Uns cem metros à frente estava um carro da polícia com um agente do lado de fora a mandá-lo encostar. O meu coração disparou e comecei a tentar encontrar um motivo para nos estarem a mandar parar, e foi então que me lembrei do capacete. Ele vinha sem capacete, e a culpa, querendo ou não, era minha.

— Os documentos, por favor. *Pediu o agente assim que descemos da moto.* Sabe porque é que o mandei parar?

— Senhor guarda, eu tenho uma explicação. *Começou por dizer o Rodrigo.* Eu encontrei esta miúda lá atrás. Apercebi-me de que ela poderia estar em perigo porque um grupo de homens estava a aproximar-se e eles poderiam assediá-la. Ela pediu-me encarecidamente que a tirasse dali e não pensei duas vezes. Dei-lhe o meu capacete e arranquei até chegar a um local seguro. Depois disse-me que não vivia longe daqui e eu ia deixá-la em casa. Podem multar-me se quiserem, pois só me resta aceitar, mas pelo menos levem-na a casa, já que eu não posso. Ela parece bastante assustada.

Era óbvio que o Rodrigo estava a pintar um cenário mais dramático do que aquele que tinha acontecido e eu comecei a rezar para não nos meter em sarilhos.

— Mas a senhora está bem? *Perguntou-me o polícia e só então me apercebi de que eu também tinha de entrar no papel.*

— Si... sim. *Gaguejei.* Eu só quero ir para casa.

O polícia olhou para nós os dois enquanto segurava os documentos do Rodrigo e depois afastou-se para trocar algumas palavras com o colega que estava dentro do carro. Pouco depois regressou e fez um momento de *suspense* antes de falar.

— Desta vez passa. *Disse para o Rodrigo, devolvendo-lhe os documentos.* Vamos agora mudar de local. Se a senhora mora aqui perto, não nos custa nada deixá-la em casa. Entre.

Abriu a porta de trás do carro da polícia e eu engoli em seco com aquela visão. Estava tentada a perguntar-lhe se ia mesmo levar-me a casa e não para a esquadra, mas percebi que não estava em condições de desconfiar dele. Antes de entrar, olhei para o Rodrigo e ele sorriu com um ar de gozo.

— Boa viagem. *Disse-me, mesmo antes de eu fechar a porta.*

Dei-lhes as indicações necessárias para me levarem até casa, mas em momento algum consegui relaxar. Só quando vi o carro a entrar na minha rua é que comecei a descontraír. E, depois, quando me deixaram e vi o carro a afastar-se é que pude finalmente respirar de alívio. Fiquei por um bocado no escuro a refletir sobre o que tinha acabado de acontecer. Ainda me custava a acreditar que tinha acabado de receber boleia da polícia. Mas, pensando bem, aquele regresso a casa tinha sido tão surreal e imprevisível como todo aquele dia. Um dia que, ao contrário do que eu pensava, ainda não tinha acabado, pois quando me preparava para entrar apareceu o Rodrigo de moto e parou em frente à minha casa.

— O que é que estás aqui a fazer? *Perguntei, admirada.*

— Vim a seguir o carro da polícia. *Disse assim que tirou o capacete.* Queria ter a certeza de que não te tinha mandado para a esquadra sem querer. Espero que tenhas gostado da experiência.

— Já viste a situação constrangedora que me fizeste passar? Nada disto teria acontecido se tivesses levado a sério o sinal de adeus que te fiz quando o semáforo ficou verde.

— Nada disto teria acontecido se não tivesses ido àquele jantar e depois tivesses decidido ir embora a pé. Mas se quiseses eu começo a desbobinar até ao dia do teu nascimento até encontrarmos o verdadeiro culpado desta tua experiência. No fundo, até acho que tens mais motivos para me agradecer.

— Ai sim? E que motivos são esses?

— Então, primeiro porque te salvei de um grupo de presumíveis mafiosos. Segundo, porque te consegui poupar da culpa que irias sentir caso eu fosse multado por ter tido a gentileza de te oferecer o meu capacete. E terceiro, porque com toda esta história também consegui fazer-te esquecer dos teus problemas. Especialmente aquele pelo qual estavas a chorar quando te vi.

Fiquei a olhar para ele através da penumbra e tinha de admitir que ele tinha razão. Não havia motivos para eu estar chateada, até porque, apesar de tudo, tinha sido uma experiência engraçada e durante aquele tempo nem me tinha lembrado do Gustavo.

— Tudo bem, tudo bem. Talvez tenhas razão. Tenho de admitir que foste gentil comigo. Fico a dever-te uma.

— Não me esquecerei. Já vi que as coisas não estão fáceis para ti. Na última vez que te vi ontem, percebi que tinhas estado a chorar. E hoje quando te volto a ver também tinhas estado a chorar.

— Não, não estão fáceis. Por isso é que fui ontem à tua loja.

— E pelo que entendi era suposto teres ido lá hoje também.

— Sim, é verdade. E já me arrependi de não o ter feito.

— Não foste hoje, mas vais amanhã. Até porque algo me diz que amanhã terás mais um motivo para ir do que hoje.

— E será que posso saber qual é?

Começou a ajeitar o capacete e percebi que já se estava a preparar para a deixa final antes de se ir embora.

— Se quiseres saber, aparece amanhã na loja.

Arrancou na moto e fiquei a vê-lo a desaparecer na escuridão.



— Alice? Levanta-te. Precisamos de falar com urgência. *Disse a minha mãe desde a porta do meu quarto.*

Ergui-me da cama, sobressaltada, mas ela já tinha ido embora. Nesse momento apercebi-me do quão mal tinha dormido nessa noite. Se é que tinha chegado mesmo a adormecer. Saí da cama para me ver ao espelho e assustei-me com o meu aspeto. Tinha o rosto todo borratado do choro e da almofada porque me tinha esquecido de tirar a maquilhagem na noite anterior. Levei a mão à cabeça quando me lembrei que tinha sido com aquela cara que o Rodrigo me tinha visto e não consegui evitar a sensação de vergonha. As únicas atenuantes era que com ele, e consequentemente com os polícias, o meu cabelo não estava tão desgrenhado e os olhos tão inchados. Estava tão perturbada com aquela visão matinal de mim mesma que até me tinha esquecido da conversa urgente que a minha mãe queria ter comigo. Contudo, mais urgente do que isso, era o banho que eu precisava de tomar. E só quando finalmente me duchei e vesti é que descí ao encontro da minha mãe, que me esperava com um semblante carregado.

— Filha, cruzei-me há bocado com a nossa vizinha da frente, que comentou comigo que ontem te viu a chegar a casa num carro da polícia. Isto é verdade, Alice? Não me digas, por favor, que te andas a meter em problemas por causa desta tua fase.

— E a vizinha não tem mais que fazer do que estar a controlar o que se passa aqui em casa à uma da manhã?

— Isso não é o que mais importa agora. Porque é que chegaste ontem a casa num carro da polícia? Diz-me a verdade.

— Provavelmente não vais acreditar, mas a verdade é que eu vim de boleia. É uma longa história. Depois conto.

Dirigi-me para a cozinha e fui ao frigorífico buscar um iogurte líquido para acalmar o estômago, já que o apetite era nulo. Mas ela

não estava satisfeita com a resposta e veio atrás de mim.

— Se é uma longa história, resume-a.

Fechei os olhos, inclinei a cabeça para trás e suspirei.

— Então é assim, mãe. O rapaz de quem eu gosto convidou-me para jantar, mas quando descobri que a intenção dele era fazer ciúmes à ex-namorada decidi abandonar o jantar e começar a vaguear sozinha pelas ruas. Depois cruzei-me com um motoqueiro que me salvou de um grupo de potenciais criminosos. Entretanto, fomos parados por um polícia porque só um de nós trazia capacete, mas como o polícia era boa pessoa, além de perdoar a multa ao rapaz, ainda me deu boleia para casa. E pronto, este é o resumo de mais um dia épico da porcaria que está a ser a minha vida.

— Não digas isso, filha. Sabes que não gosto de te ouvir a falar dessa forma. Principalmente por esse motivo. O que mais há são homens e até fazem fila para conquistar o teu coração.

— E como é que o vão fazer se ele já tem dono?

— Uma dona, queres tu dizer. Lembra-te de que o teu coração é como uma casa que tu arrendas a alguém e que, como qualquer inquilino, quando não paga a renda é despejado. E lembra-te também do meu caso. Foram dezassete anos de casamento e de repente acabou-se tudo, mas superei. Queres melhor exemplo do que este?

— A sério, mãe? Tu também a usar o fator de comparação? Eu não me esqueci do que se passou entre ti e o pai e não é por isso que me sinto melhor quando comparo com a minha situação. E se queres ser um bom exemplo, então leva hoje o Mateus a casa do pai e cria pelo menos a ilusão na cabeça do miúdo de que está tudo bem. De que mesmo separados os pais dele se dão bem. De que mesmo separados os dois conseguem perceber que o bem-estar do filho é mais importante do que os seus conflitos.

Ficou a encarar-me por um bocado e senti que ia contrapor o que lhe tinha dito, mas mudou de ideias no último segundo.

— Quando deixares o Mateus, diz ao teu pai para não se esquecer de o pôr a fazer os trabalhos de casa.

Assim que terminou, precipitou-se para o ateliê e eu fiquei a sentir-me mal por ter tocado naquele assunto. Contudo, era um tema que também me dizia respeito e não podia continuar a ignorá-lo. Subi as escadas e fui ao quarto do meu irmão. Encontrei-o, como sempre, agarrado à consola a jogar.

— Prepara a mochila, vou levar-te agora a casa do pai.

— Já? Ainda é cedo. Deixa-me terminar esta partida.

— Eu já sei que jogar e pregar partidas é contigo, mas agora mexe-te. Termina isso e prepara as tuas coisas.

Voltei para o meu quarto e sentei-me na cama. Peguei no telemóvel e vi que tinha duas chamadas perdidas e três mensagens por abrir do Gustavo. Tinha tanta vontade como medo de as abrir, mas não me demorei a decidir. Até porque, quanto mais depressa as lesse, menor seria o risco de ele me conseguir iludir, uma vez que a raiva que sentia por ele ainda estava bem viva. As mensagens diziam todas praticamente o mesmo. Todas defendiam que eu estava a acreditar num filme que eu mesma tinha criado e que tudo não tinha passado de uma coincidência desagradável. Dizia ainda que a Clara era passado para ele e que a fase que ele estava a passar nada tinha a ver com ela. Li e reli as mensagens e dei por mim a acreditar subtilmente nelas. E se ele tivesse razão? Questionei-me. E se não passasse de um filme criado por mim e eu me tivesse precipitado nas conclusões? E se eu estivesse a boicotar sem querer uma hipótese de sermos felizes? Abanei a cabeça para sacudir aqueles pensamentos quando percebi que podiam ser apenas ilusões criadas pelo meu cérebro para fugir à realidade, mais uma vez. Percebi que tinha de me apressar a fazer o que o senhor Artur me tinha dito, senão, quando desse conta, já estaria de novo a aceitar mais um convite do Gustavo. Voltei a chamar pelo meu irmão para que se apressasse e seguimos viagem até casa do meu pai, que ficava do outro lado da cidade. Quem nos recebeu foi a Estela, companheira do meu pai, mas ele apareceu logo depois para me dar um abraço.

— Almoças connosco? *Perguntou o meu pai.*

— Não. Vim só deixar o Mateus. Almoço com a mãe.

O meu irmão já tinha entrado acompanhado pela Estela e o meu pai aproveitou a oportunidade para me fazer uma pergunta.

— Como é que ela está?

— Está igual. Tem-se focado no trabalho. Mas, pai... *Fiz uma pausa.* Sê mais compreensivo com a mãe. Ela não está a tentar virar o Mateus contra ti. Mas ela vê que estou a ganhar asas e quando eu voar o Mateus é tudo o que lhe resta. Se o está a fazer não é por mal, é apenas porque tem medo de ficar sozinha.

— Os filhos não são nossos, Alice. São-nos apenas emprestados. Ela tem de perceber que, mais tarde ou mais cedo, vocês vão abandonar o ninho. Se calhar se arranjasse um companheiro não me dificultava tanto a vida. A mim e ao teu irmão.

— Claro, claro, pai. *Disse com um ligeiro tom irónico.* Já sabemos que nesse aspeto foste muito mais visionário do que ela. Não te esqueças de ajudar o Mateus com os trabalhos de casa.

Voltei-me e fui embora sem esperar por uma resposta. Enquanto a minha mãe evitava e culpava o meu pai por causa do divórcio

atribulado, o meu pai culpava a minha mãe por tentar dificultar a proximidade com o filho ou mesmo por tentar virá-lo contra ele. E eu, no meio desta guerra, fazia o que podia para tentar resolver as coisas. Quando finalmente consegui um tempo livre para mim naquele dia, fechei-me no meu quarto e concentrei-me em pôr em prática as indicações do senhor Artur. Comecei a remexer nas gavetas e a juntar todos os objetos que me faziam lembrar do Gustavo. Quando dei a tarefa por terminada, olhei para a caixa e comecei mentalmente a fazer o inventário do que tinha nela. Era um colar que ele me tinha oferecido quando fomos juntos a um mercado medieval, um bilhete do concerto do Benjamin Clementine, um conjunto de fotografias que tirámos numa daquelas cabinas públicas de fotografia, uma blusa preta que eu tive de comprar com ele depois de a minha se ter rasgado num dos nossos encontros e ainda mais uma panóplia de pequenas coisas, todas elas associadas à figura do Gustavo. Peguei na caixa, pu-la no carro e segui até à loja. Quando cheguei, o senhor Artur estava de fita na mão a tirar as medidas a um cliente e olhou-me com relativa indiferença. Atrás do balcão estava o Rodrigo, já atento a mim, e dirigi-me a ele carregando a caixa.

— São presentes para mim? *Perguntou com falsa euforia.* Não era preciso. Ontem não fiz mais do que a minha obrigação.

— Não, não é. Como é óbvio. A não ser que coleciones lixo.

— Isto não me parece lixo. *Disse ao espreitar a caixa.*

— A partir de hoje passou a ser para mim.

Pegou na minha blusa preta e segurou-a contra o peito.

— O que é que achas? Fica-me bem?

— Claro que sim! Fica ótimo. Melhor só com um batom vermelho. *Tirei-lhe a blusa das mãos e devolvi-a à caixa.* Enquanto o senhor Artur não vem, fala-me desse motivo extra que disseste que eu ia ter hoje e que não tive ontem para vir cá.

— Não é óbvio? O motivo é a tua vontade de me ver.

Deixei escapar uma gargalhada e levei a mão à boca.

— A sério que é esse o motivo? Estava à espera de algo mais relevante. Ou, pelo menos, mais fundamentado. A única pessoa que eu tinha vontade de ver hoje era o senhor Artur, precisamente para ele me ajudar a deixar de ter vontade de ver outra pessoa.

— Essa pessoa foi a que te fez chorar ontem?

Fiquei a encará-lo enquanto decidia se abria o jogo com ele.

— Digamos que sim. A pessoa e as circunstâncias.

— E como é que o meu patrão te vai ajudar?

— Tu é que podias responder a isso. Tu é que o conheces.

— Não é bem assim. Trabalho para ele apenas há alguns meses,

mas ele não me fala muito sobre a sua vida ou do que faz à parte daquilo que o vejo fazer aqui. Sempre que tento explorar o assunto, ele muda de conversa e põe-se com filosofias. Pelo menos já aprendi muitas coisas sobre a vida. E sobre fatos, claro.

— Por falar nisso, como é que vieste aqui parar?

O Artur surgiu do meu lado e já não tive resposta do Rodrigo.

— Fez aquilo que lhe disse para fazer? *Perguntou o Artur.*

— Sim, está aqui tudo nesta caixa.

— Rodrigo, fecha a conta deste cliente. Venha comigo.

O homem seguiu na minha frente, apoiando-se nos móveis que encontrava pelo caminho, e passámos para uma sala que ficava por trás da loja. Havia livros empilhados por todos os lados e as paredes da sala estavam repletas de armários que por sua vez também estavam repletos de livros e de antiguidades. Todos os móveis eram feitos de madeira e de vidro, o que dava um aspeto ainda mais antiquado ao espaço. Tinha ainda ao centro uma grande mesa e nos cantos duas poltronas. Na parte de trás da sala, uma enorme porta em vidro preenchia a parede até ao teto e iluminava a divisão toda com luz natural, assim como permitia visualizar um bonito jardim nas traseiras. O Artur apoiou-se numa das cadeiras e fez sinal com a mão para eu pousar a caixa sobre a mesa.

— Vamos começar?



O senhor Artur puxou a caixa para ele e começou a remexer nos objetos como se estivesse a analisá-los ou à procura de algum em especial. Depois voltou a empurrá-la para mim e sentou-se.

— Não se preocupe que não lhe vou perguntar nada acerca destes objetos. Nem me interessa. Mas vou partir do princípio de que estão aqui todos os que lhe fazem lembrar essa pessoa.

— Sim! Estão aí todos os que conseguir encontrar.

— Sente-se um minuto. *Pediu o Artur e eu assim fiz.* Antes de lhe dizer o que vai ser feito com isto, eu preciso de lhe explicar umas coisas. Como já lhe disse da primeira vez que veio cá, esquecer alguém é um processo que começa na nossa cabeça, daí a expressão. Só depois é que vem o coração, que, como deve imaginar, leva muito mais tempo. Podemos simplesmente deixar que o tempo faça o trabalho todo, só que será um processo muito mais demorado. O que eu quero dizer com isto é que a Alice tem de trabalhar em conjunto com o tempo, fazendo também a sua parte. Mas convém fazê-la da forma mais inteligente possível e isso implica um conjunto de estratégias. Como sabe, se você tiver uma ferida aberta no braço, mas não tiver cuidado e estiver sempre a mexer nela, ela nunca vai cicatrizar. O mesmo acontece no processo de esquecer alguém quando está constantemente rodeada de lembranças dessa pessoa. Posto isto, o primeiro passo a fazer é sempre eliminar essas fontes de lembranças indesejáveis, como são todos estes pequenos objetos, aparentemente inofensivos. Contudo, o facto de se ver livre deles não significa que está a apagar o seu passado.

— Mas eu quero apagar, como é que eu faço para apagar?

— Não diga asneiras. Esse é o caminho dos cobardes.

— Então isso significa que é um caminho?

— Não é um caminho, é um atalho. E a Alice já sabe que quem

se mete em atalhos mete-se em trabalhos. Tire de lá a ideia.

— Diga-me, é possível ou não apagar o passado?

— Não propriamente. É possível escondê-lo, no máximo. Mas já estamos a perder o foco da nossa conversa.

— Então é essa a tal técnica para esquecermos alguém que o senhor sabe, mas por algum motivo não a quer aplicar a mim.

— Apenas não aconselho porque não é de todo uma solução.

— Não é uma solução, mas pode ser um recurso.

— Roubar também pode ser considerado um recurso, mas acha isso bem? Um fim não pode justificar qualquer meio.

— Eu sei, mas numa altura destas não descarto nenhuma opção. Quais poderiam ser as consequências dessa técnica?

— A principal consequência é que a Alice passaria a viver numa espécie de ilusão. Numa mentira. Que é, de resto, um mecanismo automático de defesa que o nosso cérebro tem. Ele cria cenários ilusórios aos quais nos agarramos para não sofrermos tanto com a dureza da realidade. Mas, como já referi, isso pode ajudar a anular a dor, mas nunca vai resolver o problema. É isso que quer?

— Tudo bem! Tem razão. O que eu quero é resolver o problema. Avancemos então com o que era suposto fazer hoje.

— Ótimo. Sendo assim vou pedir-lhe que pegue nessa caixa e vá lá fora com ela. Nesta rua em frente tem um contentor do lixo e do outro lado tem um daqueles contentores que recolhem roupa usada. Não é preciso explicar o que tem a fazer, apenas lhe peço que, quando o estiver a fazer, imagine que cada objeto que coloca no contentor é como se fosse um pedaço de dor a menos que carrega. Ou como se fosse uma amarra da qual se está a ver livre. Visualize o melhor possível esse cenário. Verá que a imaginação será uma boa aliada sua neste momento, tal como muitas vezes foi a sua inimiga. É tudo uma questão de saber usá-la a seu favor. Quando terminar volte cá, estarei no jardim à sua espera.

As suas palavras deram-me o alento necessário para confiar que aquele era, de facto, o melhor caminho a seguir. Peguei na caixa e saí para a rua. Fui primeiro ao contentor do lixo, peguei num objeto de cada vez, senti-lhe o peso e imaginei que o seu peso corresponderia ao peso da dor que ele representava em mim. Segurava-o por um bocado e depois deixava-o cair. Ainda que fosse muito subtil, eu conseguia sentir um certo alívio. Como se aquele alívio físico fosse, ao mesmo tempo, um alívio na alma. Assim que terminei, atravessei a estrada e deposei a blusa no contentor da roupa. Dessa vez, além da sensação boa de libertação, consegui imaginar o sorriso da pessoa que a iria vestir e senti-me bem a dobrar. Como é óbvio, aquilo não

me tinha curado, mas deu-me uma sensação de esperança que há muito não sentia e talvez fosse esse também um objetivo daqueles exercícios de visualização. Regressei à loja e o Rodrigo olhou-me com um ar intrigado, mas, talvez por ter percebido que eu estava a meio de uma tarefa, não me abordou. Quando cheguei à sala onde tinha falado com o Artur, vi a grande porta de vidro que dava para o jardim das traseiras aberta. Deparei-me com um jardim pequeno, mas muito bem cuidado. A relva aparada, os canteiros limpos de ervas e as plantas cheias de vida tornavam aquele ambiente verdadeiramente relaxante. O Artur estava sentado num banco comprido de madeira e estava tão concentrado numa das suas árvores que nem olhou para mim quando cheguei.

— Sabe que árvore é? *Perguntou assim que me sentei.*

— Conheço a árvore, mas não sei o nome.

— É uma olaia, também conhecida por árvore-do-amor. Tem outros nomes, mas este é o mais simpático de todos. Plantei-a aqui há vinte e sete anos e está mais bonita do que nunca.

— Lembra-se de quando a plantou? *Perguntei-lhe, admirada.* Isso é boa memória ou foi por ser uma data especial?

— Uma data especial... *Ficou nostálgico por um momento e mudou de assunto.* Fez o que lhe disse? Como se sentiu?

— Senti-me bem. Foi um exercício interessante.

— Ótimo. Fico contente em saber. A Alice gosta de pássaros?

— Sim, acho que sim, mas nunca tive. Nem pássaros nem outro animal. A minha mãe é alérgica. Mas porque pergunta?

— Está a ver aquelas casas para pássaros ali no muro? *Apontou.* Infelizmente já há muito que elas não recebem visitas, talvez por estarem degradadas. O meu empregado já me prometeu que me ajudava a restaurá-las, mas parece que ainda não teve tempo. No entanto, não é por isso que lhe estou a falar delas, mas sim para lhe mostrar que elas não têm redes nem grades.

— E o que é que me quer transmitir com isso?

— Quero transmitir-lhe que estas casinhas demonstram o verdadeiro amor pelos pássaros, porque lhes dão abrigo mas não os privam da sua maior liberdade, que é voar. Se algum dia vir na casa de alguém um passarinho dentro de uma gaiola e lhe disserem que o têm lá porque adoram pássaros, não acredite. Ou acha que se realmente gostassem de pássaros os enjaulavam para seu deleito pessoal? Se os prendem não é porque os amam, é porque amam as sensações que eles lhes proporcionam. Que é muito diferente. Isto tudo para lhe dizer que o mesmo se aplica às pessoas. Não faz sentido convencer alguém que quer ir embora a ficar connosco só

porque queremos muito a companhia dessa pes-soa. Podemos achar que o estamos a fazer porque a amamos muito, mas no fundo é porque somos egoístas. E infelizmente é o que acontece com a maioria das pessoas, pois ainda não perceberam que deixar ir também é amor, não só pela outra pessoa, mas, acima de tudo, por si mesmas. Moral da história, quem ama pássaros, não prende pássaros. Não se esqueça disto, pois será muito importante neste seu processo. Mas vamos avançar. Agora que já se livrou de todas essas lembranças físicas, é preciso fazer o mesmo com as virtuais. Vá ao seu telemóvel e apague as fotografias e tudo o que tiver aí que a faça lembrar do tal rapaz. Ah! E, já agora, se forem amigos, ou lá como se diz, nessas coisas da Internet, também apague tudo. Eu não sei como isso funciona, mas a Alice já percebeu a ideia.

— E se ele precisar de me procurar?

— Mas você ainda está à espera disso?

— Não! Ou melhor... não sei. O que eu quero dizer é que, se ele precisar de me procurar por algum motivo, se calhar já não o vai fazer e pode ser algo importante. Estou só a supor.

— Mas ele sabe o seu número de telemóvel, não sabe? E sabe onde você mora, não sabe? E deve saber também onde você estuda ou trabalha, não sabe? Então ele só não a procura se não quiser. Mas parece que a Alice ainda não tem a certeza de que é mesmo disto que precisa e sendo assim estou só a perder o meu tempo.

— Foi só uma hipótese que coloquei. Mas tem razão. Se ele quiser mesmo, sabe como fazê-lo. Vou tratar disso agora.

Peguei no telemóvel, fui à galeria de fotografias e sem dar tempo a mim própria de pensar se devia ou não fazê-lo comecei a apagar todas as *selfies* que tínhamos tirado juntos. Eliminei as nossas conversas nas redes sociais e removi-o das amizades.

— Pronto. Está feito. Não há mais nada aqui no telemóvel que me possa fazer lembrar dele. Estou protegida.

— Tem a certeza? Nem mesmo alguma música?

Claro. As músicas. O meu telemóvel estava repleto de músicas que ele gostava e que eu, ingenuamente, queria aprender a gostar para poder agradá-lo e termos mais pontos em comum. Voltei ao telemóvel e eliminei-as da minha *playlist*.

— Agora sim. O que é que vem a seguir?

— Agora é só aplicar a mesma estratégia durante os próximos dias. Evite tudo o que a faça lembrar esse rapaz e sempre que ele vier à sua cabeça pense imediatamente noutra coisa qualquer. Quando esses pensamentos vierem, não se agarre a eles, senão vai começar a desenrolar o novelo e vai estragar tudo. É tudo uma questão de ir

treinando a nossa mente como um músculo. Faça isso durante uns tempos e depois volte cá. Está bem?

Nos dias que se seguiram tentei ao máximo pôr em prática os conselhos do Artur. O facto de ter deixado de seguir o Gustavo nas redes sociais ajudou a controlar a tentação de o procurar e como ele também não me voltou a procurar desde aquele dia ajudou ainda mais. Por várias vezes me apareceram as músicas que me faziam lembrar dele, fosse na rádio ou no YouTube, mas assim que começavam a tocar eu trocava-as. O mesmo fazia com as lembranças que me visitavam com regularidade. Nos primeiros dias foi muito difícil, mas uma semana depois já notava os efeitos. Só o facto de conseguir controlar os meus próprios pensamentos dava-me uma boa sensação de poder e confiança. Durante esses dias tentei concentrar-me apenas no meu relatório de estágio e evitava ao máximo falar sobre homens com a Bela, porque sabia que rapidamente acabaria no tema Gustavo. Contudo, cerca de duas semanas depois, quando estávamos as duas na biblioteca, isso mudou.

— Alice. *Chamou ela, de telemóvel na mão e com uma cara que não me agradou.* Tenho más notícias para ti.



— Más notícias? Do que é que estás a falar? *Perguntei.*

— Talvez me tenha precipitado a dizer-te isto, mas quando vi o que me apareceu aqui no telemóvel nem pensei.

— Mas o que é que tu viste, Bela? Estás a deixar-me nervosa.

— Se calhar é melhor só te dizer e não veres.

Tirei-lhe o telemóvel da mão, olhei para ele e congelei com aquilo que vi. Era uma fotografia muito romântica do Gustavo com uma rapariga, mas não era uma rapariga qualquer, era a Clara, a sua ex-namorada, que, pelos vistos, não era mais ex. Na descrição da fotografia dizia «Hoje e para sempre», e terminava com um coração. O meu ritmo disparou com aquela visão e comecei a suar. Depois do gelo veio o calor em força e com ele a falta de ar e as náuseas. Tirei os óculos, apanhei o cabelo e comecei a abanar as mãos.

— Estás bem? Precisas de alguma coisa?

— Preciso de apanhar ar. Tenho de ir lá para fora. Desculpa! Se me puderes arrumar as minhas coisas, eu agradeço-te.

— Alice! Espera! Tem calma!

Corri para o exterior e meti por uma escadaria secundária na parte lateral do edifício que dava acesso a uma zona onde não passava muita gente. Esperava encontrar ali o sossego e a discrição necessários para poder chorar à vontade. Contudo, ainda que o quisesse fazer, não conseguia, pois ao mesmo tempo que a tristeza me pedia para chorar, a raiva pedia-me para não me render à tristeza. Não demorou muito até a Bela me encontrar, surgindo nas escadas carregada com o material que eu tinha abandonado em cima da mesa. Assim que chegou junto de mim, pousou as coisas e abraçou-me.

— O mais ridículo disto tudo é que eu ainda os ajudei.

— Do que é que estás a falar? *Perguntou a Bela.*

— Do jantar. Ele levou-me ao jantar para lhe fazer ciúmes e pelos vistos funcionou mesmo. Isto é tão humilhante.

— Não acredito que tenha sido por isso, não exageres.

— Claro que foi, Bela! Como é que explicas que há duas semanas eles estavam separados e agora já estejam juntos? É claro que o jantar teve influência. Ele usou-me e conseguiu o que queria. Meu Deus! Isto é tão mau. Não estou a aguentar esta dor.

— Tem calma. Acabaste de saber isto, é normal que esteja a custar, mas depois de uma noite de sono tudo fica melhor. Estavas a portar-te muito bem até agora e vais continuar.

Soltei-me dos braços dela e peguei nas minhas coisas.

— Para onde é que vais agora, Alice?

— Vou para casa. Preciso de estar sozinha. Falamos depois.

Quando cheguei finalmente ao meu quarto e bati a porta atrás de mim, foi como se já pudesse despir a armadura e chorar à vontade. Mas, por mais que chorasse, aquele aperto teimava em não me largar e aquela fotografia continuava muito viva na minha mente. Tinha de fazer alguma coisa, pois estava de novo a entrar em desespero e naquele momento só uma pessoa me podia ajudar, o Artur. Por isso, arranjei-me e fui até à sua loja. Quando cheguei, encontrei o Artur atrás do balcão, mas nem sinais do Rodrigo.

— Acho que chegou a hora de aplicar de uma vez essa sua técnica misteriosa. *Disse-lhe assim que me aproximei.*

O Artur ergueu a cabeça para mim e não me respondeu logo.

— O que é que aconteceu desta vez?

— Ele voltou para a ex. Descobri há momentos através de uma fotografia muito romântica deles os dois e não estou a conseguir lidar com este aperto no peito. O que é que eu faço?

— Mas isso é bom! *Exaltou para meu espanto.* Finalmente agora você tem um motivo forte para seguir em frente.

— Não, não é bom, porque parece que não consigo respirar. Por favor! Peça-lhe! Apague este tipo da minha cabeça.

— Outra vez essa conversa? Já falámos sobre isso e eu já lhe expliquei que esse não é o melhor caminho a seguir.

— Eu não quero saber se é o melhor ou o pior. Neste momento, a minha prioridade já não é mais resolver o problema, mas sim livrar-me desta dor. E o senhor sabe como!

— Venha comigo. Vou explicar-lhe uma coisa.

Dirigiu-se para a sala atrás da loja onde tínhamos estado da última vez e eu fui atrás dele. Fez-me sinal com a cabeça para que me sentasse numa cadeira e pegou num dos seus livros.

— Está a ver este livro? Como deve imaginar, ele conta uma determinada história. Agora repare bem no que vou fazer.

Pousou o livro sobre a mesa, abriu-o aleatoriamente, agarrou

num conjunto de folhas e arrancou-as.

— Tome. Agora leia este livro e veja se faz sentido a história.

Aquela metáfora tinha mexido comigo. Não só pelo gesto em si, mas pela forma dramática com que ele tinha feito aquilo. Fiquei sem saber o que dizer, mas também não era importante porque já sabia que estava prestes a receber uma lição.

— Não era preciso ter estragado o livro. Bastava explicar.

— Não teria o mesmo impacto. *Esclareceu*. Mas espero que tenha valido a pena ter estragado um bem tão preciso para mim. É isto que quer fazer com a sua vida? Porque é isto que vai acontecer caso eu apague essa pessoa da sua memória.

— Será que não pode apenas apagar a dor?

Soltou um suspiro e depois sentou-se à minha frente.

— Essa dor que está a sentir neste momento está associada a um conjunto de lembranças que representam essa pessoa dentro da sua cabeça. O que significa que, para eu lhe tirar essa dor, tenho de lhe tirar as memórias associadas a essa pessoa.

— Mas porque não tira apenas as memórias más?

— Porque isso seria uma mentira ainda maior. Se eu lhe tirasse apenas as más memórias associadas a essa pessoa, amanhã estaria a correr para os braços dela, porque apenas se lembraria das coisas boas que ela lhe deu. Além de não aprender nada, ainda piorava a sua situação. Perceba que a dor tem vários propósitos importantes. Nomeadamente, protegê-la e educá-la.

— E eu já aprendi. Já aprendi que tipos destes, que não sabem o que querem e que brincam com os sentimentos das outras pessoas, nunca mais. Agora, por favor, livre-me disto.

— Explique-me como é que se vai lembrar de que não se pode meter numa situação idêntica se não se lembra do que sofreu com ela, nem do tipo de pessoa que a fez passar por isso? Como é que vai conseguir reconhecer e evitar uma situação semelhante se não tem qualquer referência de que ela é prejudicial? Tem de perceber que a vida não quer que você sofra, ela só quer que você aprenda. Por isso, quanto mais depressa aprender, menos vai sofrer. As coisas acontecem por uma razão. Se está agora a passar por isto foi porque a vida entendeu que a Alice precisava disto para evoluir. É essa a única intenção dela, porque é também essa a sua função na vida. Evoluir. E só evoluímos quando mudamos. Mas só mudamos quando temos um estímulo forte para isso. E por vezes esse estímulo é a dor. Aqui está mais um dos seus propósitos.

— Então a vida resume-se a isto? Sofrer para evoluir?

— Não é a dor que nos faz evoluir. É a mudança e a

aprendizagem. A dor é apenas um estímulo para essa mudança e aprendizagem acontecerem. Contudo, não é o único. Há estímulos agradáveis e menos agradáveis. Por exemplo, imagine que um patrão dá uma tarefa ao seu funcionário e diz-lhe que se a cumprir dentro de um determinado prazo lhe dá uma recompensa. É um estímulo, correto? E agradável, por sinal. Mas agora imagine que ele lhe diz que se não cumprir a tarefa dentro do prazo indicado lhe corta no ordenado. Também é um estímulo, mas com certeza não tão agradável. O mesmo se aplica na vida, contudo sem os conceitos de recompensa e castigo. Isso não existe. Tudo o que existe é um conjunto de ações que implica um conjunto de reações.

— O que é que a vida quer que eu aprenda com o que me está a acontecer? Talvez se eu soubesse fosse mais fácil aceitar.

— A vida quer para si o que quer para toda a gente. Evolução. E evoluir significa expandir a consciência, que por sua vez resulta numa melhor capacidade de perdão, aceitação, desapego, respeito e valorização pessoal. Tudo isto resulta inevitavelmente num estado de paz e consequente felicidade. Se a Alice já tivesse consciência e capacidade de aplicar tudo isto na sua vida, se calhar já não se teria encantado por essa pessoa. Ou se calhar ela nunca se teria cruzado consigo sequer. Ou então, se se cruzasse, a Alice teria conseguido evitar que as coisas chegassem a este ponto. E, mesmo que chegassem, conseguiria ultrapassar esta fase melhor e não estaria a sofrer como está agora. Como vê, há um propósito para tudo o que nos acontece e não é fugindo que se resolvem os problemas. Apagar essa pessoa seria adulterar a ordem natural da vida.

— Mas afinal que técnica é essa de que fala?

Fez um compasso de espera e ficou a observar-me.

— Trata-se de uma técnica especial de hipnose. Diria que é uma espécie de dom com que a vida me abençoou ou amaldiçoou. Através dela consigo aceder ao subconsciente da pessoa e remover as memórias associadas a alguém ou a algum acontecimento.

— Então faça-o comigo. Por favor!

— Alice, isto é contranatura e terá consequências.

Debrucei-me sobre a mesa e aproximei o meu rosto dele.

— Todas as decisões têm consequências, mas para as podermos tomar também precisamos de saber quais as nossas prioridades e, neste momento, a minha prioridade é sair deste buraco onde me meti. Depois eu logo vejo como resolvo essas consequências. Eu sei que pode parecer ridículo e insignificante para qualquer pessoa que esteja a ver de fora, mas só eu sei o que sinto. E embora tenha tido outros relacionamentos, inclusive um de alguns anos, este está a afetar-me

de uma forma como nenhum outro me afetou. E não me pergunte porquê. Não sei se é pelas circunstâncias ou se pela fase em que me encontro na vida, não sei, só sei que está a ser demasiado desgastante e que me está a prejudicar imenso. Ouça, eu já sou crescida e já sei o que faço. Não me sujeitaria a essas consequências se não fosse verdadeiramente importante.

Abanou a cabeça, suspirou e levantou-se de seguida.

— Para onde é que o senhor vai?

— Ao armário buscar o material.



O Artur abriu uma das portas do armário por trás de si, remexeu qualquer coisa no interior e depois pousou sobre a mesa aquilo que parecia ser uma ampulheta e um estilete. Fiquei intrigada com aqueles objetos e até receosa em relação ao que ele iria fazer com eles, mas esperei que fosse ele a explicar. Voltou a sentar-se, pegou na ampulheta, cuja estrutura era em madeira, e começou a gravar qualquer coisa nela com o estilete. Assim que terminou, virou-a para mim e era o meu nome que estava escrito. Quando vi aquilo, senti um aperto no coração.

— Parece que está com medo. *Comentou o Artur.* Mas ainda pode voltar atrás. Tem a certeza de que quer continuar?

— Sim. Vou até ao fim. *Respondi com a voz embargada.*

— Que seja. Isto aqui à nossa frente é uma ampulheta e será o único instrumento que irei usar. O que vê dentro dela é areia. Apenas areia, sem qualquer misticismo associado. É importante que saiba. Mas irá já entender o que ela representa. Não vou entrar em grandes explicações, mas se já ouviu falar minimamente sobre o assunto saberá que a nossa mente é dividida em pelo menos duas grandes partes. Consciente e subconsciente. Aquilo que eu farei será aceder ao subconsciente, dar-lhe um conjunto de sugestões e criar a ilusão de que essa pessoa nunca existiu na sua vida. Por sua vez, todas as experiências e sensações que ela lhe proporcionou, ou que viveu com ela, sejam boas ou más, passarão a ter um novo significado. Até porque não pode tirar um fator válido de uma equação e esperar que o resultado seja o mesmo. Isso não acontece na matemática nem na mente. Tudo o que estiver diretamente ligado a essa pessoa irá desaparecer e tudo o que estiver indiretamente ligado a ela ficará muito ofusco e confuso. Estou a dizer-lhe isto baseado nos relatos das pessoas a quem apliquei a técnica.

— Mas diga-me, por exemplo, se eu voltasse a ver a fotografia

que vi hoje deles os dois, como é que eu iria reagir?

— Não iria reconhecer o rosto dele, ou seja, seria um desconhecido e, por isso, a sua mente iria interpretar a fotografia como outra qualquer. Ao remover as lembranças que tem de uma pessoa, eu altero, automaticamente, aquilo que ela representa para si. Ou, por outras palavras, aquilo que sente por ela. Por consequência, é alterado o significado do que viveu e aprendeu com ela.

— Eu vou deixar de saber quem ele é, mas imagine que eu me volto a cruzar com ele, será que me posso voltar a apaixonar?

— Já houve situações em que eu tive de fazer a pessoa esquecer-se de que se tinha esquecido. No seu caso eu não posso fazê-lo. Além disso, depois da técnica, eu tenho ainda de lhe mostrar quem foi essa pessoa para a reconhecer quando a vir e para se poder proteger de situações como a que referiu, porque podem acontecer, de facto. Poderá ainda sentir em relação a essa pessoa aquilo que eu chamo de dor virtual. Mas isso explico depois.

— Diga-me só mais uma coisa, eu estarei acordada?

— Fique tranquila. Estará consciente durante todo o tempo.

— Ainda bem. Sinto-me mais segura assim.

— Antes de começar, vou precisar que me diga o nome desse rapaz, para lhe poder dar as sugestões corretas, e de uma fotografia dele, que é apenas para lhe mostrar depois.

Já o tinha removido das minhas amizades, mas ainda conseguia ver a foto de perfil no seu Facebook. Então peguei no telemóvel, procurei pelo nome dele e olhei a fotografia uma última vez. Deu-me um aperto no peito, não por ele já não ser meu, mas por em breve aquele rosto não significar nada. Por um segundo quis voltar atrás, mas a minha decisão já estava tomada.

— Chama-se Gustavo. *Disse ao entregar-lhe o telemóvel.*

— Peço-lhe agora que se acomode na cadeira de forma a estar o mais confortável possível. Agora junte as suas mãos, palma com palma, e entrelace os dedos. Levante os dois dedos indicadores, afaste-os um do outro e feche os olhos. Agora vai imaginar que esses dois dedos são dois ímanes que se atraem um ao outro, e, à medida que o tempo passa, a força que os atrai é cada vez maior e eles vão-se aproximando um do outro até se juntarem.

Estive sempre recetiva àquele desafio, até porque a minha condição assim o exigia, mas continuava desconfiada se aquilo funcionava mesmo ou não. Uma desconfiança que se foi desvanecendo à medida que sentia os meus dedos a aproximarem-se um do outro, tal como as indicações. Fiquei admirada comigo mesma.

— Pode abrir os olhos. Sente-se bem? *Perguntou e eu acenei*

com a cabeça. Podemos avançar então. Volte a fechar os olhos e relaxe. Relaxe profundamente como se um manto luminoso lhe abraçasse todo o corpo, protegendo-a e aconchegando-a. *Notei que fez um grande compasso de espera.* Agora vou pedir-lhe que imagine que o Gustavo é uma planta. É isso mesmo. Uma planta, mas uma planta venenosa que está no seu jardim. E essa planta tem muitas raízes, como qualquer planta. No entanto, estas raízes têm um significado diferente porque representam todas as memórias ligadas ao Gustavo. As boas e as más. As alegrias e as tristezas. Mas a Alice não quer essa planta no seu jardim porque lhe pode fazer mal e além disso mata todas as plantas à sua volta. Então a Alice vai calçar uma luva e arrancar essa planta que tem o cheiro do Gustavo. Imagine-se a arrancá-la e veja como todas as raízes saem da terra. À medida que a puxa, sente que o jardim fica mais bonito, mais saudável e cheiroso. Imagine agora do seu lado um triturador de plantas. Um pequeno triturador que a Alice usa para se livrar das plantas que lhe destroem o jardim. Agora vai colocar essa planta que tem na mão dentro do triturador e ficar a vê-la a ser destruída aos poucos pela máquina. Ao fundo, através de uma abertura, essa planta volta a sair, mas totalmente triturada, e os pedaços têm um aspeto estranho, pois são como grãos de areia. Muito pequeninos e com a cor e a textura da areia. E esses grãos caem para dentro de uma ampulheta que não tem o nome do Gustavo gravado nela, mas sim o seu. Porque ela é sua propriedade. Só a Alice tem poder sobre ela. E essa ampulheta está mesmo à sua frente. Pode abrir os olhos e ver como é verdade. *Abri os olhos e foquei-os na ampulheta.* Agora a Alice, para se livrar dessa planta venenosa que estava a estragar o seu jardim, só tem de virar a ampulheta ao contrário e cada grão de areia que cair é um pedaço dessa planta que deixa de existir. Simplesmente vai desaparecendo da sua mente todas as memórias associadas a essa planta à medida que ela vai caindo dentro da ampulheta. E, quando cair o último grão de areia, a Alice irá despertar. Lembrar-se-á de que arrancou uma planta, mas não saberá rigorosamente nada sobre ela. Pode virar a ampulheta.

Peguei na ampulheta, inverti-a e fiquei a observar a areia a cair lentamente até ao último grão. Quando terminou, ergui o rosto para o Artur e apercebi-me de um vazio na minha cabeça.

— Como é que se sente? *Perguntou-me ele.*

— Sinto-me bem. Calma. Talvez um pouco confusa.

Aproximou o meu telemóvel de mim.

— Sabe quem é este rapaz da fotografia?

— Não, mas sinto que o conheço de algum lado.

— Este rapaz é a pessoa que eu acabei de esconder da sua mente. Chama-se Gustavo. Por isso não estranhe quando alguém lhe falar dele e você não se lembrar ou mesmo se algum dia se cruzar com ele e você não perceber o porquê de ele falar consigo. Contudo, quero que saiba que este rapaz magoou-a muito. Pelos vistos, a Alice gostava dele, mas ele não a agarrava nem a largava e depois de muitos avanços e recuos descobriu que ele tinha voltado para a ex-moradora. Como se sente em relação a isso?

Estranha. Foi a primeira palavra que me ocorreu. Eu lembrava-me do que tinha acabado de fazer e de querer esquecer alguém, mas era só isso. Aparentemente tinha sido aquele rapaz da fotografia. E, se era mesmo ele, então aquela técnica tinha funcionado.

— Talvez raiva. *Respondi.* Uma raiva leve. Mais por mim do que por esse rapaz. Mas é apenas por imaginar a situação.

— Lembra-se da dor virtual de que lhe falei há pouco? É isso que está a sentir. Ou seja, não é uma dor sentida, mas imaginada. É somente aquilo que sente ao imaginar-se a passar por determinada situação. Neste caso passou mesmo, mas, como não se lembra, é como se tivesse sido outra pessoa a passar por isso. É como se não fosse uma dor sua. Mas este exercício é importante para poder proteger-se deste Gustavo caso ele volte a aparecer.

— Tentarei não me esquecer. *Disse, ainda baralhada.*

— Tome. *Deslizou a ampulheta até mim.* Guarde-a, que vai precisar dela quando decidir reaver as suas memórias.

— Reaver as minhas memórias? Não percebi.

— Repare que eu inverte a ampulheta e a areia passou para a outra divisão. Nesse momento todas as suas lembranças em relação a esse rapaz foram encobertas pela sua própria mente. Ou seja, a Alice está agora naquilo que eu chamo de fase de esquecimento. Quando voltar a virar a ampulheta e a areia voltar à divisão inicial, todas as suas lembranças serão repostas. E, conseqüentemente, voltará a sentir tudo o que sentia por essa pessoa ainda há minutos. Se me perguntar se pode ficar para sempre na fase de esquecimento, eu digo-lhe que sim, que pode, mas eu acredito que não quer viver eternamente numa ilusão. Numa mentira.

— O senhor não me disse que havia essa possibilidade.

— O objetivo desta técnica é anular a dor para lhe dar tempo e fôlego de aprender a lidar com situações semelhantes por outra via. E quando sentir que está preparada deve reaver as memórias e vencer a dor com as ferramentas que adquiriu. Mas, quando o fizer, tudo o que viveu durante a fase de esquecimento terá um novo significado, pois será reposto um fator importante na equação da sua vida que

redefinirá tudo. Por isso, quanto mais tarde repuser as memórias, mais complexo será. Lembre-se de que a partir deste momento a Alice estará a viver numa ilusão, pois não poderá ter a certeza se aquilo que sente, pensa e sabe seriam as mesmas coisas caso ainda se lembrasse e, por isso, amasse este rapaz.

— E agora o que é que eu faço? O que é que terei de aprender para lidar com esta situação? O senhor vai ajudar-me?

— Sim... eu tentarei ajudá-la, mas primeiro precisa de estabilizar a sua mente. Quando se sentir menos confusa, volte a procurar-me. Terei uns desafios para si. Agora vá lá à sua vida.

Percebi que já estava a ocupar muito do seu tempo e escusei-me a fazer-lhe mais perguntas. Guardei a ampulheta, levantei-me e abandonei a loja. Quando descia a escadaria que lhe dava acesso, cruzei-me com o Rodrigo, que acabava de chegar.

— Olha, olha, quem é ela. Há quanto tempo. Não me digas que vieste à minha procura e já ias embora desanimada.

Parecia-me diferente desde a última vez que o vi. Era estranho, porque a minha perceção em relação a ele tinha mudado.

— Não, não vim à tua procura, mas gostei de te ver.

Continuei a andar sem saber porque é que lhe disse aquilo e quando cheguei ao portão ele correu até mim.

— Espera. *Parei e olhei para ele.* Tenho um convite para ti.



Quando ele me falou num convite, voltei a ter uma sensação estranha, mas não percebi se tinha a ver com ele ou com alguma coisa que eu tinha acabado de apagar da minha mente. A figura do Rodrigo transmitia-me segurança, mas aquela ideia do convite, por algum motivo, deixou-me de pé atrás.

— Queres convidar-me para quê?

— Este fim de semana há umas festas no meu bairro em honra do santo padroeiro lá do lugar. São aquelas festas à moda antiga, mas têm umas tradições engraçadas. Acho que ias gostar.

— Mas porque é que me estás a convidar a mim?

Aquela pergunta deu-me uma sensação de *déjà-vu* e naquele momento tive a certeza de que tinha a ver com aquilo que havia esquecido, o que adensou as minhas inseguranças.

— Porque gostava que fosses. Achei que estava implícito.

— Não era isso que queria saber, mas não importa. É melhor não. Não me sinto bem em ambientes com muita gente.

— Há muitas zonas com pouca gente. E, se é que serve de incentivo, terei lá uma barraquinha, consigo bebidas grátis.

— Não me faz muita diferença. Eu não bebo álcool.

— Ótimo. Terei muitas sem álcool. Conto contigo ou não?

— Isto é um encontro ou é impressão minha?

— Eu pretendo encontrar-te, sim. É um dos objetivos.

— Estás a distorcer o sentido das minhas perguntas.

— Não, não é um encontro. É apenas um convite para visitares o meu bairro na sua noite mais longa do ano, que é amanhã. Acho que vale a pena. E para provar que não é um encontro podes e deves levar amigos. De preferência, mais do que um.

— Eu agradeço, mas acho que desta vez passo.

Virei-me para me ir embora, mas isso não o demoveu.

— Não recuses já. Aponta pelo menos o nome da minha rua e amanhã logo decides se apareces ou não na festa.

Suspirei e peguei no telemóvel para registar a morada. Reparei

que tinha várias chamadas não atendidas da minha mãe e da Bela, mas não dei importância.

— Deixa estar que eu faço isso. *Tirou-me o telemóvel e começou a escrever.* Toma. Está nas mensagens enviadas. Pensa no meu caso com carinho. *Acrecentou antes de eu me ir embora.*

Voltei para casa e, quando cheguei, deparei-me com a minha mãe e a minha amiga Bela à porta. Assim que me viram, levaram as mãos à cabeça e correram para o carro. Fiquei de imediato com o coração aos saltos, preocupada com o que se estava a passar.

— Que susto, filha! *Exclamou a minha mãe, abraçando-me.*

— Aconteceu alguma coisa? Foi ao Mateus? Ao pai?

— Pensávamos que tinhas cometido uma loucura depois daquilo que descobriste. *Esclareceu a Bela.* Passado algum tempo depois de teres ido embora, eu liguei-te e não me atendeste. Depois decidi passar cá para ver se estava tudo bem e a tua mãe disse-me que não estavas em casa e que tinhas saído sem avisar. Ficámos preocupadas. Podias ter feito alguma asneira.

— Mas porque é que havia de ter feito alguma coisa? Não vejo razão para isso. Já está tudo resolvido. Não têm nada com que se preocupar. Está bem? Podem ficar descansadas.

— Tens a certeza, filha? Posso confiar em ti?

— Como é que já está tudo resolvido? *Perguntou a Bela.*

— Mãe, depois falamos, agora preciso de falar com a Bela a sós. Podes voltar descansada para as tuas decorações.

Fiz sinal à Bela e seguimos para o meu quarto, onde lhe expliquei o que tinha decidido fazer com a ajuda do Artur.

— Isso não é possível, Alice. Como é que simplesmente te esqueceste do Gustavo? Ainda há pouco estavas comigo quase a entrar em pânico depois de ver aquela foto e agora estás a dizer-me que está tudo bem e que nem sequer sabes quem é?

— Não me perguntes como é que é possível, que eu também não sei. Eu lembro-me de ter passado mal hoje, mas a sensação que tenho é que já foi há muito tempo e que já passou. Mas pelos vistos posso reaver as memórias quando eu quiser.

— E vais fazê-lo? *Perguntou, cheia de expectativa.*

Enquanto pensava na resposta, lembrei-me das palavras do Artur e das consequências que ele referiu caso eu não o fizesse.

— Depois logo se vê. *Acabei por dizer.* Eu estou bem agora e isso é o mais importante. *Disse com um sorriso apagado.*

— Ótimo. Então, já que estás melhor, presumo que já possas voltar a aceitar os meus convites para sair.

— Estou melhor, mas isso não significa que esteja com

disposição para saídas, até porque ainda me sinto muito confusa. Mas, por falar nisso, hoje fizeram-me um convite.

— Espera! Esqueceste um e já te viraste para outro?

— Eu disse que me fizeram um convite, não que eu fiz um convite. Não me virei para lado nenhum, por isso não faças filmes. É o Rodrigo, um funcionário do senhor Artur. Convidou-me para ir a uma festa no bairro onde mora, mas acho que não vou.

— Porque não? Afinal, porque é que decidiste esquecer-te do Gustavo? Foi para não sofreres, mas também para poderes seguir com a tua vida. Eu se estivesse no teu lugar não pensava duas vezes. Quer dizer, a não ser que esse Rodrigo não me alegrasse as vistas, mas vou partir do princípio de que é um tipo bonito.

— O curioso é que hoje quando o vi, já depois de ter esquecido esse tal Gustavo, ele parecia-me diferente. Ou seja, parecia mais bonito, mais atraente, não sei. Foi muito estranho.

A Bela adotou uma postura reflexiva.

— Mas isso faz todo o sentido, Alice! Ao esqueceres-te do Gustavo, tu começaste a olhar para esse rapaz sem a influência dos teus sentimentos por outro. Que era o que tornava, aos teus olhos, todos os outros homens insignificantes. Agora consegues vê-lo tal como é. Isso é incrível. *Arregalou os olhos*. Só pode ser magia.

— Não é magia, mas é ilusionismo. Será que agora todos os homens ficaram mais bonitos aos meus olhos?

— Acho que não. Esse senhor tirou-te as memórias, não o bom gosto. A única diferença é que agora o teu coração está disponível e aberto a infinitas possibilidades. Até então ele só tinha olhos para um. Quer dizer, olhos tinha, mas eram cegos.

— É provável que tenhas razão. Seja como for, não sei se vou aceitar o convite. Não quero que pense que estou interessada, porque não estou mesmo. Nem me apetece estar.

— Podes não estar interessada nele, mas estás interessada em divertires-te, certo? Então amanhã é uma ótima oportunidade. Se te sentires mais à vontade, eu posso ir contigo.

— Bem... assim talvez seja um caso a pensar.

— Combinado. Vamos as duas. Ou melhor, os três.

— Os três? Eu, tu e mais quem?

— Talvez o Ricardo. Se ele quiser vir connosco. É um amigo meu... *Lançou-me um sorriso revelador*. Amanhã eu volto.

Levantei-me para acompanhar a Bela até à saída e assim que ela abriu a porta do meu quarto ouviu-se uma buzina que nos fez saltar para trás com o susto. Quando espreitei para o corredor, já só vi umas pernas a desaparecer para o quarto do meu irmão.

— Mateus! *Gritei, porventura mais alto do que a buzina.*

No dia seguinte, a Bela voltou, já de noite, acompanhada pelo seu amigo Ricardo. Era, como é óbvio, mais do que um amigo. Era ele que trazia o carro e eu limitei-me a entrar para o banco de trás e esperar que eles tivessem a gentileza de me envolverem nas suas conversas. Caso contrário, era muito provável que não me ouvissem a viagem toda. No entanto, o Ricardo parecia-me uma pessoa simpática e com uma personalidade muito semelhante à da Bela e quando dei por mim estava a falar para ele sem que ele me tivesse feito qualquer pergunta. O que, de resto, era uma surpresa para mim, já que por norma não o conseguia fazer, principalmente na primeira vez que via essa pessoa. Quando chegámos ao bairro que o Rodrigo indicou, a primeira sensação que se destacou foi o cheiro intenso, e bom, a comida. Parecia que toda a gente tinha decidido fazer um churrasco na rua, pois estavam mesas e assadores montados nos passeios com famílias inteiras em volta em animadas discussões. Pontualmente, no meio da rua encontravam-se várias fogueiras acesas que eram alimentadas pelas famílias que estavam reunidas nas proximidades. O que também parecia ser tradição era as mulheres usarem chapéu e os homens um colar de flores, o que acabava por nos denunciar como forasteiros, já que não tínhamos nem uma coisa nem outra. Havia música, pessoas a dançar e barraquinhas que vendiam de tudo um pouco, mas ainda não tinha visto a que o Rodrigo me tinha apontado no telemóvel. À medida que nos íamos embrenhando nas ruas e ruelas do bairro, a quantidade de pessoas aumentava e comecei a sentir-me ligeiramente desconfortável. Contudo, não tanto como aquilo que estava à espera. O que, mais uma vez, me surpreendeu e me fez questionar se aquela melhoria no convívio com as pessoas teria alguma coisa a ver com a tal fase de esquecimento. A barraquinha do Rodrigo não demorou a aparecer e dentro dela estava ele e mais duas pessoas a servir bebidas aos clientes. Quando me reconheceu no meio da multidão, vislumbrei um sorriso no seu rosto e fez-nos de imediato sinal com a mão para que nos aproximássemos.

— No fundo, eu sempre soube que vinhas. *Disse ele.*

— Podes agradecer à minha amiga Bela. Acho que ela me convenceu mais depressa a vir do que tu.

— Vou agradecer-lhe e perguntar-lhe qual é o segredo. Querem beber alguma coisa? *Ofereceu, mas recusámos gentilmente.* Então deixem-me inserir-vos na tradição. *Pegou num colar de flores e ofereceu-o ao Ricardo.* Isto é para ti. *Depois pegou em dois chapéus e ofereceu-os a nós as duas.* E isto é para vocês.

— É estranho ver-te atrás de um balcão a vender bebidas, já que

me habituei a ver-te num ambiente diferente. *Comentei.*

— Compreendo o que dizes, mas eu sou muito versátil. Faço muitas coisas, mas também sou bom em tudo o que faço. *Disse com um ar convencido e eu retribuí com um sorriso irónico.*

— Alice. *Chamou a Bela.* Eu e o Ricardo vamos dar uma volta. Quando quiseres ir embora, ou nós, é só ligarmos.

Eu arregalei os olhos para ela, pedindo-lhe com o olhar para não me deixar sozinha ali, mas ignorou-me e foi-se embora.

— Parece que os teus amigos te abandonaram. Entendes agora porque te disse para trazeres mais do que um?

— A sério que era uma estratégia para ficar sozinha contigo?

— Era uma estratégia para a tua companhia não ficar sozinha depois de vires ter comigo. Como vês, sou muito altruísta.

— Pois, mas quem acabou sozinha fui eu, porque tu estás aí a trabalhar e eu estou aqui fora sem fazer nada.

— Não te preocupes, o meu turno já acabou.

O Rodrigo afastou-se para falar com os outros colegas da barraquinha e logo depois abandonou-a e veio ao meu encontro.

— Vais explicar-me como é que um *barman* é ajudante de alfaiate durante o dia? Como deves calcular, não tem nada a ver.

— Bom, isso implica que tenha de contar a minha história.

— Ótimo! Temos tempo. Podes começar.



— Não te posso dar a minha história de mão beijada. *Respondeu ele.* Mas podemos fazer uma troca.

Agarrou-me pela mão, meteu-se no meio da multidão e tentei acompanhar o seu ritmo, apesar dos encontrões.

— Para onde é que estamos a ir?

— Não disseste que não gostavas de locais com muita gente?

— Sim, é verdade, mas nem penses em levar-me para algum local deserto, porque também não gosto.

— Não te preocupes. Estamos a ir para a zona dos divertimentos. Lá tem menos gente e é já aqui em baixo. Se eu quisesse levar-te para um local deserto, já teríamos entrado por aquela porta que dá acesso àquele apartamento lá em cima, que é o meu. *Apontou para o terceiro andar.* Quer dizer, não é meu, é do meu patrão.

— Espera lá, vives na casa do senhor Artur?

— Não. Vivo numa casa dele, não na casa dele. O Artur vive mesmo por cima da loja onde trabalhamos, mas tem alguns apartamentos arrendados e disponibilizou este para eu viver.

— Quer dizer que não viveste sempre aqui?

— Isso faz parte da minha história. Mas, como disse, se a quiseres saber, tens de me dar algo em troca. Ou seja, a tua.

— A minha história não tem nada de especial.

— Seja como for, é a tua história e não há nenhuma que me interesse mais saber neste momento do que essa.

Olhou-me de relance e voltou a focar-se no caminho e na multidão, que nos obrigava a ziguezaguear pela calçada. Ao mesmo tempo, ia cumprimentando várias pessoas que ia reconhecendo, sempre com bastante entusiasmo. A dada altura cortámos para uma estreita escadaria e desembocámos, por fim, num largo cheio de tendas e barraquinhas a toda a volta com divertimentos típicos das festas populares e muita animação.

— O que é que te parece? *Perguntou o Rodrigo.*

— Parece-me bem. Sempre tem menos pessoas que lá em cima e a maioria delas está ocupada a comer e a jogar, o que é bom para não me sentir observada e estar mais à vontade.

— Ótimo! Vês? Afinal até podes confiar em mim.

— Nunca me deste motivos para não confiar, a não ser o facto de não te conhecer, mas isso acontece com toda a gente.

— Nada que não seja fácil de resolver. Já sabes como.

— Tenho de te contar a minha história, já sei.

Entretanto, o Rodrigo aproximou-se de uma das bancas, pegou num saquinho cheio com o que pareciam ser umas sementes que estavam ali à venda e virou-se para mim.

— Sabes o que é isto? *Neguei com a cabeça.* São sementes de girassol caramelizadas. São feitas pela dona Teresa. *Apontou para a senhora atrás da banca e eu troquei sorrisos com ela.* Mora no mesmo prédio que eu e de vez em quando oferece-me um saquinho destes. São deliciosas. Tens mesmo de provar.

Abriu o saquinho e deitou algumas sementes na palma da minha mão, que levei de seguida à boca.

— Isto é mesmo bom! *Exaltei.* Está aprovado. Parabéns!

— Perfeito. Vou levar um saquinho, então. Farão a vez das pipocas enquanto me contas a tua história. Podes começar!

— Resumidamente é assim. *Comecei por dizer enquanto dávamos uma volta pelo recinto.* Nasci e cresci aqui na cidade. Há cinco anos, os meus pais separaram-se e eu fiquei a viver com a minha mãe, que é decoradora de interiores, e com o meu irmão de onze anos, que tem um doutoramento em pregar partidas. Estou a acabar o meu curso de Ciências Farmacêuticas, mas a minha paixão sempre foi a representação. A minha amiga Bela, que viste há pouco, é a minha melhor amiga, é quase minha vizinha e estudámos sempre juntas. No fundo é isto a minha vida. É a tua vez.

— Calma. Explica-me lá essa parte de seres atriz.

— Já me deixei dessas coisas e não quero falar sobre isso. O que me está a parecer é que queres evitar falar sobre ti.

— Nada disso. Apenas não me parece justo falares-me da tua vida e não me falares da tua grande paixão. Fazias o quê? Teatro? Novelas? Filmes? E porque é que já te deixaste dessas coisas?

— Teatro. *Respondi prontamente.* Mas podes respeitar a minha vontade em não querer falar? Seria gentil da tua parte.

— Tens razão. Desculpa. Assunto encerrado. Mas, sendo assim, terás de me falar das outras paixões. Das amorosas.

Aceitei o desafio e enquanto ia passando em revista um pouco da

minha vida amorosa íamos percorrendo as barraquinhas em volta e tentando a sorte nelas. Entre atirar setas contra balões e bolas contra pirâmides de latas, a sorte lá acabou por nos bater à porta e ganhámos um peluche que o Rodrigo gentilmente me ofereceu. Tão entretida que estava, nem dei pelo tempo passar e, quando me apercebi, já tínhamos percorrido as barraquinhas quase todas e ele ainda não me tinha começado a contar a sua história.

— Vá! Já chega de falar de mim. Agora é a tua vez. Como foste parar àquela loja e àquele apartamento?

Caminhou durante um bocado em silêncio e deu para perceber que estava a pensar na melhor forma de começar.

— Não é uma história muito poética. Ao contrário de ti, eu não sou de cá. Sou do interior. É lá que vive toda a minha família, mas a minha relação com ela nunca foi muito boa. Sempre senti que não pertencia àquele lugar nem àqueles pessoas. Estava deslocado, mas apesar de tudo nunca decidi sair, até que um dia houve uma grande discussão lá em casa. Foi a gota de água e resolvi mandar-me de vez para uma cidade grande. Esta, precisamente. Cheguei aqui sem planos nenhuns, a não ser arranjar um trabalho e fixar-me cá. Trabalhei em vários locais, até que a dada altura surgiu a oportunidade de trabalhar num bar muito conceituado mesmo no centro da cidade. Nunca tinha trabalhado num local idêntico e agarrei o desafio. Pouco depois mudei-me para um apartamento que ficava no mesmo prédio que esse bar. E imagina de quem era esse apartamento? Pois é, do Artur. Acontece que aquele trabalho facilitou-me demasiado o acesso à bebida e eu a dada altura comecei a abusar dela. Acabei várias noites em estados deprimentes e não demorou a chegar aos ouvidos do meu senhorio. Acho que foi a empregada de limpeza do condomínio que me denunciou. Mas ainda bem que o fez. Assim que o Artur soube, quis tirar-me daquele lugar e daquela situação e ofereceu-me um emprego na loja dele e passou-me para este apartamento, cuja vizinhança, como pudeste ver ao virmos para cá, é muito simpática. A renda que me cobra é simbólica, mas fez-me prometer-lhe que, enquanto trabalhasse com ele, nunca mais voltaria a beber álcool. Um desafio que não foi difícil de cumprir, já que nunca tinha sido um hábito meu e deixou de o ser muito rapidamente. Estava naquela barraquinha a vender bebidas, mas é uma barraquinha de uma associação aqui do bairro e estava apenas a dar o meu contributo, já que tenho alguma experiência. Mas tudo isto aconteceu há poucos meses.

Inspirei fundo enquanto assimilava toda aquela informação.

— Isso significa que ainda há pouco tempo eras alcoólico?

— Não. Não cheguei a esse ponto. Graças ao Artur. Lamento se este pormenor da minha vida belisca a excelente imagem que tinhas de mim, mas sinceridade acima de tudo. *Encolheu os ombros.*

— Eu quis saber a tua história por curiosidade e não porque tivesse algum interesse em particular. Por isso não há nada para beliscar. Nem imagens, nem expectativas. Então e em relação ao campo amoroso? Não disseste nada.

— Essa pergunta também é só por curiosidade, correto?

— Claro! Se me perguntaste, eu agora também quero saber.

Percebi que ficou a olhar-me com ar de caso, mas não reagiu.

— Vou acreditar em ti... Em relação ao amor, eu diria que tive duas relações sérias. Quando ainda vivia no interior. Desde que me mudei para cá, tenho só vivido umas aventuras.

— Ah! Tu és desses... *Murmurei com um tom de desilusão.*

— Belisquei de novo a minha imagem, não foi? Parece que estou a dar muitos tiros nos pés hoje.

— Repito, é só curiosidade, não interesse. Além disso, como tu disseste, e bem, sinceridade acima de tudo.

— É verdade, mas há coisas que não vale a pena serem ditas.

— Coisas como «desde que cheguei à cidade grande só vivo aventuras»? Achas que é algo irrelevante para alguém que se está a aproximar? *Perguntei, tentando disfarçar o incómodo.*

— Tendo em conta que se trata do passado... sim.

— Mas o teu passado também és tu. Diz muito de ti.

— Sim, tens razão. O que eu quero dizer é que eu sou o meu passado, mas não sou só o meu passado, e por isso não me podes julgar apenas em função daquilo que fui. Mas pareces-me demasiado incomodada para quem dizia que apenas estava curiosa.

— O que por sinal não impede que eu fique incomodada com esse tipo de discurso de homens que só querem acrescentar mais uma aventura à sua lista. Desculpa, mas eu não sou uma aventura de uma noite, eu sou um desafio para a vida inteira.

De onde é que me tinha saído aquela frase? Questionei-me. E, mais do que isso, de onde é que tinha vindo a confiança para a dizer? Por um segundo senti-me poderosa e aproveitei esse momento fugaz de confiança para marcar a minha posição.

— Talvez tenha sido um erro ter aceitado este convite.

— É injusto estares a julgar-me pelo meu passado.

— Não é julgar. É avaliar. Estou a avaliar-te pelo teu passado, pois é tudo o que tenho, para poder proteger o meu futuro.

— O facto de ter vivido apenas aventuras recentemente não significa que é aquilo de que ando à procura. Mas, para perceberes

isso, preciso que me dês oportunidade de o demonstrar.

— Afinal o que é que queres de mim, Rodrigo?

— Quero conhecer-te melhor. Aproximar-me. Ver no que dá.

— Ver no que dá? Tu dás um passo para a frente e dois para trás. Agora sim, tenho a certeza de que isto foi um erro.

Acelerei o passo na direção de onde tínhamos vindo.

— Já vais embora? Mas ainda agora chegaste.

— Ainda agora cheguei e já me tiraste a vontade de estar aqui.

Acompanhas-me até junto da minha amiga ou vou sozinha?

— Merda! Eu expressei-me mal. Deixa-me explicar.

— Só se for para te enterrares mais. Já expliquei que não gosto de pessoas com essa postura. Esse «ver no que dá» foi a prova de que me vêes como uma aventura e eu não estou para isso.

Continuei a caminhar e ele veio no meu encalço.

— Não é nada disso, mas já vi que não me vais ouvir. Dá-me pelo menos uma oportunidade de redimir este encontro.

— Rodrigo, o problema não foi o encontro. A festa é bonita, o peluche é bonito, o que não é bonito são as tuas intenções. E isso é o suficiente para eu saber que não estou aqui a fazer nada.

— Então deixa-me provar-te que estás errada. Dá-me só mais uma oportunidade e eu prometo que vais mudar de ideias.

— Eu estou bem com as ideias que tenho. Estou segura.

— Vá lá! Não podes ser assim tão radical. Só mais uma!

Olhei para ele, fiz uma pausa e soltei um suspiro.

— Tudo bem. Tens um dia para o fazer.



No dia seguinte, as horas foram passando e nem sinal do Rodrigo. Sabia que lhe tinha dado um desafio difícil, tendo em conta o prazo em que precisava de o cumprir, mas também sabia que, se quisesse mesmo, iria consegui-lo. Foi já a meio da tarde que tive notícias dele, mas através de um emissário improvável que entrou de rompante no meu quarto, o meu irmão.

— Quem é o Rodrigo? *Perguntou-me ele.*

— Onde é que ouviste falar do Rodrigo?

— Eu sei que é um amigo teu e sei algo importante sobre ele.

— Mas o que é que tu sabes, Mateus? Responde!

Calou-se, encolheu os ombros e lançou-me um sorriso interesseiro. Percebi logo que me ia subornar novamente.

— Informações valiosas como esta não se podem dar assim de graça, maninha. *Disse, estendendo a mão.*

Fui à minha carteira, peguei numa nota e dei-lha.

— Diz! O que é que sabes sobre o Rodrigo?

— Sei que ele está lá fora à tua espera.

Desatou a correr para fora do quarto e eu desatei a correr para a janela para confirmar a veracidade daquela informação. Em baixo, parado ao lado da sua moto e com uma mochila às costas, estava o Rodrigo. Merda! Gritei dentro da minha cabeça. No fundo tinha estado à espera dele o dia todo, mas ao mesmo tempo não acreditava que ele iria levar o que lhe disse a sério. Calcei uns ténis e fui ao seu encontro.

— O que é que vieste aqui fazer, Rodrigo?

— Cumprir com o combinado. *Respondeu sorridente e confiante.* Fazer-te mudar de ideias em relação a mim.

— Eu acho que te dei o desafio ontem mais para me ver livre de ti do que para te pôr à prova, até porque não tens obrigação nenhuma de me provar o que quer que seja. Mas se aceitaste mesmo o desafio, então tenho de te louvar por isso.

— Claro que sim. Estás pronta para vir comigo?

— Primeiro é preciso querer ir contigo a algum lado.

— A não ser que quisesses que eu cumprisse o desafio à porta de tua casa, implicaria sempre uma deslocação. Estás ou não?

— Não. Como vês, estou com roupa de andar por casa.

— Onde te quero levar, essa serve perfeitamente.

— Sim, mas só tens um capacete e sendo assim é melhor não irmos de moto. Parece que já te esqueceste do que aconteceu da última vez. A experiência foi engraçada, mas não quero repetir.

— Não te preocupes que eu já pensei em tudo. Toma.

Passou-me a mochila para as mãos e eu já imaginava que seria um capacete, mas quando abri a mochila percebi que não era um capacete qualquer, era cor-de-rosa e da Hello Kitty.

— A sério, Rodrigo? Foi de propósito, não foi?

— Tendo em conta o prazo que me deste, foi o melhor que consegui. Não gostas? *Perguntou com um óbvio tom de gozo.*

— Gosto, mas já gostei mais. Quando tinha uns doze anos. Agora só falta saber se me cabe na cabeça. *Pus o capacete e, para meu espanto, servia.* Como é que adivinhaste o tamanho?

— Com a ajuda do chapéu que te ofereci ontem. Vamos?

Tinha de me render à sua perspicácia e capacidade de persuasão. Avisei a minha mãe de que ia sair e subi para a moto.

— Quando cheguei, o teu irmão estava a brincar com um taco de hóquei e eu meti conversa com ele sobre o assunto. Disse-me que era o melhor jogador da equipa dele.

— Aquele miúdo é um gabarolas, mas sim, dizem que é.

— Então ainda bem, é que quando lhe pedi para te ir chamar ele fez-me prometer-lhe que um dia ia ver um treino dele.

— Normal. Ele adora que o vejam a jogar. E tu prometeste?

— Claro! Numa guerra dá sempre jeito ter aliados.

Percebi que foi uma indireta para mim, mas não comentei. Pegou nos meus braços, pô-los à volta do seu tronco e arrancou. Aceitei o risco de não lhe perguntar para onde me estava a levar e evitei roubar-lhe o entusiasmo pela surpresa. A ele e a mim. Estava uma temperatura amena e o sol começava a sua trajetória descendente, o que tornava aquela viagem muito agradável. O Rodrigo conduziu para fora da cidade e aos poucos as casas foram aparecendo cada vez menos, até nos vermos rodeados de floresta. A dada altura meteu por um caminho secundário e parámos num largo onde estavam outros carros. Quando tirei o capacete e olhei com atenção, vi que se tratava de um parque natural e conseguia ouvir crianças ao longe num som que se misturava com o chilrear dos pássaros.

— Já tinhas vindo aqui? *Perguntou o Rodrigo.*

— Não, nem sabia que existia este parque. Talvez por ser um pouco menina da cidade. Mas porque é que me trouxeste cá?

— Porque é um local especial para mim. Pouco tempo depois de me ter mudado para a cidade, confesso que senti falta da natureza. Afinal de contas, cresci no meio dela. E decidi começar a visitar locais em volta da cidade onde eu pudesse ter o melhor dos dois mundos. Foi então que encontrei este parque. E trouxe-te cá para te mostrar que não sou tóxico como aqueles com que te cruzaste. Muito pelo contrário, sou natural e bom para a saúde. Tal como este espaço. *Abriu os braços e olhou em volta com um sorriso que me convenceu.* Vem comigo. Vou apresentar-te um amigo.

O Rodrigo seguiu a passo acelerado pelo caminho principal do parque e eu tentei acompanhá-lo enquanto me ia equilibrando no piso irregular. Alguns metros à frente surgiu uma espécie de cabina que albergava alguns instrumentos de manutenção do parque e o Rodrigo entrou para buscar qualquer coisa. Logo depois surgiu, segurando um punhado de bolotas que dividiu comigo.

— Isto é para quê, Rodrigo? — Para alimentares o meu amigo *Bolt*.

— E que amigo é esse? Espero bem que seja um animal daqueles bem pequeninos, senão vou começar a correr.

O Rodrigo continuou a caminhar pelo parque adentro enquanto chamava pelo animal e eu segui atrás dele, desta vez mais preocupada com a minha integridade do que com o meu equilíbrio. Entretanto reparei num esquilo que descia por uma árvore ao nosso lado e na minha cabeça tinha mesmo cara de *Bolt*.

— Rodrigo! *Parou e olhou para mim.* Acho que já apareceu.

— Já! Já apareceu e está a vir na nossa direção.

Percebi que o olhar dele passava por cima do meu ombro e por instinto olhei para trás e estremeci com a figura de um veado enorme a caminhar em direção a nós. Dei um grito, atirei as bolotas pelo ar e corri para trás do Rodrigo.

— Rodrigo, e agora? *Gritei.* Vamos embora daqui.

Ele começou a rir-se da minha reação, mas eu sentia tudo menos vontade de rir naquele momento e agarrei-me a ele.

— Tem calma. O *Bolt* já está habituado ao contacto humano. Além disso, ele já me conhece. Não há registo de que algum dia tenha feito mal a alguém. Mas todos temos dias menos bons.

— Rodrigo! *Dei-lhe um beliscão.* Não estás a ajudar.

Ele continuou a rir-se e o veado continuou a aproximar-se. Quando chegou junto de nós, o Rodrigo começou a fazer-lhe festas na cabeça e a dar-lhe bolotas à boca, enquanto eu me limitava a

controlá-lo por cima do ombro, completamente tensa.

— Vês como ele é muito meigo? É a tua vez.

Desviou-se para o lado e eu desviei-me também, mantendo-o como o meu escudo. Era o mínimo que ele podia fazer por mim, já que tinha sido ele a colocar-me naquela situação. Esperei algum tempo até me sentir um pouco mais segura, e para não dar parte fraca estiquei o braço para passar a mão no focinho do veado, que era assustadoramente da minha altura.

— Dá-lhe. *Disse-me, entregando-me algumas bolotas.*

— Ainda me morde a mão. Nem pensar.

— Não morde, não. Podes confiar em mim.

— Não é em ti que tenho de confiar, é nele.

Depois lembrei-me de que, quanto mais depressa acabassem as bolotas, mais depressa o animal se ia embora e acabava aquela tortura. Por isso peguei nas bolotas todas e deixei que ele as comesse na palma da minha mão, embora sem nunca sair de trás do Rodrigo. Assim que o veado viu que não tínhamos mais nada para lhe oferecer, seguiu à sua vida e eu pude finalmente respirar de alívio.

— Parabéns pela coragem. Como é que te sentes?

— Aliviada por ainda ter as duas mãos. Mas, por favor, não me faças estas coisas. Ainda tenho o coração aos saltos.

— E isso é fantástico. As emoções são a manifestação da vida. Sejam elas boas ou más. Se te emocionas, é porque vives.

— Se é para filosofar, então vamos fazê-lo longe de um animal selvagem que pesa mais do que nós os dois juntos. Está bem?

Comecei a fazer o caminho inverso ao do veado, focando-me apenas em afastar-me o máximo possível, até que me apercebi de que o Rodrigo não me estava a acompanhar. Quando me volto para trás para saber o que estava a fazer, deparo-me com ele em tronco nu a olhar para os braços e para as costelas.

— O que é que estás a fazer?

— Parece que fui atacado. Estou cheio de marcas no corpo.

— O quê? Como assim? Deixa-me ver.

Aproximei-me para ver melhor e rapidamente percebi que quem o atacou tinha sido eu ao cravar-lhe as unhas na pele quando me tentava resguardar do *Bolt* e nem me tinha apercebido.

— Ai, desculpa! *Disse, com a mão a tapar a boca.* Mas acaba por ser merecido. Não me pusesses naquela situação.

— Cá para mim, tu não tiveste medo nenhum do *Bolt* e foi tudo encenação só para te agarrares a mim, já que és atriz.

— Eu já te disse que não sou atriz. Agora podes voltar a vestir a *T-shirt* e parar de exhibir esses abdominais, por favor?

— Não és, mas já foste, e ainda não me contaste a história do porquê de deixares de ser. *Disse enquanto vestia a T-shirt.*

— Foi para me apresentares o *Bolt* que me trouxeste cá?

— Na verdade, pretendia fazer uma outra coisa contigo.

— E do que é que estamos à espera?

— Que me contes o que aconteceu.

— E se eu não quiser contar o que aconteceu?

— Se não quiseres contar, eu respeito e não muda nada, mas aquilo que eu pretendo fazer contigo é algo simbólico, e uma vez que eu ontem partilhei algo importante da minha vida contigo, acho que era justo fazeres o mesmo comigo. O que dizes?

Lancei-lhe um olhar expectante e ele devolveu o mesmo olhar. Fiquei assim por uns segundos, na dúvida se o devia fazer ou não, depois vi que estava a fazer um secretismo desnecessário e rendi-me. Afinal, não havia mal nenhum em contar-lhe.

— Pronto. Está bem. Eu conto-te o que se passou.



— Boa! Gosto de ti quando colaboras. *Comentou ele.*

— Apenas não acho que aquilo que tenho para contar justifique tanto secretismo da minha parte, mas também não acho que justifique tanto interesse como aquele que demonstras.

— Quando me falaste dessa tua paixão, não foi difícil de perceber que aconteceu algo de importante e com certeza negativo em relação a isso. E se eu puder ajudar de alguma forma, quero fazê-lo, mas primeiro preciso de saber o que se passou.

— Pois! Acontece que eu não te pedi ajuda e dispenso ajuda que não peço. Além de que não acho que me consigas ajudar.

— Tiramos essas conclusões no fim, pode ser? Vamos! Contas-me pelo caminho, mas primeiro precisamos de umas coisas.

Precipitou-se de novo para o interior da cabina onde tinha ido buscar as bolotas e receei que me fosse apresentar mais algum dos seus amigos. Contudo, para meu espanto, regressou com um recipiente e dentro dele trazia uma pequena pá de jardineiro.

— Vais explicar-me qual é a finalidade disso?

— Já vais ver. É já aqui à frente. Podes começar.

— Então é assim. Eu gosto de representar desde que me lembro. Já o faço pelo menos desde o tempo em que andava na escola primária. Sempre participei naqueles teatrinhos da escola e também fazia parte de um grupo teatral que existia perto de minha casa. Não me queria autoelogiar, mas a verdade é que eu tinha talento para aquilo. E, como é natural, as pessoas que me rodeavam diziam todas para eu me inscrever naqueles *castings* para a televisão. Mais concretamente numa daquelas séries juvenis, até porque nessa altura eu era adolescente. Confesso que o que eu gostava mesmo era de teatro, porque é uma sensação única estar diante de uma plateia, e, talvez por isso, sempre ignorei as sugestões que eles me davam. No entanto, uma senhora do grupo de teatro em que eu participava decidiu inscrever-me, sem eu saber, num desses *castings*, e como eu não tinha nada a perder, pensava eu, decidi ir. *Enquanto*

caminhávamos, o Rodrigo olhava atentamente em volta como se estivesse à procura de alguma coisa. Eu lá fiz o *casting*, quem me avaliou elogiou-me imenso, só faltou fazer-me uma vénia, mas no final disse-me que, infelizmente, eu não tinha o perfil que eles andavam à procura e mandaram-me embora. Não foi difícil de perceber que se referiam à minha imagem. Pode não parecer, mas há uns anos eu era, digamos... um pouco gordinha.

— Então foi por isso que abandonaste a representação?

— Não, esta é só a primeira parte da história.

— Contas-me já a segunda parte. Espera um minuto.

Meteu-se pelo meio das árvores e eu fiquei no caminho a tentar perceber o que tinha ido fazer. Pouco depois regressou com um rebento de árvore na mão e percebi logo qual era o seu plano.

— Vamos plantar uma árvore? *Perguntei-lhe, mas limitou-se a sorrir e a seguir em frente.* Mas ela já não estava plantada?

— Sim, mas estava a crescer junto à árvore mãe e como deves imaginar não é o melhor sítio. Agora vamos dar-lhe um local com espaço para crescer. Podes continuar. Estou a ouvir.

— Como disse, foi só a primeira parte da história, mas que no fundo representa o início do fim de um sonho. Aquilo magoou-me imenso. Magoou-me saber que ter talento não era suficiente para singrar naquela área e isso começou a gerar um sentimento de revolta e frustração dentro de mim. A minha confiança e autoestima baixaram imenso, mas apesar de tudo tentei ultrapassar e voltar a focar-me no teatro, que era aquilo de que eu realmente gostava. Contudo, para piorar as coisas, essa fase coincidiu com o divórcio dos meus pais. Eu já era crescida, já sabia muito bem o que se estava a passar, e talvez por isso aquela situação me tenha abalado ainda mais. Afinal de contas, eram os meus pais, eram a referência mais próxima de um casal que eu tinha, e ver o meu pai a sair de casa e a minha mãe a sofrer mexeu muito comigo numa altura que já não estava a ser fácil para mim. Mas a machadada final ainda estava para vir. Logo após a separação dos meus pais, que não falhavam nenhuma das minhas peças, pois eram os meus grandes fãs e estavam sempre na fila da frente, eu assumi o protagonismo numa nova peça que o grupo de teatro estava a encenar. Era a primeira vez que eu seria a personagem principal e acreditava que era a minha grande oportunidade. Chegou o dia da estreia e eu estava muito nervosa, mas também muito concentrada e confiante de que ia correr tudo bem. A peça começou e apercebi-me de que da minha família só o meu pai estava na fila da frente. Pelos vistos, a minha mãe não quis aproximar-se e ficou algures no meio da plateia com o meu irmão,

mas eu não os conseguia ver. A presença e o olhar deles eram os meus amuletos da sorte e eu não os estava a ter da forma que sempre tive. Não sei se foi por isso ou não, o que é certo é que a meio da peça deu-me uma branca. Bloqueei e não conseguia falar. Os meus colegas tentavam sussurrar-me palavras-chave para eu desbloquear as falas, mas eu não estava a conseguir, até que entrei em pânico e abandonei o palco. A peça desenrolava-se toda à minha volta e sem mim nada feito. Conclusão... a peça terminou mais cedo e eu nunca mais tive coragem de subir ao palco desde então.

O Rodrigo ficou parado a olhar para mim com um semblante preocupado, mas ao mesmo tempo apaziguador.

— E nunca mais tentaste combater esse trauma?

— Fui adiando e adiando até desistir da ideia. Como me disse a minha mãe, há coisas que temos de fazer de imediato sob o risco de perdermos o *timing* certo. Porque depois é muito mais difícil e pode mesmo tornar-se irreversível. Que foi o meu caso.

— Quanto mais demoramos, mais presos ficamos. É como se os medos fossem uma dívida que cobra juros, ou seja, amanhã será sempre mais difícil pagá-la do que hoje. Mas não acredito que seja irreversível. É uma questão de recomeçarmos devagar.

— De recomeçarmos? O que queres dizer com isso?

— Porque posso ajudar-te. Está bom ali? *Perguntou, apontando para uma clareira a poucos metros de nós.*

Estava a mudar de assunto para eu não o contradizer, mas também percebi que não era o tema mais importante naquele momento e não retorqui. Segui-o até à clareira e, assim que chegámos, pegou na pequena pá e começou a abrir um buraco no centro. Assim que entendeu ter a profundidade suficiente, olhou para mim.

— A menina da cidade quer dar-me uma mãozinha?

O Rodrigo colocou a árvore no buraco, eu segurei nela e com a pá voltou a enchê-lo com a terra que tinha tirado.

— Agora que plantámos uma árvore em conjunto, podes explicar-me o porquê de o queres fazer comigo? *Questionei-o.*

— É um gesto simbólico que me foi passado pelo Artur. Ele é um apaixonado por botânica. *Lembrei-me do jardim que ele tem atrás da sua loja e em particular da olaia de que me falou.* Ele disse-me que, quando algo de bom acontecia na sua vida, plantava uma árvore como forma de agradecimento à natureza e à vida. Simbolicamente representa o nosso desejo de que esse acontecimento bom seja forte, firme e duradouro como uma árvore. No fundo é isso que quero que aconteça connosco. Independentemente daquilo que for, que seja

bom, forte, firme e duradouro.

— É de facto um gesto simbólico muito bonito. Tiro-te o chapéu por ele. Mas tenho uma questão, e se não for bom?

Pegou no recipiente antes de me responder.

— Não ser bom nem sequer é hipótese. Precisamos de água para regar a árvore. Há um riacho aqui perto. Vens comigo?

— Sozinha é que não fico de certeza, ainda aparece o veado.

Acompanhei-o até ao riacho, que me proporcionou uma imagem linda e tranquilizante. Porventura uma sensação que nunca me tinha predisposto a sentir, mas que me soube muito bem. Naquela zona, o riacho não deveria ter mais de meio metro de profundidade, mas como as margens eram muito rochosas, o Rodrigo teve de se deslocar sobre as rochas até ao centro do riacho para poder recolher a água sem se molhar. Estava a vê-lo a tentar equilibrar-se nas rochas e estava com medo que caísse e se magoasse. Um medo que quase se cumpriu quando, ao retirar o recipiente da água, escorregou numa das pedras e caiu de lado dentro de água.

— Estás bem? *Perguntei, depois de deixar escapar um grito.*

Fez-me sinal positivo com a mão e depois caminhou até à margem, desta vez já sem tanto cuidado, porque já era tarde de mais. Quando chegou junto de mim, vi que trazia os pés e as calças molhadas até aos joelhos, e uma das pernas molhada até à cintura.

— Tens a certeza de que não te magoaste? *Insisti.*

— Não. Fica descansada. Só me molhei mesmo.

— Pois, mas agora tens de ir rapidamente para casa para te trocares, não podes estar assim muito tempo, senão constipas-te.

— Vamos só regar a nossa árvore para podermos ir embora.

Regressámos à clareira, o Rodrigo despejou a água no pé da árvore, recolheu os utensílios e fomos para a moto.

— Já deves estar a sentir frio. *Comentei enquanto púnhamos os capacetes.* E agora com o vento da viagem ainda mais.

— Está tudo bem, mas gosto dessa preocupação.

— Preferia não ter motivos para me preocupar.

Subimos para a moto e seguimos viagem de volta para casa. Quando cheguei, tirei o capacete e devolvi-lho.

— É para ti. *Disse o Rodrigo.* Vais voltar a precisar dele.

— Nem vou discutir isso contigo, que é para não te demorares. Precisas de tirar essa roupa rapidamente. Eu oferecia-te umas calças, pelo menos, mas já não tenho nada aqui do meu pai.

— Então parece que não será hoje que me vais ver sem calças.

— Também não está nos meus planos. Vai-te lá embora.

Ligou a moto, mas antes que fosse embora ainda o chamei.

— Rodrigo! *Olhou para mim.* Obrigada por este final de tarde. Talvez tenhas conseguido provar-me que estava errada.

Notei pelos seus olhos que sorriu, mas já não me disse mais nada e arrancou. Foi inevitável não pensar no Rodrigo durante o resto do dia, o que não previa era que no dia seguinte ainda continuasse a pensar nele. Tinha-me sentido bem na companhia dele e não podia negar que tinha subido uns degraus na minha consideração. O Artur tinha-me pedido para deixar que a minha mente acalmasse antes de o procurar de novo para conhecer os desafios que me iria propor. Contudo, a pressa que eu tinha em resolver a minha situação aliou-se à vontade que ganhava forma em mim de reencontrar o Rodrigo, e, assim que terminei a meta diária na escrita do meu relatório, passei na loja do senhor Artur. No entanto, para minha surpresa e desilusão, o Rodrigo não estava.

— Olá! *Cumprimentei o Artur.* O Rodrigo não veio hoje?

— Ele pediu-me o dia, mas não disse para quê. Confesso que não contava consigo por cá tão cedo, está tudo bem?

Fiquei intrigada com o que me disse sobre o Rodrigo, mas não me sentia à vontade para lhe perguntar mais nada sobre ele.

— Sim, está tudo bem. E por isso mesmo é que quero avançar. Que desafios são esses que disse ter para mim?



— Eu acho que não se deve demorar muito, mas também não quero que tenha pressa. Se é para se fazer, é para se fazer bem feito. Ainda só passaram uns três dias. *Disse-me o Artur.* Como é que se tem sentido? Algum episódio que mereça referência?

— Noto que existem muitas lacunas na minha mente. Principalmente associadas às memórias mais recentes. Também notei que a minha percepção sobre algumas pessoas mudou, como se tivesse tirado um véu da frente dos meus olhos. Reparei ainda que o meu à-vontade em certas situações melhorou e que pontualmente me sentia mais confiante. Mas não sei se está correlacionado.

O Artur ficou em silêncio por um bocado, batendo com os dedos no balcão enquanto refletia sobre os sintomas que apontei.

— Parece-me que está tudo dentro do previsto. *Concluiu.* Não é muito diferente dos relatos das outras pessoas, mas estava aqui a pensar numa explicação mais particular para o seu caso. Lembre-se de que eu tirei uma pessoa da sua memória que a estava a magoar e, por consequência, a impedi-la de ver certas coisas que agora consegue. Algo que essa pessoa também fez certamente consigo foi baixar a sua autoestima, uma vez que a Alice sentia a necessidade de ser valorizada e aprovada por ela e não foi. Tirar essa pessoa da sua memória foi como remover uma quantidade de mantos de cima da sua essência, deixando-a assim manifestar-se. Daí esses assomos pontuais de confiança. Mas antes desses mantos houve muitos outros que outras pessoas e a própria Alice foram colocando por cima da sua luz interior. O importante agora é aprender e evoluir, não só para evitar futuros mantos que tapem essa luz como também para desconstruir os mais antigos.

— Não percebo. O senhor diz que o objetivo da dor é servir de estímulo para evoluir, expandir a minha consciência e livrar-me de

todos esses mantos para deixar a luz interior brilhar, mas a dor, ela própria, cria esses mantos. Não é uma contradição?

Soltou um suspiro e voltou a fazer uma pausa. Percebi que ele tinha uma resposta para me dar, mas estava à procura de uma forma simples de a transmitir para eu poder entender.

— Vou tentar explicar-lhe isto da melhor forma para ver se avançamos. O objetivo da dor é de facto ser um estímulo de aprendizagem e evolução. Ou seja, acontece algo negativo, sofre, aprende e evolui. Esta é a ordem. Quando acontece algo negativo, sofre, mas não aprende e por isso não evolui, cria-se um manto em forma de trauma, medo, mágoa ou rancor. Isto para dizer que não é a dor a culpada por esses mantos, mas sim a incapacidade de a ultrapassar. Só que há pessoas que, por mais que batam com a cabeça na parede, não percebem que se isso acontece é porque se calhar não é por ali o caminho. Em vez disso, decidem culpar a parede por estar no caminho que elas acreditam ser o seu. Depois magoam-se, ficam frustradas, traumatizadas e desanimadas, quando a solução era simplesmente abrirem os olhos, procurarem onde estava a porta naquela parede, porque há sempre uma, e passar para a divisão seguinte. Ou seja, passarem para um estado superior de consciência. O problema é que as pessoas deixam-se reger pelo ego e acham que só serão felizes se tiverem o que quiserem, quando às vezes aquilo que querem é o que mais as impede de serem felizes. Por exemplo, quando querem e insistem em lutar por uma pessoa que as magoa. E é exatamente esse o primeiro desafio que tenho para si.

— E o que é que terei de fazer, exatamente?

— Em primeiro lugar, preciso que me diga se tem algum vício ou se gosta de comer alguma coisa que sabe que não deve.

— Perdoe-me a pergunta, mas porquê? É que neste momento a minha preocupação não é o coração físico, é o outro mesmo.

— Eu entendo as suas dúvidas e curiosidades, e não se preocupe que eu não me importo de responder a todas elas, mas primeiro preciso que me responda ao que lhe pedi.

— Vícios acho que não tenho nenhum em particular, já coisas que não posso comer e não devo é uma lista infinita. Mas se tiver de referir uma delas, eu diria gelados. Adoro, mas não posso. Aliás, até proibi a minha mãe de ter gelados lá em casa porque se eu sei que há no frigorífico não resisto. Esta resposta serve?

— Sim, serve... *Respondeu pensativo como se já estivesse a engendrar um plano.* Então se gosta de gelados, acho que tenho uma boa notícia para si. Hoje vai poder comer um. Eu ofereço.

Desconfiei daquela generosidade e daquele entusiasmo.

— Não acredito. Diga-me, o que é que está a planear?

— Ao fundo desta rua abriu uma confeitaria há pouco tempo, acho que eles vendem gelados. *Disse, ignorando a minha questão.* Eu fecho aqui a loja um quarto de hora e vamos lá.

Caminhámos até à confeitaria e, quando chegámos, disse-me para escolher o meu gelado favorito. Eu assim fiz, mesmo sabendo que tinha algum truque na manga. Ele acabou por não escolher nenhum para si e fomos sentar-nos logo depois.

— E agora? O que é que é suposto fazer com o gelado?

— Presumo que o queira comer, mas sabe que não o deve fazer porque tem calorias e todas essas coisas que engordam e fazem mal. Posto isto, sabendo que quer, mas não deve, o que vai fazer?

— Não o devo comer, é isso?

— É só um. Não será o fim do mundo se o comer. Além disso, não serei eu a impedi-la. Ele está aí, bem à sua frente. Está pago. É seu. É só pegar na colher e começar. E é só desta vez.

Estava a perceber onde ele queria chegar, mas também tinha de admitir que não estava a ser fácil lidar com a tentação.

— Seja como for, não o vou fazer. *Respondi com convicção.*

— Vai deixá-lo estragar-se? É uma pena e um desperdício. Agora que está pago, acho que deve ir até ao fim.

— Já percebi que está a fazer um jogo psicológico. O que eu não percebo ainda é o que isto tem a ver com a minha situação.

— Não vai comer porque sabe que está a ser testada e além disso sabe que eu a estou a ver. Será que resistiria apenas com a sua força mental? Sem o controlo nem impedimento de ninguém? Esse sim é o verdadeiro desafio que tem de colocar a si mesma.

— O meu problema não é a comida. Talvez há uns anos, quando tinha peso a mais, isso fizesse sentido. Agora não.

— Isto, mais uma vez, é apenas simbólico. Não passa de uma metáfora, mas no fundo é a mesma coisa. Se você não conseguir dizer que não a um simples gelado que quer comer, mas que sabe que não é saudável para a sua saúde física, como é que seria capaz de dizer que não a uma pessoa que diz amar, mas que não é saudável para a sua saúde mental e emocional? Já ouviu certamente falar do termo amor-próprio. Já todos ouvimos falar desta expressão, mas o que pouca gente sabe é que ter um hábito que não seja saudável para com o nosso corpo também é um exemplo de falta de amor-próprio. Pois isso representa uma falta de respeito por algo que também somos nós. O que é diferente de autoestima. A autoestima é olhar ao espelho e gostar do que se vê. Já o amor-próprio é tão-somente a capacidade de recusar algo que gostamos e queremos

porque sabemos que não nos faz bem. Seja isso um cigarro, um gelado ou uma pessoa. Também já sabemos que uma vez sem exemplo não faz mal a ninguém, mas é como as oportunidades que se dão às pessoas, depois de uma vem outra, e outra, e outra, até ao infinito se não souberem qual é o momento certo para parar.

Aquela explicação tinha sido poderosa e estava a tentar memorizá-la sem perder nenhum pormenor importante.

— Faz todo o sentido, como não podia deixar de ser, vindo de si, mas agora o que é que é suposto fazer com esta lição?

— Em primeiro lugar, é não a esquecer. Em segundo lugar, é começar a pô-la em prática nas pequenas coisas da sua rotina para um dia quando tiver de a aplicar em questões sentimentais, ou outras mais importantes, ser mais fácil para si. Se já consegue dizer que não é só continuar nesse caminho. Caso ainda não o consiga fazer sobre algum aspeto da sua vida, o conselho que dou é que experimente uma vez. Faça um esforço e negue uma vez e verá que a partir daí será mais fácil controlar a tentação. Até porque provará a si mesma que é capaz. E, se conseguiu uma vez, conseguirá as que quiser. Volto a lembrar que é uma regra que se aplica a tudo o que você goste e queira, mas que lhe seja prejudicial de alguma forma, como um vício ou uma relação tóxica. No fundo, acredito que este seja um dos ensinamentos que a vida queria que adquirisse com o que viveu com aquele rapaz que decidiu esquecer. E, agora que já aprendeu a lição, coma lá o gelado, que está a derreter-se. *Aceitei o repto de bom grado e dei uma colherada no gelado.* Parece que estava enganado. Afinal ainda não aprendeu a lição.

Voltei a baixar a colher e afastei o copo do gelado de mim.

— Parece que também vale ratoeiras. E eu fui apanhada.

— Foi um pequeno teste para lhe mostrar o quão fácil é o nosso cérebro arranjar uma desculpa para cairmos na tentação. Mas já vi que precisa de um desafio maior e como é fácil resistir a uma tentação quando ela está longe, eu proponho que a Alice compre várias embalagens de gelado e ponha-as no seu frigorífico. Depois comprometa-se consigo mesma a resistir. Aceita a sugestão?

— Claro que sim. E agora? Qual é o próximo desafio?

— A seu tempo lhe direi. Um passo de cada vez. Vamos?

Não podia deixar de lhe estar grata pelo cuidado que tinha em ensinar-me cada uma daquelas lições e também pela forma como o fazia. Não se limitava a dizer-me o que fazer e a mandar-me embora, também ele punha muito do seu tempo e esforço naquele caso como se fosse dele, mesmo não tendo obrigação nenhuma de o fazer.

— Estou em dívida para consigo por me ajudar. Como é que lhe

posso pagar? *Perguntei assim que regressámos à loja.*

— Não me deve nada. Faço-o porque acho que seria um desperdício não usar os dons que a vida me deu para deixar este lugar um pouco melhor do que quando o encontrei.

— Eu compreendo, mas eu também não me sinto bem em estar a tomar o seu tempo e não retribuir de forma nenhuma. Deixe-me pelo menos ajudá-lo, aqui na loja, por exemplo. Eu posso vir cá nem que seja uma hora ou duas de vez em quando.

— Não é preciso, já tenho cá o Rodrigo, que me chega e sobra.

— Eu não vou continuar a aceitar a sua ajuda se não aceitar a minha. Eu posso arrumar a sua biblioteca lá atrás, por exemplo. Vi que tem lá os livros todos amontoados e desorganizados.

— É melhor não. Tenho lá livros muito importantes.

— Eu sou cuidadosa. Pode ser? Ficamos assim combinados?

Ele ficou pensativo, mas, antes que me respondesse, o seu telefone começou a tocar e foi atender. Quando desligou a chamada, não vinha com uma expressão muito animadora.

— Era o Rodrigo. *Disse o Artur.* Parece que afinal está doente e que amanhã também não vai poder vir trabalhar.

Aquela notícia deu-me um abanão. De repente senti uma onda de culpa apoderar-se de mim e ao mesmo tempo uma enorme vontade de o ver e saber como ele estava. Depois lembrei-me ainda de que ele estava sozinho em casa e podia precisar de alguma coisa. O meu instinto foi claro, tinha de ir ao seu encontro.



Lembrava-me de onde o Rodrigo morava, até porque ele fez questão de me dizer no dia da festa no seu bairro, e foi para lá que me dirigi sem sequer pensar se o devia fazer ou se ele estava mesmo em casa naquele momento. Só quando parei o carro em frente ao prédio onde me tinha dito que vivia é que me caiu a ficha e comecei a questionar-me porque é que o tinha feito. Até àquele momento tinha-me deixado mover pelo impulso de que seria algo gentil da minha parte e o mínimo que eu podia fazer por ele tendo em conta que, indiretamente, estava assim por minha causa. Contudo, quando parei o carro, comecei a ponderar a ideia de que aquela minha preocupação talvez fosse uma desculpa que o meu cérebro arranjou para cair na tentação de o procurar. Tal como o Artur tinha demonstrado minutos antes com o gelado. Mas, se era ou não, já não iria fazer diferença, porque depois de ter ido até ali não iria voltar para trás. Saí do carro, calculei mais ou menos qual seria o número do apartamento que ele me indicou e toquei à campainha.

— Quem é? *Perguntou uma voz pelo intercomunicador que facilmente percebi que pertencia ao Rodrigo.*

— É a Alice. Soube pelo senhor Artur que estavas doente. Fiquei preocupada e vim saber se precisas de alguma coisa.

O silêncio que fez do outro lado denunciou a sua surpresa.

— Queres subir? Vou abrir-te a porta da entrada.

A porta abriu-se e eu subi as escadas. À medida que ia subindo, apercebi-me de que o meu batimento cardíaco acelerava e não era por causa do esforço físico. Quando cheguei ao apartamento, bati à porta, mas ainda demorou a abri-la. Estava com uma *T-shirt* e uns calções vestidos e os olhos eram reveladores da sua maleita.

— Não me digas que estavas a arrumar a casa. Não era preciso, não pretendo entrar, só passei cá para saber como é que estás.

— Como deves imaginar, não esperava visitas. Muito menos a tua. Tive de dar um jeito rápido aqui ao espaço. *Sorriu envergonhado.* Mas, como é óbvio, vou convidar-te a entrar.

Olhei para as escadas e depois para ele, que, entretanto, já se

tinha afastado para eu entrar, e acabei por aceitar o convite.

— Constipaste-te, não foi? O que é que sentes?

— Dói-me um pouco o corpo e a garganta. E sinto a cabeça pesada. Mas já tomei um comprimido e sinto-me melhor.

— Andas a automedicação-te? Deixa-me ver o remédio.

— Porquê? Não me digas que és médica.

— Não, mas sou quase farmacêutica. Vá! Mostra-me.

Ele foi até à sala, pegou na caixa e entregou-me.

— Isto não te deverá fazer nada. O melhor é ires ao médico.

— Eu não gosto de médicos. Agora tomei este remédio e vou esperar a ver se me cura. Se não curar, depois logo se vê.

— Não precisas de te armar em herói. Se estás doente, vais ao médico. Ponto. A automedicação é perigosa.

— Esse é o teu lado de farmacêutica a falar. Eu percebo o que estás a dizer e eu prometo que, se não ficar bem, vou ao médico.

— Tens algum termómetro aqui em casa?

— Tenho. Está ali pousado na bancada, mas eu já medi a minha temperatura e está dentro dos valores normais.

— Aposto que a mediste depois de teres tomado o remédio, é claro que não ia acusar febre. Vamos fazer assim, Rodrigo. Vamos esperar que o efeito passe e eu vou medir a tua temperatura. Se tiveres febre, vou levar-te ao hospital sem direito a reclamação.

— Isso significa que vais ficar aqui a fazer-me companhia o resto do dia? *Perguntou-me com um ar animado.*

— Pelo menos até ao efeito do remédio passar e eu verificar se tens ou não febre para depois decidir o que fazer contigo.

— E se eu te disser que acabei de tomar o remédio e que o efeito dele dura doze horas, vais ficar aqui até amanhã de manhã?

— Se me disseses isso, seria apenas ridículo, porque acabei de te dizer que sou quase farmacêutica e sei que o efeito desse remédio deve terminar dentro de poucas horas. Lamento desiludir. Alimentaste-te durante o dia? Bebeste muita água?

— Comi qualquer coisa há umas horas. Mas, para além das dores, também estou com algumas náuseas que me tiram o apetite.

— Mas tens de te alimentar e hidratar, mesmo contra a tua vontade. Não me importo de preparar qualquer coisa para comeres. Tu e eu, já que vou ficar aqui nas próximas horas.

— Eu posso cozinhar, não sou nenhuma criança.

— Tudo bem, então eu ajudo-te. Onde é que fica a cozinha?

Parecia surpreendido com a minha abordagem, eu própria estranhei aquele meu à-vontade, mas ele não disse nada e limitou-se a apontar com a mão na direção da cozinha. Fomos até lá e

começámos a preparar uma sopa em conjunto

— Já te disse que gosto quando te preocupas? *Questionou.*

— O que é que isso tem de bom? Se me preocupo é porque há motivos e se há motivos é porque algo está mal.

— A preocupação é a manifestação mais simples de amor. Já pensaste nisso? E não tem necessariamente de ser porque algo mau aconteceu ou pode vir a acontecer. Quando te preocupas demonstras que te importas. E só quem ama se importa.

— Estás a querer dizer alguma coisa com isso, Rodrigo?

— Estou apenas a querer dizer que tens um bom coração.

— Não estou certa se isso é um ponto a meu favor. Aliás, acho que o meu mal é mesmo esse. Ser demasiado boazinha. Cuidar de mais. Gostar de mais. Isso tem atraído muitas pessoas interesseiras que até agora só me trouxeram dissabores.

— É só uma questão de ajustares esse filtro.

Estava a cortar uma cenoura e parei para olhar para ele.

— Que filtro é esse? E como é que eu o ajusto?

— Podes atrair sem querer essas pessoas, mas isso não implica que as tenhas de deixar entrar na tua vida. Tens de montar um bom muro de proteção à tua volta para chegar até ti apenas quem realmente se esforça. E só quem quer muito se esforça. Assim saberás que quem entra na tua vida quer realmente estar nela e talvez assim as desilusões não sejam tantas. Não lhes podes facilitar o trabalho, tens de manter sempre a fasquia elevada.

— O problema é que me apaixono e estrago tudo. Já não há exigência para ninguém e as migalhas que vierem são bem-vindas. Eu sei que é ridículo, mas o que é que eu vou fazer? Sou assim. Eu gosto de cuidar, gosto mesmo, mas também gostava que cuidassem de mim. Será pedir demasiado? Será pretensiosismo da minha parte querer reciprocidade nesse aspeto?

— Eu acho que o teu problema não é apaixonares-te. É achares que, por gostares de uma pessoa, tens necessariamente de ficar com ela. E não tens. Só tens de ficar se isso for bom para ti e para ela. Se for recíproco e saudável para ambos. Se não for bom ou se for e, entretanto, deixar de o ser, então cada um segue o seu caminho. Mais tarde hão de gostar de outras pessoas. O coração é reutilizável, por isso consegue amar de novo. Não é preciso dramatizar.

— Já vi que tens uma forma muito descontraída de encarar estas coisas. Também gostava de ser assim.

— Isso é fácil de conseguir, basta conviveres mais comigo.

Ficámos a olhar um para o outro em silêncio e só quando me apercebi do friozinho na minha barriga é que despertei.

— Eu nem sei porque é que estou a falar destas coisas contigo. Eu só vim aqui para o caso de precisares de alguma coisa, que fique bem claro. Dá-me esses legumes, eu trato do resto.

Assumi as rédeas daquela tarefa para dar a ideia de que estava demasiado ocupada para prestar atenção a assuntos que não envolvessem aquela refeição e o Rodrigo colaborou.

— As opções que tenho de sobremesa é que não devem ser muitas. *Disse ele enquanto observava o interior do frigorífico.* Tenho fruta, gelatina... Ah! E gelado. Já me esquecia.

Não contive uma gargalhada pela ironia daquele pormenor.

— Disse alguma coisa de engraçado?

— Não! Nada! São coisas minhas. Por mim, fruta está bem.

Terminámos de preparar a sopa e sentámo-nos para comer. Ainda que com muito esforço, o Rodrigo conseguiu comer um prato de sopa e eu senti-me um pouco mais realizada.

— É um risco viveres sozinho. *Comentei com ele.* E, para piorar, não tens muito contacto com a tua família. Se te acontece alguma coisa aqui dentro, ninguém sabe de nada.

— Tenho o meu patrão. Ele daria logo pela minha falta.

— No dia seguinte. E isto se não fosse a um fim de semana.

— Se estás assim tão preocupada, tens bom remédio, podes mudar-te para cá ou então visitar-me todos os dias.

— Vejo-te na loja quando lá for. Chega perfeitamente.

Lancei-lhe um sorriso irónico e levantei-me para arrumar a mesa, aproveitando, mais uma vez, para inverter o rumo da conversa. Ele nunca se escusou a esconder o seu interesse, mas eu preferia manter-me na expectativa, até porque eu nem sabia se era mútuo. No entanto, sabia que se alimentasse aquele assunto não tardaria muito a dar por mim em terrenos pouco seguros e, por isso, o melhor era resguardar-me. Arrumámos a cozinha juntos e nos minutos que se seguiram falámos de mim, falámos dele, mas nunca de nós. Contudo, fui-me apercebendo de que cada vez com mais frequência o Rodrigo levava a mão à testa. No início pensei que fosse um tique seu, mas depois percebi que poderia ser a febre a voltar e ele estava a tentar arrefecer a testa com a mão sem se aperceber. Fi-lo pôr o termómetro e as suspeitas confirmaram-se.

— Estás com trinta e nove graus de febre, Rodrigo.

— Achas que já dá para estrelar um ovo na minha testa?

— Não é hora para fazer piadas! Já sabes o que vamos fazer, por isso calça-te ou troca-te e vamos para o hospital.

O Rodrigo foi ao quarto buscar um casaco, calçou-se e fomos no meu carro para o hospital. Assim que passou pela triagem nas

urgências foi para a sala de espera e eu acompanhei-o.

— Acho que depois de hoje ficamos quites. *Murmurou.*

— O que é que queres dizer com isso?

— Estavas em dívida para comigo desde o dia em que te dei boleia e te salvei heroicamente de um grupo de mafiosos. *Deu uma gargalhada sem entusiasmo.* Gostava de ter gastado essa ficha de uma forma diferente, mas não me posso queixar.

— Na verdade, tu gastaste essa ficha quando eu aceitei dar-te uma nova oportunidade de provares que eu estava errada em relação a ti. Por isso, fica tranquilo, foi de uma forma diferente

O Rodrigo ia fazer um comentário quando surgiu um médico à entrada da sala de espera a chamar por ele. Levantou-se, acompanhou o doutor e eu fiquei à espera que regressasse. Não muito tempo depois entrou um enfermeiro na sala a empurrar uma senhora idosa numa cadeira de rodas. Fiquei a observar a forma carinhosa como ele cuidava da senhora e achei-o extremamente enternecedor. Entretanto o seu olhar cruzou-se com o meu e reagiu como se me tivesse reconhecido. Só depois de o olhar com mais atenção é que percebi de quem se tratava. Era o Gustavo.



Trocou mais algumas palavras com a senhora que havia trazido para a sala de espera e depois dirigiu-se para mim. Eu conseguia associar o nome ao rosto, pois o Artur tinha-me falado dele, no entanto, depois do esquecimento, ninguém me informou que o Gustavo era enfermeiro e que trabalhava naquele hospital. Nesse momento percebi que talvez fosse uma informação relevante para ter sido guardada, uma vez que eu dispensava aquele reencontro. Comecei a ficar atrapalhada e sem saber como devia reagir. Se demonstrasse que não me lembrava dele, talvez achasse que eu estaria louca, mas se tentasse disfarçar a minha falta de memória provavelmente iria passar a mesma imagem. Restava-me improvisar.

— Estás bem? Aconteceu alguma coisa? *Perguntou assim que chegou junto de mim.* Não esperava encontrar-te aqui.

— Não! Não! Vim só acompanhar uma pessoa amiga.

— Fico mais descansado. *Olhou em volta e fez um compasso de espera antes de continuar.* Acho que ficaram muitas coisas por esclarecer do nosso último encontro. Devíamos ter falado.

— Não faz mal nenhum. Está tudo bem. *Limitei-me a dizer.*

— Penso que ficaste com uma ideia errada a meu respeito.

— Não. São coisas que acontecem. *Atirei aleatoriamente.*

— A Ana também está de serviço hoje. Se a quiseres ver, eu posso ir chamá-la. Ela gostou muito de te conhecer e ficou preocupada por teres desaparecido daquele jantar sem avisar.

Comecei de imediato a pesquisar nas minhas memórias um rosto para ligar àquele nome e àquele jantar, e, ainda que de uma forma muito desfocada, consegui encontrá-lo. Contudo, não encontrei nenhum sentimento concreto associado a ele.

— Pede-lhe desculpa por mim quando estiveres com ela.

— Claro que sim! Como é que tens estado?

— Bem. Estou a fazer a minha vida normalmente. E tu?

— Também. *Respondeu pensativo.* Pareces distante.

— Mas não estou. Acho que estou normal.

Não sabia que outra conversa podia ter com ele sem revelar que não me lembrava de nada do que se tinha passado. Parecia uma daquelas conversas de ocasião que temos quando reencontramos alguém que outrora foi muito importante para nós, mas que já não é mais. Sentia-me desconfortável, mas, ao mesmo tempo, sentia uma conexão com aquele Gustavo. Embora não me lembrasse do que tinha vivido e sentido por ele, apercebia-me de que havia uma ligação energética forte entre nós. E isso estava a deixar-me confusa no momento de decidir se era mais afável ou distante.

— Parece que já sou passado para ti. Acho estranho. Só isso.

— Não sei. Talvez. Sabes que tudo tem o seu tempo...

Entretanto, o Rodrigo chegou, segurando uma receita, e ficou do nosso lado a encarar-nos. De repente ficámos a olhar todos uns para os outros durante três segundos constrangedores.

— Sentiste-te mal? *Perguntou o Rodrigo.*

— Não! *Respondi com prontidão.* É o Gustavo, um conhecido meu que trabalha aqui no hospital. Estávamos só a conversar.

— Ah! Agora entendo... *Murmurou o Gustavo, olhando-me de lado.* As melhores. *Disse antes de se afastar.*

Voltou para junto da senhora de cadeira de rodas, mas senti que ficou a observar-nos enquanto abandonávamos a sala. Tinha sido um encontro estranho por ter sentido uma ligação energética sem que houvesse memórias que a sustentassem, mas não conseguia sentir muito mais do que essa estranheza. Tinha a perceção de que a importância do que acabava de acontecer era maior do que aquela que eu lhe estava a dar, mas não podia, e acima de tudo não queria, dedicar muita atenção a esse assunto. Não só porque estava na companhia do Rodrigo e não me parecia muito confortável, mas também porque me lembrei do que o Artur me disse sobre os motivos que me levaram a decidir esquecer aquela pessoa. À saída do hospital, parei na farmácia para o Rodrigo comprar o remédio e fomos embora. Quando estacionei ao fundo do prédio dele, senti que a minha missão estava cumprida e já nem tirei o cinto.

— Estava aqui a pensar. *Começou o Rodrigo.* Se eu já tinha gastado a minha ficha, isso significa que depois do que fizeste por mim hoje sou eu que passo a estar em dívida para contigo.

— Bom... Uma vez que estás assim indiretamente por minha causa, isto era o mínimo que eu podia fazer para te compensar. Por isso, parece que ninguém deve nada a ninguém.

— Confesso que preferia ficar a dever-te alguma coisa. Sempre tinha uma desculpa para nos voltarmos a cruzar.

— Não te preocupes que ainda nos vamos cruzar algumas vezes e não será necessário desculpas. Agora despacha-te a tomar esse remédio. Ah! E não te esqueças: é para tomar até ao fim.

— Com certeza, senhora farmacêutica. *Preparou-se para sair do carro e percebeu que eu não o acompanhava.* Não vens?

— Para quê? Acho que sabes como tomar o remédio.

— Sei como tomar o remédio, mas não sei se vai fazer efeito.

— Claro que vai. Dentro de uma hora já te vais começar a sentir melhor. Além disso, já está a ficar tarde, tenho de me ir embora.

— Se é só uma hora, não te vais atrasar muito. Uma vez que te ofereceste para me ajudar, então já agora ajudas até ao fim.

— Mas o que é que eu posso fazer mais?

— Companhia. *Finalizou, antes de sair do carro.*

Revirei os olhos, rendi-me e acompanhei-o. Não sabia se era por culpa da sua excelente capacidade de persuasão ou se por no fundo eu também querer continuar na sua companhia, a verdade é que mais uma vez ele conseguia convencer-me. Ia a pensar nisso enquanto subíamos as escadas que davam acesso ao seu apartamento e, por consequência, o encontro com o Gustavo veio-me à memória. Comecei a refletir sobre o que tinha acontecido naquela noite até ao momento e, por sua vez, nas sensações que tinha tido, e alguns degraus depois foi inevitável chegar a uma pergunta: estaria eu a resolver um problema ou a meter-me noutra? Quando chegámos ao apartamento, o Rodrigo foi à cozinha tomar o remédio e eu sentei-me no sofá, liguei a televisão e fiquei à sua espera.

— Posso oferecer-te alguma coisa para comeres? *Perguntou quando regressou à sala, ainda a segurar o copo de água.*

— Estou bem. Só quero que tu também fiques bem para eu me ir embora. A minha mãe já está a perguntar por mim.

— Ei! *Exclamou o Rodrigo e sentou-se do meu lado.* Eu não quero que estejas aqui contra a tua vontade.

— E eu não estou contra a minha vontade, o que é certo é que é meia-noite e eu estou sozinha contigo no teu apartamento. Partindo do princípio de que somos apenas dois conhecidos, isto faz-me sentir que estou a fazer algo que não devia. Só isso.

— Achas que não devias apoiar um amigo num momento em que ele está frágil? *Perguntou com um tom sarcástico.*

— Não comeces com esses jogos de persuasão, Rodrigo.

— Estava só a tentar que te sentisses menos culpada. Mas, sendo assim, vamos. *Levantou-se.* Eu acompanho-te ao carro.

Agarrei-o pelo braço e fi-lo sentar-se de novo.

— Não vamos a lado nenhum. Se há bocado fiquei contigo até o

remédio deixar de fazer efeito, agora vou ficar até fazer efeito. Assunto encerrado. Posso achar que não devo estar aqui, mas a verdade é que se for embora vou sentir um peso na consciência.

Recostou-se, pegou no telecomando e mudou de canal.

— Já que insistes, eu não me oponho. *Sorriu.* E já que vamos ficar por aqui, explica-me uma coisa. Quando estávamos lá em baixo no carro, disseste que ainda nos íamos cruzar algumas vezes e que não seria necessário desculpas. O que querias dizer com isto?

— Ah! É que eu também estou em dívida para com o senhor Artur. Ele tem-me dado conselhos valiosos que me têm ajudado muito e eu quis retribuir. Como ele não aceita dinheiro e para ajudante bastas tu, eu ofereci-me para lhe organizar a biblioteca. Por isso é provável que nos continuemos a encontrar.

— Muito bem! Uma bela estratégia que arranjaste para me veres mais vezes, mas não era preciso tanto. Bastava chamares. *Dei-lhe um beliscão no braço.* Talvez assim consigas desvendar os mistérios que o Artur tanto se esforça para manter.

— Mistérios? Mas quais mistérios? *Perguntei, intrigada.*

— Eu acho que o Artur está a tentar esconder algo acerca do seu passado. Algo que o perturba bastante.

— Se esconde é porque não quer que se saiba. E se é algo que pertence à sua privacidade, só nos resta respeitar.

— Depende. Se é algo que o está a afetar, nós como pessoas amigas mais próximas temos o dever de ajudar. Certo?

— Mas o senhor Artur não tem família? Mulher? Filhos?

— Era aí que eu queria chegar. Eu sei que ele perdeu a mulher. Ele costuma falar-me dessa perda, mas nunca falou de como ela aconteceu. Percebi que é um tema sensível e nunca quis tocar nele. Quanto aos filhos, ele nunca falou de nada. Não sei se tem. Por isso, eu desconfio que possa ter algo a ver com a perda da mulher.

— Talvez, mas até que ponto o dever e a vontade de ajudar justificam ultrapassar a barreira da sua privacidade?

— É uma linha muito ténue. Eu sei. Mas não temos de a ultrapassar. Se vais organizar a biblioteca dele, talvez encontres por lá qualquer coisa que nos ajude a perceber o que se passa. Não vamos propriamente entrar na sua casa sem autorização. Na biblioteca deve haver algum segredo guardado. O que achas? Alinhas?

Achei melhor não lhe dar uma resposta concreta para não me comprometer e acabei por mudar de assunto. Continuámos a conversar noite dentro, mas como estava a dar um filme na televisão, a dada altura começámos a prestar mais atenção ao filme do que à conversa. Quando terminou, o Rodrigo já se sentia melhor.

— Bem! Acho que já me posso ir embora sem correr riscos de ficar com a consciência pesada. *Disse enquanto me levantava.*

— Eu acompanho-te até ao carro. *Ofereceu-se.*

— É melhor não. Está frio lá fora e não podes correr riscos.

— Então eu controlo-te da janela só para ter a certeza de que não te acontece nada nos cinco passos até ao carro. *Limitei-me a sorrir como forma de agradecimento.* E obrigado! *Acrescentou.* Gostei que tivesses cuidado de mim este bocadinho.

Saí à rua, olhei para o apartamento e dissemos adeus um ao outro antes de entrar no carro. No dia seguinte, enquanto dava mais uns passos em direção ao fim do meu relatório de estágio, não parava de pensar no Rodrigo e no que ele me tinha dito acerca do Artur. Tinha ficado reticente em relação ao alerta em forma de desafio que me tinha dado, mas a curiosidade misturada com a preocupação apoderavam-se de mim sempre que me lembrava da conversa. Depois de tanto me preocupar comigo, com o Rodrigo e com o Gustavo, talvez estivesse na hora de também me lembrar da pessoa que, no fundo, nos ligava a todos. Decidi, por isso, não demorar mais tempo e passar na loja nesse dia. Foi com agrado que, quando entrei, encontrei o Artur, mas também o Rodrigo atrás do balcão, totalmente recuperado e com o seu habitual sorriso. Reagimos como se não estivéssemos estado juntos na noite anterior, assumindo-o automaticamente como um segredo nosso. Ainda que as últimas horas estivessem bem vivas nas nossas memórias, ambos sabíamos o que me tinha levado ali.

— Então, senhor Artur? Já pensou na minha proposta? Sempre posso ajudá-lo a organizar a sua biblioteca?



— Já tínhamos falado sobre isso, Alice. Eu entendo que queira retribuir, mas já expliquei que não é necessário. A minha biblioteca está desorganizada, mas sei onde estão as coisas. E se a arrumar vai tirar tudo do lugar. Por isso é melhor deixar como está.

— Depois de lhe arrumar os livros, tenho a certeza de que conseguirá encontrá-los só através da intuição. Pode confiar em mim. Aliás, eu passo os meus dias dentro da biblioteca da faculdade. Acabei de vir de lá. Sei o que estou a fazer.

Olhei para o Rodrigo e o nosso sentimento foi mútuo, depois decidiu também ele dar uma ajudazinha à sua maneira.

— Deixe a Alice ajudá-lo, Artur. A não ser que tenha lá alguma coisa que não se possa saber. *Provocou ele.*

O senhor Artur olhou para um e para o outro e depois de um curto momento de reflexão comprimiu a boca e fez-me sinal com a cabeça para que o acompanhasse. Fui atrás dele e, ao passar pelo balcão, o Rodrigo lançou-me um sorriso vitorioso. Naquele momento senti-me entusiasmada com o desafio, mas, ao mesmo tempo, com um certo sentimento de culpa. A intenção inicial era apenas retribuir o tempo e o esforço que o Artur tinha dedicado ao meu caso, mas, depois do que me contou o Rodrigo, era como se a organização dos livros passasse para segundo plano.

— Este espaço é mais importante para mim do que a loja, sabe? *Desabafou o Artur quando entrámos na sua biblioteca improvisada.* A loja dá-me o dinheiro que eu já não preciso, mas este espaço dá-me o conhecimento que nunca me há de sobrar.

— Não se preocupe. Tomarei bem conta dele. Antes de começar, há algum cuidado especial que quer que eu tenha?

Ficou pensativo e depois aproximou-se do armário que ficava mais próximo de uma das poltronas e abriu as suas portas.

— Sim. Não mexa nos livros destas prateleiras. Não são meus. De resto, pode organizá-los como achar conveniente.

— São da sua mulher? *Perguntei e arrependi-me logo.*

Ele virou-se para trás e ficou a encarar-me.

— Porque é que diz isso?

— Não sei. Não sei. *Respondi atrapalhada.* É só porque pelo que percebo daqui parecem ser romances. Normalmente são mais as mulheres que leem esse género literário. E uma vez que me disse que não eram seus, foi a primeira ideia que me veio à cabeça.

Voltou-se de novo para o armário, olhou os livros durante mais algum tempo e fechou a porta. Depois baixou a cabeça e apoiou as mãos no encosto de uma das cadeiras. Do outro lado da mesa que nos separava, eu já me ia preparando para uma resposta seca.

— Sim, são... *Murmurou de uma forma quase impercetível.* Ela adorava esse género de livros. Sempre foi muito romântica. E eu sempre me esforcei por o ser. *Olhou para a poltrona ao seu lado.* Ela costumava sentar-se aqui a ler, por isso é que os livros dela estão todos neste armário. Daquele lado ficava eu. *Apontou com a cabeça para a poltrona no outro canto da sala mais próximo de mim.* Como estas portas são todas em vidro, permitem a entrada de muita luz natural e é ótimo para se ler. Às vezes passávamos aqui tardes inteiras. Era uma forma diferente de convivemos e de passarmos as horas de menos movimento na loja.

— Era ela que o ajudava na loja antes do Rodrigo?

— Quando dizem que em casa o homem ajuda a mulher ou a mulher ajuda o homem, parece que a obrigação é apenas de um deles. Mas na casa de um casal não pode haver a ideia de que este ajuda aquele porque ambos fazem parte da mesma equipa e têm as mesmas responsabilidades e obrigações. O mesmo acontecia aqui na loja. Por isso digo que éramos colaboradores um do outro.

— Foi há muito tempo? *Arrisquei perguntar.*

— Que diferença faz? A falta é para sempre.

— Mas a dor não tem necessariamente de ser. Certo?

Voltou a ficar em silêncio e olhou para o jardim.

— Sim, é verdade. Quando se perde alguém, o espaço que essa pessoa ocupa dentro do nosso coração é substituído pela dor da sua falta. E à medida que o tempo passa, a dor também vai passando, mas a falta fica para sempre. Contudo, ela é apenas a lembrança da dor, mas não a dor em si. É a cicatriz, mas não a ferida.

— As pessoas dizem que a dor não passa. Nós é que apenas nos habituamos a ela. Será mesmo assim?

— É uma forma diferente de dizer o mesmo. As pessoas têm a tendência para se martirizarem e carregarem a dor como forma de punição ou de vitimização. É como já lhe expliquei, tudo depende de como a pessoa trata essa ferida. Se souber aceitar a perda, ela

acabará por sarar com o tempo. Mas se não aceitar e escolher culpar a vida, alguém ou a si mesma, essa dor acabará misturada com a raiva e outros maus sentimentos e transformar-se-á em mágoa. E a mágoa é muito mais persistente e duradoura do que a dor.

— A pessoa mais próxima que eu perdi foi a minha avó, mas eu era muito nova e não me lembro de quase nada. Como é que o senhor tem feito para superar uma perda dessas?

— A perda faz parte. Todos nós vamos perder pessoas mais tarde ou mais cedo. E se não perdermos ninguém significa que alguém já nos perdeu a nós. Mas eu esforço-me para me lembrar de que isto vai muito além daquilo que se vê e de que há um propósito maior para tudo ser como é. Bem! Agora vou voltar para a loja, que já devo ter clientes à minha espera. Mas antes de se ir embora lembre-me de falar consigo a propósito do novo desafio.

— Com certeza. Eu irei lembrá-lo, mas não chegou a responder à minha pergunta. *Disse-lhe, antes que saísse da sala.*

Parou à porta e virou-se ligeiramente para me responder.

— Há cerca de um ano. Bom trabalho.

O Artur abandonou definitivamente a sala e eu fiquei sozinha a olhar em volta para aquelas centenas de livros empilhados sobre a mesa, nos armários e até no chão. Ainda que não os fosse catalogar, precisava de os ver um a um para poder organizá-los, pelo menos, por géneros literários. E, dada a quantidade de livros, não era um trabalho que se cumpria num único final de tarde. Pelo meio esperava encontrar alguma pista que revelasse qualquer coisa acerca dos possíveis mistérios do Artur de que o Rodrigo me havia falado, mas não saber exatamente o que procurava era meio caminho andado para não encontrar nada. Ainda tinha aproveitado as circunstâncias para explorar um pouco a história do Artur e da sua mulher, mas não descobri muito mais do que aquilo que já sabia. Não me restava outra coisa que não fosse arregaçar as mangas e pôr mãos à obra, acreditando que, se fosse para encontrar alguma coisa, eu encontraria. Comecei por me dedicar aos livros que estavam fora dos armários, espalhados pela divisão, e comecei a dividi-los por géneros, fazendo uma pilha para cada um em cima da mesa. Rapidamente deu para perceber que o monte de livros sobre desenvolvimento pessoal, psicologia, espiritualidade e semelhantes começava a destacar-se dos demais. O único que conseguia rivalizar com ele era a pilha de livros sobre botânica, o que eliminava as dúvidas que pudessem haver sobre as suas duas gran-des paixões: as plantas e a mente humana. No entanto, o espaço que eu tinha pré-reservado sobre a mesa para a categoria de romance continuava desocupado e isso fez-me olhar

para o armário onde estavam os livros da sua mulher. Olhei depois para a poltrona onde ele tinha dito que ela se sentava a ler e reparei que, de todos os móveis da divisão, excetuando as cadeiras da mesa central, era o único que estava desocupado. Todos os outros ou tinham livros ou outros objetos, inclusive a poltrona do Artur, e isso começou a deixar-me intrigada. Naquele momento, a divisão dos livros ficou para segundo plano e o meu objetivo passou a ser recolher mais pistas. Pousei os livros, olhei para a porta, só para me certificar de que ninguém estava a olhar, o que me fez sentir que estava a fazer algo de errado, e comecei a abrir as portas dos armários. Encontrei mais livros, peças e instrumentos de costura, alguma louça de porcelana, mas nada que aumentasse ou diminuísse a minha curiosidade. Até que uma das portas de madeira chamou a minha atenção por ter uma gravura no formato de trevo que cobria toda a área. Tentei abri-la, mas não consegui. Experimentei abrir as portas que ainda não tinha verificado e todas abriram. Aquela era a única que estava trancada. A meia altura do móvel havia uma fila de gavetas e abri a gaveta imediatamente abaixo daquela porta na esperança de encontrar alguma chave, mas só encontrei linhas de costura. Voltei a fechá-la, encostei-me na mesa e nesse momento entrou o Rodrigo de olhos arregalados.

— Encontrei alguma coisa? *Perguntou entusiasmado.*

— Não fales assim! Parece que estou a roubar alguma coisa e eu já me sinto mal o suficiente por andar aqui a abrir portas e gavetas. E se o senhor Artur nos encontra aqui pode desconfiar.

— Ele está ocupado com um cliente. Não irá aparecer agora. Além disso, venho aqui muitas vezes. Tu é que pensas que estás a fazer algo de errado e isso deixa-te desconfortável.

— Penso e estou mesmo. Eu vim para arrumar os livros, não para remexer nas gavetas. Mas, respondendo à tua pergunta, não, não encontrei nada propriamente dito, mas vi algumas coisas que me intrigaram, a começar por aquela poltrona.

— É a poltrona dele. O que é que ela tem?

— Não... é a poltrona da sua mulher. A dele é aquela que está cheia de tralha. Mas o que acabas de me dizer só vem reforçar a minha teoria. Também reparei que ele mantém intactos os livros dela. Ou seja, ainda está tudo como ela deixou.

— Deve estar a querer preservar as suas memórias.

— Pois, se calhar o problema é mesmo esse.

— Mas afinal que teoria é essa de que falas?

— É só uma hipótese. Ainda é cedo para partilhar contigo.

— A sério que me vais fazer isso, Alice?

— Vou! Diz-me antes tu uma coisa, sabes o que é que está atrás desta porta? É que é a única que está trancada.

— Não faço ideia. Nunca vi o Artur a mexer nela, mas achas que pode ter alguma coisa a ver com o que procuramos?

— Espero bem que sim, senão vou sentir-me ainda pior.

— Já viste se a chave está aqui nas gavetas?

— Vi na gaveta de baixo, mas só tem linhas de costura.

— Então vamos procurar nas outras gavetas uma chave qualquer. Estas chaves são todas muito básicas, mesmo que não seja a chave desta porta pode abri-la na mesma.

— E se o Artur aparece e nos vê a mexer nas gavetas?

Correu até à porta e espreitou para o interior da loja.

— Ele ainda está ocupado com o cliente. Começa nessa ponta, que eu começo nesta. *Sussurrou ao abrir uma das gavetas.*

A forma como ele falou deixou-me nervosa, mas fiz como ele sugeriu. No entanto, quando ia para a terceira gaveta, dei pelo Rodrigo a olhar atentamente para uns jornais que tinha tirado de uma das gavetas e fiquei ainda mais impaciente.

— A sério, Rodrigo? A ler jornais agora? *Protestei.*

— Desculpa! *Levantou as mãos.* Estava só curioso.

Voltou a concentrar-se na tarefa e pouco depois soltou um gemido que chamou de novo a minha atenção. Olhei para ele e vi-o com um ar intrigado a olhar para o interior de outra gaveta.

— Parece que já tenho a pista que me faltava.



— De facto, ninguém melhor do que tu para me falares sobre isto. *Comentou o Rodrigo enquanto olhávamos para o interior da gaveta repleta de medicamentos.*

Antes de lhe responder, peguei numa das caixas para poder ver mais de perto e confirmar que era aquilo que eu pensava.

— Estes medicamentos são usados para tratar a depressão.

Ficou a olhar para mim e para a caixa que eu segurava.

— O Artur está com depressão? É essa a tua teoria?

— É a hipótese mais forte. A poltrona intacta, assim como os livros na estante, pode significar que ele ainda não aceitou a perda. Ela era a companheira da sua vida, por isso é compreensível, até porque ainda é recente. Mas estes medicamentos não enganam, todos eles estão direta ou indiretamente ligados à depressão. Eu acho que ele ajuda as pessoas a ultrapassar os seus desgostos, mas no fundo é incapaz de fazer o mesmo consigo.

— Mas ele parece saudável. Quer dizer, de vez em quando está com um humor complicado, mas isso acontece com todos.

— É normal. Às vezes a depressão é mesmo assim. Parece que está tudo bem, mas por dentro a pessoa vai morrendo aos poucos e ninguém se apercebe. Precisamente porque muitas vezes estão sob o efeito destes medicamentos.

— Então e agora? O que é que é suposto fazer?

— Não sei, Rodrigo. É o próprio Artur que me anda a ensinar como ultrapassar fases negativas, como é que eu consigo ajudar alguém que sabe mais do que eu? O que se pode fazer é tentar que ele desabafe. Talvez seja um bom começo. O que é que achas?

Entretanto o Artur chamou pelo Rodrigo desde a loja e voltei a colocar imediatamente o remédio dentro da gaveta e fechei-a.

— Acho uma boa ideia. E também acho que és uma excelente ouvinte. *Sussurrou antes de se precipitar para a saída.*

Senti como se tivesse passado a bomba para as minhas mãos e fugido, mas compreendia a posição dele e não me importava de

assumir aquela responsabilidade. Os dois cruzaram-se à porta da sala e eu voltei a concentrar-me nos livros. Trocaram algumas palavras e depois o Artur veio ao meu encontro.

— Pensei que me ia organizar a biblioteca, afinal... *Comentou enquanto olhava em volta para a desarrumação.*

Encolhi os ombros e lancei-lhe um sorriso culposos.

— Sabe como é, para pôr no local certo, primeiro é preciso tirar do local errado. Mas prometo que no fim vai ficar bonitinho.

— Eu acredito. Vinha só avisá-la de que já vou fechar a loja.

— Claro! Já me vou embora. *Bloqueei por um momento, indecisa com o que devia dizer a seguir, mas arrisquei.* Eu estava a pensar no que me contou acerca da sua mulher e queria que soubesse que se precisar de falar e não tiver ninguém com quem o fazer pode falar comigo. Eu sei que não tenho a sua sabedoria, mas às vezes não precisamos de conselhos, de terapias ou até... de medicamentos, mas sim apenas de alguém que nos ouça. Concorda?

— Eu concordo, não estou é a perceber onde quer chegar.

— A lado nenhum! Era apenas para o fazer saber de que eu e o próprio Rodrigo estamos aqui para o caso de precisar de desabafar. *Talvez fosse melhor mudar de assunto, pensei.* Mas adiante. Disse-me que queria falar comigo sobre um novo desafio. Qual é?

Franziu o sobrolho e ficou a encarar-me com um ar intrigado.

— Quero que me faça uma lista daquilo que a define. Sejam as suas qualidades, defeitos, sonhos, gostos, medos, etc. Se é algo importante e que a caracteriza, ponha nessa lista.

Desta vez fui eu que fiquei intrigada com aquele pedido.

— Vai dizer-me qual o objetivo de fazer isso?

— Estas lições são uma simulação daquilo que você deveria aprender com o que passou, mas como anulou a dor, perdeu um forte estímulo para as aprender e eu tive de arranjar uma alternativa. Ou seja, passei a usar a curiosidade como um estímulo. Por isso, se quiser saber o porquê, faça essa lista e traga-ma.

— Com certeza. Farei isso ainda hoje, mas antes de me ir embora tenho mais uma coisa para lhe dizer. Ontem aconteceu algo que me alertou de que podia acontecer, cruzei-me com o Gustavo.

— Ai sim? E o que é que sentiu? *Perguntou receoso.*

— Foi estranho porque senti uma atração e uma conexão com ele que eu não sabia explicar. Consegui associar o rosto ao nome e por consequência ao que o Artur me disse que tinha acontecido entre nós, mas não me lembrava de nada. É normal eu sentir esta ligação por alguém que, supostamente, não conheço?

— Neste caso, sim. Repare que eu escondi as suas memórias

associadas a essa pessoa, mas há coisas que vão além da mente e dos seus sentidos que simplesmente não se explicam. Como, por exemplo, a intuição ou as ligações energéticas. Estes parâmetros não são propriamente influenciados quando as memórias são escondidas. Neste caso em concreto, havia uma ligação energética muito forte por essa pessoa porque a Alice estava conectada com ela, não só sentimentalmente como fisicamente. Além de que, se achava essa pessoa bonita e atraente quando a conheceu, provavelmente vai continuar a achar, porque agora é como se a estivesse a conhecer. Ou seja, a Alice tem uma predisposição para se apaixonar por esse rapaz. Mais agora do que da primeira vez.

— E devo ter algum cuidado em especial com isso?

— Eu diria para evitar esses encontros, porque como deve imaginar, se se apaixonar pela pessoa que escolheu esquecer, vai meter-se no dobro dos problemas e não vai resolver nada.

Assenti com a cabeça e abandonei a sala. Ao passar pela loja, olhei para o Rodrigo para me despedir dele com o olhar e ele fez-me um sinal com a mão que me deu a entender que queria que eu esperasse por ele do lado de fora. Fui até ao carro, guardei as minhas coisas e encostei-me a ele à espera. Quando o Rodrigo finalmente saiu, veio na minha direção com um ar entusiasmado.

— Já percebi! *Exultou quando chegou junto a mim.*

— Já percebeste o que se passa com o senhor Artur?

— Não. Não é sobre o Artur. É sobre ti. Já percebi de onde vem esse teu complexo com locais com muita gente.

— Porque não gosto de ser observada. Tu já sabias.

— E porque é que não gostas de ser observada?

— Não sei, talvez porque acho que me estão sempre a julgar.

— Era aí que eu queria chegar. Tudo tem uma razão de ser, e eu estava a refletir sobre isso há bocado e percebi que esse complexo pode estar associado àquele episódio que te afastou dos palcos. Tu ficaste traumatizada, não ultrapassaste o medo e isso desenvolveu uma série de limitações em ti. Nomeadamente essa.

— Pronto, Rodrigo, talvez tenhas razão. Mas essa descoberta não muda nada e só me vem fazer sentir mais culpada.

— Desculpa! Não era essa a minha intenção. Só quero que entendas que tens muito a ganhar em voltares a fazer aquilo de que gostas, porque isso irá ajudar-te a resolver outros problemas.

— E eu já ando a resolver outros problemas que por acaso neste momento são prioritários para mim.

— Não duvido, mas aposto que este problema é anterior a esses, e quem te garante que eles não estão relacionados?

- Não sei, Rodrigo. Mas o que é que queres que eu faça?
- Quero que faças o que gostas. E tu devias querer também.
- Está bem. Eu vou pensar nisso. Prometo.

Dei-lhe um beijo no rosto, meti-me no carro e fui embora. No entanto, fiz um pequeno desvio pelo caminho para ir comprar algumas embalagens de gelado e completar o primeiro desafio que o Artur me tinha dado antes de começar o segundo. Quando cheguei a casa e estava a colocá-las no congelador, apareceu o Mateus.

— O que é que trazes aí? *Perguntou desde a porta.*

— Polvo congelado. *Respondi-lhe na brincadeira por saber que não gostava, mas ele era demasiado esperto.*

— Os polvos não vêm em caixas cor-de-rosa. Deixa-me ver. *Aproximou-se e olhou para dentro do congelador.* Ena! Tanto gelado! É todo para ti? Também posso comer?

— É todo para ti e para a mãe. Eu não quero. *Disse-lhe com uma convicção que me surpreendeu a mim própria.* Se queres comer, vai buscar uma taça e uma colher.

— *Yes! Yes! Yes!* Vou já, antes que mudes de ideias.

Correu para o armário para ir buscar o que lhe tinha dito e eu própria o servi, deliciando-me com o olhar radiante dele.

— Os gelados são para ti e para a mãe, não é para comeres tudo sozinho. *Avisei-o quando ele já se dirigia para fora da cozinha.* Olha lá! Não devias estar nos treinos de hóquei a esta hora?

— Devia, mas a mãe não podia levar-me. *Respondeu entre colheradas.* Disse para eu pedir ao pai, já que foi ele que me meteu no hóquei. Eu liguei-lhe, mas ele também não podia, então não fui.

O Mateus voltou para o quarto e eu encostei-me à bancada, pus o cabelo para trás das orelhas e respirei fundo em jeito de lamento. Assim que me compus, fui ao encontro da minha mãe.

— O Mateus devia estar a esta hora nos treinos de hóquei. *Disse-lhe assim que entrei no ateliê.* E não está porque pelos vistos tu não podias e empurraste as responsabilidades para o pai porque foi ele que o incentivou a entrar para o hóquei, mas ele também não podia e agora o rapaz é que ficou prejudicado.

Fechou o computador e tirou os óculos.

— Eu tenho este trabalho para acabar até amanhã e não tinha tempo para levar o Mateus. E sabes que sem trabalho também não há dinheiro para pagar a mensalidade do hóquei do teu irmão, porque, embora tenha sido o teu pai e meter-lhe esse vício, é aqui a mãe que tem de pagar e andar com ele para trás e para a frente.

— O pai já te acusou de os tentares afastar e eu já te defendi porque acredito mesmo que não o estejas a fazer de propósito, mas

espero que também não o estejas a fazer inconscientemente.

— Filha, eu não estou a tentar quebrar esse elo de ligação entre eles os dois. Aliás, na maioria das vezes até sou eu quem leva o teu irmão aos treinos. O teu pai gosta mais é de aparecer nos dias dos jogos para se poder gabar que o filho é dele.

— Pronto, esquece, não vamos entrar por aí. Fazemos assim, quando não o puderem levar, digam-me e eu levo-o. Não me importo. Só não quero que esses vossos conflitos prejudiquem os sonhos dele. O Mateus não tem culpa de nada. Se um dia estavam sempre na fila da frente quando eu subia ao palco, então espero que façam o mesmo com o vosso filho quando ele entrar em campo. E quando digo *campo* não é apenas no sentido literal.

Fui para o meu quarto sem esperar uma resposta da minha mãe para a deixar a pensar no assunto e fui tratar da lista que o Artur me pediu. A parte dos meus gostos e defeitos até não foi difícil, mas quando cheguei à parte das qualidades encravei. Sempre que escrevia alguma qualidade sentia que me estava a autoelogiar e comecei a pensar que talvez eu não fosse a pessoa mais indicada para falar bem de mim ou não estava no estado de espírito ideal para o fazer. Decidi então deixar esse capítulo em *standby* e fui ocupar-me com outros afazeres. Entretanto a noite chegou e, quando eu já me preparava para deitar, o meu telemóvel começou a vibrar com uma chamada de um número que eu não conhecia. Quem é que me estaria a ligar àquela hora da noite?



Peguei no telemóvel e, a medo, atendi a chamada.

— Espero que já tenhas tido tempo para pensar no assunto.
Ouvir-se do outro lado da linha numa voz inconfundível.

— Onde é que conseguiste o meu número, Rodrigo? E porque é que me estás a ligar a esta hora?

— Quando me passaste o teu telemóvel para apontar nele a morada do meu bairro, eu gravei a morada nas mensagens enviadas porque enviei uma mensagem para o meu número. Por consequência, fiquei com o teu. Teoricamente também ficaste com o meu, mas já vi que não o gravaste. O que representa uma facada no meu ego, mas depois trato do curativo. Já pensaste no assunto?

— Do teatro? Não, ainda não tive tempo, mas porquê?

— Porque vamos começar a tratar disso esta noite.

— O quê? Como assim? Do que é que estás a falar?

— Anda comigo, já te mostro. Estou à porta da tua casa.

Fui à janela e vi um carro parado em frente na rua.

— Já estava a preparar-me para me ir deitar. Onde é que pensas que vou contigo a esta hora da noite?

— Pronto, então não te deites e vem ter comigo.

Soltei um suspiro, desliguei a chamada e abanei a cabeça ao perceber que, mais uma vez, ele me deixava numa posição complicada. Agarrei no essencial, saí discretamente de casa e entrei no carro do Rodrigo, onde ele me esperava sorridente.

— Não podias esperar por amanhã? *Perguntei.*

— Poder, podia, mas também teria de ser a esta hora.

— Não estou a imaginar onde é que possamos ir a esta hora que tenha a ver com o que falámos. Mas também já sei que não me vais dizer. Só te peço é que não nos metas em problemas.

— Fica tranquila. Já sabes que podes confiar em mim.

— Confio desconfiando. *Fiz uma pausa.* Pensei que só andavas

de moto. *Comentei, olhando em volta para o carro.*

— A moto é apenas para te poderes agarrar a mim.

Laçou-me um sorriso atrevido, ligou o carro e arrancou. Se da última vez nos dirigimos para fora da cidade, desta vez fomos para o centro dela, mas não sabia se isso era bom ou mau. Durante o caminho tentei que ele se descaísse e me contasse, mas fez questão de manter o segredo até chegarmos. Estacionou, por fim, atrás de um edifício bonito e imponente e percebi que era esse o nosso destino. Ao mesmo tempo, as minhas desconfianças sobre a legalidade daquilo que íamos fazer começaram a adensar-se.

— Podes explicar-me agora o que é que viemos fazer aqui, Rodrigo? Sendo que a esta hora está tudo fechado.

Chegou-se para a frente para olhar para o edifício.

— Isto é o centro cultural aqui da zona. E, como deves imaginar, no interior tem uma sala de espetáculos. É para lá que vamos.

— Mas vamos lá fazer o quê? E como é que vamos entrar se está tudo fechado? Não me digas que é o que estou a pensar!

— Lembras-te da dona Teresa? A senhora das sementes de girassol caramelizadas? Ela é empregada de limpeza na câmara municipal e tem acesso a algumas chaves. Nomeadamente à chave que abre uma das portas de serviço deste centro cultural. E, como já sabes, eu tenho uma excelente capacidade de persuasão e foi uma questão de a pôr em prática para conseguir isto.

Levou a mão ao bolso das calças e tirou uma chave.

— O facto de teres a chave não torna legal a nossa entrada naquele edifício a esta hora da noite. *Disse por entre os dentes.*

— Só deixa de ser legal se nos apanharem. Vamos!

O Rodrigo saiu do carro e eu levei as minhas mãos à cabeça a lamentar o que estava prestes a fazer. Fui atrás dele, com o coração a querer fugir-me do peito, e encontrei-o já a tentar abrir uma das portas do centro cultural, mas sem sucesso.

— Vamos embora, por favor. *Sussurrei.* Não sei se estás habituado a estes níveis de adrenalina, mas eu não. Além disso não há nada de novo que eu possa ver ou fazer aí dentro.

— Parece que voltei a pôr-te o coração aos saltos. *Disse com entusiasmo.* Queres melhor prova de que estás a viver a vida?

Apressou-se para a porta seguinte na esperança de ter mais sorte do que com a primeira e o som que ela fez depois de rodar a chave demonstrou que sim. A porta abriu-se e nesse momento o Rodrigo olhou para mim e sorriu-me de um jeito que tinha tanto de malicioso como de engraçado. Entrou e parou do lado de dentro enquanto eu continuava reticente do lado de fora.

— Se estás indecisa, eu acho melhor estares indecisa do lado de dentro para ninguém te ver. *Aconselhou.*

Apesar de tudo, ele tinha razão. Olhei uma última vez em volta para ter a certeza de que não estávamos a ser observados e entrei. Incrivelmente, senti-me mais descansada do que quando estava do lado de fora, mas nem tive tempo de desfrutar desse alívio momentâneo, pois o Rodrigo aventurou-se de imediato pelos meandros do edifício e eu tive de o seguir. A dada altura, antes de começarmos a subir uma escadaria, ele pegou-me na mão com firmeza para me proteger de algum eventual desequilíbrio e transmitiu-me através daquele gesto tão simples uma mensagem de segurança que me fez sentir uma subtil excitação. Seguiu na minha frente, iluminando o caminho com a lanterna do telemóvel e guiando-se pelas placas e pela própria estrutura do edifício, até que chegámos a uma porta que só poderia ser a da sala de espetáculos. Entrámos e eu senti que tínhamos mergulhado numa escuridão ainda maior do que aquela em que já estávamos por aquele espaço ser enorme e a luz não alcançar o fundo. Continuei de mão dada ao Rodrigo, deixando-me orientar por ele, e começámos a descer a escadaria da plateia em direção ao palco. Subimos ao palco e o Rodrigo soltou-me a mão.

— Espera aqui por mim, que estás mais segura. *Disse-me.* Vou procurar os interruptores para acender as luzes do palco.

Ainda tentei acompanhá-lo, mas rapidamente desapareceu nos bastidores e voltei a mergulhar naquela escuridão assustadora. Deixei-me ficar imóvel para não perder a minha posição e peguei também no telemóvel para ter alguma luminosidade. Pelos sons que me iam chegando dos bastidores ia imaginando o que ele estaria a fazer, até que, depois de ouvir uns estalos e uns cliques, as luzes do palco acenderam-se e iluminaram a plateia. A sensação que tive com aquela imagem foi de falta de ar. Como se me tivessem atirado um balde de água fria para as costas. Eu já sabia que estava em cima de um palco, mas a escuridão não me permitia ter acesso àquela mistura de sensações avassaladora. Depois de tantos anos, voltava a sentir-me pequenina perante aquela imensidão de cadeiras. Não chorei, mas senti os meus olhos humedecerem. Pouco depois, o Rodrigo juntou-se a mim no palco.

— Está tudo vazio e mesmo assim já dá para sentir a adrenalina. *Comentou ele.* Ou então é por não devermos estar aqui.

Soltei uma risada contida que não sei de onde me veio.

— Acho que já não me lembrava de quão boa era a sensação.

— Se continuares a aceitar os meus convites, acho que estás mesmo condenada a sentir boas sensações como esta. *Olhou-me e*

sorriu-me de lado. E, se é bom, porquê tanta demora?

— A sensação é boa, mas a última lembrança é horrível.

— A tua última lembrança em cima de um palco passará a ser esta. Por isso, essa questão deixará de fazer sentido a partir de hoje. Não está aqui ninguém que te pode julgar ou culpar a não ser tu mesma e tu já o fizeste por demasiado tempo. Não estou à espera que ultrapasasses esse teu medo hoje, e espero que tu também não, mas conto que seja o ponto de partida para o conseguires. E como temos de começar por baixo, pois então começemos com uma sala vazia. E depois é um passo de cada vez.

Olhei para ele e a calma que transparecia contagiou-me.

— Porque é que estás a fazer isto por mim?

— Porque quero que estejas bem. Não é razão suficiente?

— Mas o que é que tu ganhas com isso?

— Eu gosto de ti. Quer dizer... digamos que vou com a tua cara.

Brincou. Por isso, se tu estás bem, eu estou bem. Acho que isso é que é gostar. Se eu estiver a fazer alguma coisa por ti à espera que tu me dês algo em troca, isso não é gostar, ou amar, é interesse.

— Sim, mas para um relacionamento funcionar tem de haver uma troca contínua. Tem de haver reciprocidade.

— Claro que sim, mas gostar de uma pessoa é uma coisa, ter um relacionamento com ela é outra. Exige mais requisitos. Eu posso gostar muito de uma pessoa, mas se não funcionamos como casal, se não há reciprocidade e compatibilidade, então cada um segue a sua vida. Não é preciso forçar e insistir, até porque se não for com uma é com outra. Agora se perdermos o tempo todo com a pessoa errada, depois não sobra tempo para a pessoa certa. O mal é que as pessoas acham que é obrigatório ficarem com determinada pessoa só porque gostam dela, como se gostar fosse o único requisito exigível para um relacionamento. Mas enfim, eu vejo tanta coisa mal que eu estaria aqui toda a noite a falar sobre isso. Contudo, tu é que és a estrela de hoje e quero ver-te a brilhar.

— Brilhar como? O que é que é suposto fazer?

— Bom, se não souberes nenhum texto de cor, improvisa.

— Mas o quê? Preciso pelo menos de um cenário.

Comecei a ficar atrapalhada e ainda nem tinha começado.

— Mais do que um cenário, tu precisas é de descontrair.

— Vê bem onde nós estamos e como é que entrámos aqui. Não me parece que estejam reunidas as condições para descontrair.

Semicerrou os olhos, pensativo, e começou a olhar em volta, depois pegou no telemóvel e pôs uma música a tocar.

— A música costuma ajudar. Mas mais do que a música... *Fez*

um compasso e pousou o telemóvel no chão. A dança.

Agarrou-me pela mão e puxou-me contra o seu corpo.

— Como não viemos de moto, esta foi a melhor desculpa que arranjaste para que eu te agarrasse esta noite, confessa. *Disse-lhe, sem o olhar, com o rosto quase colado ao seu peito.*

— Sempre gostei de mulheres inteligentes. *Riu-se.* Vamos fazer assim. Vais fechar os olhos e vamos dançar juntos por um bocado. Depois, aos poucos, vou começando a soltar-te e vais continuar a dançar sozinha de olhos fechados até te sentires leve, solta e descontraída o suficiente. Combinado?

Fechei os olhos, tal como me disse para fazer, e entreguei-me aos seus movimentos, deixando-me guiar por ele. No final da primeira música, comecei a desligar da realidade que me rodeava e ele, como se adivinhasse, começou a afastar-se aos poucos até que eu fiquei a dançar sozinha. Era uma sensação incrível, mas um baque vindo do lado de fora do anfiteatro despertou-me.

— Acho que temos companhia. *Alertou o Rodrigo enquanto se baixava para pegar no telemóvel.* Esconde-te!



O Rodrigo agarrou-me e puxou-me para os bastidores. Corremos de um lado para o outro à procura do melhor sítio para nos escondermos e acabámos por nos colocar atrás de uma das cortinas na lateral do palco. Ele encostou-se à parede e eu encostei-me a ele. Ao fundo da sala ouviu-se a porta a abrir e a fechar e, pelos sons que se seguiram, dava para perceber que era só uma pessoa. Ouvia-se ainda um molho de chaves a tilintar, o que dava a entender que seria um segurança ou um outro funcionário do espaço. Tentei concentrar-me naqueles ruídos para perceber para onde se estaria a deslocar, mas como tinha o rosto encostado ao peito do Rodrigo, o som do seu batimento cardíaco acelerado juntamente com o meu dificultavam essa tarefa. Percebi que tinha subido para o palco e que vinha na nossa direção e o meu corpo começou a tremer e as pernas a fraquejar. Ao sentir isso, o Rodrigo apertou-me com mais força contra o seu corpo e pôs-me a mão na cabeça. Pela deformação e pelo ruído que vinha do soalho dava para perceber que quem estava ali connosco estava muito perto de nós, porventura imediatamente do outro lado da cortina. Depois ouviram-se uns cliques e as luzes voltaram a apagar-se. Senti-me um pouco mais aliviada ao perceber que talvez tenham sido apenas as luzes acesas a motivar a vinda daquela pessoa. A partir desse momento, viu-se a luz de uma lanterna, mas aos poucos os ruídos dos passos e das chaves foram ficando cada vez mais distantes, até que se ouviu o abrir e fechar da porta do fundo. Descolei a minha cabeça do seu peito e olhei para ele. Não conseguia ver quase nada, tendo em conta a escuridão, mas sentia a sua respiração no meu rosto e percebi que as nossas bocas estavam mais próximas do que nunca. A sensação excitante do conforto e da segurança que ele me transmitia voltara a fazer-me uma visita, e desta vez com ainda maior intensidade. Contudo, logo de seguida, lembrei-me que também tinha sido ele o responsável por aquela situação arriscada.

— Definitivamente, esta vida não é para mim. *Desabafei enquanto me deixava ceder à fraqueza das minhas pernas.*

— Parece que a montanha-russa de emoções continua.

Deslizou pela parede até se sentar no chão ao meu lado.

— Continua porque tu continuas a meter-me em sarilhos, Rodrigo. Mas eu é que sou parva em aceitar os teus convites.

— Pensei que tinhas saudades da adrenalina que se vive em cima do palco. *Riu-se.* Eu até agora estou a gostar.

— Não era bem isto que eu imaginava. E se nos apanhasse?

— O que é que havia de nos fazer? Devia ser um funcionário da câmara, que, ao ser avisado de que as luzes estavam acesas, teve de vir cá apagá-las. Não acho que pensasse que estava aqui gente, mas sim que alguém se tivesse esquecido de apagar as luzes.

— Não nos ia prender, mas se nos apanhasse eu ia passar de novo uma vergonha em cima de um palco, Rodrigo. Era suposto isto ter sido uma boa experiência. Começo a achar é que é mais um sinal do universo a dizer-me que este não é o meu caminho.

— Talvez. Se fôssemos apanhados, mas não fomos. Logo, só aconteceram coisas boas até agora. O que torna esta experiência positiva. Tens de te focar mais no lado bom das coisas.

— Tenho é de sair daqui. Vamos embora.

Levantei-me, voltei a ligar a lanterna do telemóvel e dirigi-me para a saída sem esperar por ele, mas o Rodrigo veio logo atrás e tomou a dianteira. Abandonámos o anfiteatro, mas ainda havia uma segunda porta ao fundo do corredor pela qual tínhamos inevitavelmente de passar para irmos embora. No entanto, quando ele a tentou abrir, tivemos uma surpresa desagradável, estava trancada.

— Não acredito! *Exclamei.* Ficámos trancados aqui dentro!

— Não ficámos nada, calma. Eu lembro-me de ver uma janela grande numa sala dos camarins quando andava à procura dos interruptores. Podemos sempre sair por lá. Anda comigo.

Fomos até à sala que ele tinha referido. Subiu para o sofá que ficava por baixo da janela, abriu-a e olhou para fora.

— É um bocado alto. *Sussurrou.* Mas acho que consigo saltar e procurar uma escada aqui por perto para depois saíres.

— Deixa-me ver. *Pedi, afastando-o para o lado.*

Subi para cima do sofá, mas mesmo assim não foi suficiente para chegar à janela e ele pegou em mim. Quando a consegui alcançar, olhei para baixo e assustei-me com a altura.

— Estás louco! Isto é muito alto. Não vais saltar coisa nenhuma. *Avisei-o.* Deve haver outra solução. Vamos pensar um pouco.

— Há várias, podemos pedir ajuda a alguém que esteja a passar

na rua, mas ainda pensam que estamos a roubar alguma coisa e, em vez de trazerem uma escada, trazem um polícia. Ou podemos fazer um daqueles cordões com os figurinos que há aqui nos guarda-roupas e descer pela janela como nos filmes, mas corremos o risco de se romper e cairmos. Ou então... *Fez um compasso de espera para criar suspense.* Podemos passar a noite aqui e amanhã de manhã, quando o centro cultural abrir, sairmos dissimuladamente. Também podemos ligar a alguém que nos desvenenche, mas isso implicaria sempre aparato do lado de fora. Além de que estaríamos a incomodar alguém a meio da noite para nos salvar, o que nos colocaria numa situação um pouco constrangedora.

Afastei o cabelo para trás, pus as mãos na cintura e expirei.

— Achas que amanhã conseguimos sair sem sermos vistos?

— Claro! Eu sou tão bom a colocar-te em situações difíceis como a livrar-te delas. Só precisamos é de arranjar um local confortável para te deitares. Talvez aqui neste sofá.

De todas as opções que colocou, aquela talvez fosse a que implicaria menores riscos e constrangimentos e por isso não havia muito mais que eu pudesse fazer senão sujeitar-me.

— Então e tu, onde é que te vais deitar?

— Eu durmo aqui no chão. Vou ver se encontro algumas roupas nos camarins para nos aconchegarmos.

Voltou algum tempo depois carregando um monte de roupa que pertencia aos figurinos e pousou-a no chão junto ao sofá para fazer um colchão improvisado. A seguir entregou-me aquilo que parecia ser o manto de um rei para eu me cobrir.

— As camas estão prontas. *Disse o Rodrigo.* Acho que não podias pedir melhor regresso a um mundo que tanto te apaixonou. Até vais dormir no próprio teatro e debaixo de um figurino.

— Isso agradava-me mais se fosse por opção e por liberdade pessoal, que por acaso são duas condições que não se verificam.

— Mas optaste por estar comigo e tiveste toda a liberdade para o fazer. Essas condições já se verificam. Como disse, é tudo uma questão de nos focarmos no lado bom das coisas. Bons sonhos.

Deitei-me no sofá, cobri-me com o manto e tentei adormecer, mas percebi logo que não seria tarefa fácil. Não só pelo local onde estava, mas também por não me sentir confortável com o facto de eu dormir no sofá e o Rodrigo no chão, como se eu merecesse mais do que ele por ser *a mulher* ou de alguma forma *a protegida*. O mais justo seria dormirmos os dois no sofá, mas além de achar que poderia ser íntimo de mais, também não queria ser eu a sugerir isso, para não lhe dar uma ideia errada. Mas seria assim tão errada? Rodei para um lado

e depois para o outro e os meus pensamentos começaram a vaguear, até que chegaram à lista que o Artur me pediu para fazer. Lembrei-me que talvez o Rodrigo me conseguisse ajudar no capítulo das qualidades, que foi onde eu tive mais dificuldade, uma vez que, estando de fora, veria coisas que eu não via, ou então era apenas uma desculpa para continuar a falar com ele.

— Rodrigo? *Chamei.* O que me dirias se te perguntasse quais são as minhas principais qualidades?

— A que propósito veio essa pergunta?

— É só uma curiosidade. Culpa das insónias.

— Queres que te diga que és bonita e atraente?

— Acima de tudo, quero que sejas sincero, mas preferia que te focasses nas minhas qualidades interiores.

Virou-se para o meu lado antes de continuar.

— Bom, já que fazes questão, então aqui vai. Na minha opinião, tu és uma mulher inteligente, meiga, generosa... *Fez uma pausa.* Companheira, simples, mas, mais importante do que tudo isto que nunca mais acaba, és uma mulher que tem conteúdo.

Apoiei os cotovelos no sofá e olhei para baixo para ele.

— O que queres dizer com ter conteúdo? Eu não sei nada, parece que toda a gente sabe mais do que eu.

— Uma pessoa sem conteúdo não é aquela que tem o saco vazio, é aquela que o tem vazio e fechado porque acha que não precisa de o encher. Ou seja, não é recetiva ao conhecimento. Mas tu és, e isso torna-te inevitavelmente alguém com conteúdo porque gostas de ouvir. Porque fazes perguntas, mas não deixas de ter uma opinião pessoal e de pensar por ti mesma. E isso é interessante.

— É bom ouvir isso. E é bom saber que valorizas isso. Mas todas essas coisas não impedem que eu me sinta frágil e insegura. E talvez estes defeitos estejam a abafar essas qualidades.

— Esses defeitos e essas qualidades são o que te tornam especial e única. É claro que deves sempre procurar melhorar-te, mas não é o facto de teres mais ou menos qualidades que te fará ser mais ou menos amada. Até porque não serás propriamente mais feliz com a pessoa que é mais romântica, inteligente, compreensiva, etc., mas sim com aquela que tem a dose certa de cada uma dessas coisas para encaixar com a dose que tu também tens de cada uma dessas coisas. Podemos ser a pessoa mais incrível do mundo e mesmo assim o nosso sentimento não ser recíproco, por isso não vale a pena culparmo-nos ou fazermo-nos de vítimas. Em algum momento, os nossos sentimentos não serão correspondidos, tal como nós não iremos corresponder aos sentimentos de alguém. Faz parte, acontece

a todos, mas um dia acabará por bater certo.

— Tinhas razão quando dizias que eu gostava de ouvir. Neste caso, de te ouvir, pois vês as coisas de uma forma encantadora. Sempre pensaste assim ou foram influências do senhor Artur?

— Eu nunca me deixei levar pelo rebanho sem antes saber para onde estava a ir. Sempre gostei de perguntar porquê. Porque é que as coisas são como são e não de outra maneira. Mas claro que o senhor Artur me ensinou muitas coisas.

Deixei morrer a conversa naquele assunto. Não sei se por não saber como continuar ou se por achar que aquilo que eu ia dizer a seguir merecia um momento de silêncio prévio.

— Rodrigo? *Voltei a chamá-lo.* Não acho correto ficares no chão enquanto eu estou confortável no sofá. Se quiseres podes vir para aqui, há espaço suficiente para os dois.

Pareceu surpreendido, porque demorou a responder.

— Estás a convidar-me para dormir contigo?

— Não! Estou apenas a oferecer-te uma parcela do sofá para dormires. Como disseste, e muito bem, eu sou generosa.

— Aceito a oferta, mas só porque fazes muita questão disso.

Ajeitei-me no sofá para o Rodrigo se deitar e ele próprio tomou a iniciativa de ficar de costas para mim. Agradei-lhe a gentileza em silêncio, ainda que não tivesse a certeza se preferia assim ou não, e acabei por adormecer, sentindo-me protegida, por um lado, pelas costas do sofá e, por outro, pelas costas do Rodrigo. Como já previa, acordei algumas vezes durante a noite e em todas encontrei-nos em posições diferentes. Contudo, da última vez que acordei, já o dia tinha nascido e o Rodrigo não estava.



A sala dos camarins onde tínhamos dormido já estava arrumada e nem sinal do Rodrigo. Fiquei preocupada e comecei a arranjar-me imediatamente. Confirmei que não ficava nada fora do lugar e depois saí para o palco à procura dele. Acabei por encontrá-lo no meio da plateia, com um ar muito descontraído.

— Que susto, Rodrigo! Pensei que tinhas ido embora.

— Bom dia! Dormiste bem?

— Acordei várias vezes durante a noite, mas, dadas as condições e as circunstâncias, não me posso queixar.

— Pelo menos sei que a tua almofada estava confortável.

— Não havia nenhuma almofada.

— Estava a falar do meu peito. É que, tal como tu, eu também acordei várias vezes e apanhei-te deitada nele.

— Não, não apanhaste. *Contradiisse, desconfiada.*

— Ainda me tentei afastar para ter algum espaço para mim, mas tu não me largavas. *Riu-se.* Da próxima vez, registo provas.

— Para isso era preciso haver uma próxima vez. *Sorri com ironia.* O que é que estás a fazer aí sentado como se nada fosse? Já confirmaste se podemos sair daqui sem sermos notados?

— Não só podemos sair sem sermos notados, como podemos voltar. *Olhei-o com um ar curioso e ele explicou-se.* Quando acordei, fui ver se já havia gente no edifício e vi que a porta já estava destrancada. Então aproveitei e fui falar com uma funcionária, como se eu tivesse acabado de chegar, e fiquei a saber que eles têm a sala disponível dois dias por semana para grupos amadores que queiram ensaiar. Eu perguntei-lhe se eu também podia usá-la e ela disse-me que sim, que era só requisitar uma hora num desses dias. Vês? Isto também pode ser um sinal do universo. Se não ficássemos presos aqui, se calhar nunca saberíamos isto.

— A ideia é bonita. *Confessei*. Mas não sei se me quero comprometer com ela. Assim, se não der em nada, não corro o risco de voltar a ter a sensação de que fracassei.

— Quando queres algo, tens de assumir que queres isso e que escolhes isso para a tua vida. E se esse for o teu caminho, as portas vão destrancar-se naturalmente. Mas depois, claro, tens de fazer a tua parte e abri-las. É só uma questão de ficares atenta aos sinais, a vida vai dar-te todas as dicas de que precisas.

— E aquilo que me aconteceu em palco não foi um sinal de que este talvez não fosse o caminho certo para mim?

— E achas que a todas as outras pessoas cujo caminho era este não aconteceram coisas negativas em algum momento dos seus percursos? Achas que o facto de o melhor jogador de futebol do mundo ter uma lesão, por exemplo, é sinal de que aquele não é o caminho para ele? Coisas negativas acontecem, mas depois é importante saber interpretá-las. Uma vez significam que tens de mudar de rumo, outras vezes significam que tens de trabalhar melhor determinado aspeto em ti, outras vezes são uma forma de te fazerem conhecer outras coisas, locais ou pessoas que acabarão por contribuir para o teu crescimento pessoal. Eu, por exemplo, acredito que não nos cruzámos por acaso.

— Sim, talvez tenhas razão, mas não deixa de ser curioso dizeres para eu assumir o que quero, tendo em conta que quando te perguntei o que querias de mim me respondeste «ver no que dá». Não é só falar, também há que dar o exemplo.

— Todos temos direito às nossas inseguranças, mas acho que as minhas atitudes dizem claramente que te quero desde o momento em que entraste naquela loja. Vamos?

Não se preocupou em fazer nenhum compasso de espera ou em lançar-me um olhar sedutor. Disse-o como se fosse a coisa mais natural do mundo. Mas, mais do que isso, e foi o que mexeu comigo, disse-o como se de alguma forma o nosso encontro e tudo o que se seguiu fosse uma inevitabilidade, e ele apenas se tinha limitado a constatar isso. Depois seguiu na minha frente de volta para o carro e fomos embora. Durante o caminho eu não quis tocar mais naquele assunto para não estragar a boa sensação que as últimas palavras que proferiu no anfiteatro provocaram em mim. Não sei se era um jogo psicológico para me convencer de que estávamos destinados um ao outro e fazer com que me rendesse mais facilmente, mas também não queria saber. Nunca ninguém me tinha feito sentir tão segura, desejada e confiante como ele, e naquele regresso a casa fiz o que o Rodrigo me tinha aconselhado a fazer. Assumi para mim mesma que

era aquilo que eu queria e escolhia continuar a sentir e que não iria impedir que fosse ele a proporcionar-me aquelas sensações.

— Ainda nos voltamos a ver hoje? *Perguntou-me depois de estacionar em frente à minha casa.*

— Acho que não. Tenho-me desleixado muito nos últimos dias com o meu relatório e, como hoje vou começar mais tarde, vou ter de fazer horas extras mais logo. Não conto passar na loja hoje.

A reação dele foi de desilusão.

— Muito bem. Talvez amanhã, quem sabe. *Murmurou.*

— Talvez amanhã. *Reforcei com um sorriso.*

— Acho que tens alguém à tua espera à porta de casa.

Virei-me e vi a minha mãe à porta a olhar para nós.

— Tenho de ir. *Abri a porta do carro.* Obrigada por tudo o que fizeste esta noite. Foi muito importante para mim.

Saí do carro e caminhei na direção da minha mãe, que me esperava com um semblante carregado, e percebi logo que iam chover perguntas assim que entrasse em casa.

— Precisamos de falar. *Avisou assim que fechou a porta.*

— Pode ser depois de eu tomar um banho?

— Tem de ser agora. Quem era aquele rapaz? É o tal por quem andavas a chorar pelos cantos? Passaste a noite com ele?

— Não, não é esse tal. Aquele rapaz é um amigo. Só. E sim, passei a noite com ele, mas não é nada disso que estás a pensar. Nós apenas estávamos a ensaiar num teatro e trancaram-nos lá dentro sem querer. Tivemos de esperar pela manhã para nos abrirem a porta, mas não aconteceu nada, fica tranquila.

— Alice, tu deixaste a representação há muito tempo.

— Deixe, mas estou a tentar voltar aos poucos. Eu sei que custa acreditar nesta história, mas é a verdade.

— Primeiro foi a história da polícia, depois a Bela que me apareceu aqui a pensar que tu ias cometer uma loucura, depois de repente parece que ficou tudo bem e nos últimos dias mal paras em casa, e agora dizes-me que passaste a noite com um rapaz fechada num teatro. O que é que está a acontecer?

Depois de ouvir aquele rápido resumo dos últimos dias percebi que ela tinha razões para estar preocupada, até eu me surpreendi, mas não havia muito que lhe pudesse dizer.

— Eu entendo a tua preocupação, têm sido uns dias muito atribulados, mas já me conheces e sabes que sempre me comportei bem. E a prova disso é que vou agora mesmo tomar um banho, comer qualquer coisa e ir para a faculdade.

— Eu sei, filha, mas também sei o quanto uma desilusão nos

transforma, por isso é que estou atenta a ti.

— Pois, mas não é preciso. Fica mais atenta a ti e ao Mateus. E por falar no Mateus. *Aproveitei para mudar de assunto.* Falta pouco para o aniversário dele. Já pensaste na festa?

— Não vai ser muito diferente dos outros anos. Vou convidar alguns colegas da escola dele e do hóquei, assim como os respetivos pais, depois preparam-se uns comes e bebes e eles passam a tarde no jardim e no quarto a jogar. Mas já estás a desconversar.

— Há uma coisa que este ano podia ser diferente na festa do Mateus: convidares também o pai para vir.

— Isso é outra história, sabes que o teu pai costuma também festejar o aniversário do teu irmão em casa dele.

— Duas festas que se podem fundir numa só. Pensa nisso.

Despedi-me com aquela deixa, subi até ao meu quarto, arranjei-me e fui para a faculdade na esperança de que a Bela tivesse guardado um lugar para mim na biblioteca, tal como tínhamos combinado sempre que uma de nós chegasse atrasada. Naquela altura do ano e com tantas pessoas a estudar para os exames e a fazer as suas teses, se não fosse logo de manhã era difícil conseguir um lugar, mas ela não me falhou e tinha uma cadeira livre ao seu lado.

— Esta cadeira teve mais pretendentes numa manhã do que eu a vida toda. *Comentou com humor em forma de cumprimento.* E, por falar em pretendentes, tenho uma pergunta para ti.

— Pergunta lá. *Disse com uma invulgar boa disposição.*

— Por acaso cruzaste-te com o Gustavo recentemente?

— Sim, vi-o há pouco no hospital, mas porquê?

— Lembras-te de uma vez em que saí eu, tu e o Jota, aquele meu amigo da tatuagem no pescoço, e o Gustavo depois apareceu? *Semicerrei os olhos e franzi o sobrolho.* Oh! É verdade! Tu apagaste-o da tua memória. Adiante. O Gustavo ficou com a ideia de que tu e o Jota eram próximos e parece que ele lhe mandou uma mensagem a perguntar se tu namoravas. O Jota, como é óbvio, não sabia e perguntou-me a mim e eu disse-lhe para lhe dizer que tu estavas próxima de uma pessoa. Não sei se devia ou não ter dito isto, mas olha que é preciso ter lata. Por que raio é que ele quer saber?

— Não sei, mas também não me interessa. Fizeste bem em dizer-lhe isso, até porque não é mentira nenhuma.

— Não é mentira? Tens alguma coisa para me contar?

— Nada que seja propriamente novidade para ti.

— Hummm... Afinal essa história com o Rodrigo está mesmo a evoluir? Conta-me tudo! *Sussurrou de olhos arregalados.*

— Não vou contar nada, Bela, ainda nos estamos a conhecer.

— Quem diria que há uns dias andavas a chorar por outro homem. Afinal essa história do esquecimento resultou mesmo. E a verdade é que nada melhor do que um novo amor para esquecer o anterior. Vá lá! Diz-me só se já rolou alguma coisa.

— Não, Bela! Não rolou nada. Ainda é muito cedo.

— Nem um beijo? Um daqueles assim no canto da boca?

— Não, nada. Só dormimos juntos, mesmo.

— O quê?! *Exclamou demasiado alto e levou a mão à boca.* Só comesças esse relatório depois de me contares tudo!

Comecei a contar-lhe o que tinha vivido com o Rodrigo desde o dia em que o conheci, e à medida que me ia recordando mais impressionada ficava com as sensações boas que aquelas lembranças despertavam em mim. Nem me tinha apercebido de que tínhamos passado por tantas peripécias juntos em tão pouco tempo, e se eu já me sentia cativada por ele, mais ainda fiquei depois daquela retrospectiva. Entretanto, encerrámos o assunto e decidimos focar-nos nos respetivos trabalhos. As horas foram passando e, já quase no final do dia, o meu telemóvel começou a vibrar com um telefonema da loja do Artur. Se a última chamada que tinha recebido tinha mudado a minha noite, aquela iria mudar os meus dias seguintes.



— Estou sim? É o Artur? *Atendi.*

— Alice? Sim, sou eu. Peço desculpa se estou a telefonar-lhe num momento inoportuno. Eu pensei que vinha cá hoje e quando partilhei isso com o meu funcionário ele disse-me que a Alice lhe tinha dito que não vinha cá. Então achei por bem ligar-lhe.

— Sim, hoje não posso passar na sua loja. Eu sei que não acabei de organizar a sua biblioteca, mas vou fazê-lo. Prometo.

— Eu sei, eu sei, mas não liguei por isso. Os livros podem esperar. Organiza-os quando tiver tempo livre e só se quiser.

— Então porque é que me liga? *Questionei, já preocupada.*

— Não é urgente, mas eu esqueci-me de lhe dizer algo importante na última vez que falámos e isso estava a pesar-me na consciência, então decidi não esperar mais. Lembra-se de termos falado sobre o facto de não se dever apaixonar pelo tal rapaz que decidiu esquecer porque iria meter-se em trabalhos?

— Sim, lembro-me, claro. O que é que tem?

— Pronto, eu esqueci-me de acrescentar que não só deve evitar aproximar-se dele para não se apaixonar, como deve fazer o mesmo com qualquer outra pessoa durante a fase de esquecimento.

— Como assim? O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que não se deve apaixonar por ninguém.

— Mas, desde que não seja pelo Gustavo, qual é o mal?

— Alice, eu expliquei-lhe que, a partir do momento em que apagasse alguém da sua memória, passaria a viver numa ilusão ou numa mistura de ilusão e realidade. Logo, tudo aquilo que sentir por alguém durante a fase de esquecimento pode não ser real, uma vez que só o sente porque não se lembra do que sente por outra pessoa. Eu tinha-lhe explicado que uma das desvantagens da técnica é que passaria a viver numa espécie de mentira. Logo, se não quiser enganar-se nem enganar ninguém, deve abster-se de envolvimento sentimentais durante a fase de esquecimento.

Parei no tempo quando ele me disse aquilo. Os meus pensamentos de repente levaram-me para longe do meu corpo e senti que deixei de estar ali por um momento.

— Alice? *Chamou e eu voltei a despertar.* Está aí?

— Sim, sim! Estou aqui, eu ouvi o que me disse.

— Ótimo! A probabilidade de se apaixonar em tão pouco tempo talvez não seja assim tanta, seja como for, achei por bem avisá-la o quanto antes, não fosse a Alice conhecer alguém entretanto. Não se esqueça da lista que lhe pedi, está bem? Com licença.

O Artur desligou a chamada e eu fiquei a olhar para o infinito enquanto era contaminada gradualmente por uma estranha desilusão. Era como se a minha alma fosse um recipiente cheio de água límpida e lhe tivessem deitado uma gotinha de veneno que se espalhava sem controlo em todas as direcções. Um veneno que começava a matar as expectativas e os sentimentos que os últimos dias tinham despertado em mim. Pelos vistos o Artur tinha-me feito um conjunto de avisos que depois do esquecimento ficaram muito difusos na minha cabeça. Nomeadamente o facto de eu passar a viver numa espécie de mentira, segundo ele. Onde se incluía, como era de esperar, aquilo que eu sentia pelo Rodrigo. Eu sabia que a minha percepção sobre ele tinha mudado depois de ter apagado as memórias do Gustavo, mas não tinha equacionado o cenário que o Artur acabava de me expor. Ou, se o fiz, não lhe dei importância. Mas depois daquela chamada era impossível ignorar a ideia de que poderia estar a viver numa ilusão. E numa questão de segundos todo o entusiasmo que vinha a crescer em mim, especialmente ao longo daquele dia, deixou de fazer sentido. Comecei a ficar desanimada, mas, pior do que isso, comecei a sentir-me perdida e sem saber o que fazer e como reagir com o Rodrigo. Não queria ter de me afastar só porque aquilo que eu estaria a viver com ele poderia não ser real, mas também não me sentia bem em saber que poderia estar a iludi-lo. A ele e a mim ao mesmo tempo. De repente vi-me num dilema entre aquilo que eu queria e o que devia fazer, mas os meus valores sobrepuseram-se às minhas vontades e cheguei à difícil conclusão de que o melhor era mesmo afastar-me. Pelo menos enquanto estivesse na fase de esquecimento. Por consequência dessa minha decisão, e também por ainda não saber qual a melhor forma de a aplicar, no dia seguinte, ao contrário do que tinha dado a entender ao Rodrigo, decidi não aparecer na loja do Artur. A verdade é que nos dias seguintes eu continuei sem saber lidar com a minha própria decisão e não apareci mais na loja, até que o Rodrigo me enviou uma mensagem a perguntar se estava tudo bem, pois estranhou a minha ausência. Tentei desculpar-me, já que não era

propriamente mentira, com o relatório do estágio que tinha de fazer, aproveitando a ideia de que me tinha desleixado demasiado durante aqueles dias em que estive mais próxima dele. No entanto, comecei a sentir-me desconfortável com aquela situação e com a minha própria postura perante ela. Isso fez-me perceber que quanto mais depressa recuperasse as minhas memórias mais depressa eu poderia saber o que é que era real ou não e poder assim tomar as decisões corretas. Mas antes de o fazer ainda havia algumas coisas que eu precisava de aprender com o Artur e os seus desafios, a começar por aquela lista que ele me tinha pedido. Decidi, por isso, tirar algum tempo para refletir sobre ela e, recuperando algumas das coisas que o Rodrigo tinha dito sobre mim na noite que passámos no teatro, terminei de a escrever. Logo de seguida dirigi-me até à loja e, no exato momento antes de entrar, senti umas borboletas na barriga, mas não consegui perceber se era ansiedade ou insegurança. Precisei de fazer um compasso de espera para digerir aquela sensação e quando decidi entrar os nossos olhares cruzaram-se de imediato. O brilho nos olhos do Rodrigo quando viu que era eu fez-me sorrir espontaneamente.

— Eu sabia que as saudades iam começar a apertar. *Comentou ele, sorridente, enquanto eu caminhava na sua direção.*

— Não vou negar que até senti a tua falta. *Brinquei.*

— Mas tens outras prioridades, como acabar o teu curso. Eu compreendo. Olha... aí está mais uma qualidade tua, és responsável. Ou melhor, sabes quando deves e não deves ser.

— E achas que aceitar um convite teu para invadir um centro cultural foi um bom momento para não ser responsável?

— Todos os momentos na minha companhia são bons para não seres responsável, porque comigo nunca te acontecerá nada de mal. E, por falares nisso, tenho aqui algo para te mostrar.

Se havia coisa de que tinha sentido falta nele era daquela sua confiança tão genuína e, pois claro, sedutora. O Rodrigo baixou-se para procurar o que tinha para me mostrar, mas nesse momento o senhor Artur surgiu na porta atrás de si e ele reergueu-se.

— Já estava a pensar que tinha desistido. *Disse o Artur.* Trouxe o que lhe pedi? *Anuí.* Então venha, quero ver isso.

Olhei para o Rodrigo e ele fez-me um sinal com a mão a dizer que me mostrava mais tarde e depois acompanhei o senhor Artur até à sua biblioteca. Ela ainda estava como eu a tinha deixado e isso fez-me sentir um pouco culpada. Principalmente por ter acabado de ouvir o Rodrigo dizer que eu era uma pessoa responsável. O Artur puxou uma cadeira, sentou-se e eu fiz o mesmo. Depois peguei na lista, entreguei-lha e ele começou a lê-la em silêncio.

— Uma das qualidades que a Alice refere aqui é ser altruísta. Pode explicar-me em que sentido acha que é altruísta?

— É no sentido de me preocupar com o bem-estar de quem está ao meu lado, às vezes mais do que com o meu.

— Isso é muito bonito, mas sabe que se não estiver bem nunca poderá ser útil a quem a rodeia, certo?

— Sim, eu sei que às vezes esqueço-me um pouco de mim e me deixo para segundo plano, mas se tudo à minha volta não estiver bem eu não consigo estar bem, então tento compor as coisas primeiro e ajudar as pessoas que amo.

— O altruísmo é bonito, mas tem de saber quando é que o deve aplicar ou não para que ele não a empurre constantemente para segundo plano na sua própria vida. Ou seja, há momentos em que deve ser mais altruísta e outros mais egoísta. Quanto ao facto de não conseguir estar bem se tudo à sua volta não estiver bem, experimente inverter o ponto de vista. Experimente antes acreditar que, para tudo ficar bem, a Alice tem de estar bem primeiro.

— Como é que eu consigo estar bem, estando tudo mal?

— Imagine que veste uma roupa e ela fica muito apertada. Em primeiro lugar, é importante perceber se a roupa que vestiu é a sua. Ou seja, se está onde tem de estar e se o caminho que está a seguir é o seu. Às vezes achamos que é e não é. Se concluir que a roupa é sua, é importante perceber se foi a roupa que encolheu ou se foi a Alice que engordou. Quero com isto dizer, que interessa saber se o problema é seu ou do que a rodeia.

— E se eu perceber que o problema é meu?

— A resposta é a mesma para o caso de o problema não ser seu. Se puder mudar alguma coisa, muda, se não puder, limita-se a aceitar e a mudar a forma como olha para isso. Lembre-se de que tudo acontece de dentro para fora. Quando nós mudamos, tudo à nossa volta se reorganiza automaticamente em função dessa mudança interior. Porquê? Porque quando mudamos a forma de pensar e de ver as coisas, mudamos a forma de falar e de agir, e por consequência mudamos toda a realidade que nos rodeia. Por exemplo, em vez de olharmos para uma separação como uma perda, podemos olhar para ela como uma forma de limpeza. Em vez de olharmos para uma desilusão como algo mau, podemos olhar para ela como uma lição que nos faz crescer e evoluir. Desta forma, e apesar de toda a turbulência, conseguimos sentir-nos bem e manter-nos calmos porque escolhemos ver as coisas pelo seu lado positivo. E assim respondo à sua pergunta de como se sentir bem, estando tudo mal.

— Estou a esforçar-me para assimilar tudo o que me diz, mas será que o Artur também faz tudo o que me aconselha?

— Porque é que me está a perguntar isso?

Decidi aproveitar o *timing* e arrisquei abrir o jogo com ele.

— Eu vou ser sincera, no outro dia estava aqui a arrumar os seus livros e encontrei uma gaveta cheia de medicamentos direta e indiretamente ligados ao tratamento da depressão. Aquilo que fiquei a pensar foi que o Artur, apesar de me dar muitos conselhos, é incapaz de os seguir, tal como esse que acabou de me dar. Ou seja, eu acho que não está a conseguir superar a sua perda e pode estar a precisar de ajuda. Peço desculpa se estou a ser muito direta, mas isto estava aqui preso na garganta e precisava de o dizer.

O Artur virou-se para trás e percebi que o foco do seu olhar foi a gaveta onde estavam os referidos medicamentos. Depois voltou-se novamente para mim e fez uma pausa antes de falar.

— Não... eu não sofro de depressão. Aqueles medicamentos não são meus, eram da minha mulher. *Engoli em seco e fiquei sem saber o que dizer.* Mas adiante, avançamos para o desafio?

Achei mais seguro não explorar o assunto e colaborei.

— Mas o desafio não era fazer esta lista?

— A primeira parte dele sim, mas agora vem a segunda.



— Está a ver esta pilha de livros? *Perguntou o Artur, apontando para um dos montes que eu mesma tinha feito.* Alguns deles são mais finos ou mais grossos, outros têm capa dura ou capa mole, etc., e eu vou pedir-lhe que escolha um livro para cada um dos pontos que referiu nessa lista. Ou seja, se acha que esse aspeto é algo importante para si, escolhe um livro mais grosso ou de um formato mais peculiar, e se acha que não é tão importante assim, escolhe um destes livros mais pequenos. Percebeu?

Aquiesci com a cabeça, depois concentrei-me na lista e comecei a selecionar os livros que eu entendi que representavam bem a importância daqueles aspetos na minha vida. Os meus sonhos, os valores e as pessoas mais importantes ficaram, naturalmente, com os livros mais grossos e depois atribuí a algumas qualidades e defeitos os livros mais finos que encontrei naquele monte.

— Acho que já terminei. E agora, o que é que eu faço?

— Agora vai esperar aqui por mim. Eu já venho.

O Artur levantou-se e dirigiu-se a uma arrecadação que havia ao lado da sala e voltou carregando uma pequena caixa que pousou diante de mim, sobre a mesa. Nem me dei ao trabalho de perguntar a razão da caixa, porque já sabia que só me diria no final.

— Essa pilha de livros que acabou de fazer representa a Alice. *Começou por explicar.* Nesse monte está tudo aquilo que de uma ou outra forma a caracteriza e por isso vamos supor que a Alice é este amontoado de livros. Agora quero que imagine que a pessoa que ama vai fazer uma viagem. Uma viagem que pode ser só de ida e a Alice sabe que se não for com ela pode perdê-la para sempre. Essa pessoa vai de carro, mas o carro já vai muito carregado e só há espaço para esta caixa que eu pousei aqui. Ora, a Alice, como quer muito ir, mas não tem espaço para estes livros todos, vai ter de fazer uma escolha difícil, que é abdicar de alguns deles. É esse o desafio que lhe deixo

agora, selecionar os livros que entende serem os mais importantes e encher a caixa o melhor possível.

Fiquei a encará-lo por um momento na esperança de conseguir decifrar alguma coisa no seu rosto que me permitisse entender qual era a mensagem implícita naquela tarefa, mas o Artur não se descoseu e eu voltei aos livros. Excluí de imediato aqueles que representavam os meus medos e defeitos e os primeiros que introduzi na caixa foram aqueles que representavam as pessoas importantes da minha vida, como a família e os amigos, assim como os meus sonhos e valores. A caixa era pequena para a quantidade de livros que queria introduzir e no final tive de deixar de fora muitos deles, nomeadamente aqueles que representavam alguns gostos e qualidades minhas. Assim que terminei, sentei-me e olhei para o Artur.

— Já acabou? *Perguntou retoricamente.* Eu não quero saber o que significam os livros que deixou de fora, mas reconhece que todo este conjunto representava o que a Alice é, certo?

— Sim, tal como me pediu para fazer.

— Então também reconhece que para poder acompanhar a pessoa que amava a Alice teve de abdicar de coisas que, sendo positivas ou não, eram características suas, eram pedaços seus, apenas para poder caber no carro dessa pessoa. Concorda?

— Concordo, mas foi aquilo que eu considerei menos importante face à escolha que tinha de fazer. Acho que todos temos de fazer cedências quando queremos estar com alguém.

— Pois, mas infelizmente as pessoas confundem muito os termos, porque ceder não é abdicar, é adaptar. Significa que há espaço para os livros todos no carro dessa pessoa, mas que é preciso reorganizar as coisas para caber tudo. A mensagem que quero passar com esta metáfora é que muitas vezes as pessoas se diminuem para caber na vida de alguém, ou seja, abdicam daquilo que são apenas para essa pessoa ficar com elas ou continuar ao seu lado, e isso é um erro enorme. É um engano gigantesco. E escusado será dizer que, quando se trata de adaptar, são os dois, não apenas um.

— Então o que é que era suposto eu ter feito se os livros não cabiam todos na caixa que o senhor Artur me deu?

— A Alice só coloca essa questão porque partiu do princípio de que, por gostar daquela pessoa, tinha obrigatoriamente de ir com ela, mesmo que isso implicasse abdicar daquilo que é.

Aquelas palavras fizeram lembrar-me das palavras do Rodrigo quando me disse que não é por se gostar de alguém que se tem necessariamente de ficar com essa pessoa, a não ser que isso seja bom para ambas as partes. Agora, depois daquela lição em forma de

metáfora, ficava a perceber melhor o que ele tinha dito.

— Mesmo sendo a pessoa que mais amo? *Quis confirmar.*

— Não é por amar alguém que vai deixar de se amar a si própria. Que vai deixar de ser aquilo que é e de se respeitar. Não é por amar alguém que isso justifica aceitar um cantinho da vida dessa pessoa e ficar lá apertadinha ou com um pé de fora. Portanto, aquilo que eu esperava que fizesse era que deixasse a caixa vazia e desejasse boa viagem a essa pessoa. Até porque, se gosta dela, quer que ela seja feliz.

— Mas se é aquela a pessoa de quem gostamos é só com aquela pessoa que queremos ficar, pois é a única que nos faz felizes.

— Em primeiro lugar, a única pessoa que nos pode fazer felizes somos nós próprios e os outros apenas facilitam ou dificultam essa tarefa. O que é certo é que existe uma infinidade de pessoas com as quais conseguimos desenvolver uma relação feliz e duradoura. Não é porque agora gostamos de alguém que essa é a única pessoa no mundo e em toda a nossa vida com quem podemos ser felizes. Até porque antes desta certamente chegámos a pensar o mesmo em relação a outras de quem gostámos muito. O que me parece é que a Alice está a focar-se mais na pessoa com quem quer ser feliz do que propriamente na felicidade que pretende viver.

— Nem eu sei se estou, mas qual seria o mal disso, já agora?

— O mal é que o seu foco deve ser o sentimento que quer viver e não a pessoa com quem o vai viver, mas eu vou tentar exemplificar isto de outra forma. *Começou a olhar em volta à procura de uma nova metáfora para me fazer entender aquela mensagem.* Está a ver esta porta atrás de mim? *Apontou para a porta com o trevo.* Esta porta está trancada e vamos imaginar que a Alice quer muito abri-la para saber o que está lá dentro. No entanto, convenceu-se de que quer abri-la com a chave do seu carro. Pode tentar.

— Não vale a pena, como é óbvio não vai abrir.

— Exatamente, mas é isso o que muitas pessoas fazem com as suas vidas. Querem muito ter um relacionamento feliz, ou seja, abrir a porta, mas ao mesmo tempo impõem a condição de que tem de ser com determinada pessoa, ou seja, com determinada chave. Resultado? A porta não vai abrir, precisamente porque o mal não está na porta, mas na chave. O melhor é fechar os olhos e permitir que o seu coração escolha, porque o coração sabe quem é que deve amar, os olhos é que nos criam incertezas.

Concordei com a cabeça e sorri timidamente.

— O Artur acha que esta era uma das lições que a vida pretendia transmitir-me com o que se passou com o Gustavo?

— Aquilo que estou a dar-lhe nesta fase de esquecimento são algumas ferramentas que todos nós deveríamos ter. O problema é que muitas vezes não sabemos sequer que elas existem, ou achamos que não precisamos, ou então não temos verdadeiramente motivos para as procurar. Nunca iremos saber se era isto que a vida pretendia para si, o que é certo é que aquilo que está a aprender vai dar-lhe um bom escudo de proteção. Afinal, como eu costumo dizer, as desilusões são como vacinas, doem, mas criam defesas.

— E eu fico-lhe grata por me ajudar. Hoje estas metáforas foram elucidativas. Há mais alguma coisa que eu deva saber?

— Hoje já a chateei demasiado com assuntos da vida e dos relacionamentos. Já tem muito sobre o que refletir nos próximos tempos, mas sim, ainda há uma ou outra coisa que é importante saber antes de recuperar as suas memórias, mas não será para hoje.

Já se preparava para levantar mas eu interrompi-o.

— Senhor Artur? *Voltou a olhar para mim.* Eu fiquei a pensar naquilo que me disse sobre não me apaixonar por ninguém durante a fase de esquecimento, mas não acha que me poderia ajudar, de certa forma, um sentimento por outra pessoa?

Baixou a cabeça e expirou antes de me responder.

— Sentir-se-ia bem em usar uma pessoa para esquecer outra?

— Eu não estou a dizer que o farei. Ou que já o fiz. *Acréscentei num murmúrio.* Era só para saber o seu ponto de vista.

— Você esquece-se de uma paixão, entretanto volta a apaixonar-se, depois recupera as memórias e percebe que gosta de duas pessoas, mas gostará sempre mais de uma. Contudo, só pode ficar com uma ou com nenhuma. Além da confusão pela qual irá passar, haverá mais gente envolvida que poderá sofrer injustamente. À parte de tudo há a questão da ilusão e ainda um curso natural da vida que deve ser respeitado e que a Alice já o alterou demasiado. Por isso o conselho que dou é que, além de não se demorar muito na fase de esquecimento, não envolva mais ninguém.

— Irei esforçar-me para seguir esse conselho. Esse e os anteriores, claro. Se calhar aproveito que estou aqui e dou um jeito nos livros. Eu não tenho podido vir porque tenho andado muito ocupada, mas prometo que vou organizar a biblioteca toda.

— Como lhe disse, faz isso se quiser e puder.

No fundo tinha uma certa esperança de que ele apoiasse aquela minha ideia para eu não ter de manter a decisão que tinha tomado em relação ao Rodrigo, mas isso não se verificou. Apesar de gostar da companhia do Rodrigo, não era justo mantê-lo por perto só porque me proporcionava boas sensações. Esse era, portanto, um dos momentos

em que talvez eu tivesse de ser mais altruísta e menos egoísta e deixá-lo ir. Quem não deixei ir embora foi o Artur, sem antes lhe fazer uma última pergunta.

— Disse-me que esta porta estava trancada. *Tentei dar a entender que tinha ficado a saber por ele.* Algum motivo especial?

— Apenas guardar bem o que tem de ser bem guardado.

Sorriu de um jeito apagado e saiu. Depois daquela resposta, fiquei ainda mais intrigada sobre o que tinha lá dentro, mas percebi que tinha de guardar a curiosidade para mim. Assim que saiu o Artur entrou o Rodrigo e apanhou-me de surpresa.

— Pensei que as sessões de aconselhamento já tinham terminado, espero que esteja tudo bem.

Não me sentia preparada para responder e, como vi que trazia um molho de folhas na mão, aproveitei para mudar de assunto.

— O que é que é isso que trazes aí?

— Isto era o que tinha guardado à tua espera. Toma.



Abri as folhas e vi que se tratava do texto de uma peça de teatro. Voltei a olhar para ele e estava a sorrir entusiasmado.

— Isto é para quê, Rodrigo?

— Isto é para começarmos os nossos ensaios. Encontrei na Internet e pareceu-me bem. Vê se gostas.

Voltei a passar os olhos pelas folhas, mas não partilhava do mesmo entusiasmo que o Rodrigo, não por não o querer tanto quanto ele, mas por saber que não o devia fazer.

— Eu agradeço. *Fiz uma pausa.* Mas acho que é melhor não.

— Mas porquê? Não te parece bem a peça? Eu posso arranjar outra. Isto é apenas uma base para podermos começar.

— Não! Não tem nada a ver com o texto, tem a ver connosco. Eu não quero que tu estejas a perder o teu tempo comigo. Tens a tua vida e os teus problemas e não tens de te andar a preocupar com os meus, que me compete a mim resolver.

— Tal como tu gostas de ajudar, eu também gosto. Posso?

Respirei fundo e pousei as folhas sobre a mesa.

— Talvez o melhor seja dizer-te o que se está a passar. *Olhou-me com um ar intrigado.* Eu procurei o senhor Artur para me ajudar a esquecer de uma pessoa. Indicaram-me o nome dele e eu procurei-o com esse intuito. Ele deu-me algumas sugestões e conselhos, mas aconteceu uma coisa muito negativa envolvendo essa pessoa e a solução foi ele fazer-me esquecer, literalmente, dela. Daí a minha memória ser fraca.

— Esquecer literalmente, como assim?

— O senhor Artur tem uma espécie de dom que o torna capaz de esconder as memórias associadas a alguém ou a algum acontecimento, fazendo-nos acreditar que eles nunca existiram. E fez isso comigo. Desde esse momento, passei a viver naquilo que ele chama de fase de esquecimento, que é como viver numa ilusão, pois

não posso saber se aquilo que sinto é real, uma vez que ocultei sentimentos e memórias que mudariam toda a minha percepção.

— E onde é que eu entro nessa história?

— Entras na parte de eu não querer enganar nem iludir ninguém. Nem a ti nem a mim. Se eu não me tivesse esquecido do Gustavo, de certeza que nada do que aconteceu ultimamente entre nós teria acontecido, por isso é que não posso...

— Gustavo? *Interrompeu.* Aquele enfermeiro com quem te encontrei a falar no hospital não se chamava Gustavo?

Expeli o ar dos pulmões e ajeitei o cabelo. Não era suposto ter dito o nome dele e muito menos o Rodrigo lembrar-se.

— Sim... é ele. Foi a primeira vez que o vi desde que o apaguei da minha memória, mas não me lembro de nada.

— Desde quando estás nessa fase de esquecimento?

— Desde o dia anterior à festa no teu bairro. Ou seja, tudo o que senti ou desejei desde então... não é real. *Baixei os olhos.*

— Não sei se é bem assim. Pensa comigo. Se foi nessa altura, significa que já nos tínhamos conhecido antes. Inclusive já tínhamos passado por aquele episódio da polícia. Por isso até que ponto não é real tudo o que vivemos desde então?

— Porque até esse dia nunca tinhas sido sequer uma hipótese para mim. Uma coisa é aceitar a tua boleia para casa, outra é aceitar o teu convite para plantarmos uma árvore juntos ou eu convidar-te a ti para partilhares o sofá comigo. Como é óbvio, isso são pequenas coisas que acabaram por nos aproximar, mas que eu não o faria se ainda me lembrasse o quanto eu gostava de outra pessoa.

— O que eu quero dizer é que até podes ter aceitado o convite para plantarmos a árvore juntos apenas porque estavas na fase de esquecimento, mas antes disso eu já tinha posto uma semente no teu coração. Se calhar aquele rebento de árvore era simbolicamente esse sentimento que começava a brotar. Uma árvore que não podia crescer debaixo de uma maior. Então decidimos transplantá-la para um lugar mais espaçoso para poder crescer livremente. Tal como aconteceu com esse sentimento. Ao esqueceres-te do outro, permitiste que o novo crescesse livremente.

— E se aquela árvore continuasse a crescer junto da maior?

— O mestre da botânica é o Artur, mas, pelo que eu imagino, se a árvore conseguisse alimento e luz suficiente continuaria a crescer, caso contrário acabaria por não vingar.

— Duvido que eu continuasse a alimentar essa semente que porventura já tivesses colocado no meu coração. Aliás, estando a passar por aquilo que eu imagino que estivesse a passar, se havia

terreno pouco fértil seria o meu coração. O que significa que se eu não tivesse alterado a ordem natural das coisas nós provavelmente nunca seríamos uma hipótese sequer.

— Nunca saberás. O que te garanto é que aquilo que tem de ser é, independentemente das circunstâncias. Ou seja, quando uma flor tem de nascer ela nasce até mesmo no meio das rochas. E se eu consegui isso é porque tinha mesmo de ser.

— Não, Rodrigo. Não posso. Não é correto. E depois quando eu decidir recuperar as memórias e perceber que gosto de outra pessoa? Vai sobrar para ti e não é justo. Eu terei de me afastar.

— Mas podes recuperar as memórias? Como? E quando?

— É mais uma longa história, mas também não será para já, é só quando eu tiver aprendido tudo o que tiver de aprender com o Artur para poder ultrapassar a fase que virá depois.

— Se não as recuperares, não terás de passar por ela, certo?

Ficámos em silêncio a olhar um para o outro.

— Sim, mas não me dês ideias. Não posso viver para sempre na ilusão. O objetivo é voltar a recuperá-las o mais rápido possível.

— Então, se te vais afastar, como fica esta questão do teatro?

— E o que é isto que estamos a viver senão uma peça de teatro? Só quando fechar as cortinas é que saberei o que é real ou não, e até lá tenho a dose que chega de ficção na minha vida.

— Acho que já tínhamos concordado que ultrapassar este trauma poderia ajudar-te a resolver esse problema maior. E também já tínhamos combinado que eu te ajudaria.

— Pois, mas se fores tu a ajudar-me o mais certo é meter-me noutro problema enquanto tento resolver esse.

— Porque seria inevitável apaixonares-te por mim. Não é? *Remeti-me ao silêncio.* Mas, se a tua preocupação é essa, eu posso tentar controlar o meu poder de sedução quando estiver contigo.

— Eu não estou a brincar, Rodrigo.

— Será que tu não percebes que é tarde de mais para evitares algum sentimento por mim? Já não podes voltar atrás.

— Mas posso escolher não andar mais para a frente. Quanto mais cedo parar, menores serão os prejuízos para os dois.

— E como é que vais fazer quando vieres aqui à loja organizar a biblioteca ou falar com o Artur? Vais ignorar-me?

— Claro que não te vou ignorar, mas tentarei manter a distância e espero que tu colabores. É o melhor para os dois.

— Isto é um absurdo. E o nosso plano para ajudar o senhor Artur com a questão da depressão, também vai para a gaveta?

— Em primeiro lugar, quem ficou com essa responsabilidade fui

apenas eu, não nós. E, em segundo lugar, eu soube hoje que afinal aqueles medicamentos não eram do Artur, mas da mulher.

— E achas que isso resolve o mistério?

— O mistério está resolvido. O Artur não está a sofrer de depressão, logo não estou a ver no que é que eu posso ajudar.

— Se não é ele que sofre, então foi a mulher. O que levanta muitas outras questões. Porque é que ela sofria de depressão? Será que a morte dela terá alguma coisa a ver com a doença? Porque é que o Artur não tem problemas em falar da perda do amor da vida dele, mas nunca explicou o que lhe aconteceu?

— Rodrigo, isso não tem nada a ver connosco. Eu dispus-me a investigar porque tu disseste que ele podia precisar da nossa ajuda. Mas já percebi que não, logo só me resta aceitar. Já vi que hoje não vou conseguir fazer nada aqui, é melhor voltar amanhã com mais tempo. Não te esqueças do que te pedi.

Peguei nas minhas coisas e antes de sair ele lançou-me um olhar que não era de rendição, mas de aceitação. Também eu não queria estar a fazer aquilo com ele, mas não podia ir contra os meus valores. Fui-me embora convencida de que fiz o que tinha de ser feito e isso ajudou-me a atenuar um pouco o peso na consciência por ter ido contra a vontade dele e, no fundo, a minha também. Tinha sido um dia de muita aprendizagem, mas também de muitas sensações para assimilar, e por isso o resto daquele dia foi passado a refletir. No dia seguinte voltei à loja nas últimas horas da tarde para continuar o trabalho que prometi ao Artur e pela primeira vez tentei pôr em prática o que tinha combinado com o Rodrigo. Cumprimentei-o, mas evitei puxar conversa ou pedir-lhe ajuda. Sempre que precisava de alguma coisa pedia ao Artur e o Rodrigo, para minha admiração, colaborou em todos os momentos. No dia seguinte aconteceu o mesmo, mas foi ao terceiro dia, quando cheguei à loja e vi que o Artur não estava, que percebi que algo ia ser diferente.

— O senhor Artur não está cá hoje? Que estranho.

— Ele normalmente quando sabe que não tem nenhuma encomenda importante para esse dia sai e deixa a loja ao meu cuidado. Mas se precisares de alguma coisa... estou aqui.

Sorriu de uma forma discreta, mas não consegui perceber se tinha alguma intenção subentendida. Comecei a acreditar que talvez ele estivesse a pensar o mesmo que eu e à espera que fosse eu a tomar a iniciativa, já que fui eu que decidi afastar-me. Nesse dia organizei a estante ao lado do armário com os livros da esposa do Artur, a única que me faltava, e só quando terminei é que reparei que faltava um livro no armário dela. Quando o Artur me tinha mostrado

aquele armário, reparei que estava repleto e por isso tive a certeza de que faltava um. Olhei em volta para saber se haveria algum romance noutro lado da sala, mas não vislumbrei nada. Comecei à procura de uma explicação para aquela falta e de repente, quase por magia, algumas ideias começaram a encaixar-se como peças de um *puzzle*. Fiquei estática quando, depois de completo, o *puzzle* me fez chegar a uma conclusão inesperada. E para evitar precipitar-me decidi consultar primeiro o Rodrigo.

- Levaste algum livro da biblioteca? *Perguntei-lhe.*
- Não, eu não toquei em nada, só se fosse o Artur.
- Falta um romance, mas o Artur não gosta de romances.
- E o que é que isso significa?
- Significa que temos um mistério para resolver.



O que me movia até então era a necessidade de retribuir a ajuda que o Artur me deu, mas depois de perceber que não havia muito a fazer nesse capítulo, o que passou a mover-me foi a curiosidade. E não foi ao acaso que o Artur escolheu esse estímulo para me fazer cumprir os seus desafios. Por isso, naquele momento, juntei um novo desafio à minha lista, desvendar aquele mistério.

— E como fica o plano para nos afastarmos? *Perguntou.*

— Primeiro, não há plano nenhum, e depois não é para nos afastarmos, é para não nos aproximarmos mais. E não me pintes como vilã, eu estou a fazer isto pelo bem da verdade, que é das coisas mais importantes da vida. Agora vem comigo, tenho algo para te mostrar. *Regressei à biblioteca e abri o armário. Vês? Falta um livro. Se tu não pegaste nele, nem certamente o Artur, quem foi?*

— Ninguém mais entrou aqui, Alice. Só eu, tu e o Artur.

— E se não tivesse de ter entrado ninguém?

— Como assim? Estás a dizer que esse alguém está aqui dentro? *Arregalou os olhos ao pensar que tinha percebido onde eu queria chegar. Achas que é o espírito da mulher dele?*

— Não sejas parvo, Rodrigo! Claro que não! Muito pelo contrário. Acho que a mulher dele, na verdade, não morreu.

— E está escondida algures aqui dentro? Não faz sentido essa teoria. Estou aqui há meses e nunca vi nada.

— Então como é que explicas a poltrona dela desocupada? E os livros no lugar de sempre? E hoje a falta de um deles? E tudo isto somado à ausência de explicações por parte do Artur?

— Não sei, não sei! O que eu sei é que aqui dentro não entra ninguém além de nós os três. E depois essa teoria de que ela está viva perde força quando vês o Artur a fazer orações junto àquela árvore. *Terminou apontando para a oiaia no jardim.*

Olhei para onde ele apontou e quase por instinto saí pela porta de

trás para o jardim e caminhei até junto da oiaia. O Rodrigo veio logo atrás e parou ao meu lado também a olhar para ela.

— Disseste que o Artur tinha por hábito plantar uma árvore quando algo de bom acontecia na sua vida, como forma de agradecimento à natureza e à vida. Um hábito que te passou a ti e foi por isso que o fizeste comigo. Esta oiaia só pode representar o casamento dele com a sua esposa, daí as orações junto dela, mas isto dá força à tua teoria e não à minha. A não ser que... *Fiz uma pausa e ele olhou-me intrigado.* Não tenha sido bem uma perda.

— Não me parece que o Artur seja de mentir.

— Não é isso que estou a dizer. Também não acho que ele nos fosse mentir, mas ele é uma pessoa muito culta, conhece muito bem as palavras, até porque lê muitos livros, e com certeza também sabe como as usar para criar a ideia que pretende. Ele sempre falou em perda, mas nunca se referiu à morte, propriamente.

— Pode apenas não gostar do termo, o que é plausível.

— Sim, pode ser, mas o meu sexto sentido diz-me que não.

— E como é que ele a perdeu? Separaram-se? Ou será que ela desapareceu? Pode ter sido algo relacionado com a doença.

— Ou pode estar em coma em algum hospital, por exemplo.

— Se ela estiver mesmo em coma, não pode comunicar ou interagir com ele, o que pode ser visto como uma perda. Faz sentido. Por outro lado, deixa de fazer sentido a poltrona e os livros estarem intactos, assim como a falta de um daqueles livros.

— Pode ser uma forma de ele se sentir mais próximo dela quando está em casa. Inclusive o facto de ler romances.

— E que ligação tem o coma com a depressão?

— Não têm de estar relacionados, podem apenas ter coincidido no tempo. Ela pode simplesmente ter tido um acidente.

— Mas diz-me uma coisa. *Adotou uma postura pensativa.* Se ela sofria de depressão e se tu me disseste que o Artur tem o dom de fazer as pessoas esquecerem-se de determinadas coisas, porque é que o Artur não aplicou essa técnica nela e a ajudou?

— Não sei, pode ter sido por diversas razões. Pode não ter havido nenhum episódio em concreto que despoletou essa condição clínica. Nesse caso, penso que nada poderia fazer.

— Mas supondo que ela está em coma, ele teria de ir visitá-la.

— E onde é que achas que está agora?

A sua expressão facial foi bastante elucidativa acerca do quão impressionado ele ficou com a minha capacidade de raciocínio e foi inevitável sentir uma pontinha de orgulho por mim mesma.

— Ou seja, da próxima vez que ele sair...

— Sim. Vamos ver para onde ele vai. Não é muito bonito da nossa parte, mas agora vou ter de descobrir o que aconteceu.

— Se tudo isto for verdade, faltará depois responder à verdadeira questão deste mistério, porque é que ele nos quis fazer acreditar que ela não tinha morrido com esta história da perda?

— Isso é o que vamos descobrir. Fica atento nos próximos tempos e mal percebas que ele vai sair da loja avisa-me. Agora tenho de me ir embora, porque o meu irmão tem treino hoje e tenho de ser eu a levá-lo, uma vez que a minha mãe não pode.

— Então hoje é um bom dia para cumprir a promessa.

— Qual promessa? Do que é que estás a falar?

— A promessa que lhe fiz de que um dia ia ver um treino dele. Até vos podia levar. Partilhar o carro ajuda o ambiente.

— O ambiente do planeta ou o ambiente entre nós? *Lançou-me um sorriso atrevido.* Rodrigo, eu preciso que colabores.

— Colaborar com a ideia mirabolante de me afastar de ti só porque és a favor da verdade? Tu até podes acreditar que em condições normais nada disto aconteceria, mas aconteceu, está a acontecer e não há outra realidade ou verdade além desta. Eu e tu estamos aqui e agora, a viver e a sentir tudo isto aqui e agora. Não o negues.

Fiquei a encará-lo por um instante e a ponderar contrapor aquela ideia, mas não estava a conseguir os argumentos ideais e percebi que tinha de sair dali antes que me rendesse àquelas palavras, já que também eu queria acreditar nelas.

— Fazes bem em cumprir a promessa que fizeste ao meu irmão e não me importo que seja hoje, mas não vamos juntos. Encontramo-nos lá. É melhor assim. Ah! E já que estás numa de cumprir promessas, vê se cumpres a promessa que fizeste ao senhor Artur de o ajudar a restaurar aquelas casinhas para pássaros. Ele falou-me disso da última vez que estive aqui no jardim e confesso que até eu gostava de as ver habitadas. Vemo-nos logo!

Fui-me embora e quando entrei no carro foi como se tivesse chegado ao meu lugar seguro e pudesse ali, finalmente, render-me às palavras do Rodrigo sem que isso pusesse em causa a minha firmeza e coerência perante ele. Se por um lado o coração queria acreditar no que me tinha dito e isso me fazia levitar, por outro a razão desconfiava daquelas palavras e puxava-me para baixo. Abanei a cabeça para afastar aquele dilema e fui para casa. Quando cheguei, fui diretamente ao quarto do Mateus para o chamar.

— Já preparaste o saco? Hoje sou eu que te levo. *Avisei-o.*

— Sim, o saco já está pronto. Hoje vais ver a estrela a jogar?

Perguntou sem tirar os olhos do ecrã da televisão.

— E parece que não vou ser a única, o meu amigo Rodrigo também vai, parece que o convidaste a ver um dos teus treinos.

Pôs o jogo em pausa e rodou para trás para me ver.

— A sério?! *Exclamou de olhos arregalados.* Boa!

Gostei de sentir o entusiasmo dele e isso foi o primeiro sinal que tive de que talvez tenha feito bem em não tentar dissuadir o Rodrigo de ir ver o treino dele. Afinal de contas, aquela minha decisão não tinha de interferir com o meu irmão. Levei-o até ao pavilhão onde ia treinar e pela viagem foi visível que ia mais animado do que o normal. Assim que estacionei, correu para a mala para ir buscar o saco, mas quando a abriu começou a resmungar.

— O que é que se passa? *Perguntei ainda dentro do carro.*

— Os patins! Não sei dos patins.

— Eu não acredito, Mateus! *Saí e fui ter com ele.* Eu perguntei-te se o saco já estava pronto. Não me digas que agora temos...

— Estou a brincar. *Riu-se à gargalhada.* Estão aqui.

Pegou no equipamento e correu para os balneários enquanto eu fiquei a olhar para ele a remoer-me por dentro. Entrei no pavilhão e fui para a bancada à espera que o treino começasse e, embora estivessem lá alguns pais dos colegas do meu irmão, ainda não havia sinal do Rodrigo. Entretanto o treino começou e, quando eu já pensava que ele não vinha, apareceu na porta do pavilhão. Levantei-lhe a mão para ver onde eu estava e depois veio ao meu encontro.

— Posso sentar-me na cadeira ao lado ou devo deixar pelo menos uma de intervalo entre nós? *Perguntou com ironia.*

— Não gozes, Rodrigo. Senta-te onde quiseres.

A cadeira do meu lado esquerdo estava livre e a do meu lado direito tinha a minha mala pousada, mas ele escolheu essa.

— É só para te meteres comigo, confessa.

Peguei na mala e passei-a para o outro lado.

— Não, é que eu sou destro e deste lado fico com o meu braço principal livre para te proteger nalguma eventualidade.

Franzi o sobrolho e olhei-o desconfiada.

— Acabaste de inventar isso agora, não foi?

— Estou a falar a sério. E também porque assim estás do meu lado esquerdo e por isso mais próxima do meu coração.

— Desta vez tenho a certeza de que inventaste isso.

— OK, este segundo ponto inventei-o agora, mas tinha de aproveitar o andamento. *Sorriu.* Qual deles é o teu irmão?

— É o número cinco, está ali ao fundo. *Apontei com o dedo.*

O Rodrigo ficou a acompanhá-lo com o olhar e assim que o

apanhou a olhar para nós levantou-lhe a mão para o fazer saber que tinha cumprido a sua promessa. Manteve-se atento a ele e passado algum tempo começou a parecer-me preocupado.

— Estás a ver o número dezassete? O mais alto deles todos.

— Sim. O que é que tem ele?

— Nada, nada. Fica apenas atenta a ele e ao teu irmão.

Fiquei intrigada com aquele pedido, mas fiz o que ele me disse. Continuámos a falar normalmente e eu fui-me apercebendo de que o tal rapaz ia trocando umas palavras de vez em quando com o meu irmão e dividindo os lances com ele com a agressividade natural de um treino daqueles e não vi nada que merecesse relevo.

— Afinal porque me pediste para ficar atenta ao número dezassete?

— Não vês que ele está sempre a meter-se com o teu irmão?

— São colegas e devem ser amigos, parece-me normal.

— Pois parece. Parece normal e inofensivo, mas eu consigo reconhecer esses sinais à distância. Não quero ser alarmista, mas acho que o teu irmão pode estar a ser vítima de *bullying*.



Depois de ouvir aquelas palavras do Rodrigo, o meu ponto de vista sobre o que aconteceu mudava completamente. Nunca sequer tinha ponderado essa hipótese, mas, depois de avaliar o comportamento do outro rapaz, deu para perceber que, se ele era vítima, não era o único. Mas a minha preocupação era o meu irmão.

— Ele nunca demonstrou falta de vontade de vir treinar. E é um miúdo muito divertido e animado. *Comentei com ele.*

— Eu posso estar errado, até porque estou aqui apenas há alguns minutos, mas não acho que esteja. O teu irmão nem reage às investidas dele. Além disso é o mais franzino de todos e o outro é o mais matulão. Infelizmente é muito comum isto acontecer, mas não é só na idade deles. Também acontece com gente bem crescida, entre colegas de trabalho ou entre empregados e patrões, mas na maioria das vezes nem a própria vítima tem consciência disso. Quem é que costuma acompanhar o teu irmão nos treinos?

— Normalmente é a minha mãe, outras vezes sou eu e muito raramente é o meu pai. Ele vem mais aos jogos. Mas porquê?

— Porque uma presença masculina talvez o fizesse sentir mais confiante. É claro que ele sabe que tu ou a tua mãe o defenderiam caso fosse necessário, mas neste caso em concreto penso que seria importante para ele uma presença masculina. Um pai, por exemplo. Porque é que achas que ele me fez prometer-lhe que vinha ver um dos seus treinos? Não me parece que tenha sido um simples convite, acho que pode ter sido mesmo um pedido de ajuda.

— Eu não acredito. *Pousei os cotovelos sobre as pernas.* Mas porque é que ele não fala comigo ou com a minha mãe?

— Pode ser por várias razões. Pode não querer dar parte fraca ou pode nem ter consciência de que não é suposto haver esse tipo de comportamento. Ou então porque o matulão é assim com todos os outros e por isso ele também se sujeita, mas não pode ser. Dá para

ver que o teu irmão é muito bom, só que é o mais franzino, logo é uma presa fácil para miúdos como esse, que até pode ter inveja.

— Oh, meu Deus! *Suspirei*. Estou a sentir-me culpada.

— Mas não te preocupes. Eu resolvo o problema.

— Como assim, Rodrigo? O que é que vais fazer?

— Nada de especial, vou só ter uma conversinha com o rapaz.

— Vais fazer com ele o que ele faz com o Mateus? Estás a ser igual a ele. Deve haver outra solução.

— Eu sei bem o que o teu irmão está a passar porque eu vivi o mesmo e se há sensação que pode transformar a nossa personalidade, principalmente quando somos jovens, é o medo contínuo. E se ele, ainda que indiretamente, percebeu que eu podia ser esse elemento protetor não o vou deixar na mão.

Entretanto o treinador apitou para o final e os miúdos começaram a recolher o material para regressarem aos balneários.

— Hora de entrarmos em ação. Vamos.

Sorriu para mim e levantou-se.

— O que é que vais fazer? Olha que devem estar aí os pais.

— Só lhe vou dizer que o Mateus tem um guarda-costas e que se lhe fizer alguma coisa eu saberei. Ninguém tem de ficar traumatizado. Agora vai ter com o teu irmão e distrai-o.

Desci as bancadas até ao gradeamento que ladeava o campo e o meu irmão aproximou-se de mim juntamente com o Chico, que era um dos seus colegas de equipa e também o melhor amigo.

— Olá, Chico, como é que estás? *Ele sorriu*. O treino correu bem? Não se magoaram? Vi ali encontrões muito duros.

Fui acompanhando o Rodrigo pelo canto do olho.

— Nós aguentamos. *Respondeu o Chico*. É mais fixe assim.

— Aquele número dezassete é que parece ser o pior, não acham?

— Ah! É o Santana. Ele não joga nada, mas tem a mania que é bom e que manda aqui só porque é filho do presidente.

— Ai sim? Filho do presidente? *Assustei-me*.

Quando voltei a reparar no Rodrigo, ele já estava a acompanhar o rapaz debaixo do braço em direção aos balneários, juntamente com os restantes colegas, e eu só desejava que ele não armasse nenhuma confusão, senão ainda sobrava para o meu irmão.

— Alice, o Chico também pode ir ao meu aniversário?

— Claro, Mateus! Ele e os pais dele, se quiserem.

Os dois começaram a celebrar e pouco depois apercebi-me de que o Rodrigo caminhava na nossa direção muito sorridente.

— Como é, rapaziada? *Cumprimentou-os com um high five*.

Vocês jogam muito, tenho pena dos vossos adversários.

— Viste aquele golo em que levantei a bola e atirei-a por cima do ombro do guarda-redes? *Perguntou o Mateus, animado.*

— Vi, pois! *Respondeu o Rodrigo com o mesmo entusiasmo.* Só ao alcance dos melhores. Os meus parabéns!

O meu irmão olhou-me sorridente e, quando me apercebi de que eu também estava a sorrir, apoderou-se de mim um sentimento de culpa que me roubou o sorriso. Senti como se eu não tivesse o direito de partilhar a sua alegria por não ter sido capaz de perceber que ele estava a ser vítima de *bullying*.

— Mana, o Rodrigo também pode ir à minha festa?

Aquele pedido apanhou-me desprevenida e olhámos por instinto um para o outro. O Rodrigo na expectativa do que é que eu ia responder e eu sem saber o que dizer ao meu irmão.

— Se tu quiseses e ele quiser... *Acabei por responder, numa tentativa de sacudir a responsabilidade daquele convite.*

— Claro que quero. Vai ser divertido! *Atirou o Rodrigo.*

— Vai lá tomar banho para irmos embora. *Disse ao Mateus.*

O Mateus e o Chico patinaram em direção ao túnel dos balneários e assim que se afastaram o suficiente confrontei o Rodrigo.

— O que é que foste dizer ao rapaz?

— Disse-lhe apenas que sabia o que ele andava a fazer e que se o Mateus me fizesse alguma queixa fámos ter problemas.

Abanei a cabeça em jeito de lamento.

— Não gosto nada dessas coisas. Apesar de tudo, é uma criança, ainda fica traumatizado e a culpa é nossa.

— Traumatizados ficam estes miúdos que apenas querem divertir-se e seguir os seus sonhos e vem um puto que pensa que tem o rei na barriga estragar-lhes o dia e os planos. E se ainda há pouco me pediste para te avisar quando o Artur saísse da loja, agora peço-te que me avises se souberes que ali o dezassete se esqueceu da pequena lição que lhe dei hoje. Estarei pronto para o relembrar.

Tinha de concordar com ele, podia não gostar muito da solução, mas o problema incomodava-me muito mais. Se doía ao meu irmão, a mim doía-me a dobrar. Decidimos esperar pelo Mateus do lado de fora do pavilhão e fomos para junto do meu carro.

— Não sei se fará efeito, mas independentemente do resultado tenho de te agradecer pelo que fizeste hoje pelo meu irmão. Quando chegarmos a casa, vou ter uma conversa séria com ele.

— Não faças isso! Faz de conta que não aconteceu nada.

— Como assim? Agora que sei não vou conseguir ignorar.

— Não tens de ignorar, mas também não tens de tocar no

assunto. É como aquilo que me disseste para fazer em relação a ti. Não tenho de me afastar, mas também não me devo aproximar mais. Se fizeres de conta que não sabes de nada, ele vai perceber que o dezassete vai deixar de se meter com ele e vai acreditar que o mérito é dele próprio. Isso irá tornar o teu irmão mais confiante e é dessa confiança que ele precisa para não se deixar intimidar por ninguém. Se lhe disseres que fui eu que afugentei o rapaz, a sensação com que ele poderá ficar é de que não é capaz de resolver os seus próprios problemas e que foi preciso pedir ajuda à maninha.

— Tens toda a razão. É melhor fazer como dizes. Posso não ter uma conversa séria com ele, mas vou ter com o meu pai. Se calhar se ele o acompanhasse mais vezes nos treinos e não apenas nos jogos as coisas seriam um pouco diferentes.

Cruzei os braços e encostei-me ao carro. Já o Rodrigo manteve-se em silêncio, reflexivo, e eu percebi que era o momento certo para lhe fazer uma pergunta que não lhe tinha feito no pavilhão.

— Rodrigo... Disseste lá dentro que sabias muito bem o que o meu irmão estava a passar porque viveste o mesmo. Posso saber como é que isso acontecia? Era na escola?

Virou o rosto para mim, mas não o tronco, o que me deu a entender que não estaria recetivo a desenvolver aquele assunto.

— Pior. Era na minha própria casa. *Murmurou.*

Instalou-se um silêncio constrangedor entre nós e fiquei sem saber como desatar aquele nó. Felizmente não foi preciso porque o meu irmão chegou entretanto e fê-lo por mim.

— Vieste na tua moto? *Perguntou o Mateus ao Rodrigo.* É fixe andar de moto? Quando é que eu também posso andar?

— Ainda te faltam uns aninhos. *Adiantei-me.* Mas não estejas com ideias. Conduzir uma moto é muito perigoso.

— Ele conduz e eu vou atrás. *Sorriu.* Já viste, mana, eu chegar numa moto daquelas à escola? Ia parecer um rei!

Demos uma gargalhada em conjunto.

— Talvez um dia eu te leve à escola de moto que é para os teus colegas saberem o quão incrível tu és. *Disse-lhe o Rodrigo.* Diz-me uma coisa, já que eu vou ao teu aniversário. O que é que haverá lá para nós fazermos? Já pensaste no programa?

— Já! Vamos brincar no jardim, depois vamos comer o bolo, a seguir fazemos um torneio de futebol na *PlayStation* e no fim vemos um filme. Mas o que eu gostava mesmo era de ter um insuflável. Ah! E um palhaço ou um mágico para fazer um espetáculo.

— Insufláveis, palhaços, mágicos? Sonhar faz bem, mas com os pezinhos no chão, está bem, maninho?

— Vá lá, Alice! Ajuda-me a convencer a mãe! *Implorou.*

— Bom, em relação ao insuflável e ao palhaço, não posso prometer nada. *Começou por dizer o Rodrigo.* Mas, em relação ao mágico, acho que tenho a solução para ti. Eu sei alguns truques.

— A sério? E fazias um espetáculo no meu aniversário?

— Claro que sim, com todo o gosto, mas como qualquer mágico que se preze eu preciso de uma boa assistente.

Olharam em simultâneo na minha direção.

— Tinha de sobrar para mim, não era? Tanto um como o outro sabem que eu já não sou dessas lides. Tu fazes bem isso sozinho.

— Eu só faço o espetáculo se tiver uma assistente.

— Aceita, mana! Por favor! Vai ser incrível!

Soltei um suspiro e lancei um olhar furioso ao Rodrigo.

— Está bem. Está bem. Eu serei a tal assistente.

— *Yes!* Obrigado! Vai ser a melhor festa de sempre.

— Vai lá guardar o saco na mala e entra para o carro, que já são horas de irmos embora. *Esperei que ele entrasse e só depois me dirigi ao Rodrigo.* A sério que fizeste isto de propósito?

— Temos de começar por algum lado. *Respondeu-me com um sorriso.* Não te preocupes, as tuas falas serão poucas, mas vai-te preparando, amanhã teremos o nosso primeiro ensaio.



— Disse-me para me encontrar com ele hoje à noite no centro cultural, que estará lá à minha espera. *Comentei com a Bela, a propósito do Rodrigo, enquanto estávamos na biblioteca.*

— E o que é que estás a pensar fazer? Vais ter com ele?

— Eu não devia, mas depois dão-se certas circunstâncias que são difíceis de contornar. Mais importante do que o Rodrigo é o meu irmão e eu não o quero desiludir. Os meus pais já o fazem demasiado. E eu própria também não estou inocente. *Acrecentei quando me lembrei do episódio do hóquei.* Por isso, quando ele me pediu por favor, não consegui dizer-lhe que não. Agora, ainda que queira evitar estar com o Rodrigo, não consigo.

A Bela ficou pensativa por um bocado enquanto roía a caneta.

— Sabes uma coisa? Se independentemente do caminho que sepires fores dar a um abismo, então pelo menos desfruta da viagem. Até podes cair, mas enquanto caís estás a voar e há sempre esperança de te nascerem umas asas. Por isso, relaxa.

— Era suposto tu ajudares-me a manter a minha decisão, não aumentar a minha vontade de desistir dela.

— O que é que ele está a fazer aqui? *Arregalou os olhos.*

Olhei de imediato para onde ela estava a olhar e congelei quando vi o Gustavo a caminhar na nossa direção.

— Que surpresa, não esperava encontrar-vos aqui. *Disse ele.*

— Não é muito estranho, já que somos alunas da faculdade. *Replicou a Bela com algum azedume.* Pelo menos é mais provável do que encontrar um enfermeiro que nem sequer é estudante.

— Na verdade, nunca paramos de estudar e por acaso andava aqui à procura de bibliografia sobre corticoides, para esclarecer umas dúvidas, até que vos encontrei. Como estás? *Perguntou-me.*

Tirei os óculos antes de lhe responder, aproveitando aqueles três segundos para pensar na postura que devia adotar.

— Estou bem, já falta pouco para acabar o relatório.

— Não queres fazer uma pausa?

Tentei encontrar no rosto da Bela a resposta certa para lhe dar, mas o semblante dela não foi muito abonatório.

— De facto, não é a melhor altura para fazer uma pausa. *Desculpei-me.* Estava mesmo a acabar este capítulo.

— Não faz mal, eu espero que termines. Estarei na entrada.

Foi-se embora e assim que saiu do nosso campo de visão a Bela puxou-me pelo braço para junto dela para me falar ao ouvido.

— Demora-te aqui até ele desistir. *Sussurrou.*

— Não vou fazer isso, Bela. Posso não me lembrar dele, mas ainda me lembro de mim e sei que não sou esse tipo de pessoa. Acho que esta é uma boa oportunidade para lhe contar a verdade.

— Não! É uma boa oportunidade para ele te voltar a seduzir. Se tens de evitar o Rodrigo, então com este tem de ser a dobrar.

— Eu não quero conversa com o Gustavo. Supostamente ele já seguiu com a sua vida, mas talvez se eu lhe disser que já o esqueci ele me deixe seguir com a minha. Fica tranquila.

Começou a abanar a cabeça em jeito de reprovação, mas eu senti que estava a fazer o que era correto e fui ao encontro dele. Quando cheguei à entrada, ele estava do lado de fora, encostado a um dos muros, a beber um café num copinho de plástico.

— Sentamo-nos um pouco nas escadas? *Convidou.*

— Eu não tenho muito tempo, mas podemos sentar-nos.

Ele dirigiu-se para uma escadaria secundária na lateral do edifício e quando lá chegámos e olhei para a zona ao fundo das escadas, que era, por norma, pouco frequentada, comecei a ter uns *flashes* de memórias que tinha tido naquele local e que não eram boas. Lembrava-me de ter estado ali ao fundo e de que a sensação era agonizante, mas não me lembrava do motivo. Apesar disso, era uma sensação desconfortável e não conseguia estar ali.

— É melhor voltarmos para a entrada. *Sugeri.* Não gosto muito destas escadas, fazem muita corrente de ar.

— Claro! Claro! Como quiseses. *Voltámos para trás.* Tenho de admitir que não esperava que refizesses a tua vida tão rápido.

— Eu ainda não refiz nada, mas estou a tratar disso. No entanto, pelo que sei, tu também já refizeste a tua com outra pessoa.

— Pelo que sabes? E o que é que tu sabes?

Respirei fundo, parei e virei-me para ele.

— Na verdade, eu não sei nada, Gustavo. Sei este nome, sei que me magoaste e que voltaste para a tua ex, mas não sei mais nada.

— O quê? Como assim? Não estou a perceber.

— É isso mesmo. Eu não tenho mais memórias tuas. Eu fui hipnotizada, sei lá, e tu simplesmente desapareceste da minha memória. Não me lembro de nada, nem mesmo do que supostamente sentia por ti. Ou seja, não representas nada para mim. Neste momento todas as tuas memórias estão guardadas numa ampulheta no meu quarto à espera que eu a vire ao contrário para me voltar a lembrar de ti, mas não tenho planos de o fazer em breve. Eu esqueci-te, literalmente, e não me perguntes como é que isso é possível porque nem eu sei. Daí aquela minha reação distante quando te vi no hospital. Só soube quem tu eras porque já me tinham mostrado uma fotografia tua para me poder precaver.

— Estás a dizer isso apenas para me magoar, não estás?

— Magoar? Porque é que isto te havia de magoar? Se tu escolheste outra pessoa é porque, imagino eu, não me querias. Se não me querias é porque não gostavas de mim.

— Não tem a ver com gostar ou não gostar, tem a ver com a história por detrás da pessoa. Que acaba por pesar muito. O que não significa que não pense em ti ou não me lembre de ti.

— Isso agora também não importa. Como disse, eu não sei quem tu és, não significas nada para mim. Desculpa.

As expressões faciais dele demonstravam que estava muito confuso, mas o meu único foco era ser o mais sincera possível.

— Não pode ser. Isso não faz qualquer sentido. Ainda há pouco tempo tu dizias que me amavas e agora dizes que nem sabes quem eu sou? Sabes o quanto isto mói por dentro?

— Provavelmente saberia se não tivesse apagado as memórias de ti, uma vez que a sensação que me provocaste não deve ter sido muito diferente. Seja como for, não me culpes a mim.

— É vingança, não é? Confessa, Alice. Estás a vingar-te do facto de eu nunca te ter dado verdadeiramente uma oportunidade.

— Eu não sou vingativa, mas também não me faças falar de algo que eu não sei. Já expliquei que não me consigo lembrar de nada. Mas também percebo porque é que estás tão incomodado.

— Talvez porque isto me apanhou desprevenido. Já imaginava que pudesses estar próxima de alguém, mas saber que já não sentes nada por mim e nem sequer te lembras é muito estranho.

— Não é a surpresa ou a estranheza, eu acho que aquilo que te está a incomodar é teres menos uma pessoa que te ama.

— Tu não deixaste de me amar, apenas não te lembras.

— E o que é o amor senão um conjunto de lembranças?

— Não mexo contigo um bocadinho que seja neste momento?

— O que sinto é residual, não passa de uma impressão.

— Eu sabia que ainda sentias alguma coisa!

Deu um passo na minha direção e eu afastei-me.

— Não te aproximes, por favor. *Baixei o rosto por um segundo.* Esta conversa já é suficientemente estranha para mim por eu não ter noção de quem tu és. Não piores as coisas. Eu apenas vim falar contigo porque achei que era importante esclarecer tudo para tu poderes seguir a tua vida segundo as tuas escolhas e não me procurares mais. Seja o que for que tiver existido entre nós, acabou. Agora, se me permites, vou voltar para a biblioteca.

O Gustavo acatou o meu pedido e eu regresssei à biblioteca e à mesa onde estava a Bela impacientemente à minha espera.

— Conta-me! Como é que reagiu? *Perguntou num sussurro.*

— Parece que não lhe foi indiferente, mas eu tinha de o fazer. Agora tanto o Rodrigo como o Gustavo já sabem o que é que aconteceu e posso aliviar um pouco o peso da minha consciência.

— Não sei se foi boa ideia, Alice. *Ajeitou o cabelo.* Acho que já me arrependi de lhe ter dito que tu estavas próxima de alguém.

— Fizeste bem, ele agora também já sabe que eu o esqueci e por isso não há mais nada para ele fazer aqui. Assunto encerrado.

— Muito pelo contrário. *Murmurou.* O efeito pode ser precisamente o oposto. Mexeste com o ego do Gustavo. Na sua cabeça tu eras propriedade dele e agora vai querer recuperá-la. Por isso é que me arrependo de lhe ter dito que tu estavas próxima de alguém, ou achas que a vinda dele cá hoje foi completamente inocente?

— Claro que foi, ele não tinha como saber que eu estava aqui.

— Por acaso tinha. O meu amigo Jota. Ele deve ter-lhe perguntado por onde é que tu paravas e o Jota sabe que eu ando sempre contigo e que temos estado pela biblioteca. É só juntar um mais um para perceber que te podia encontrar aqui. Depois veio com a desculpa dos corticoides para simular um encontro destinado.

— Que teoria da conspiração, Bela. *Revirei os olhos.*

— Pensa comigo, Alice. Tu cruzas-te com ele no hospital, logo depois ele perguntou ao Jota por ti, confirmou que estavas próxima de alguém, mas isso em vez de dissuadi-lo ainda o fez procurar-te hoje, e hoje dizes-lhe que ele é passado para ti. Fica atenta, amiga, se já tinhas de lidar com o Rodrigo, agora também vais ter de lidar com o Gustavo, porque garanto-te que ele vai voltar.

Fui-me embora com aquelas palavras da Bela a ecoarem-me na cabeça e não consegui pensar noutra coisa o resto do dia. Apesar do esforço para dar os passos certos para melhorar a minha situação, parecia que eu estava a fazer exatamente o oposto. Comecei a

ponderar cancelar o primeiro ensaio que o Rodrigo tinha proposto para a festa do meu irmão, mas depois lembrei-me de uma frase que a Bela me tinha dito nesse dia. Se independentemente do caminho que eu seguisse eu me fosse dar mal no final, então que pelo menos

desfrutasse da viagem. E não podia negar que dos caminhos que se desvendavam diante de mim aquele que tinha o Rodrigo era o que me parecia a melhor viagem. Convicta dessa conclusão, atirei as preocupações para trás das costas e fui ao encontro dele no centro cultural à hora que ele me tinha indicado por mensagem. Quando abri a porta que dava acesso ao anfiteatro, não vi ninguém, mas as luzes do palco estavam acesas. Chamei por ele, mas não me respondeu. Sabia que ele estava lá porque estacionei ao lado da moto dele e por isso decidi descer a escadaria e ir procurá-lo. Voltei a chamá-lo e, quando já estava a chegar junto do palco, o Rodrigo surgiu de uma das laterais vestido a rigor. Trazia uma capa preta vestida, um chapéu e uma varinha e parou no centro do palco.

— Apresento-te o mágico Mister Royale. Prepara-te porque hoje vai acontecer magia em cima deste palco.



— Estás a levar isto mesmo a sério. Até arranjaste um nome artístico. Já agora, porquê Royale? Alguma alcunha de infância?

— Tem a ver com a minha infância e juventude, sim. Mas não é uma alcunha, é sim o nome de algo que... eu diria, me ajudou.

— E não me vais dizer do que se trata?

— Talvez um dia. Se se justificar e se tiveres tempo.

— Hummm... *A curiosidade começou a remoer-me por dentro.* Eu acho que se justifica agora e até estou com tempo. O que é que achas? *Comprimiu os lábios e negou com a cabeça.* Tudo bem. Resta-me respeitar. Diz-me só se tem alguma coisa a ver com aquela história do *bullying* que me contaste ontem.

— Diria que sim, embora não diretamente. Bem! Vamos ao trabalho? Eu comprometi-me com o teu irmão e não o posso desiludir. Aliás, não o podemos desiludir. *Alertou.*

— Pois... esse «nós» é que me está a fazer confusão.

Decidi não explorar aquele assunto, até porque, pela reação no dia anterior, deu para perceber que era um tema delicado.

— Não te preocupes. São só crianças e, como vês, pouco terás de fazer, porque a maior responsabilidade será minha.

— O facto de serem crianças pode ser o grande problema. Se eu me enganar, serão as primeiras a gozar comigo.

— Se te enganares, eles riem-se, tu riste-te, eu rio-me e aproveitamos isso para o espetáculo. As crianças não são más.

— Não sei. Olha aquele miúdo que inferniza os outros no hóquei? Incluindo o meu irmão. Bom não é, de certeza.

— Quem são maus são os adultos que as rodeiam e as educam a julgar o outro e até a elas mesmas. Ninguém nasce mau ou a odiar alguém, isso é apenas algo que os outros nos ensinam, e muitas vezes sem se aperceberem. Mas não é isso que nos traz cá, pousa as tuas coisas, vou precisar da tua assistência para este truque.

O Rodrigo afastou-se para ir buscar qualquer coisa aos bastidores e voltou algum tempo depois carregando uma cadeira, umas cordas e um lençol, que pousou à minha frente.

— O que é que vamos fazer com isso? É o truque de abertura?

— Na verdade, este será o último truque e será o momento em que eu irei desaparecer de cena para acabarmos em grande. Serei amarrado a uma cadeira, depois vais segurar num lençol para ninguém me ver e quando o deixares cair eu não estarei lá.

Comecei a bater palmas só pela explicação.

— Parece um truque profissional, onde é que o aprendeste?

— Na Internet, hoje de manhã. *Riu-se.* Vamos ensaiar?

Começou a explicar-me o que é que ia acontecer e mais concretamente o que é que precisava que eu fizesse para que a ilusão corresse bem e eu fui acompanhando as suas indicações. Fiquei enternecida com o cuidado e empenho com que ele me explicava o truque, pois fazia-o como se a festa fosse dele e isso tocou-me profundamente. Deixei-o continuar a exemplificar os restantes truques que tinha aprendido na Net, assim como outros que já sabia desde criança, e tentei não o interromper com uma pergunta que ansiava por lhe fazer. Ele estava tão animado com a ideia que, além de não querer interrompê-lo, queria aproveitar para me deixar contagiar pelo seu entusiasmo. Por momentos consegui esquecer que, mesmo sendo um pequeno evento e na minha própria casa, seria a primeira vez que eu estaria em frente a uma plateia desde aquele episódio em cima do palco. Tentei abstrair-me ao máximo daquele fantasma e concentrei-me em ser uma boa assistente do Mister Royale. Depois daquele grande final por onde tinha começado, os truques que se seguiram eram truques simples com cartas, moedas e até um dedo polegar falso que servia para esconder coisas. Nada que não se pudesse aprender em alguns livros de iniciação à magia ou num conjunto de tutoriais na Internet, mas ele teve o cuidado de estudar bem, a ponto de parecerem inventados por si. Além de saber o que estava a fazer, também se notava que tinha perfil e à-vontade para aquele tipo de coisas, e fiquei com a certeza de que o meu irmão e os seus amigos iam adorá-lo. Quando percebi que já tinha terminado de apresentar o seu portefólio de truques, aproveitei para lhe perguntar o que queria.

— Vou fazer-te uma pergunta e quero que sejas totalmente honesto. Ofereceste-te para participar na festa do meu irmão porque de facto ficaste sensibilizado com ele e querias dar-lhe essa alegria, foi uma forma de me ajudares a vencer o meu complexo ou será que foi uma maneira de te manteres próximo de mim?

— Posso dizer que foi um pouco dos três?

— Há sempre um ponto que pesa mais, quero saber qual é.

Tirou a indumentária de mágico e pousou-a na cadeira.

— Sabes que não sou a favor dessa tua ideia de te afastares de mim. Naquele momento eu agi por impulso e ofereci-me para satisfazer o pedido do teu irmão, mas é óbvio que esse impulso nasceu da minha vontade de me manter perto de ti sem que te sintas culpada. Por isso, se tiver de destacar um desses pontos, seria este. O que não significa que eu te esteja a pedir algo em troca.

— Não o estás a fazer diretamente, mas ao solicitares a minha ajuda estás a pedir a minha presença, o meu tempo e a minha atenção, entre outras coisas, e sabes bem onde isso pode acabar.

— Eu estou apenas a fazer aquilo que entendo ser o melhor para mim sem prejudicar ninguém, e tu deves fazer o mesmo.

— E o melhor para ti é estares próximo de mim, mesmo sabendo que isso pode acabar por te prejudicar a ti e a mim?

— Às vezes aquilo que entendemos ser o melhor para nós prejudica inevitavelmente alguém e não há forma de o contornar. Por exemplo, quando uma pessoa está infeliz numa relação e sente que tem de sair dela, isso implica fazer a outra sofrer com a separação. Contudo, isso não se aplica no nosso caso. Que eu saiba ninguém está infeliz e o que pode vir a acontecer são só hipóteses.

— Mas a mentira que estamos a viver não é uma hipótese, é uma certeza, e tal como eu deverias querer evitá-la.

— Mas não é mentira! Ninguém está a mentir a ninguém.

— Aquilo que estamos a sentir não é real, Rodrigo. Será que não percebes isso? Logo, é como se tudo isto fosse uma mentira.

— Não confundas as coisas. *Voltou à cadeira onde tinha pousado os seus instrumentos de magia e pegou num baralho de cartas.* Eu peguei neste baralho agora e viste que eu não mexi nele, certo? *Anuí com a cabeça e ele abriu o baralho nas mãos.* Agora escolhe uma das cartas e decora qual foi. *Peguei numa das cartas e vi que era uma dama de copas.* Agora pousa-a no topo do baralho e depois parte-o as vezes que quiseres. Depois dá-mo e eu irei adivinhar qual foi a carta que tu escolheste.

Fiz o que me pediu e parti o baralho as vezes suficientes para fazer a minha carta perder-se no meio dele. Assim que terminei, entreguei-lhe o baralho, ele pegou nele, voltou as cartas, abriu-as, pegou na dama de copas e exibiu-a para mim.

— Como é que fizeste isso? *Questionei-o, intrigada.*

— Eu disse-te que ia adivinhar a carta e adivinhei.

— Eu sei, mas também sei que foi um truque. Explica-mo.

— Um bom mágico nunca revela os seus truques.

— Rodrigo, acabaste de me revelar vários truques que vamos fazer na festa do meu irmão, também podes revelar este. Diz-me.

— Então diz-me primeiro o que é que sentiste quando te mostrei a carta. Impressionada? Admirada? Assustada? Curiosa?

— Não sei, talvez um pouco de tudo isso. Eu sei que não leste os meus pensamentos, sei que há uma explicação lógica.

— Sabes que há uma explicação, sabes que há um truque, sabes que é uma ilusão e ainda assim não consegues evitar ficar admirada, impressionada e intrigada por não saberes como se faz.

— Onde é que queres chegar com isso?

— Quero fazer-te chegar à conclusão de que, apesar de o meu truque não passar de uma ilusão, aquilo que sentes é real. Independentemente da razão, a sensação é real, é verdadeira.

— Mas a fonte dessa sensação é uma ilusão, é uma mentira.

— Uma ilusão não tem de ser uma mentira, é uma manipulação da realidade. Eu enganei os teus sentidos, mas não te menti porque adivinhei a carta que tu escolheste. Porque é que achas que as pessoas continuam a ir a espetáculos de magia ou a ler livros ou a ver filmes mesmo sabendo que nada daquilo aconteceu de verdade? Porque as sensações que isso lhes proporciona são reais, são verdadeiras e no final de contas é isso que importa. Porque é que achas que sabe tão bem sonhar, se um sonho não é real? Porque é bom e porque, independentemente de ele vir a tornar-se realidade ou não, as boas sensações que tiveste quando sonhaste ninguém tas pode roubar. Tal como aquilo que estás a sentir agora.

— Isto é a vida real, Rodrigo. Não é um espetáculo de magia.

— Mas aquilo que sentes por mim é real e é mágico.

— Eu nem sequer sei se sinto alguma coisa por ti. Apareceste há meia dúzia de dias na minha vida. O que é que posso sentir?

Deu um passo em direção a mim e eu paralisei como se os meus pés estivessem colados ao chão. O friozinho na barriga voltou e as minhas pálpebras pareciam começar a perder a força.

— É mesmo necessário explicar o que é que sentes por mim? *Pôs a mão atrás das minhas costas e puxou-me contra ele.* Ou será que esse batimento cardíaco acelerado, essa respiração pesada e essas pupilas dilatadas chegam como resposta?

— O que é que estás a fazer, Rodrigo? *Questionei-o com a voz trémula e quase impercetível.* Isto não pode acontecer.

— O que não pode acontecer é continuares a fugir daquilo que temos de viver só porque acreditas que não é verdade. Se sentimos é porque é verdade, e agora vamos torná-lo realidade.

Assim que disse aquela última palavra, a sua boca viajou até à

minha e os seus lábios carnudos tocaram nos meus, sugando-me as forças que me faziam aguentar de pé. Se ele não me estivesse a segurar com tanta firmeza contra o seu corpo, talvez eu tivesse caído naquele instante. Quando me apercebi do que estava mesmo a acontecer, voltei a assumir o controlo do meu corpo e levei as mãos ao rosto dele para me entregar por completo àquele beijo. Mas também essa entrega durou pouco tempo, porque, depois de as minhas forças terem sido reativadas, os meus alarmes de segurança também foram reativados e tomei consciência das consequências daquilo que estava a acontecer. Num movimento quase automático das minhas mãos, afastei-o de mim e fiquei a encará-lo perplexa, não só pelo beijo, mas também pela minha própria reação a ele.

— Eu tinha-te dito que ia acontecer magia em cima deste palco, mas nunca pensei que fosse magia verdadeira. *Comentou.*

— Isto não devia ter acontecido. É melhor eu ir-me embora.

Peguei na minha mala e no meu casaco.

— Para onde é que vais? O nosso ensaio ainda não acabou.

— Se for para fazer truques como este, talvez eu não seja a melhor assistente. *Disse enquanto me dirigia para fora do palco.*

— Foi mágico, mas não foi truque nenhum. Volta aqui, Alice! Eu não cheguei a explicar-te o último truque das cartas.

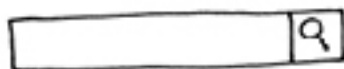
— Explicas da próxima vez que estiveres comigo.

— OK. Então, se não for antes, explico-te na quinta-feira.

Já ia a meio da plateia e parei para olhar para ele.

— Porquê na quinta-feira?

— Porque é feriado, e se de facto a mulher do Artur estiver nalgum hospital como tu defendes, ele vai aproveitar para a visitar. Ou seja, esta quinta-feira vamos desvendar o nosso mistério.



O regresso a casa naquela noite foi feito em piloto automático, pois só quando cheguei é que me apercebi de que não me lembrava do percurso que tinha feito. A única coisa de que me lembrava era de o beijo do Rodrigo ter passado em *loop* na minha mente dezenas de vezes durante aquela viagem. Parecia que ainda sentia a boca dele nos meus lábios e até a sensação áspera da sua barba curta na palma da minha mão. O coração, esse, continuava abalado por aquele turbilhão de sensações e a cabeça mais baralhada do que nunca. Sabia que aquele beijo podia mudar muitas coisas e estava a desinquietar-me não saber o que ia acontecer a partir daquele dia. Por mais que eu quisesse lutar, parecia que tudo conspirava para nos juntar. Além da apresentação que iríamos fazer em conjunto no aniversário do meu irmão, ainda tínhamos o mistério à volta do Artur para resolver. Tudo isto durante a fase de esquecimento, que eu ainda não me sentia preparada para abandonar, nem o Artur me tinha dado luz verde para o fazer. Se já era difícil negar o que sentia pelo Rodrigo, depois daquele beijo consentido ficou ainda mais difícil. As cartas já tinham sido todas viradas e agora só restava saber se eu ia a jogo ou não com elas, sabendo, desde logo, que podíamos perder os dois. Aquela minha fuga logo após o beijo permitiu-me ganhar algum tempo para pensar no próximo passo a dar, mas a verdade é que me sentia encostada à parede. Para onde quer que me virasse, o Rodrigo ia arranjar maneira de lá estar e talvez aquela minha resistência estivesse a ser em vão. Uma certeza, pelo menos, eu tinha: ia continuar a ser fiel aos meus valores. O Rodrigo podia até não se preocupar com a possibilidade de vir a sofrer, mas eu continuava com a obrigação de o proteger, a ele e a mim, daquela minha fase de esquecimento. Por isso, com beijo ou sem beijo, ia fazer os possíveis por manter a mesma postura, e, se alguém decidisse quebrar aquela espécie de acordo, que fosse ele por sua conta e risco. O feriado chegou e o Rodrigo avisou-me por mensagem de que, se de facto era para seguirmos o Artur com o propósito de saber onde é que ele ia secretamente nos seus tempos livres, então seria melhor fazê-lo de moto para facilitar o nosso disfarce. Concordei com ele e aceitei a

ideia. Apesar da adrenalina que aquilo me dava, não me sentia confortável em estar a fazê-lo sem o conhecimento do Artur, mas a curiosidade falava mais alto e já não dava para ignorar aquele mistério. Assim que o Rodrigo me avisou de que já tinha chegado, peguei no capacete da Hello Kitty que me havia oferecido e fui ao seu encontro. Mais do que ansiosa, estava curiosa por saber como é que ia reagir quando o visse, e para minha surpresa senti-me bem e tranquila. Não no sentido de me ter sido indiferente, mas no sentido de parecer algo natural, e foi isso que me surpreendeu.

— Esse capacete é para te proteger das quedas ou dos meus beijos? *Perguntou com um sorriso atrevido quando me aproximei.*

— De nenhum, porque nenhum dos dois vai acontecer.

— Pelo menos um deles não, eu conduzo muito bem.

Não desarmou o seu olhar atrevido e eu retribuí com um olhar irónico antes de colocar o capacete e subir para a moto.

— Já que conduzes muito bem, podes começar.

O Rodrigo colocou também o capacete, ligou a moto e arrancou. Quando chegámos perto da loja do Artur, ele meteu por um caminho que dava acesso a um jardim no topo de uma pequena colina, de onde era possível ver a fachada frontal da loja do Artur e consequentemente da sua casa, que ficava por cima. De lado estava o portão da garagem, de onde era suposto ver o Artur sair com o carro.

— A julgar pela hora, não deve faltar muito para ele sair de casa. *Comentou o Rodrigo quando parou a moto.*

— Mas não é certo. *Disse assim que tirei o capacete.* Ele hoje pode decidir ficar por casa e nós teremos vindo cá em vão.

— Duvido. Depois de tu me teres colocado essa hipótese acerca das saídas dele, eu comecei a fazer um *rewind* e apercebi-me de algumas vezes em que eu precisei dele por algum motivo ao fim de semana e ele não podia. Quanto à hora, também não me devo enganar muito, porque normalmente era ao início do turno da tarde que ele saía, o que, num dia útil, seria agora mesmo.

Olhámos em simultâneo na direção da loja na esperança de que coincidisse, mas nada aconteceu. Percebi que tínhamos de esperar, então meti o braço por dentro do capacete e caminhei até à vedação do jardim, que era feita com troncos de madeira, e apoiei-me nela. Logo depois, o Rodrigo juntou-se a mim.

— Já que vamos ter de esperar aqui, queres aproveitar para falarmos sobre o que aconteceu? *Questionou sem me olhar.*

— Sobre o beijo ou sobre a minha reação a ele?

— Sobre o beijo não há nada a dizer. Não importa se era o

momento certo ou não, se devíamos ou não. Eu queria, tu querias, proporcionou-se e aconteceu. Fim da história. O que me interessa saber é porque é que te foste embora. Arrependeste-te?

Olhei por alguns segundos para a paisagem à minha volta em busca da inspiração e do discernimento que aquele tema exigia. Além de ser bonito o local onde estávamos, também a vista era bonita e senti que as circunstâncias pediam aquela conversa.

— Não. Não me arrependi. Nem me poderia arrepender de algo que dois adultos fizeram porque queriam e sem prejudicarem ninguém, mas não é esse beijo que vai mudar as minhas ideias.

— As tuas ideias de manter a distância entre nós. *Murmurou.*

Inspirei profundamente e depois esvaziei os pulmões.

— Pelo menos até repor as minhas memórias. E não tenhas esperança que eu te peça para aguardares por mim até esse dia, porque isso seria uma tremenda injustiça para contigo. Principalmente sabendo que depois de recuperar as memórias aquilo que eu sinto por ti irá mudar radicalmente. Talvez tenhas razão quando dizes que quando uma pessoa vai ver um filme vai à procura de sensações e aquilo que ela sente é real mesmo que o filme seja só ficção. Mas também não podes negar que quando sabemos que o filme ou o livro é baseado em factos reais ele tem outro impacto.

— Então porque é que não fazes logo isso? Porque é que não pegas já na amпуlheta e recuperas as tuas memórias?

— Porque não me sinto preparada, Rodrigo!

— Não te sentes preparada ou não queres?

Ficámos em silêncio a encarar-nos um ao outro e depois desviei o olhar de volta para a paisagem diante de nós.

— Não quero e tenho medo. *Confessei baixinho.* Eu não me lembro do que sofri com o Gustavo, mas consigo imaginar e isso assusta-me. Tal como me assusta a ideia de não ser capaz de ultrapassar a dor a tempo de não te perder.

— Tu não me vais perder, quem te pode perder sou eu. Mas se isso te assusta assim tanto, então manda a amпуlheta para longe e deixa-me fazer-te a mulher mais feliz do mundo.

Soltei um sorriso dolorido e baixei o rosto.

— É uma imagem tentadora, mas apesar de tudo prefiro perder-te e saber que o filme da minha vida é baseado em factos reais do que continuar contigo sabendo que é mera ficção.

— Não é ficção, Alice. É um sonho! *Pegou no meu rosto e fez-me olhá-lo nos olhos.* Quem é que não quer viver um sonho? Não ponhas de parte essa hipótese já e deixa-me fazer-te esquecer que te esqueceste de alguém com aquilo que podemos viver juntos.

O Rodrigo disse-me aquelas palavras com tanta convicção que me fez vibrar por dentro. Era como se soubesse exatamente o código que devia marcar para desligar a minha teimosia e me fazer render de uma vez por todas à tentação de viver aquele sonho. No entanto, quando me preparava para me pronunciar em relação ao seu pedido, a minha visão periférica detetou movimentos na casa do Artur. Quando olhei para lá, o portão da garagem estava a subir.

— Rodrigo! Olha! O senhor Artur está a sair de casa.

— Está na hora de descobirmos para onde vai. Vamos!

Corremos para a moto e fizemo-nos ao caminho. O Rodrigo deu alguma distância para evitar que o Artur pudesse reconhecer a sua moto e tentava que pelo menos houvesse dois carros entre nós. Além disso, e sempre que possível, metia por atalhos para disfarçar aquilo que, para meu desconforto, não deixava de ser uma perseguição. Pelo caminho ia colocando vários destinos para aquela viagem, sendo que a hipótese de ser um hospital era a mais forte, e ao mesmo tempo ia tentando evitar cenários como um hipermercado, por exemplo, para não me desanimar. Seria muito constrangedor concluirmos que tínhamos perseguido o Artur numa das suas idas às compras. Cerca de meia hora depois, demos por nós numa zona pouco urbanizada e o Rodrigo teve de aumentar a distância de segurança do carro do Artur. Nessa altura, a hipótese de ser um hospital começava a perder força, pois não me parecia uma localização apropriada, até que vimos o carro passar por um portão e entrar num recinto vedado por sebes a toda a volta. Decidimos aproximar-nos da entrada e a primeira coisa que nos saltou à vista foi uma tabuleta que dizia apenas *Mãos Dadas & Companhia*.

— O que é que te parece que isto seja? *Perguntou-me.*

— Não sei, talvez um lar, mas vamos espreitar.

Descemos da moto e passamos pelo portão, que apesar de conferir um aspeto privado ao recinto não tinha nenhum porteiro, e preferi acreditar que não estávamos a fazer nada de ilícito. O interior era bastante verdejante. Havia muitas plantas e a relva estava bem cuidada. Ao fundo via-se um edifício baixo, mas comprido, e em frente um pequeno estacionamento onde estavam alguns carros, incluindo o do Artur. Notava-se que o recinto continuava do outro lado do edifício, numa zona que seria ainda mais privada do que aquela em que estávamos, mas não vislumbrámos ninguém, além de um senhor que regava uma árvore próxima da entrada.

— Ficamos na mesma. Continuamos sem saber o que isto é.

— Não, não ficamos. *Corrigi.* Basta procurar na Internet.

Voltámos a abandonar o recinto para ficarmos mais à vontade e

depois peguei no telemóvel e coloquei no Google o nome que dizia na tabuleta. Apareceu logo um *site*, que eu abri e comecei a ler.

— Acho que se trata de uma clínica privada. *Murmurei.*

— Deixa-me ver. *Passei-lhe o telemóvel.* Parece que sim. *Confirmou depois de passar os olhos pelo site.* Pelo que vejo, é uma espécie de clínica-lar para pessoas com doenças do foro mental.

— O que significa que a mulher do senhor Artur não morreu, nem sequer está em coma, como eu imaginava.

— Está demente. *Finalizou o Rodrigo.* Por isso é que ele se referia à sua perda, mas não à sua morte. Perdeu-a porque ela deve ter perdido a sua sanidade mental e ficou irreconhecível. Daí a medicação para a depressão, deve ter sido essa a causa.

— Exatamente! Parece que o mistério está resolvido.

Dirigi-me para a moto para me ir embora, mas ele interrompeu-me.

— Não sei se é bem assim. Ainda falta saber uma coisa. *Fiquei a olhá-lo na expectativa.* Falta saber o verdadeiro motivo pelo qual o Artur nos quis fazer acreditar que ela tinha morrido.

— E como pensas obter essa resposta?

— Bom... a resposta deve estar ali dentro. E já que viemos até aqui, agora vamos entrar e conhecer a mulher do Artur.



— Conhecer a mulher dele? Mas depois vai dizer-lhe que nós estivemos cá e estamos metidos em sarilhos. Ainda és despedido e, em relação a mim, pode desistir de me ajudar. Lembra-te de que supostamente não deveríamos estar aqui e pelos vistos ele não quer.

— Relaxa. Vai correr tudo bem. Só temos de pensar num plano, e como o Artur acabou de chegar ainda temos algum tempo.

— Mas tem de ser agora? Não é melhor ficar para depois?

— Temos de aproveitar este *timing*. Foi agora que se proporcionou, logo é agora que deve acontecer. Além de que podemos beneficiar do facto de irmos lá logo após o Artur.

— Porque é que isso havia de ser uma vantagem?

— Anda comigo. *Avançou para a moto*. À vinda para cá passámos por uma esplanada, vamos esperar lá que o Artur saia e aproveitamos para decidir como iremos abordar esta questão. Quando ele se for embora, tem de passar em frente a ela e, quando virmos o carro dele na estrada, estará na hora de avançarmos.

Deixei-o tomar as rédeas da situação e fiz o que me disse. Se na vez anterior tínhamos esperado no topo de uma colina, desta vez íamos esperar na esplanada de um café. A paisagem não era tão bonita como a anterior, mas era um pormenor que se tornava insignificante na companhia do Rodrigo. Assim que nos sentámos, ele começou por responder à pergunta que tinha ficado pendente.

— Não sei como funcionam as visitas, por isso o plano passa por chegarmos depois de ele sair, fazermos de conta que somos uns amigos ou uns vizinhos que por acaso se cruzaram com ele pelo caminho e ele sugeriu que a viéssemos visitar. O que achas?

— Acho que isso tem tudo para correr mal. E se alguém liga para o Artur a perguntar se nós a podemos visitar? Somos apanhados e que explicação lhe vamos dar? E se nem sabemos o nome da senhora, como vão acreditar que somos próximos?

— Por isso é que é importante chegarmos logo depois de o Artur sair, que é para a tese de que nos cruzámos com ele ter mais força. Mas também não acho que o controlo seja assim tão cerrado.

— Pelo aspeto pareceu-me uma instituição de qualidade, por isso com certeza que devem ser rigorosos. Mas a minha preocupação é que o Artur venha a descobrir e fique chateado connosco.

— Posso ser eu a tratar disso. A ideia foi minha, eu assumo a responsabilidade. Assim pelo menos tu ficas salvaguardada.

— Não! *Respondi prontamente.* Se é assim, então vou eu. Tens muito mais a perder do que eu caso sejas descoberto e ele entenda isso como uma quebra de confiança, já que trabalhas com ele, para ele e ainda vives num apartamento dele. Vou eu, está decidido.

— Tens a certeza? Temos sempre a hipótese de esquecer o assunto e assim garantidamente ninguém se chateia.

— Sabes bem que, apesar dos riscos e dos meus receios, é tarde de mais para desistir deste caso. Agora vamos até ao fim.

— Pena que não tenhas esse espírito para outras situações...

Notei que se estava a referir a nós, mas ao contrário do que tinha acontecido na colina, já não me sentia com espírito para tocar naquele assunto ou então não me sentia segura o suficiente para o fazer, e por isso fiz de conta que não percebi a indireta.

— Vamos partir do princípio de que eu consigo chegar à senhora, o que é que faço depois? Digo-lhe que sou quem? E do que é que eu vou à procura? Não lhe vou perguntar logo o que é que aconteceu para ela ter ficado assim e muito menos vou dizer que o marido tem omitido o estado dela. Se é que ela já não o sabe.

— Pelo que sei, a mulher do Artur trabalhava com ele na loja. Podes dizer que uma vez foste lá e simpatizaste com ela. E quando soubeste que estava nesta clínica quiseste visitá-la. Assim tens uma boa desculpa para o caso de não se lembrar de ti.

— Tens sempre uma solução na ponta da língua. Eu só espero que neste caso a curiosidade não mate o gato, senão vou aprender uma boa lição para não me meter onde não sou chamada. *Disse em tom descontraído, mas com um nervosismo miudinho.*

— Eu já te disse que comigo nunca te vai acontecer nada de mal e hoje não será exceção. Tenho a certeza de que vais entrar naquele edifício e trazer lá de dentro respostas valiosas.

Continuámos a conversar por mais um bocado e eu tentei manter a conversa longe dos temas que me pudessem comprometer, como era o caso do pedido subtil e tentador que me tinha feito de o deixar fazer-me esquecer que me tinha esquecido de alguém. A dada altura, estávamos tão entretidos um com o outro que nos esquecemos do

que nos tinha levado ali. Só quando vimos o carro do Artur a passar na estrada à nossa frente é que acordámos para a realidade. Olhámos um para o outro e não foi preciso dizer nada. Fomos juntos até à entrada da clínica e depois o Rodrigo deixou-me entregue à minha sorte com um gentil piscar de olho. À medida que me ia aproximando da porta de entrada, o meu batimento cardíaco acelerava e a cada passo que dava tinha mais certezas de que, se a pessoa que me iria abordar desconfiasse minimamente de mim, eu ia confessar de imediato toda a verdade. Ainda não tinha entrado e já me tinha arrependido de me ter oferecido para ser eu a fazer aquilo e questionei-me se aquele não seria um dos momentos em que deveria ser mais egoísta do que altruísta. Assim que entrei, a senhora da receção recebeu-me com um sorriso.

— Boa tarde, em que posso ajudar? *Perguntou-me.*

— Olá, eu sou uma amiga da família do senhor Artur, que saiu daqui há pouco tempo. Cruzámo-nos há bocado e ele disse-me que tinha vindo cá fazer uma visita e que eu podia vir também.

— Vem visitar a dona Adelaide, é isso?

Eu evitei referir-me à pessoa que vinha visitar por não saber quem estaria de facto internado naquela clínica e também para não me comprometer com os nomes, mas agora já o sabia.

— Sim, isso mesmo! Não me irei demorar.

— Claro, claro! Estou a falar com...

Estava a pedir-me o nome e eu não tinha pensado nisso. Se lhe dissesse o meu nome verdadeiro, facilmente poderia comentar com o Artur e eu era descoberta, mas se desse um falso ela poderia pedir-me algum documento de identificação e tramava-me. Assim, a melhor solução que encontrei foi dar-lhe o meu segundo nome.

— Raquel. *Disse por fim, tentando disfarçar o nervosismo.*

— Com certeza, acompanhe-me, por favor, Raquel.

A senhora levantou-se e eu segui-a. Depois de atravessar o *hall* de entrada, passou para uma divisão que aparentava ser uma sala de convívio, mas que também servia de acesso ao jardim, e foi para lá que me encaminhou. No exterior havia utentes e funcionários um pouco por todo o lado e também se vislumbravam algumas pessoas que pareciam ser familiares dos utentes. Também elas, com certeza, estariam a visitá-los. Senti-me estranha com aquela visão. Parecia um desterro de idosos e doentes mentais como se via nos filmes, mas ao mesmo tempo parecia um hotel com atendimento personalizado. A senhora que me indicava o caminho parou e apontou com a mão para uma outra que estava numa cadeira de rodas de costas para nós e depois afastou-se com um sorriso. A primeira parte daquele desafio

estava cumprida com sucesso, faltava a segunda, por isso pus o melhor sorriso que consegui para disfarçar o meu desconforto e ansiedade e aproximei-me da senhora.

— Olá, dona Adelaide. *Cumprimentei, enquanto me sentava do seu lado na beira de um canteiro do jardim.*

A senhora tinha a cabeça voltada para baixo e ergueu-a ligeiramente para me poder olhar. Ficou a encarar-me de olhos mortícios por um momento, mas não retribuiu o cumprimento.

— Não sabe quem eu sou, pois não? *Perguntei, numa tentativa de ver como reagia àquela pergunta e saber qual o passo seguinte a dar, mas voltou a não reagir.* Eu sou uma amiga do Artur. Costumo ir à vossa loja. Ele já me falou de si.

Continuei a sorrir para tentar criar empatia, mas a Adelaide desviou o olhar de mim e baixou a cabeça. O meu sorriso apagou-se e fiquei sem perceber se ela tinha conseguido, pelo menos, interpretar o que lhe tinha dito. Mas decidi tentar de novo e desta vez arrisquei um pouco mais na informação que lhe dei.

— O seu marido disse-me que gostava muito de ler romances, até me mostrou a poltrona onde os costumava ler. Falou de uma forma tão apaixonada de si que eu quis muito conhecê-la.

Olhou-me pelo canto do olho sem mover a cabeça e quase que podia jurar que esboçou um leve sorriso, mas talvez não passasse de uma ilusão criada pela minha vontade de que fosse verdade. Era fácil de perceber que não iria falar comigo, provavelmente nem o faria com ninguém, e comecei a ficar desanimada. Não só por não obter as respostas que o Rodrigo acreditava que eu conseguiria, mas principalmente pelo estado em que a mulher do Artur se encontrava. Naquele momento, entendia na perfeição porque é que ele se referia a ela como uma perda, pois era como se não estivesse ali ninguém. Fiquei por um bocado a observá-la e aquela imagem partia-me o coração. Comecei a sentir-me cada vez pior e quando estava prestes a render-me e ir embora reparei que ela estava a segurar qualquer coisa numa das suas mãos e parecia ser uma fotografia. O meu primeiro pensamento foi ficar quieta e não abusar da confiança, mas depois pensei que podia ser algo importante, e já que tinha conseguido chegar até ali, era só arriscar um pouco mais.

— É uma fotografia, dona Adelaide? Posso ver?

Agarrei numa das pontas da fotografia, comecei a puxá-la devagarinho da sua mão e a Adelaide não mostrou resistência. A fotografia estava enrolada e bastante deteriorada, o que possivelmente demonstrava que andaria sempre com ela e há muito tempo. Apesar de estar bastante gasta, deu para perceber que se

tratava de uma fotografia antiga da Adelaide e do Artur e com uma particularidade interessante: estavam a segurar um bebé. Entretanto ela começou a soltar uns gemidos que não consegui perceber se eram choro, mas claramente que tinha a ver com o que lhe tinha tirado. Peguei no meu telemóvel, tirei uma foto à fotografia com ele e voltei a colocá-la na mão dela. Como se tivesse acabado de devolver a chupeta a um bebé, ela acalmou-se de imediato. Senti que não tinha mais nada a fazer ali, por isso olhei a dona Adelaide uma última vez, passei a minha mão no seu braço e fui-me embora. Quando atravessei o edifício e saí pelo outro lado, foi como se tivesse tirado dos meus ombros uma mochila cheia de pedras. Até parecia que respirava e andava melhor. Fui ao encontro do Rodrigo e encontrei-o no exterior do recinto a olhar para um pinhal que ficava em frente. Chamei por ele e entreguei-lhe o telemóvel logo depois.

— É uma fotografia que a mulher do Artur tinha nas mãos. *Expliquei.* Ela não disse uma única palavra durante o tempo que estive com ela, mas essa imagem pode valer por mil palavras.

— Afinal o Artur tem um filho e nunca me falou dele?

— Deve ser uma filha porque a bebé está vestida de cor-de-rosa, e uma certeza eu tenho: ela está ligada a todo este mistério.



— Tens razão, deve mesmo ser uma rapariga. *Disse depois de aproximar o ecrã para ver melhor.* Mas achas que é por causa da filha que a mulher do Artur está naquela clínica?

— Não sei, mas por algum motivo ela tem esta foto com ela. Não sei se é apenas por hábito ou se é algum amuleto.

— Afinal, como é que estava a senhora? Acamada?

— Estava de cadeira de rodas, mas não sei se tinha noção do que se passava em volta. Sei que se apercebeu da minha presença e da falta desta fotografia quando lha tirei, mas não comunicou comigo a não ser através do olhar, e mesmo isso foi residual.

— Mas se eles têm uma filha, porque é que o Artur nunca falou nela e porque é que nunca a vi na loja? Já trabalho nela há alguns meses. Era tempo suficiente para justificar uma visita.

— Não sei, não sei... *Murmurei enquanto olhava, distraída, para a fotografia no telemóvel e talvez tenha sido por isso mesmo que consegui ver algo que ainda não tinha visto.* Espera lá! Esta foto não foi tirada no jardim de casa do Artur?

— Agora que falas nisto é que estou a ver que sim.

— E isto aqui atrás. *Apontei para um rebento de árvore que parecia acabado de plantar.* Não é a olaia que ele tem lá?

— Não dá para perceber se é uma olaia, mas pelo menos a localização parece ser a mesma e pelo tamanho que ela tem agora eu diria que tem a mesma idade que essa fotografia.

— Então, se assim for, se calhar nós podemos ter tirado uma conclusão errada. Aquela olaia não foi plantada quando eles se casaram, foi plantada quando a filha deles nasceu.

— Mas o que é que isso significa nesta história toda?

— Significa que, ao contrário do que eu tinha sugerido, aquela olaia não representa o casamento dele com a mulher, mas sim o nascimento da filha. Ou seja, as orações que tu disseste que ele fazia junto àquela árvore não eram para a mulher, mas para a filha.

— O que pode querer dizer que lhe aconteceu alguma coisa e que por causa disso a mulher dele deve ter ficado com depressão, acabando naquele estado em que a viste. Só falta saber o que é que lhe aconteceu. Achas que é aquilo que estamos a pensar?

— Espero que não, mas infelizmente é a hipótese mais forte. E tendo em conta que o Artur tem feito segredo disso e a Adelaide, que é a mulher dele, não é capaz de falar, ou descobrimos por nós mesmos ou teremos de lhe perguntar diretamente.

— Perguntar-lhe diretamente o que é que aconteceu à filha? Além de pormos em causa toda esta espécie de investigação, ainda lhe estaríamos a dar a oportunidade de nos fazer acreditar naquilo que ele quer que acreditemos. Tal como até aqui. Ou seja, não era certo termos resolvido o mistério.

— A não ser que lhe apresentemos provas suficientes e ele não tenha outra hipótese que não dizer-nos a verdade, se é que isso é uma hipótese para ele. Pode simplesmente remeter-se ao silêncio, pois está no seu direito, e obrigar-nos a engolir a nossa curiosidade. Seja como for, nunca será antes de me ensinar o que tem a ensinar para eu poder então reaver as minhas memórias. Caso contrário, além de todo este esforço ir por água abaixo, também poderá ir o esforço que fiz para adquirir as ferramentas necessárias para vencer a dor que virá com essas memórias.

— Se já aprendeste as lições, porque precisas das memórias?

— Porque aquilo que de mal nos acontece não são apenas lições, são também lembretes daquilo que não queremos que volte a acontecer. E convém tê-los. Vamos embora?

Anuiu com a cabeça e depois subimos para a moto e fomos embora. Aquele mistério parecia ir-se desvendando como uma matriosca. Sempre que encontrávamos uma resposta, aparecia logo uma pergunta e eu ficava cada vez mais intrigada. Afinal não era o Artur que sofria de depressão, mas sim a mulher. Afinal a mulher dele não tinha morrido, estava sim internada numa clínica. Afinal eles tinham uma filha que não sabíamos e afinal aconteceu-lhe alguma coisa, mas que ainda nos faltava descobrir. Por mais que aquele assunto não fosse da minha conta, eu não iria descansar enquanto não encontrasse a resposta à derradeira pergunta, porque é que ele quis esconder a mulher e passar a imagem de que tinha morrido? Podia não saber qual o próximo passo a dar ou sequer se estaria perto, mas sabia que estava a caminhar na direção certa e isso deu-me uma sensação boa de confiança. Entretanto chegámos à minha casa, desci da moto e o Rodrigo tirou o capacete para poder dar uso ao seu olhar sedutor na hora de se despedir.

— Aproveita o resto do dia para pensares em soluções para desvendarmos este mistério. E já agora também na proposta que te fiz na colina e quem sabe esqueceres a ampulheta, assim sem querer. *Acentuou o tom irónico.* Num sítio longe daqui.

— E tu aproveita o teu tempo livre para aperfeiçoares os truques de magia porque a festa de aniversário do meu irmão é já amanhã e terás umas quinze crianças e quase outros tantos adultos para impressionar. *Virei-me para ir para casa e lembrei-me de uma coisa.* Mas, antes de te ires embora, e já que falei de magia, explica-me lá aquele truque de cartas que me fizeste antes de me beijares.

— Antes de nos beijarmos. *Corrigiu.*

— A vontade foi mútua, mas a iniciativa foi tua. Vá! Conta. Disse-te para me explicares quando nos voltássemos a ver.

— É um truque muito simples. Eu de facto não mexi no baralho de cartas quando peguei nele para que tu escolheesses uma carta aleatória, no entanto eu já tinha fixado previamente qual era a carta que estava no topo do baralho. Assim, quando tu escolheste uma carta e eu te pedi para a pousares no topo do baralho antes de o partires as vezes que quisesses, eu já sabia que depois de o virar, a carta que tu tinhas escolhido estaria a seguir à carta que eu tinha memorizado. E *voilà!* Magia! *Terminou com um sorriso.*

Dei-lhe as merecidas palmas, devolvi-lhe o sorriso e entrei em casa. Fui diretamente para o meu quarto e, motivada pela proposta do Rodrigo, abri o armário onde tinha guardado a minha ampulheta e peguei nela. Continuava a ser estranho acreditar que as minhas memórias, de certa forma, tinham sido removidas por aqueles pequenos grãos de areia que se limitaram a passar de um lado para o outro. O meu nome, gravado com o estilete na base de madeira, continuava invertido, pois tinha de manter a ampulheta de cabeça para baixo até decidir recuperar as memórias. Senti nas mãos o quão frágil era aquele instrumento e como seria se eu me deixasse seduzir pela imagem tentadora que o Rodrigo me deu. Entretanto bateram à porta do meu quarto e interromperam-me aquela imagem. Pousei a ampulheta e disse para entrar. Era o meu irmão.

— A mãe quer falar contigo. Acho que tem a ver com o pai.

Levantei-me de imediato e desci ao piso de baixo à procura dela. Depois de confirmar que não estava na sala, fui à cozinha e encontrei-a a remexer no armário da louça.

— O que é que queres falar sobre o pai? *Perguntei da porta.*

— Ah! Já estás aí? *Tirou a cabeça de dentro do armário para olhar para mim.* Eu liguei ao teu pai para o convidar para a festa de aniversário do teu irmão, tal como me pediste, mas ele disse que não

vem. Sabes onde estão aqueles copos de plástico...

— Não vem porquê? *Interrompi-a.* Que explicação é que deu?

— Disse que depois festeja com ele em casa dele.

— E já vi que tu também não insististe, não foi?

— Se não quer, não quer. É melhor do que vir contrariado.

Soltei um suspiro e abanei a cabeça.

— Deixa estar, eu mesma vou falar com ele pessoalmente.

Nem esperei que a minha mãe apresentasse mais algum dos seus argumentos para justificar a falta de vontade dela de que o meu pai viesse à festa. No entanto, ainda que não fosse o maior desejo de cada um deles, os seus orgulhos pessoais não podiam estar acima do bem-estar do filho e mais uma vez tinha de ser eu a segurar as pontas. Agarrei nas chaves do carro e fui a casa do meu pai. Foi ele próprio que me veio receber à porta e convidou-me logo para entrar. Ao passar pela porta da sala vi a Estela, a companheira do meu pai, com a filha dela, a Daniela, de oito anos, fruto do relacionamento anterior. Estavam no sofá da sala a ver televisão e cumprimentei-as com um sorriso e um aceno. Depois fomos para a cozinha.

— Não me digas que é por causa do aniversário do Mateus.

Disse o meu pai assim que nos sentámos.

— Porque é que não queres festejá-lo lá em casa?

— Filha, todos os anos a tua mãe faz uma festa para o rapaz lá em casa e eu faço outra aqui, porque havia de ser diferente desta vez?

— Porque em algum momento as coisas têm de mudar, ou vai ser assim para sempre? Para quê fazer duas festas? Porque não fazer um ano numa casa e no outro noutra? Não é por lhe fazerem duas festas que a alegria dele será a dobrar. A alegria dele será a dobrar quando vocês os dois participarem na mesma festa. *O meu pai baixou a cabeça, pensativo, e percebi que tinha de aproveitar aquele momento para insistir com ele.* A mãe já deu o braço a torcer e convidou-te, agora convém fazeres a tua parte também.

— O convite da tua mãe foi só para parecer bem, sabes muito bem que não é a vontade dela. Aliás, tal como estás aqui agora a tentar convencer-me, também o deves ter feito com ela.

— Mas eu nem devia estar a tentar convencer ninguém. Não percebes isso, pai? Devia ser uma iniciativa vossa. Não sou eu que tenho de andar a compor o que vocês andam a estragar.

— Se há aqui alguém que está a tentar estragar alguma coisa é a tua mãe ao inventar formas de me afastar do Mateus.

— Será mesmo ela que te tem afastado do teu filho ou és tu que te tens desleixado com ele porque sabes que, se for preciso alguma

coisa, a mãe está lá para resolver? Se te preocupas assim tanto com o Mateus ao ponto de lhe fazer uma segunda festa de aniversário e ir ver os jogos de hóquei dele, porque é que também não vais mais vezes aos treinos? Se calhar se o tivesses acompanhado mais, ele não estaria a sofrer de *bullying* dos colegas de equipa.

— Do que é que estás a falar?

— É isso mesmo que tu ouviste, o Mateus tem sido vítima de *bullying* por parte de pelo menos um dos colegas da equipa de hóquei. E se tu o tivesses acompanhado mais vezes nos treinos talvez te tivesses apercebido disso e até mesmo evitado. Todo o pai devia ser o super-herói dos seus filhos, será que és o do teu? *Ficou a encarar-me por um momento e percebi que aquilo o tinha afetado.* Se lhe queres mesmo dar uma alegria e um bom presente, então não faças uma segunda festa e aparece na nossa.

Percebi que aquele era o momento certo para terminar a conversa e deixá-lo a refletir sobre o assunto, por isso despedi-me com um beijo no rosto e fui-me embora. Quando cheguei ao meu quarto, vi a ampulheta na mesinha de cabeceira e peguei nela para a voltar a guardar no armário, mas um pormenor fez-me enregelar. O meu nome estava às direitas. Alguém tinha invertido a ampulheta.



As minhas memórias. Foi o meu primeiro pensamento. Eu ainda não estava preparada para as ter de volta. Muito menos daquela forma tão imprevisível. E agora? O que é que era suposto fazer? O que é que era suposto sentir? Comecei a ficar stressada e não consegui perceber se já era o efeito da reposição das minhas lembranças. Precisava de falar urgentemente com o Artur, mas àquela hora só podia ser por telefone e por isso liguei-lhe logo.

— Estou? Artur? É a Alice. Aconteceu algo que não era suposto. A amпуlheta foi virada ao contrário. E agora o que é que eu faço?

— Já? Mas eu ainda nem lhe expliquei como o fazer.

— Não fui eu que o fiz. Eu deixei-a na mesinha de cabeceira e quando cheguei ela tinha sido invertida. E agora? Não sei o que é que é suposto fazer, eu nem sequer estou preparada.

— Tenha calma. Volte a guardar a amпуlheta, não olhe mais para ela e amanhã, assim que puder, passe na loja.

— Só amanhã? Mas eu agora não consigo ficar descansada!

— Mas pode ficar. Confie em mim. Está bem?

— É mesmo seguro? As memórias não vão ser repostas a meio da noite e eu não vou acordar a chorar ou assim?

— Não! Não se preocupe, apenas faça o que eu lhe disse.

Aquelas palavras deixaram-me um pouco mais aliviada.

— Está bem, está bem. Conte comigo aí logo de manhã!

Desliguei a chamada e sentei-me na cama enquanto o meu coração acalmava lentamente, depois lembrei-me do provável causador daquele susto e fui bater-lhe à porta.

— Mateus, tu por acaso foste ao meu quarto e mexeste na amпуlheta que estava em cima da minha mesinha de cabeceira?

— O que é isso? É aquela coisa com areia dentro?

— Sim, isso mesmo, foste tu que mexeste nela?

— Fui, mas eu não estraguei nada, juro! Foi depois de te ir

chamar, eu vi aquilo e fiquei curioso. Nunca tinha visto. Desculpa!

— Está bem, pronto. Era só para saber. Mas eu já te pedi para não mexeres nas minhas coisas.

Estava quase a fechar a porta do quarto dele para regressar ao meu quando o Mateus me voltou a chamar.

— Alice? A mãe disse que o pai não queria vir à minha festa e que tu foste a casa dele tentar convencê-lo. Conseguiu?

Não sei porque é que a minha mãe lhe foi dizer que o pai não queria vir à festa, era desnecessário, mas, mais uma vez, escolhi acreditar que não foi propositado. Quanto à pergunta que o meu irmão me acabava de fazer, por um lado queria dar-lhe uma resposta positiva, mas por outro não o podia iludir.

— O pai vai fazer os possíveis para vir. *Acabei por responder.*

No dia seguinte logo pela manhã, e depois de uma noite mal dormida com receio de ser surpreendida a qualquer momento com memórias menos boas, parabeneizei o meu irmão pelas 12 primaveras, peguei na ampulheta e fui à loja. Quando cheguei, só vi o Rodrigo atrás do balcão e estava a conversar com um cliente. Devo ter entrado de um jeito muito atribulado porque a expressão dele mudou rapidamente de alegria para preocupação.

— O que é que se passa? Aconteceu alguma coisa? *Perguntou.*

— Não propriamente, mas preciso de falar com o Artur.

Apontou com o polegar para a porta que dava acesso à biblioteca e eu precipitei-me para lá. Não o encontrei na biblioteca, mas sim no anexo ao lado ocupado com os seus fatos.

— Está aqui. *Disse, mostrando-lhe a ampulheta.* E agora?

— Espere por mim na biblioteca. Já vou ter consigo.

Sentei-me, pousei a ampulheta sobre a mesa e aguardei. Enquanto esperava reparei de novo na porta do armário à minha frente, que tinha o desenho de um trevo gravado nela, e comecei a questionar-me se não estaria ali dentro a resposta ao mistério em torno do Artur. Pelo menos a resposta que me deu quando o confrontei com o facto de aquela porta estar trancada foi bastante elucidativa de que ele não queria que se soubesse o que estava ali dentro. O que me dava ainda mais curiosidade. Que era, e o Artur sabia-o bem, um grande estímulo para me fazer correr atrás. Entretanto ele apareceu, sentou-se e pegou na ampulheta.

— Uma coisa que eu não cheguei a referir quando lhe removi as memórias foi que, para a técnica funcionar, eram necessárias apenas duas condições. *Começou por dizer o Artur.* A primeira era que a Alice tinha de querer e a segunda era que tinha de seguir as minhas instruções. Ou seja, se não quisesse verdadeiramente esquecer-se

desse tal Gustavo, era como se as portas do seu subconsciente se trancassem e eu não poderia aceder às memórias associadas a ele. Mas como na altura me pediu com tanta vontade, isso nem sequer era uma questão. Ora, o mesmo serve no processo inverso. Primeiro de tudo tem de querer e depois tem de seguir as instruções. É importante lembrar que isto que fiz consigo não é nenhuma feitiçaria. As memórias não vão e vêm só porque viro e desviro uma simples ampulheta. Também por isso é que as memórias não reapareceram depois de alguém ter mexido nela.

— E quais são as instruções para fazer o processo inverso?

— São mais simples, mas é melhor dar-lhas quando tiver as ferramentas para enfrentar o que virá depois. Contudo, isso é apenas uma sugestão, pode fazê-lo quando quiser, desde que, como disse, cumpra as duas condições. Mas quer fazê-lo agora?

— Não! Quero fazê-lo quando tiver chegado a hora certa.

— Muito bem, sendo assim, vou corrigir a posição da ampulheta. *Pegou nela e escondeu-a debaixo da mesa.* Tal como lhe pedi ontem para não olhar mais para ela, agora também não convém ver a areia a passar de um lado para o outro sob o risco de essa imagem interferir com as sugestões que dei ao seu subconsciente.

Quando viu que a areia já tinha passado toda para o outro lado, devolveu-me a ampulheta. Naquele momento lembrei-me do conselho que ele me tinha dado para não me envolver sentimentalmente durante a fase de esquecimento. No entanto, era inegável que isso já tinha acontecido e percebi que era uma informação relevante para lhe ser dada, uma vez que certamente isso mudaria muitas das referidas ferramentas que tinha para me dar.

— Eu acho que me apaixonei. *Atirei sem medo.* Não estava nos meus planos, mas quando me avisou para não o fazer talvez já fosse tarde de mais. E se já o era naquela altura, agora mais ainda. Não sei o que isto muda ou se já estraguei todo o esforço que o Artur fez e até eu própria, mas achei que lhe devia contar.

Ficou a encarar-me com um olhar inexpressivo, depois deixou cair os ombros, recostou-se na cadeira e baixou a cabeça.

— Foi pelo meu empregado Rodrigo?

Aquela pergunta apanhou-me desprevenida. Não sabia que ele se tinha apercebido de alguma coisa ou então se o Rodrigo tinha comentado com ele, mas demorei tanto a responder-lhe que acabou por não ser preciso. Depois o Artur levantou-se e começou a caminhar de um lado para o outro na biblioteca, de mão no queixo e pensativo, e eu comecei a ficar preocupada.

— Desculpe se estraguei tudo. Não era minha intenção. Mas

desde que soube que não o devia fazer tenho tentado manter a distância do Rodrigo para não piorar as coisas.

— A culpa foi minha. Devia tê-la avisado mais cedo, mas esqueço-me de que hoje em dia tudo acontece muito mais rápido do que no meu tempo, que para falarmos tinha de ser por carta.

— Também não sei se é relevante saber isto, mas o Gustavo procurou-me. Aproveitei para lhe contar o que tinha acontecido, porque achei que ele merecia saber, e parece que ficou incomodado. Mas neste caso consegui manter a distância. Aliás eu contei-lhe precisamente para que ele fosse à sua vida e não me procurasse mais, mas uma amiga minha disse que ele deverá voltar. *O Artur continuava a andar de um lado para o outro, murmurando de uma forma impercetível. É assim tão má a minha situação?*

— Digamos que é pior do que o pior cenário que eu imaginei. Eu nunca deveria ter cedido à sua insistência. Isto foi um erro.

— Se eu precisava de ajuda e se o Artur me podia ajudar, então não foi um erro. Não se pode culpar por ter um bom coração.

— Mas posso culpar-me por não ter uma cabeça boa o suficiente para prever cenários como este. Usar uma pessoa para esquecer outra raramente dá bom resultado.

— Eu posso ter-me apaixonado, ou o que quer que isto seja, mas não significa que tenha dado uso ao que sinto ou à pessoa por quem sinto. Eu mantive sempre a minha posição em relação ao... *Fiz uma pausa e baixei a voz.* Em relação ao Rodrigo.

— Acha que ele sente o mesmo por si?

Anuí com a cabeça e ele voltou a sentar-se desanimado.

— A inclusão do Rodrigo vem baralhar as contas todas e, se me diz que o Gustavo a procurou, então temos um problema extra. Cada vez mais, acho que isto não é um dom, mas uma maldição.

— Claro que é um dom e com o qual tem ajudado muita gente. Ninguém teve culpa, a não ser as circunstâncias, mas agora só nos resta adaptar a elas. Por isso diga-me, o que é que isto muda?

— A Alice continua com as mesmas duas opções de sempre. Ou decide recuperar as memórias ou decide viver para sempre na fase de esquecimento. É livre de optar por qualquer uma delas e também já sabe quais são as vantagens e desvantagens de cada uma. A única diferença, tendo em conta o que acabou de me revelar, é que se decidir recuperar as memórias tem de fazê-lo rapidamente. Ou, por outras palavras, é agora ou nunca.

Engoli em seco com o abanão interior que aquela última frase me deu. Tinha acabado de ser encostada à parede e parecia até que conseguia sentir o aperto no peito.

— O que quer dizer com *rapidamente*?

— Isto não é uma ciência exata. Não lhe posso dar prazos, nem sou ninguém para o fazer. Mas partindo do princípio de que a cada dia que passa está a atrasar a solução e a piorar a sua situação, a sua e a do Rodrigo também, porque não ser hoje?

— E as tais ferramentas que o Artur disse que eu precisava?

— Eram só uma ou duas coisas importantes que lhe queria transmitir, mas tendo em conta as circunstâncias, e se tiver tempo, podemos tratar disso hoje. No entanto, devo relembrar que o momento em que irá virar em definitivo esta ampulheta deverá ser uma escolha livre sua. A minha função é apoiá-la no que puder e aconselhá-la o melhor que conseguir. Esse é o meu compromisso pessoal para com as pessoas que ajudo com esta técnica. Quanto ao resto, tem mesmo de ser uma decisão da própria pessoa, até porque, como eu disse, um dos requisitos é querer.

— Posso fazer uma pergunta parva? Se eu recuperar as memórias, passar muito mal e não estiver a conseguir ultrapassar, é possível voltar a apagar o Gustavo da minha mente?

Esboçou um sorriso e abanou a cabeça em jeito de negação. Eu sabia que mais tarde ou mais cedo tinha de escolher uma daquelas opções, o que por si só já era uma decisão difícil, mas não estava à espera daquela pressão adicional. Seja como for, ele tinha razão, a ser, que fosse logo, mas já não iria ser naquele dia.

— Amanhã. *Informei-o*. Hoje é o aniversário do meu irmão e não tenho tempo nem cabeça, mas amanhã faremos isso.



Ao dirigir-me para a saída, passei pelo Rodrigo, que já não estava ocupado, e senti que lhe devia um esclarecimento, mas não sentia que era o momento oportuno para o fazer.

— Falaste-lhe da mulher dele? *Perguntou-me baixinho.*

— Não, não lhe disse nada, nem sequer toquei no assunto. Hoje a minha preocupação foi outra, mas já está resolvido. Tenho de ir que tenho uma surpresa para preparar para o meu irmão e os senhores já devem estar a chegar. Não te atrases.

— Claro que não! Assim que terminar o serviço, o Mister Royalle aplicará o seu truque de teletransporte daqui para tua casa.

Respondi-lhe com um sorriso em jeito de despedida, que me saiu demasiado apagado para parecer genuíno, e fui-me embora com a sensação desconfortável de que lhe estava a esconder alguma coisa. Quando cheguei a casa, os senhores da empresa que tínhamos contratado para montar os divertimentos para as crianças ligaram-me a avisar que já estavam a caminho. Tive de me apressar a arranjar uma forma de distrair o meu irmão para ele não ver, antes do tempo, o que tínhamos preparado, por isso, e para seu espanto, já que deveria ser a primeira vez que o fazia, ofereci-me para jogar umas partidas com ele na consola. Tinha-o feito apenas com a intenção de o distrair, mas embora eu não tivesse jeito nenhum para aquilo, ele estava muito animado por estar a jogar comigo e isso fez-me refletir sobre o meu papel enquanto irmã. Talvez devesse fazê-lo mais vezes. Talvez devesse aprender a gostar daquelas pequenas coisas que acabavam por ser importantes para ele. Ele não tinha nenhum irmão mais velho, tampouco mais novo, e o pai não era a figura mais presente. No fundo, eu era o elemento mais próximo dele com a idade mais próxima da sua e em parte cabia-me também a mim a responsabilidade de o fazer desfrutar da sua infância. Pela frincha nos cortinados, e sem que ele se apercebesse, ia controlando os

movimentos no jardim para saber qual o momento certo para lhe dar a novidade. Quando reparei que estava tudo mais ou menos composto, convidei-o para ir à janela. Assim que viu os insufláveis e a piscina de bolas, soltou um grito e saiu disparado do quarto completamente eufórico. Desci até ao andar de baixo e fiquei junto da minha mãe a vê-lo saltar dentro da piscina.

— Tudo tão caro e no final não fica com nada. *Desabafou ela.*

— Estás a oferecer-lhe algo que, mais do que ter um preço, tem um valor. No final, isto até pode ir tudo embora, mas ficarão as memórias. E, no fundo, isso é o que realmente importa.

— Mas depois chega o teu pai, oferece-lhe um jogo novo para a consola ou um telemóvel novo que ele tanto quer e passa a ser o melhor pai do mundo. E a mãe é só aquela pessoa que o chateia para tomar banho, lavar os dentes, comer a sopa toda e fazer os deveres de casa. Um pouco ingrato isto, não achas?

— E vais fazer o quê? Oferecer-lhe coisas ainda mais caras? Isto não é uma competição para saber qual dos pais é o melhor. Os jogos, telemóveis e consolas, amanhã ou depois já estarão desatualizados, mas estas memórias ficarão para sempre. As crianças podem não dar valor agora, mas quando crescerem vão fazê-lo.

— Mas até lá vão chantageando um com o que o outro faz para terem o que querem e quem não dá é o vilão da história.

— Já viste os problemas que evitavas se tu e o pai se dessem bem? Se os dois pais estiverem do mesmo lado, quem é que o filho vai chantagear? Independentemente do que cada um possa dar ao Mateus, tenho a certeza de que ele trocaria isso tudo para vos voltar a ver ao lado um do outro. Não necessariamente como um casal, que já não voltarão a ser, mas como pais. E pais serão para sempre.

Entretanto, um dos elementos da equipa que estava a montar o equipamento surgiu no jardim a puxar uma máquina de fazer pipocas e o Mateus ficou estático a olhar para ela.

— Aquilo é uma máquina de pipocas? *Perguntou desde a piscina de bolas e eu acenei afirmativamente. Yes! Gritou.*

Eu e a minha mãe voltámos para a cozinha para finalizar alguns doces e aperitivos que ainda queríamos fazer para os miúdos e, passado algum tempo, tocaram à campainha. Era o Chico, o melhor amigo do meu irmão, que tinha acabado de chegar juntamente com a mãe. Se o Mateus já estava animado, depois de ver o melhor amigo ainda mais ficou. Os restantes colegas foram chegando aos poucos e, à medida que iam chegando, a algazarra atrás da casa ficava cada vez maior. Eu fiz questão de ir receber os convidados ao portão, mas depois deixava-os com a minha mãe porque ela sentia-se mais à

vontade com eles do que eu. Apesar de ter sentido uma ligeira melhoria na convivência com as pessoas desde que tinha apagado as memórias, continuava a ter dificuldades em estar no meio de tanta gente. Arranjava o pretexto de que tinha coisas para fazer e preparar e deixava-me estar pela cozinha entretida. E foi a partir de lá que, através da janela, vi o carro do meu pai a estacionar do outro lado da rua. Por um lado, fiquei contente com aquela notícia, mas por outro também preocupada com a reação da minha mãe. Principalmente quando vi que a Estela e a filha também vinham. Apressei-me até à sala e chamei a minha mãe à parte.

— O pai decidiu vir e já chegou. *Sussurrei.*

Torceu o nariz e abanou a cabeça.

— Ele que se sinta à vontade. *Disse com um ligeiro sarcasmo.*

— E trouxe a Estela e a filha dela com ele.

— O que é que ela vem cá fazer?

— Mãe! É a companheira do pai. Como é óbvio, vem acompanhá-lo. Para não falar que ela também cuida do teu filho quando ele vai passar os fins de semana a casa deles. Ela é uma boa pessoa, por isso faz o esforço de seres acolhedora com ela também.

Deixei o aviso e fui ao portão recebê-los. A Estela, além de simpática, era uma mulher muito bonita. Era alta, de cabelos claros e bastante mais nova do que o meu pai. Embora não fosse tão próxima dela como era o meu irmão, uma vez que não convivíamos tanto, sempre fomos muito cordiais uma com a outra e percebia que o sentimento era mútuo. Apesar de tudo, sentia que eles estavam bem um com o outro e no final de contas isso era o mais importante. Só lamentava pela minha mãe, que claramente estava a sentir mais dificuldades em seguir em frente, o que me fazia sentir impotente muitas vezes. Cumprimentei-os ao portão e ofereci um chupa-chupa à pequena Daniela, depois seguimos para dentro.

— Tomaste a decisão correta em teres vindo. O Mateus vai ficar muito contente. *Disse ao meu pai quando entrámos em casa.*

Se eu usei o pretexto de estar ocupada na cozinha para não ter de lidar com tantas pessoas dentro de casa, parecia que a minha mãe tinha seguido o exemplo para não ter de lidar com os mais recentes convidados. Sabia que não o fazia por mal, e compreendia a situação dela, mas não podia deixar de os conduzir até ela para serem oficialmente recebidos pela dona da casa. Levei-os só até à porta da cozinha e ela limitou-se a levantar a mão com um sorriso forçado enquanto se ocupava a arrumar umas louças que já estavam mais do que arrumadas. Ultrapassado aquele inevitável momento constrangedor, conduzi-os até ao exterior para dar ao meu irmão a

sua segunda surpresa do dia, e, assim que nos viu, correu na nossa direção e agarrou-se ao pai e à Estela. Logo de seguida, levou-os numa visita guiada pelos divertimentos e eu acompanhei-os. Passado algum tempo, a minha mãe chamou-me.

— Está um rapaz lá fora. *Disse-me desde a porta.*

Devia ser o Rodrigo, a julgar pela hora e pela curta descrição que fez. Corri para o portão completamente convencida de quem teria acabado de chegar e só quando estava a meio do caminho é que decidi levantar a cabeça e ver que, afinal, era o Gustavo.

— O que é que estás aqui a fazer? *Perguntei, surpreendida.*

— O teu irmão não faz anos hoje?

— Sim, mas de onde é que conheces o meu irmão?

— Do hospital. Não te lembras de que uma vez ele se aleijou nos treinos do hóquei e tu tiveste de o levar ao hospital e me pediste para facilitar o atendimento mais rápido dele porque se estava a queixar muito? Não foi assim há tanto tempo.

— Eu lembro-me de ele se ter aleijado, mas não me lembro de ter pedido isso. E como sabes a data de aniversário dele?

— Tu comentaste uma vez comigo e eu fixei, mas o facto de não te lembrares tem a ver com aquela história de me esqueceres?

— Penso que sim, uma vez que tudo o que estava ligado diretamente a ti simplesmente desapareceu. Como é o caso dessa situação. Mas ainda não me disseste o que vieste cá fazer.

— Eu lembrei-me que ele fazia anos e, como achei o rapaz muito engraçado quando o conheci no hospital, decidi trazer-lhe um presente. *Tirou um envelope do bolso de trás.* São três bilhetes para ir ver um jogo da seleção nacional de hóquei. Achei que ele ia gostar e como não sabia qual o clube dele decidi jogar pelo seguro.

— E porque lhe ofereces logo três bilhetes?

— Para tu lhe fazeres companhia e alguém que ele queira.

— E essa terceira pessoa serias tu. É isso?

— Se ele quisesse, porque não? Mas não foi com essa intenção. É para ele levar duas pessoas com ele. Podem ser dois amigos. Não temos de ser nós. Ofereces-lhe por mim?

— Acho melhor seres tu. Ele está lá atrás. Eu levo-te lá.

Acompanhei-o também até às traseiras da casa para que pudesse ele próprio entregar o seu presente ao aniversariante e deixei-me estar a observá-lo de longe. Depois de lhe entregar os bilhetes e de conversar um pouco com ele, regressou para junto de mim.

— Acho que ele gostou da ideia.

— Tenho a certeza de que sim, é a paixão dele.

O Gustavo demorou a responder e percebi que queria dizer alguma coisa, mas não tinha a certeza se o devia fazer.

— Da última vez que falámos disseste que as tuas memórias estavam guardadas numa ampulheta à espera que a virasses para te voltares a lembrar de mim. Isso funciona mesmo assim?

— Não sei exatamente como funciona o processo, mas pelo menos um dos passos é esse. Porquê a pergunta?

— Porque disseste que não estavas a pensar fazê-lo em breve e queria saber se ainda manténs essa ideia.

— Continuo sem entender o interesse, mas por acaso os planos mudaram e espero ainda amanhã ter as minhas memórias de volta, mas com ou sem memórias a minha posição em relação a ti não muda. Agradeço o presente que deste ao meu irmão e espero mesmo que o tenhas feito por ele e não por mim, mas da última vez pedi-te para não me procurares e espero que respeites.

Entretanto a minha mãe surgiu à porta, voltou a chamar-me e foi como se tivesse um *déjà-vu* naquele momento.

— Está outro rapaz lá fora. *Disse ela.*

Levei a mão à cabeça pela ironia da situação. Daquela vez não havia dúvidas de que era mesmo o Rodrigo.



Comecei a ficar atrapalhada e sem saber o que fazer. Não queria que eles se cruzassem, mas não tinha como o evitar. O que eu podia evitar era que eles ficassem os dois na festa, mas também não queria passar a imagem de que estaria a expulsar o Gustavo.

— Eu tenho de ir receber um convidado. Não sei se...

— Eu também já estava de saída. Já fiz o que tinha a fazer.

— Muito bem, então eu acompanho-te ao portão.

Contornámos a casa e pelo caminho eu já me estava a colocar na pele deles e a imaginar o que iriam sentir quando se vissem. Pois, ao contrário da última vez, eles já sabiam o que cada um era ou tinha sido para mim. Quando chegámos ao portão, o Rodrigo estava de costas segurando uma mala e virou-se para trás quando nos ouviu a aproximar. Nesse momento, os dois olharam para mim como se esperassem uma justificação da minha parte.

— Acho que vocês já se conhecem. *Disse eu, tentando parecer o mais natural possível.* Desde aquele dia no hospital.

— Claro que sim! É o teu novo amor. *Atirou o Gustavo, irónico.* Pelo menos até amanhã. Uma boa festa para vocês.

Foi-se embora e ficámos a vê-lo a afastar-se. Naquele momento tive a certeza de que tinha falado de mais ao Gustavo, mas já era tarde para me arrepender. Assim que desapareceu do nosso campo de visão, o Rodrigo voltou-se para mim e olhou-me intrigado.

— O que é que ele quis dizer com aquilo?

Passei a mão pelo rosto enquanto me remoía por dentro por parecer que o universo estava a conspirar contra mim. Parecia que queria que eu lhe contasse forçosamente naquele dia que estava na hora de recuperar as minhas memórias, mas eu própria já tinha planos de o fazer e dispensava aquela imposição cósmica.

— Eu tenho algo para te contar, mas não é propriamente uma novidade. No final da festa falamos com mais calma. Vem comigo, os miúdos estão ansiosos para conhecerem o mágico.

Levei-o até ao jardim e assim que o meu irmão o viu começou a anunciar aos amigos que o mágico da festa tinha chegado e aproximaram-se todos dele a pedirem-lhe para fazer alguns truques. Foi quase engolido pelas crianças e eu aproveitei a minha passagem para segundo plano para ir ao encontro da minha mãe e verificar se ela precisava de alguma ajuda. Voltei a encontrá-la na cozinha, mas desta vez a olhar para dentro do congelador.

— Não te vais refugiar o dia todo aqui na cozinha só para não teres de te cruzar com o pai e a Estela, pois não?

— Alguém tem de estar no controlo, filha. Não estou a fugir de ninguém, estou em minha casa. *Esforçou-se para ser credível.* Olha, tu compraste este gelado todo e ainda aqui está a maior parte dele, o que achas de oferecermos aos miúdos?

Gostei da ideia e voltei ao jardim para os chamar. Estavam quase todos dentro da piscina das bolas, incluindo o Rodrigo, que me acenou com a mão quando me viu. Logo a seguir, todos os outros repetiram o gesto como se de um ídolo se tratasse. Parecia que já tinha conquistado os miúdos em tão pouco tempo.

— Alguém quer gelado? *Gritei desde a porta.*

Aquela pergunta foi como um chamamento pelo lado mais primitivo daquelas crianças, que começaram a correr na minha direção. Foi preciso algum esforço para impor ordem e não deixar que se atropelassem uns aos outros por um pouco de gelado. Assim que os ordenei numa fila com uma taça e colher na mão, comecei eu mesma a servi-los um a um. De repente parecia que toda a gente estava a comer gelado e eu comecei a ficar tentada a fazê-lo também. Depois lembrei-me das palavras do Artur e do desafio que ele me propôs para aprender a dizer não. Já se sabia que uma vez não era pecado, mas o desafio era precisamente recusar essa vez aparentemente inocente. E eu tinha ali uma excelente oportunidade de provar a mim mesma que era capaz de o fazer. Um dia, talvez, teria de aplicar essa regra a um desafio maior e iria precisar de me agarrar àquele pequeno exemplo para me lembrar de que, se eu consegui fazê-lo uma vez, também consigo duas, três e infinitas vezes.

— Ainda há um pouquinho para mim? *Perguntou a minha amiga Bela enquanto me espreitava pela porta da cozinha.*

— Já estava a pensar que não vinhas! *Rejubiliei com a sua chegada.* Claro que há, pega numa taça.

— E tu não comes? Ou já te empanturraste de gelado?

— Não. Nem provei. Estou de dieta e não quero estragá-la.

— Só uma colherzinha não vai estragar nada. Vá lá! Sei muito bem que adoras. *Começou a fazer o aviãozinho e eu virei o rosto.*

Bem! Estou impressionada. Agora nem sei se te dou os parabéns ou se temo o fim do mundo, mas isto é um acontecimento raro.

— Estou só a treinar a minha força de vontade, mas não vamos falar sobre isso. O Gustavo apareceu aqui na festa. *Arregalou os olhos e pousou a taça.* Veio trazer um presente ao meu irmão.

— Por alma de quem é que ele havia de trazer um presente ao teu irmão? Como é óbvio, foi uma forma de se aproximar de ti. O facto de o teres esquecido foi uma facada no seu ego. Mais do que nunca vai querer recuperar o que pensa que é dele. E, se queres um conselho, não o deixes saber que vais recuperar as tuas memórias ou que já o fizeste. Senão vai aproveitar-se disso.

Fiquei com um sorriso cínico no rosto numa tentativa frustrada de disfarçar o erro que eu já sabia que tinha cometido. Só desejava que ela não continuasse a puxar por aquele assunto para eu não me ver obrigada a contar-lhe a asneira que tinha feito e levar com o legítimo e respetivo raspanete. Felizmente, o Rodrigo surgiu na cozinha e ele mesmo mudou o tema da conversa.

— Olá, Bela! *Cumprimentou-a e ela devolveu o cumprimento.* Alice, parece que o gelado arrefeceu os miúdos e eles estão mais calmos e mais aqui por dentro de casa. Era uma boa altura para o nosso espetáculo de magia, o que é que achas?

Naquele momento comecei a desejar o raspanete ao desconforto de estar diante de todas aquelas pessoas. Mas, se segundos antes fui capaz de manter firme o meu não, daquela vez eu tinha de manter firme o meu sim. Apoiei a ideia do Rodrigo de fazer já o referido espetáculo e guiei-o até ao quarto de hóspedes, que tinha acesso direto à sala principal, onde estava toda a gente, para ele poder vestir o seu uniforme de mágico à vontade.

— Vamos recapitular rapidamente os truques? *Sugeriu.*

Começámos a rever os truques que tínhamos ensaiado no teatro e se eu já estava ansiosa fiquei ainda mais quando me apercebi de que, ao contrário da impressão que tinha, ainda eram algumas as coisas que eu precisava de saber para que tudo corresse bem. Comecei a ficar irrequieta e ele apercebeu-se disso.

— Ei! Relaxa. *Tranquilizou.* É só uma festa de aniversário na tua própria casa e só com gente tua conhecida.

— Eu sei que é ridículo ficar nervosa com uma coisa que não tem grande importância. Se correr algo mal, ninguém quer saber, mas na minha cabeça aquelas trinta pessoas que estão na sala são trinta opiniões diferentes, são trinta juízes, independentemente da idade que tenham. E eu não consigo controlar isto.

O Rodrigo pousou o chapéu, afastou a capa preta para trás e

pegou-me nas mãos com um sorriso e uma calma contagiante.

— Ouve uma coisa com atenção. *Começou por dizer.* Tu não podes querer controlar o que os outros pensam porque não está ao teu alcance. E tentares fazê-lo, seja em cima do palco ou em qualquer outro momento da tua vida, só te trará tensão, angústia e ansiedade. Tu não estás dentro da cabeça das outras pessoas, e por isso não tens como saber o que elas pensam ou sentem, e se partes do pressuposto de que é algo negativo, então esse pressuposto é teu. Nasce de um julgamento teu sobre ti mesma. O que quer dizer que não são eles que te estão a julgar, és tu própria. Só te afetará o que disserem de ti se tu pensares o mesmo. Se te identificares e reconheceres nas palavras deles. E sabes porque é que isso te incomoda tanto? Porque inconscientemente tu pensas que és o centro da galáxia e que todos os olhos estão postos em ti. Porque pensas que aquilo que acontece contigo só acontece contigo, como se mais ninguém no mundo tivesse medos, complexos e ansiedades. *Aproximou ainda mais o rosto de mim para me olhar profundamente nos olhos.* Todos usamos uma máscara para esconder as nossas falhas e não percebemos que a maior das nossas falhas é usarmos uma máscara. Não tens de ser perfeita, só tens de ser genuína, e se o fores então serás perfeita aos olhos do número exato de pessoas que importa ter na tua vida. Seja uma, cinco ou mil.

Laçou-me um sorriso atrevido para terminar em grande o seu discurso motivacional e depois saiu para a sala e eu fui atrás dele. Assim que os miúdos nos viram, precipitaram-se para junto de nós à procura do melhor lugar para assistir ao momento de magia e amontoaram-se em cima do sofá. Os que já não vieram a tempo fizeram uma fila aos pés do sofá e os adultos ficaram ao fundo, igualmente atentos e curiosos com o que tínhamos preparado. O Rodrigo começou pelo truque em que deitava açúcar para dentro da mão fechada, calcava-o com o polegar da outra mão e quando a abria o açúcar tinha desaparecido e reaparecia na outra mão. Na verdade, dentro da mão fechada ele segurava um polegar falso que era oco e deitava para lá o açúcar. Depois, ao fazer de conta que o calcava com o outro polegar, estava, na realidade, a introduzir o polegar dentro do polegar falso, passando-o para a outra mão. Depois era só retirar de novo o polegar falso, escondendo-o dentro da mão fechada e fazer cair o açúcar de novo. O primeiro truque a exigir concretamente a minha participação foi o truque de adivinhação. O Rodrigo virou-se de costas para o público e pediu que o meu irmão escolhesse em silêncio um objeto da sala para que ele adivinhasse qual era. O meu irmão apontou para uma jarra azul em cima de um móvel e toda a gente viu

e ficou em silêncio. Depois o Rodrigo virou-se e eu comecei a enunciar diferentes objetos presentes na sala e ele respondia sempre que não, até que disse a jarra azul e o Rodrigo disse que sim, que era o objeto selecionado, e toda a gente ficou admirada. Mas claro que tinha o meu dedo no truque. Isto porque tínhamos combinado que eu enunciaria o objeto selecionado pelo público logo depois de enunciar um objeto de cor preta e essa seria a nossa palavra-chave. Ele fez mais alguns pequenos truques com cartas e moedas que deixaram os miúdos extasiados e boquiabertos e terminou com o truque do teletransporte. Pediu ajuda a dois miúdos para o amarrarem a uma cadeira, mas na verdade era um nó específico que se desatava com um simples puxão com os dentes. Eu tapei-o com um pano e abanei-o para ninguém se aperceber dos movimentos do Rodrigo. Assim que se desatou, escapou-se pela porta atrás que dava acesso ao quarto de hóspedes, saiu pela janela e entrou pela porta principal, ficando por trás da plateia. Quando vi que ele já tinha voltado a entrar, deixei cair o pano e aponte para o fundo da sala onde estava o Rodrigo, terminando o espetáculo num histerismo total da criançada. Naquele momento senti-me orgulhosa de mim própria por ter vencido aquela pequena barreira, mas sobretudo do Rodrigo, pelo seu à-vontade, que me surpreendeu. Depois de receber os louros dos miúdos e dos graúdos, regressou ao quarto de hóspedes e eu fui com ele. Enquanto trocava de roupa e eu o ajudava a arrumar as coisas, aproveitámos para recapitular algumas das reações da plateia e prolongámos assim um pouco mais a diversão. No entanto, não durou muito tempo, porque, entretanto, comecei a ouvir uns sons exaltados vindos da sala que me inquietaram. Percebi que alguém estaria a discutir e corri a ver o que se passava.



No meu íntimo esperava que fosse algum pai ou mãe a reclamar com o filho por ter feito alguma asneira, o que era perfeitamente normal numa circunstância daquelas, mas para minha infelicidade foi o pior dos cenários. Eram mesmo os meus pais que tinham começado a discutir no meio de toda a gente. Não era uma discussão agressiva, mas as pessoas já estavam a olhar de lado e, antes que se tornasse desconfortável para os convidados, decidi intervir. Aproximei-me deles e, discretamente, agarrei-os pelos braços e levei-os para a cozinha, fechando-nos lá dentro.

— Podem-me explicar o que estava a acontecer ali fora?
Perguntei-lhes como se tivéssemos invertido os papéis.

— O teu pai é que começou a mandar indiretas.

— Pelo amor de Deus, Aurora. Sabes muito bem que foste tu que começaste. Desde que cheguei aqui que me tens desprezado a mim, à Estela e à filha só para nos sentirmos deslocados e indesejados. Tudo para nos forçar a ir embora mais cedo.

— Querias o quê? Que te estendesse uma passadeira vermelha para desfilares em minha casa com a tua nova família?

— Já chega! *Disparei.* Parecem duas crianças a embirrar uma com a outra. É o aniversário do vosso filho, raios! Será que podem pelo menos hoje deixar as vossas divergências de lado e não estragarem a festa do Mateus? Ou estarei a pedir demasiado?

— Uma festa que fui eu que organizei e para a qual o teu pai contribuiu zero. Tal como em tudo o resto que diz respeito ao teu irmão. *Protestou a minha mãe.* Não se preocupa com as necessidades dele do dia a dia, mas depois chega ao aniversário e ao Natal e dá-lhe uma prenda pomposa para ficar bem na fotografia. Não faz nada durante a corrida, mas no final aparece na meta para levantar o troféu. Enquanto isso, eu vou ficando com o papel de vilã e ele vai somando pontos porque parece o bonzinho da história.

— Aurora, Aurora! *Rosnou o meu pai.* Não te faças de vítima, que sabes bem que se eu não faço mais é porque tu também não facilitas. E isso notou-se bem hoje nesta festa.

Respirei fundo antes de intervir novamente.

— Tu dizes que o pai não quer, ele diz que tu não deixas. Cada um apresenta os seus argumentos para tentar ter o apoio dos filhos como se isto fosse uma democracia e ganhasse o que tem mais votos, mas não é assim. Nós não temos de defender um nem acusar o outro. Vocês é que têm de se resolver um com o outro e com certeza que quando isso acontecer nós ficaremos do vosso lado. Não de um, nem do outro, mas dos dois. Porque é assim que tem de ser. As coisas só vão funcionar bem quando houver paz. E só haverá paz quando vocês terminarem os vossos conflitos. *Aproveitei o embalo e continuei a desabafar tudo o que me estava preso na garganta sobre aquela situação.* Em algum momento vocês terão de perceber que, apesar de já não serem um casal, continuam a ser pais. Podem já não ser marido e mulher, mas continuam a ser pai e mãe, e não podem misturar as coisas. Quem está a pagar a fatura dessa vossa birra é o Mateus, que não tem o prazer do convívio pacífico com os pais e é usado constantemente como uma arma de arremesso para se atacarem um ao outro. *Comecei a sentir-me cada vez mais irritada e usei essa irritação como impulso para levar aquela catarse até ao fim.* O Mateus é uma criança que tem uma infância para viver e sonhos para cumprir. Por isso parem de olhar para os vossos umbigos e lutem em conjunto para evitar estragarem os sonhos dele como um dia estragaram o meu sonho de ser atriz!

Instalou-se de repente um silêncio ensurdecedor no meio de nós e percebi que talvez me tenha excedido no desabafo. Nunca lhes tinha dito aquilo diretamente, mas também nunca o fiz porque nunca os quis culpar pelo que me aconteceu. Até porque não tinha a certeza se as coisas estavam correlacionadas. Contudo, naquele momento, e embalada pela catarse, acabou por me sair. Talvez porque, inconscientemente, era naquilo que eu acreditava ou queria acreditar para não me culpar a mim própria pela branca que tive em palco e tudo o que se sucedeu. Os dois ficaram cabisbaixos, a minha mãe sentada à mesa e o meu pai encostado à bancada de braços cruzados, e percebi que tinha de ser eu a desbloquear a conversa.

— Desculpem. Não era isto que queria dizer. Vocês não têm culpa de nada. Fui eu que deixei que o medo tomasse conta de mim, porque mesmo aos melhores acontecem coisas más.

— Inocentes também não somos, de certeza. *Murmurou o meu pai sem olhar para mim.* Pensei que te tinhas desinteressado e por

isso te afastaste dos palcos, mas não perdeste o jeito, porque ainda hoje estavas muito à vontade enquanto fazias o espetáculo.

— Porque o Rodrigo, que é o nosso mágico de hoje, me tem ajudado a vencer esse medo. E por acaso ele sujeitou-se a fazer isto hoje, mesmo sem nunca o ter feito antes, pelo Mateus. E aquilo que vos peço é que façam também a vossa parte e se esforcem para proporcionar ao vosso filho mais novo um dia memorável. E não é preciso muito, basta esquecerem as vossas divergências por uns minutos e agora, quando formos cantar-lhe os parabéns, fiquem do lado dele como qualquer pai e mãe. Esse seria o mais barato e ao mesmo tempo o melhor presente que lhe poderiam dar.

Olharam um para o outro para confirmar se algum dos dois dava parte fraca primeiro e, antes de lhes dar tempo para pensar, fiz-lhes sinal com a cabeça para regressarmos à sala e vieram atrás de mim. Encorajada pelo sucesso do espetáculo, desprendi-me de complexos e eu mesma anunciei a toda a gente que iríamos cantar os parabéns. Aproximámo-nos da mesa, puxei os meus pais para junto do meu irmão, acendi as velas e começámos a cantar. Quando soprou as velas, e antes que eles decidissem dispersar, fi-los posar para uma fotografia os três. Não estava à espera que tudo ficasse bem de um momento para o outro, mas acreditava que aquele poderia ser um ponto de viragem. Depois de ser servido o bolo, e uma vez que a noite já tinha chegado, os primeiros convidados começaram a ir-se embora e atrás de uns foram os outros. Aproveitei que estava tudo mais calmo e fui falar com o Rodrigo.

— Tenho de te agradecer pelo que fizeste hoje. O espetáculo foi sem dúvida o momento alto do dia. *Congratulei-o*. Tenho a certeza de que os miúdos foram para casa a falar nos teus truques.

— Mérito também da assistente. Fazemos uma boa dupla.

— Parece que sim. *Sorri envergonhada*. E agora que já cumpriste o teu propósito enquanto Mister Royale, será que já me podes contar a história por detrás desse nome? Disseste que me contarias quando se proporcionasse. Parece-me o momento certo.

— E, se bem me lembro, também te disse que precisava de tempo, já que melhor do que contar-te a história é contá-la onde ela aconteceu. O que implicaria uma pequena deslocação.

— Uma deslocação? E de quanto tempo precisarias?

— Pelo menos de um dia. Mas estás a ponderar a ideia?

Estava, mas deixei logo de estar quando me disse o que era necessário. Já tinha planeado recuperar as minhas memórias no dia seguinte e não me parecia a altura ideal para fazer aquilo com ele. Percebi, também, que estava na hora de lhe dar a notícia.

— Anda comigo. Tenho uma coisa para te mostrar.

Agarrei-o pela mão, subi a escadaria e entrei no meu quarto.

— Isto é assim? Trazes-me para o teu quarto sem avisar? Desconhecia esse teu lado mais atrevido. *Sorriu.*

— Não sejas parvo, Rodrigo. *Revirei os olhos.* Como é óbvio, não vamos fazer nada de errado e o que te vou mostrar não é o que estás a pensar. *Fui ao armário e peguei na ampulheta.* É isto.

Ficou a olhar com um ar intrigado e curioso para ela.

— É aí dentro que estão as memórias sobre o Gustavo?

— Bom... na prática elas nunca saíram da minha cabeça, apenas estão encobertas, mas é através desta ampulheta que as posso voltar a descobrir. E era sobre isto que queria falar contigo. Hoje quando fui à loja contei ao senhor Artur que me tinha apaixonado por ti.

— Nunca me disseste isso... *Interrompeu-me.*

Ficámos a encarar-nos por um segundo e, embora fosse um pouco óbvio, talvez ele tivesse razão e mais uma vez fiquei a pensar que tinha falado de mais. Mas não quis desviar a conversa.

— Como estava a dizer, eu contei-lhe que, pronto, tinha despertado sentimentos por outra pessoa, e ele disse que, uma vez que isso aconteceu, das duas uma, ou eu recuperava já as memórias e evitava mais estragos ou então que nunca mais as recuperasse.

— E qual foi a tua posição? *Perguntou, receoso.*

— A mesma de sempre. Que iria recuperar as memórias. E se tinha de ser já, então que fosse já amanhã.

Não tive coragem de o olhar quando lhe disse aquilo e pelo seu silêncio foi notório que a notícia tinha mexido com ele.

— Agora percebo porque é que o Gustavo disse que eu era o teu novo amor, pelo menos até amanhã. Era uma notícia que eu não queria receber, mas confesso que esperava saber primeiro do que ele. Se é que estava nos teus planos contar-me.

— Claro que te ia dizer, Rodrigo. Não seria capaz de te esconder uma decisão destas, pois sei das implicações que terá para ti. Também por isso é que tomei a decisão de recuperar as memórias agora, para repor a verdade o mais depressa possível. Não estava a contar com a vinda do Gustavo e no meio da conversa descaí-me, mas agora tu também já sabes e é só isso que me importa.

Aproximou-se da janela e ficou a olhar lá para fora.

— Então é isso... *Murmurou.* Amanhã começa tudo de novo.

— Não sei o que vai acontecer amanhã. Só sei que voltarão as lembranças do que vivi com o Gustavo, assim como voltarão os sentimentos que a elas estiverem associados.

— Tens a certeza de que é isso que queres fazer?

— Tenho. *Respondi com convicção.* Mas isso não significa que deixarei de sentir o que sinto por ti. Apenas será um pouco diferente e não será apenas por ti. Com a vantagem de eu saber que seja aquilo que for, muito ou pouco, será verdadeiro e... real.

A convicção com que iniciei aquela resposta foi desvanecendo a cada palavra, até que a última saiu quase de empurrão.

— Dá-me uma oportunidade de te fazer mudar de ideias.

— A minha decisão já foi tomada, e não foi hoje, nem ontem.

O Rodrigo voltou para junto de mim e pegou-me nas mãos.

— Mas antes de o fazeres dá-me um dia, ou pelo menos uma tarde, e vem comigo. Quero que conheças um lugar especial. Deixa-me apresentar-te mais um pouco de mim e do meu passado antes de recuperares o teu. E se depois disso continuares convicta da tua decisão, então eu estarei do teu lado quando o fizeres.

— Não posso. O Artur quer falar comigo amanhã e eu já decidi que depois dessa conversa recuperarei as memórias. Já é uma decisão difícil de tomar e não quero que fique ainda mais. O que provavelmente irá acontecer se aceitar ir contigo.

Segurou-me no rosto e olhou-me nos olhos.

— Não recuperes as memórias sem antes me dares esta oportunidade. Acabaste de admitir que te tinhas apaixonado por mim, por isso não me digas que eu não a mereço ou que não a queres tanto quanto eu. Alice, é o único pedido que te faço. Vens comigo?



Antes de me ir embora do encontro com o Artur, ele pediu-me para lhe ligar no dia seguinte para me explicar onde é que eu o encontraria, já que a última conversa que queria ter comigo antes de recuperar as minhas memórias não seria na sua loja. Fiz o que me indicou, liguei-lhe e disse-me para o encontrar próximo de uma fonte que havia não muito longe de sua casa. Deu-me as coordenadas para lá chegar e fui ao seu encontro. Comigo levei a amпуheta, mas também a esperança de que aquela última conversa me ajudasse a decidir o que fazer em relação à proposta que o Rodrigo me tinha feito no dia anterior. Não consegui aceitá-la prontamente, ainda que a vontade me pedisse, mas também não quis recusá-la para não correr o risco de o desiludir desnecessariamente. Acabei por adiar a decisão para o dia seguinte e disse-lhe que, caso a aceitasse, eu apareceria no seu apartamento para ele me levar onde queria. Caso contrário, já saberia o que tinha acontecido. Quando cheguei ao local da fonte, encontrei o Artur sentado num banco de jardim entretido a olhar para um parque infantil próximo da fonte, onde estavam algumas crianças a brincar com os pais. Só quando me sentei é que se apercebeu da minha presença e olhou para mim antes de voltar a olhar para o parque.

— Estava aqui a reparar naquele rapazinho que está a tentar subir o escorrega pela rampa e lembrei-me de si. *Comentou.*

— Mas porquê? Por estar a fazer as coisas ao contrário?

— Também poderia ser, mas neste caso não. Repare como ele tenta subir a custo pela rampa, pois é escorregadia, e quando chega a meio escorrega até ao fundo e começa de novo. Mas não desiste enquanto não chegar lá em cima porque já percebeu que, se conseguiu chegar a meio, também consegue o outro meio. *Ficámos a observá-lo durante um bocado e o rapazinho, que devia ter uns quatro ou cinco anos, continuava a insistir.* No fundo é mais ou menos isto

que acontece quando se tenta esquecer alguém.

— Explique-me melhor essa analogia.

Virou-se para mim e ajeitou-se no banco antes de continuar.

— Imagine que cada passo que aquele miúdo dá na rampa representa um dia em que a Alice tenta não se lembrar desse tal Gustavo, e, por isso, um dia em que não sente vontade de voltar para ele ou de o procurar. Você passa um dia, dois dias, três dias em que até se está a aguentar bem e, entretanto, vê uma fotografia dele numa dessas redes sociais que vocês usam. Ora esse é o momento em que o rapazinho escorrega até ao fundo. Ou seja, parece que o castelo que estava a construir se desmoronou e tem de começar tudo de novo e voltar a subir a rampa. Passa mais um dia, dois dias, uma semana, e a Alice lembra-se de ligar o rádio do carro e nesse preciso instante está a passar uma música que a faz lembrar-se dele. Mais uma vez volta-se a estragar o esforço que tinha feito até então e o rapazinho escorrega uma vez mais. Até que ele começa a ganhar músculo, a aprender como se agarrar à rampa e como pôr os pés e finalmente chega lá acima e atinge o seu objetivo.

— E qual é a moral da história?

— A moral da história é que não se esquece ninguém, vai-se esquecendo. Ou seja, é passo a passo, tentando aumentar sempre os dias consecutivos em que resiste à tentação de voltar para essa pessoa, até que chegará a uma altura em que já se habituou de tal forma à distância e ausência dela que já não sente a sua falta ou mesmo que sinta já não pretende voltar para ela. Isso é o que acontece quando atinge o topo daquele escorrega. Pode vir o vento que vier que já não voltará a escorregar porque chegou a um patamar seguro. Ou seja, já se tornou imune a todas essas tentativas de sabotarem o seu objetivo de se desligar do Gustavo. Foi também por isso que, quando me procurou, eu pedi-lhe para eliminar tudo o que a fazia lembrar-se dele, porque, tal como lhe disse na primeira vez que veio falar comigo, esquecer alguém é um processo que começa na cabeça. Daí o termo *esquecer*. Contudo, parece que pouco tempo depois viu uma fotografia dele com outra e não só escorregou até ao fundo da rampa como ainda se magoou.

— Pois, eu lembro-me de ter passado mal, mas não me lembro da razão, e por isso não consigo conectar-me a essa dor. Algo que, suponho, serei capaz de fazer muito em breve. *Disse com pouco entusiasmo*. Mas em que é que essa analogia me ajuda, uma vez que eu me esqueci literalmente dele? Não cheguei a perceber.

— Acima de tudo, esta analogia serve para estar preparada em futuras situações e conseguir encará-las com paciência e, acima de

tudo, inteligência. Porque o tempo é muito lento e preguiçoso na hora de nos ajudar a esquecer alguém. Às vezes precisamos de lhe dar um empurrão com uma boa estratégia, mas nunca com outra pessoa. *Endureceu o tom de voz para reforçar a sua indireta sobre o Rodrigo.* No entanto, não foi para isso que a chamei cá, eu é que estava a reparar no escorrega e no rapazinho a tentar subi-lo e fui remetido ao passado e a lembranças que... também me fazem escorregar muitas vezes. *A voz começou a ficar tremida e respirou fundo antes de mudar de assunto.* Enfim. Eu chamei-a cá a propósito desta fonte que está à nossa frente.

Aquela voz embargada não me foi indiferente e registei o momento pois poderia vir a precisar dele, contudo não quis quebrar-lhe o raciocínio e fiz de conta que não reparei.

— Tem a ver com o facto de não deitar água? *Perguntei.*

— Não deita água agora, mas de vez em quando sim. E é sobre esse aspeto que queria falar consigo. A câmara municipal pretende remodelar este parque infantil e aumentá-lo. Contudo, só o poderia aumentar para o lado da fonte, o que implicaria a sua demolição. Já o tentou fazer por várias vezes, alegando que a fonte tinha secado, mas os moradores em volta impediram a empreitada. Defenderam que de vez em quando ela deitava água e, se um dia deitou água continuamente, então poderia vir a fazê-lo de novo. Acontece que nem a câmara cumpriu as suas intenções, nem os moradores viram ser cumpridos os seus presságios, arrastando-se esta situação há anos. Mas, como deve calcular, não a trouxe cá para falar de arquitetura ou engenharia, mas sim do ensinamento que podemos tirar de um simples diferendo como este. Parecendo que não, muitas coisas semelhantes acontecem nos relacionamentos e podem vir a acontecer consigo. O que quero dizer com isto é que por vezes as pessoas agarram-se a réstias de afeto porque acreditam que, se um dia foram amadas por determinada pessoa, ainda podem voltar a ser, e arrastam aquela situação por demasiado tempo. Tal como acontece com esta fonte. Primeiro de tudo, temos de aceitar de uma vez que há coisas que se perdem e nunca mais se recuperam, mas isso não é o fim do mundo, é sim um chamamento para uma nova aventura, uma nova mudança, e só mudando é que evoluímos. Se já deu o que tinha a dar, então siga para outra paragem. Não é por não gostarmos de uma pessoa que lhe vamos fazer mal, tal como não é por amarmos uma pessoa que temos de ficar com ela. Se não dá, não dá. Forçar e insistir, nem com o calçado. Não se pode ter medo de pôr um ponto final nas coisas. Medo devemos ter de pôr reticências onde seria um ponto final. Pois as reticências são uma porta entreaberta que na

maioria das vezes apenas serve para dar uma falsa esperança a quem fica em casa, para que a pessoa que a abandonou tenha alguém à sua espera sempre que quiser voltar. E quando a pessoa que ficou em casa está quase, quase a desistir, lá vem de novo a outra pessoa espreitar pela porta para a lembrar de que ainda não se esqueceu dela. Pode até não se ter esquecido, mas se quisesse realmente ficar não se teria ido embora. O mesmo acontece com esta fonte. Só porque de vez em quando ela começa a deitar água, pensam que isso justifica continuar à espera que a água corra continuamente. Já se sabe que umas vezes terá mais caudal que outras e que épocas mais secas haverá sempre, como tudo na vida, mas o amor é uma fonte que está sempre a deitar. Não deita de vez em quando. E é preciso saber distinguir as coisas.

Tive de abanar a cabeça para ajeitar todas aquelas ideias dentro da minha cabeça. Tinha sido demasiada informação de uma só vez.

— Já que estamos a falar de fontes, eu sei que o Artur é uma fonte de sabedoria, mas tem de ir com mais calma porque não sei se trouxe vasilhas suficientes para tantos ensinamentos. Deixe-me ver se entendi, basicamente está-me a dizer que ou é tudo ou nada e que não posso aceitar migalhas, que não passam de falsas esperanças de receber um pão que nunca há de chegar. É isso?

— Parece que a Alice também apanhou o gosto pelas analogias. Sim, é dentro dessa linha de raciocínio.

— É incrível como é que o senhor pega em situações corriqueiras e aparentemente insignificantes e consegue transformá-las em lições de vida. Agora, sempre que vir uma fonte vou lembrar-me de que, se não tiver a coragem de pôr um ponto final numa história que eu no fundo sei que não me levará a lado nenhum, eu vou estar sempre à espera do dia em que serei amada e ele nunca vai chegar.

— Às vezes, as pessoas têm a esperança de voltar a ser amadas por essa pessoa porque já o foram no passado, como lhe disse, mas por vezes nunca foram amadas por ela, nunca receberam mais do que migalhas, nunca a fonte jorrou contínua e abundantemente, e mesmo assim têm esperança de que aquilo que sempre foi torto, a qualquer dia, como que por milagre, se endireite. E, pelo que me contou, era o que acontecia com a Alice e também por isso eu achei importante transmitir-lhe esta mensagem antes de recuperar as suas memórias. Tendo em conta o que aconteceu durante a fase de esquecimento, nomeadamente essa nova paixão e o regresso do Gustavo, o seu desafio já não é esquecê-lo, mas sim vencer a tentação de o aceitar de volta. Mas agora que tem consciência do que é que realmente quer, acredito que seja mais fácil.

— E eu acredito que vou conseguir. *Atirei confiante*. Obrigada por tudo o que me ensinou. Foi uma grande ajuda e espero poder continuar a tê-la depois de recuperar as memórias.

— Farei o que puder. Sabe onde me encontrar. Quer dizer... se não precisar de mim por muito mais tempo.

— O que é que o Artur quer dizer com isso?

Encolheu os ombros e abriu os braços como que a expor-se.

— Como vê, já estou velho. Conto reformar-me muito em breve e deixar a loja. A loja e a casa. Já o devia ter feito há mais tempo, mas a vida trocou-me as voltas e não me deixou.

— Vai fechar a loja? E o Rodrigo? Vai despedi-lo?

— Não! Claro que não. O emprego do Rodrigo estará assegurado caso seja intenção dele continuar a trabalhar lá.

— Mas para onde é que vai?

— Vou para o lugar onde tenho de estar. Para aquela que é verdadeiramente a minha casa, que é ao lado de quem amo.

— Vai viver para junto da sua mulher, na clínica?

A expressão dele foi de espanto e a minha de arrependimento ao aperceber-me de que tinha dito o que não devia.

— Como é que sabe que a minha mulher está numa clínica?

Era tarde de mais e não me restava outra alternativa que não fosse contar-lhe a verdade. A hipótese de continuar a investigação secretamente estava, por isso, posta de parte. A questão era saber de que forma lhe ia contar a verdade para ter dele também somente a verdade. Nomeadamente sobre o que aconteceu com a filha.



— Antes de mais, perdoe-me se não o devia ter feito, mas a curiosidade falou mais alto. E o senhor sabe o quanto ela me move, já que a usou como estímulo para me fazer aprender algumas coisas durante a fase de esquecimento. Depois de eu ter descoberto os tais medicamentos na sua biblioteca e o Artur me dizer que eram da sua mulher, eu comecei a matutar sobre o que lhe tinha acontecido. E como percebi que não era um tema que abordaria comigo, eu tive de investigar, digamos assim, por conta própria. A forma como o senhor falava da sua mulher dava a entender que a tinha perdido, mas isso estava a chocar com outros pormenores. Depois comecei a juntar umas peças, até que... *Fiz uma pausa antes de lhe revelar o aspeto seguinte.* Até que um dia decidi segui-lo numa das idas à clínica. Eu peço imensa desculpa por tudo isto, e sinto-me muito mal por o ter feito, mas pensei que poderia precisar de alguma ajuda e apenas não tinha coragem de pedir. Pronto, e depois entrei na clínica e conheci a sua mulher. Foi isto. Agora, se quiser dar-me um raspanete, está no seu direito, mas quero que entenda que não o fiz por mal ou por desconfiança, foi curiosidade e espírito de entreeajuda.

Debruçou-se para a frente e apoiou os cotovelos nas pernas.

— Não vou dizer que era algo que eu tomaria a iniciativa de lhe dizer, mas também não seria algo que lhe esconderia se me perguntasse. Não precisava de ter-se dado a todo esse trabalho.

— Foi para não o incomodar e para que não pensasse que eu me estaria a meter onde não era chamada. Que no fundo foi o que acabei por fazer. Mas o Artur não está chateado comigo?

— Diria antes que estou sentido. Pois acho que me podia ter perguntado primeiro e eu logo decidia se lhe dizia ou não.

Aquela resposta era como uma autorização para avançar. Pelo menos assim o entendia. E aproveitei para explorar o assunto.

— Mas quando conheci a sua mulher houve um pormenor que reparei e que me deixou intrigada. Foi uma fotografia que ela tinha na mão de vocês os dois com uma bebé. O Artur tem uma filha?

Olhou para mim e desta vez a pausa que fez foi ainda maior. Depois olhou para o parque infantil e respondeu por fim.

— Pais uma vez, pais para sempre. Sim... temos uma filha. Mas já não fisicamente connosco. *Murmurou.*

Levei a mão à boca ao perceber que o meu pior palpite se tinha confirmado e fiquei sem saber o que lhe dizer.

— Lamento pela sua perda. Deve ser uma dor inexplicável e eu, só porque o Gustavo me trocou, devo ter pensado que ia morrer de coração partido. Até fico envergonhada ao comparar.

— Como me disse uma vez e bem, não podemos medir o sofrimento e a felicidade dos outros com a nossa régua.

— É verdade, mas também é verdade que há coisas muito piores do que um sentimento não correspondido ou sermos trocados por outra pessoa. E perder um filho é uma delas.

Voltámos a ficar em silêncio e por momentos quis encerrar o assunto, mas se a corda tinha esticado até ali, também aguentava um pouco mais, por isso eu tinha de arriscar.

— E posso saber como aconteceu? *Perguntei a medo.*

— Acidente de viação. Fez um ano no dia 20 do mês passado.

— Reparei que se emocionou quando se referiu às lembranças que aquele escorrega lhe trazia. Tem a ver com a sua filha?

Assentiu em silêncio com a cabeça e percebi que já tinha esgotado o plafom daquele assunto, pelo menos naquele momento.

— Diga-me só mais uma coisa e eu prometo encerrar este assunto. Eu notei que nunca falou da sua filha, pelo menos diretamente, assim como do que aconteceu à sua mulher. Isso foi apenas porque não se proporcionou, foi porque se queria proteger e resguardar ou há uma outra razão que não se deva saber?

— Talvez um dia eu lhe conte a história completa, mas esta não é a melhor altura para o fazer. Vamos embora?

Preparou-se para se levantar e eu agarrei-lhe no braço.

— Espere! Ainda não me explicou o que fazer com a ampulheta. Como é que eu faço para recuperar as memórias?

— É verdade. Já me esquecia. Primeiro de tudo, como já lhe tinha dito, deve querer fazê-lo, pois isso ajudará a destrancar o seu subconsciente. Depois basta arranjar um lugar sossegado, reparar no seu nome, que deverá estar invertido, e, por fim, rodar a ampulheta para a posição inicial e concentrar-se nos grãos de areia que passam de um lado para o outro. O seu subconsciente irá automaticamente fazer o caminho inverso, porque através do seu nome ele reconhecerá que a ampulheta está na posição inicial. E se da primeira vez, ao virá-la de cabeça para baixo, ele colocou um manto sobre as suas

memórias, desta vez irá removê-lo.

— E depois o que é que vai acontecer?

— O que acontecerá depois é sempre imprevisível e um pouco doloroso, mas é um mal necessário. Ah! Mais uma coisa. Quando reaver as memórias, livre-se da ampulheta. É melhor. E agora que sabe tudo o que precisa, pode fazê-lo quando quiser. Se quiser, claro. A minha parte já foi feita, agora é com a Alice.

O Artur levantou-se, pousou a mão no meu ombro e sem dizer mais nada foi-se embora, como se quisesse reforçar a ideia de que aquele era um momento de reflexão só meu. Recostei-me no banco, olhei para a fonte, depois para o escorrega e de novo para a fonte, acabando por mergulhar nos meus pensamentos. Por um momento, desliguei-me de tudo o que me rodeava e os sons à minha volta ficaram muito mais distantes do que na realidade estavam. Depois despertei e fui à minha mala buscar a ampulheta. Passei o dedo por cima do meu nome gravado na madeira e senti as suas saliências. Por um bocado, detive-me a apreciar as curvas daquele objeto tão místico e peculiar, mas algo chamou a minha atenção através da visão periférica e olhei para o parque infantil. O rapazinho que momentos antes estava a tentar subir o escorrega pela rampa estava encostado ao gradeamento que vedava o parque com os braços pousados sobre ele e a olhar na minha direção. Devia ter-se distraído com tanta concentração que quando se apercebeu de que eu também estava a olhar para ele correu de imediato para o escorrega. Achei-o tão querido que tive de ir ter com ele.

— Sabias que não é por aí que se sobe? *Perguntei-lhe.* Aí é para descer. Subir é pelas escadinhas ali atrás.

Ele olhou para mim, mas não disse nada e continuou a insistir em subir o escorrega pela rampa. Já que ele queria tanto subir por lá, eu decidi ajudá-lo. Sabia que os pais deviam estar por perto e por isso aproximei-me da forma mais inocente possível, não fossem eles pensar que lhes queria roubar a criança. Pus-lhe a mão nas costas para o apoiar e aos poucos ele foi subindo, subindo, até chegar ao topo. Quando chegou lá acima, levantou os braços para celebrar o seu feito e eu juntei-me às celebrações com umas palmas. Depois voltou a escorregar.

— Como é que te chamas?

— Pedro. *Respondeu sem me dar grande importância.*

— Quantos anos tens? *Levantou a mão e exibiu quatro dedos.* E estás aqui sozinho? Onde é que estão os teus papás?

Apontou para um banco num dos cantos do parque, relativamente perto, onde estava uma mulher sentada e atenta a nós. Sorriu para

mim quando olhei para ela e depois aproximou-se.

— Peço desculpa se despertei o seu alarme materno. *Disse-lhe assim que chegou junto a mim.* Eu é que achei graça ao facto de o seu filho estar a tentar subir o escorrega ao contrário e quis ajudá-lo.

— Não se preocupe. Nem sequer equacionei qualquer perigo. *Disse com uma voz muito meiga e gentil.* Mas estava curiosa para saber como é que ele reagiria com a abordagem de um estranho e deixei-me estar a observá-los. Já vi que ele não se incomodou muito. Não sei se isso é bom ou mau. Não é, seu maroto? *Passou-lhe a mão na cabeça e o rapazinho encolheu os ombros e riu-se envergonhado.* Eu confesso que já a estava a observar há algum tempo desde que estava ali sentada e reparei que estava muito pensativa. Espero que não tenha acontecido nada de mal.

— Não propriamente. Apenas preciso de tomar uma decisão e não quero cometer nenhum erro. E estava a refletir sobre isso.

— E acha que a opinião de uma estranha pode ajudar?

O miúdo começou a subir uma vez mais e a mãe passou para o outro lado da rampa para poder ampará-lo e olhar para mim.

— Não custa nada tentar. Uma opinião isenta é sempre bem-vinda. *Não tinha nada a perder em contar-lhe, por isso aproveitei.* Vou simplificar a minha questão para não a deixar confusa. Digamos que eu vou mudar de país durante um período de tempo, mas a pessoa de quem gosto não pode ir comigo, e como sabemos que isso poderá afetar o que sentimos um pelo outro, pediu-me uma última oportunidade para me convencer a ficar. E eu não sei se lhe devo dar essa oportunidade, pois tenho receio que me faça sentir ainda mais culpada por uma decisão que eu acredito ser a mais correta. A história não é bem assim, mas dá para comparar.

Ficou a pensar no assunto durante um momento enquanto ia ajudando o filho a subir o escorrega e depois respondeu-me.

— Bom... Eu acho que não tem mal nenhum fazê-lo. Não deve ter medo de se sentir culpada, mas sim de não viver o que pode viver antes dessa separação que se espera ser curta. Encare essa oportunidade como uma oportunidade de deixarem bem vincado nos vossos corações o que sentem um pelo outro, e assim fazer esse sentimento aguentar o tempo e a distância que irão enfrentar. Faça de conta que é como atestar o depósito do carro antes de fazer uma grande viagem. Aproveite para viver o máximo que puder, mesmo sabendo que amanhã pode não haver mais nada. Aliás, principalmente se souber que amanhã não existirá mais nada. E viver não é só sentir e fazer, mas também ouvir e dizer. Por isso não se esqueça de lhe dizer o que sente por ele, para que não pense que o

que está a fazer é por falta de amor, mas sim por acreditar que é o melhor e que no final vai ficar tudo bem. Além disso, não sabe se terá uma oportunidade tão boa como esta para o fazer.

Ainda não tinha visto as coisas por aquela perspetiva e só por isso já tinha valido a pena falar com ela. Aquele ponto de vista mudava tudo e as minhas dúvidas pareciam ter-se esfumado.

— Tem toda a razão. Eu não quero que ele pense que não é por não gostar dele que estou a fazer isto. E de facto não faz sentido desperdiçar esta oportunidade de estar mais próxima dele só porque amanhã pode ser tudo diferente. O meu medo não pode ser sofrer, mas sim não viver. Obrigada! Com poucas palavras ajudou-me a ver as coisas de outra forma e a tirar-me deste impasse e estou-lhe muito grata por isso. Afinal, nada acontece por acaso.

— Claro que não. Fico feliz por poder ajudar.

— E posso saber o nome da pessoa que acabou de me ajudar?

— Beatriz! *Sorriu.* E este pequenino é o meu filho Pedro.

— Muito obrigada, Beatriz. E também para ti, rapazinho que gosta de subir escorregas pela rampa. *Olhei para o relógio.* Agora, se me permitem, tenho de me ir embora, porque, se é para seguir o seu conselho, então está na hora de me preparar.



Assim que cheguei a casa, corri para o meu quarto e a minha mãe deve ter estranhado, porque não demorou muito a ir ter comigo. Quando chegou, eu andava às voltas com a roupa que havia de levar, uma vez que não perguntei ao Rodrigo o que iríamos fazer. Por outro lado, também não queria ligar-lhe a perguntar, pois isso implicaria dizer-lhe por telefone que tinha aceitado dar-lhe aquela oportunidade. A ele e sobretudo a mim. Já que tinha aceitado, então ia aproveitar isso para lhe fazer essa pequena surpresa.

— Posso saber o que é que vais fazer? *Perguntou-me.*

— Vou sair, mãe, como tantas outras vezes.

— Então porque é que me pareces muito ansiosa?

— Porque não tenho tempo a perder. Estou só a pôr em prática uma conversa que tiveste comigo sobre o *timing*, em que me disseste que há coisas que temos de fazer de imediato por mais que não queiramos, sob o risco de perdermos o *timing* certo. Pois, além de querer, agora é o momento certo, só não sei que roupa levar.

Ela não parecia muito animada com a ideia, mas não podia contradizer as suas próprias palavras e conformou-se.

— Eu ajudo-te. Para onde é que vais e com quem vais?

— Com o Rodrigo, mas não sei muito bem para onde vou.

— Como é que não sabes? E vais assim sem saber para onde?

— Isso não importa agora. Ele disse-me que é um local ligado ao seu passado e sei que ele viveu no interior, por isso deve ser um ambiente rural, não sei. Achas que devo levar algo mais desportivo?

— Se não sabes que roupa levar, leva uma neutra, mas fiel ao teu estilo. Tenho a certeza de que vais escolher bem.

Virou-me as costas e dirigiu-se para a saída.

— Obrigada pela ajuda e preocupação! *Disse-lhe com ironia, em tom de brincadeira.* Sei que foi só para me controlares.

Depois de três tentativas, acabei por desistir e fiquei com a última

roupa que experimentei. Um *top* branco, umas calças justas de ganga e umas sandálias e até gostei do que vi. Mas quando me preparava para sair de casa lembrei-me da vez em que ele me levou ao parque, onde acabou por se molhar e adoecer, e decidi precaver-me e levar na mala umas peças extra. Fui até ao apartamento dele, toquei à campainha e não demorou a atender o intercomunicador.

— É a Alice. Vamos? *Limitei-me a dizer.*

— Já estava a perder a esperança, mas no fundo sabia que não conseguias recusar uma proposta destas. Queres subir?

— Ainda vou a tempo de voltar atrás, por isso não deites já os foguetes. Estarei cá fora à tua espera.

Encostei-me ao meu carro e esperei por ele. Uma vez que a minha única função era aguardar, tive tempo suficiente para observar e refletir sobre o que estava a sentir. Consegui identificar, de imediato, três emoções. Ansiedade, excitação e uma pitada de receio, que, todas juntas, me proporcionavam as sempre tão agradáveis borboletas na barriga. Contudo, consegui identificar uma sensação extra dentro de mim, parecia falta. Uma espécie de saudade adiantada do que eu sabia que iria deixar de ter em breve. E isso, tinha de admitir, desanimou-me um pouco. Mas, entretanto, o Rodrigo surgiu de mochila às costas na porta do prédio e revitalizou-me.

— Estou pronto. Podemos ir. *Disse sorridente.*

Dirigimo-nos para o carro dele e parei antes de abrir a porta.

— Vais dizer-me para onde me vais levar ou é segredo?

— Vou levar-te ao local onde eu vivia antes de vir para aqui e onde estão as respostas a algumas das tuas perguntas. Nomeadamente a origem do meu nome artístico no mundo da magia, que é só a ponta de um novelo. Embora sejas uma menina da cidade, eu acredito que vais gostar, porque, como deves imaginar, haverá muita natureza à nossa volta. Mas até não te portaste mal quando te levei ao parque, por isso acho que não será problema.

— Será um problema sim se houver animais com o dobro do meu tamanho como da última vez. Não há, pois não?

— Bom, poderá haver, mas não os irás ver.

— Rodrigo! *Exclamei de olhos arregalados.*

Parece que o meu receio ainda lhe deu mais gozo, porque limitou-se a rir e a entrar no carro. Logo depois entrei eu e fizemo-nos à estrada. Ia com algum receio, principalmente depois daquela sua resposta, mas ao mesmo tempo ele transmitia-me a segurança necessária para eu poder relaxar. E para isso muito contribuía a lembrança dos episódios caricatos que passámos juntos e para os quais ele encontrou sempre uma saída. Depois de mais de uma hora

de viagem, chegámos a uma aldeia que tinha um aspeto antigo e rural. O piso irregular e as ruas estreitas faziam-me contrair e contorcer com medo que ele estragasse o carro e por sua vez se estragasse também o espírito daquela viagem. Contudo, ele parecia já conhecer as manhas do caminho e passou o desafio com distinção. Apesar de irregulares e estreitas, as ruas estavam muito limpas e as casas bem adornadas com arranjos florais, o que me fez simpatizar de imediato com ela. Assim que as ruas se alargaram, pude finalmente respirar de alívio e a dada altura ele encostou o carro em frente a uma mercearia e saímos. Depois caminhou até ao que parecia ser um miradouro e eu acompanhei-o.

— Este é o ponto alto da aldeia, mas o ponto alto da nossa viagem será no ponto mais baixo dela. Pelo menos assim espero. Eu só te trouxe aqui para que visses aquela casa ali em baixo. *Apontou com o dedo.* Aquela que é toda branca e tem uma fachada vermelha. Foi ali que eu vivi antes de me mudar para a cidade e onde ainda vivem os meus pais e o meu irmão.

— O quê?! *Exclamei.* Quer dizer que a tua família está ali?

— Sim. Exatamente. Mas não pretendo que saibam que estou aqui. Só queria mesmo mostrar-te onde eu vivia.

— Mas porque é que não queres que saibam? Não faz sentido estares aqui tão perto e não os ires visitar.

— Faz sentido sim, mas depois falamos sobre isso. *Voltámos para o carro, mas quando nos preparávamos para entrar, fez-me uma pergunta.* Tens horas para estar em casa?

— Não propriamente, até logo à noite, mais ou menos.

— Então quer dizer que podes jantar comigo, certo? *Franzi a testa enquanto pensava na resposta, mas ele não esperou por ela.* Ótimo! Tudo é mais fácil quando se quer o mesmo.

Atravessou a rua para ir à mercearia que ficava do outro lado e, ao entrar, a senhora que eu supus ser a dona do estabelecimento recebeu-o com grande aparato. Abraçou-se a ele e passou-lhe a mão no rosto inúmeras vezes e eu deixei-me estar junto ao carro a observar de longe aquela cena. Depois trocaram algumas palavras e, enquanto ele foi para dentro, ela veio para fora ajeitar umas frutas expostas à entrada. Apercebi-me de que olhou para mim duas vezes até ganhar coragem de me dizer qualquer coisa, mas como não percebi o que disse atravessei a estrada para a ouvir melhor.

— É a namorada dele? *Perguntou-me baixinho, mas também ela dispensou a minha resposta, como se as circunstâncias falassem por mim.* Sabe, eu já o conheço desde pequenino. Ele era pequenininho e já vinha aqui à minha loja comprar coisas para casa. A mando da

mãe, pois claro. Teve uma infância e uma juventude muito difíceis. *Continuava a sussurrar como se ele não pudesse ouvir.* Mais por causa do padrasto e do filho dele. E a mãe, coitadinha, o que é que podia fazer? Mas já está um homem feito e não imagina o gosto que tenho em vê-lo. Agora raramente aparece aqui.

— Estão a falar de mim? *Interrompeu o Rodrigo ao surgir à porta.* Pode fazer-me a conta, por favor, dona Margarida?

— Já vou, já vou! *Despachou-o para dentro e sussurrou-me mais uma vez.* Eu sou suspeita em dizer isto porque este rapaz é como um filho para mim, mas se ele gosta de si e se a menina gosta dele, olhe... não precisa de procurar mais. Saiu-lhe a sorte grande. Estime-o que tem aqui um homem para a vida toda.

Fez-me uma festa no braço antes de entrar e já não a voltei a ver. A sua última frase ficou a entoar dentro da minha cabeça e, embora tenha sido bom ouvi-la, seria muito melhor se eu já tivesse recuperado as minhas memórias. Ouvi-la falar tão bem do Rodrigo, tendo em conta o que estava prestes a acontecer, deixava-me frustrada e ainda com um sabor amargo na boca por não poder abraçar aquelas palavras com o entusiasmo que elas mereciam. Apesar de tudo, tentei não me deixar contaminar por aquelas sensações menos positivas e foquei-me na companhia do Rodrigo e no sentimento ainda puro que tinha por ele. Não demorou muito a abandonar a loja carregando dois sacos cheios de compras, o que, naturalmente, me despertou a curiosidade.

— És tu que vais fazer o jantar? *Questionei-o.*

— Sim, mas se quiseres também podes ajudar.

— Claro que vou, mas onde é que vai acontecer esse jantar?

— Entra no carro e já verás. *Finalizou com um sorriso.*

Retomámos a viagem e gradualmente as casas foram dando lugar às árvores, fazendo-nos mergulhar aos poucos na natureza. A estrada era sempre a descer e a cada metro percorrido a curiosidade de saber para onde estávamos a ir aumentava. De repente as árvores desapareceram e surgiu do nosso lado um rio. Senti um sufoco momentâneo ao vê-lo tão perto de nós, principalmente por não estar a contar com aquela imagem que estava bem escondida pelas árvores e colinas em volta e que tinha tanto de bonito como de assustador. Mais à frente voltaram os sinais de civilização e vislumbrei um aglomerado de casas junto ao rio e ainda um cais com vários barcos e até iates atracados. Para minha admiração, foi mesmo junto ao cais que o Rodrigo parou o carro. Olhei para ele à espera de uma explicação, mas de nada me valeu, pois limitou-se a lançar-me o seu olhar sedutor e saiu do carro. Foi à mala buscar os sacos e depois dirigiu-se

para o cais, parando junto a um dos iates.

— Não é meu, mas posso usá-lo quando quiser.

— Estás a falar a sério, Rodrigo? Acho que estou confusa.

— É normal, ainda não te contei a história. Mas pelo menos uma resposta já tens. Repara no nome do iate.

Apontou com o queixo para a lateral do iate e estava lá escrito *Atlas Royale*. Ficava assim esclarecida a origem do seu nome artístico e não contive um sorriso no momento da revelação.

— Deixa-me arrumar estas coisas e já te venho buscar.

Ajudei-o com os sacos na hora de subir para o iate e aguardei no cais que ele regressasse para me chamar. Entretanto, a minha mente começou a trabalhar em piloto automático para encontrar uma justificação para aquilo tudo, enquanto o meu coração tentava digerir a mistura de sensações que se apoderava de mim.

— Tudo pronto. *Disse ao sair do iate*. Podes vir. Vou apresentar-te a embarcação por dentro e aproveito para te contar a história que me liga a ela e que no fundo... nos trouxe aqui.



Deu-me a mão e puxou-me para dentro, depois estendeu o braço para que seguisse na sua frente. Logo à entrada, havia uma sala de estar com dois sofás curvos de cada lado e uma pequena mesa ao centro, naturalmente fixa ao chão. Podia ainda ver-se o lugar do piloto, num nível mais elevado, e uma televisão a um dos cantos. Ao fundo da sala, havia umas escadas para baixo e foi para lá que o Rodrigo me conduziu depois. Imediatamente ao fundo das escadas, ficava a cozinha. Era minúscula, mas tinha tudo o que era necessário. Uma pia, uma placa elétrica, um frigorífico e até um pequeno forno. Em frente ficava o quarto principal, que se resumia a uma cama arredondada e um espelho na cabeceira. Era muito simples, mas foi sem dúvida a divisão que mexeu mais comigo. Do nosso lado direito ficava a casa de banho, igualmente minúscula, mas ainda com espaço para um chuveiro, e por fim um segundo quarto com duas camas lado a lado que não deviam ter sequer um metro de largura. Feita a apresentação interior da embarcação, voltámos a sair para o convés e subimos umas escadinhas pelo lado de fora até ao convés superior, onde nos sentámos a apreciar a vista.

— Podes começar a falar. Sou toda ouvidos.

Inspirou fundo, olhou em volta e começou.

— Quando te falei de mim, naquele dia em que te levei à festa no meu bairro, eu praticamente só te contei a minha história a partir do momento em que me mudei para a cidade. Mas a razão de me ter mudado para lá começou quando eu ainda era demasiado novo para saber o que se estava a passar à minha volta. Mais concretamente quando tinha três anos e o meu pai morreu. Segundo o que a minha mãe me contou. Alguns anos mais tarde, a minha mãe casou com outro homem, com quem está ainda hoje, e acabou o meu sossego. Primeiro porque o meu padrasto era alcoólico e um homem muito

rígido. E depois porque ele também tinha um filho de um relacionamento anterior que era mais velho do que eu. Ora, na mentalidade deles os dois, eu, por ser mais novo do que o filho dele, e a minha mãe, por ser a mulher, éramos a parte fraca desse relacionamento e, por isso, os subordinados. Se era preciso fazer ou buscar alguma coisa, por exemplo, sobrava sempre para mim, e se me opusesse... *Não terminou a frase, mas também não era preciso.* Quando comecei a crescer, não por dentro, mas também por fora, comecei a fazer-lhes frente e as coisas acalmaram. A verdade é que aquela ideia, tanto do meu padrasto como do filho dele, de que eram superiores a mim estava demasiado impregnada na personalidade deles para poder ser desconstruída. Quando cheguei à minha adolescência, e uma vez que o meu padrasto era o único que tinha um emprego fixo e o filho dele gostava mais de gastar do que ganhar, eu decidi arranjar um *part-time* e comecei a trabalhar umas horas aqui no cais a fazer manutenção de alguns destes barcos, incluindo este iate. Na altura até foi a dona Margarida, a senhora da loja, que me sugeriu a ideia. O dono dele está emigrado e vem cá duas vezes por ano passar férias, mas numa dessas vezes houve uma grande discussão em minha casa e eu, como vim trabalhar nesse dia e me cruzei com ele, acabei por desabafar o que tinha acontecido. Sem pensar muito, ele disponibilizou o seu iate para eu passar alguns dias sempre que precisasse de me afastar daquele ambiente e eu aproveitei. Daí ter-te dito que o nome Royale estava ligado a algo que me tinha ajudado. Depois a situação em minha casa tornou-se insuportável e eu tive mesmo de sair daqui, mas continuei autorizado a usufruir deste menino. *Deu duas palmadas no assento.* Por isso quis trazer-te cá, pois todo este espaço diz-me muito.

— É muito bonito, de facto, mas diz-me uma coisa. *Fiz uma pausa.* Achas que o facto de o teu padrasto ser alcoólico teve influência naquela tua fase em que tu também começaste a beber?

— Talvez me tenha influenciado inconscientemente, sim, mas ao contrário do meu padrasto eu consegui sair.

— Então e nunca mais os visitaste? Nem a tua mãe?

— Eu mantenho o contacto com a minha mãe e de vez em quando visito-a, mas continuo a não suportar o ambiente daquela casa. Infelizmente, ela já se acomodou a essa vida e o máximo que posso fazer é manter-me a par do bem-estar dela. Mas não foi só para te falar da minha vida que te trouxe cá, foi também, e acima de tudo, para te proporcionar uma boa experiência. Por isso, vou tratar de pôr estes setecentos e oitenta cavalos a trabalhar.

O Rodrigo desceu ao convés inferior para soltar as amarras e

depois voltou para junto de mim para tomar o controlo dos comandos do iate e arrancar pelo rio adentro. Os minutos que se seguiram foram de um completo êxtase. O vento a atirar-me os cabelos para trás enquanto rasgávamos as águas calmas daquele rio que parecia só nosso deu-me sensações que nunca tinha tido e que, talvez por isso, não era capaz de definir. A dada altura apercebi-me de que já me doía o rosto de tanto sorrir, mas era mais forte do que eu e não conseguia controlar. De óculos de sol e com a camisa parcialmente desabotoada, fazendo com que o vento lhe destapasse o peito moreno, o Rodrigo ia de olhar focado na estrada de água diante de nós enquanto aproveitava para me apresentar alguns pontos de interesse nas margens do rio. Com os ruídos à minha volta, mal o conseguia entender, mas isso também não era importante, porque o meu único ponto de interesse estava ali bem à minha frente. O sol começava a pôr-se e aos poucos ia transformando a estrada de água numa estrada de fogo com o seu reflexo. Um fogo que me incendiava também por dentro, pois, aos meus olhos, aquele pôr do sol não era sinónimo do final de um dia bom, mas sim do começo de uma noite que tinha tudo para ser incrível.

— Gostas desta zona do rio? *Perguntou-me.*

— Claro! Gosto de todas. Isto é lindo.

— Ótimo. Então vou ancorar a embarcação por aqui.

Naquela zona do rio viam-se algumas casas ao longe, mas estavam à distância suficiente para não nos sentirmos abandonados nem vigiados, o que era perfeito. Assim que o Rodrigo terminou as manobras voltou para junto de mim.

— Carros, motos, barcos, o que conduzes mais?

— Bicicletas, triciclos, carrinhos de mão... *A espontaneidade da sua resposta fez-nos rir à gargalhada.* Mas o veículo mais difícil de conduzir é mesmo a minha vida. Às vezes acontecem alguns percalços que fazem moossa, mas vou-me safando bem.

— Tenho a certeza de que sim. *Respondi-lhe ainda com o sorriso parvo que tinha no rosto quando vínhamos para ali.* Sabes, quando há bocado entraste na loja, a senhora começou a falar-me de ti por pensar que éramos namorados e disse-me que me tinha saído a sorte grande. O que tens a dizer sobre isto?

— Tenho a dizer que normalmente as pessoas mais velhas são sábias, e se ela o diz é porque deve ter algum fundo de verdade. *Sorriu e encolheu os ombros.* Mas pouco importa que o mundo inteiro te diga que és uma sortuda se tu não o sentires.

— Eu sinto-o e sei que sou uma sortuda por ter tido a oportunidade de conhecer alguém como tu. Mas de que me vale

conhecer a pessoa certa se for o momento errado?

— Não há momentos errados para se conhecer a pessoa certa. As pessoas entram na nossa vida quando têm de entrar, porque é naquele momento que nós precisamos delas e elas de nós. Porque é naquele momento que tínhamos de aprender a lição que ela tinha para nos transmitir e vice-versa. A verdade é que a vida não cruza pessoas aleatórias e muito menos aleatoriamente. Se foi esta pessoa e se foi agora, é porque tinha de ser essa e tinha de ser agora.

— Isso quer dizer que nos conhecemos quando tínhamos de conhecer, mas como sabemos qual é o nosso propósito?

— Às vezes só passado muito tempo é que percebemos qual o propósito de determinada pessoa ter entrado ou saído da nossa vida. Mas, para isso acontecer, temos de aprender a aceitar e a compreender que há uma razão para as coisas serem como são. Só te peço que não duvides, em momento algum, que nos tínhamos de cruzar e que tinha de ser agora. *Levantou a cabeça e olhou para o horizonte.* Está na hora de começar a preparar o jantar.

O Rodrigo foi para o interior do iate e eu acompanhei-o para colaborar no jantar. Combinámos fazer uma salada, então ele começou por pôr uns ovos a cozer e eu tratei de preparar a rúcula e os tomates-cereja. A cozinha era minúscula, o que nos obrigava a estar muito próximos um do outro. Diria mesmo perigosamente próximos. Os nossos corpos estavam constantemente a roçar um no outro e por várias vezes dei por mim a abanar a cabeça para afastar imagens eróticas da minha mente. A verdade é que o ritmo cardíaco acelerado e a ligeira fraqueza nas pernas eram bem representativos da minha suscetibilidade naquele momento, pois sabia que não conseguiria resistir se ele tentasse alguma coisa. O silêncio em que mergulhámos enquanto nos empenhávamos nas respetivas tarefas era como um terreno fértil para pensamentos mais promíscuos e lembrei-me que se puxasse um assunto fora daquele contexto talvez isso me ajudasse a acalmar o corpo e a organizar a mente.

— Na semana que vem vou entregar o meu relatório de estágio e serei oficialmente farmacêutica. *Revelei.*

— Boa! Parabéns por mais um capítulo concluído com sucesso na tua vida! E depois o que se segue? Mercado de trabalho?

— Sim. Terei de começar a procurar emprego, mas só o vou fazer depois da minha cerimónia de finalistas, para não misturar as coisas. Quero viver o espírito de estudante até ao fim.

— Uma cerimónia? Gostava de poder assistir. Posso?

— Claro que sim, até porque é aberta ao público. Mas não será nada de mais. Vão falar umas pessoas, depois cada um dos finalistas

sobe ao palco e recebe o respetivo diploma. Por fim tiramos uma foto de grupo, há um discurso do diretor da faculdade e de um aluno finalista e está a festa encerrada.

— Um aluno vai discursar? E como é que é selecionado esse aluno? É por votação ou ele é que se oferece? Podias ser tu.

— Eu? Não, nem pensar. Tenho colegas mais competentes para o fazer. Além disso teria de ser eu a escrevê-lo e não tenho jeito.

— Era um bom momento para te piores à prova, já que passaste no teste na festa do teu irmão. O discurso é sobre quê?

— É um daqueles discursos motivacionais sobre a vida e as suas etapas, mas podes esquecer. Está fora de questão.

Levantou as mãos em jeito de rendição e voltou a concentrar-se na preparação do molho para a salada. Não consegui aguentar o tema de conversa por muito tempo e tive de me subjugar de novo ao silêncio. Com ele voltaram os pensamentos menos próprios que insistiam em remexer-me de dentro para fora. Entretanto, o Rodrigo pediu-me para lhe chegar um batedor que estaria no armário por cima do frigorífico e eu ainda consegui abrir a porta do armário, mas o meu palmo e meio de altura já não foi suficiente para procurar o batedor dentro dele. O Rodrigo apercebeu-se de imediato disso e aproximou-se para o procurar por mim. No entanto, na hora de me afastar, em vez de o fazer para o lado desocupado, fi-lo para o lado da bancada e fiquei presa entre a bancada e o corpo dele. Nesse momento, os nossos olhares cruzaram-se e foi como se um choque elétrico me percorresse o corpo da cabeça aos pés. Uma sensação demasiado intensa para poder continuar a resistir ao que era inevitável acontecer entre nós naquela noite.



O Rodrigo meteu a sua mão por trás do meu pescoço e olhou para os meus lábios antes de os beijar. Entreguei-me de imediato àquele beijo e àquelas mãos que rapidamente se apoderaram do meu corpo e também eu lhe procurei o corpo com as minhas. Apertou-me com firmeza contra o seu tronco com um dos seus braços e depois levantou-me e fez-me sentar em cima da bancada. Envolvi-lhe a cintura com as minhas pernas, prendendo-me a ele, e comecei a desabotoar-lhe a camisa enquanto ele me beijava o pescoço e o peito. Assim que lhe desabotoei a camisa até ao fundo, foi a minha vez de lhe beijar e acariciar o peito antes de regressar à sua boca. O desejo era tão grande que, por mais intensidade que depositássemos naquele beijo, parecia sempre insuficiente. O Rodrigo tirou a sua camisa e logo depois arrancou o meu *top* e voltou a puxar-me contra ele, fazendo-me sentir todo o calor do seu corpo no meu peito e na minha barriga. As minhas pernas estavam fracas com tanta excitação e por isso agradeci em silêncio quando ele pegou em mim e me levou para o quarto, pois com certeza teria dificuldades em manter-me de pé. Quando chegámos à cama, ele deitou-me de costas sobre o colchão e de seguida colocou-se por cima de mim e continuou a beijar-me. Os seus beijos passaram, entretanto, para o pescoço, depois para o peito e foram descendo até ao fundo da minha barriga, o que me fez estremecer. De seguida tirou-me as sandálias, despiu-me as calças e eu sentei-me na cama para desabotoar as dele enquanto lhe beijava também a barriga. Esse foi o primeiro momento em que me apercebi de que estava estranhamente desinibida e confiante, pois esperava ser mais contida e até envergonhada. Foi então que me lembrei de que aquela era a primeira vez que eu me envolvia de uma forma íntima com alguém na fase de esquecimento. Ou seja, era a minha primeira vez desde que me tinha livrado das memórias associadas ao Gustavo e, por sua vez, de todos os medos, complexos e limitações que desenvolvi com ele. Com o Rodrigo, eu estava a sentir uma liberdade que a mim própria me surpreendia. Não

por ele ser quem era, mas por eu poder ser quem eu era depois de me terem sido removidos alguns mantos que estavam por cima da minha essência a impedi-la de manifestar-se. Pelo menos assim imaginava que fosse. E aperceber-me disso deu-me ainda mais vontade de viver aquele momento na sua plenitude e fazer tudo o que o meu corpo e alma me pediam. Assim que lhe despi o que restava da sua roupa, eu mesma tirei o meu sutiã e ele ajoelhou-se no chão, ficando no meio das minhas pernas. De olhos colados nos meus, foi aproximando a boca de um dos meus seios, até que o beijou. A minha barriga contraiu-se toda e eu inclinei a cabeça para trás completamente extasiada. Enquanto me beijava e lambia os seios, mantinha-me presa a ele com um dos braços à volta do meu rabo e com a mão que tinha livre acariciava-me o sexo. Depois empurrou-me para trás, fazendo-me deitar sobre o colchão, tirou-me as cuecas e começou a beijar-me a parte interior das coxas. Foi-se aproximando, por um caminho de beijos, do meu sexo, até que o envolveu todo com a sua boca e me fez estremecer de novo. O facto de saber que no local onde estávamos ninguém nos podia ouvir deu-me ainda mais liberdade para poder expressar o prazer que ia dentro de mim e comecei a gemer. Parece que isso estimulou ainda mais o Rodrigo e fê-lo aumentar a intensidade com que me chupava. A dada altura, e sem nunca parar de me chupar, começou também a introduzir um dedo e o meu corpo entrou em ebulição. Contorci-me e contraí-me, mas quanto mais eu reagia, mais firme e intenso ele era nos seus movimentos, até que não aguentei mais o prazer e vim-me. Esperava que isso o fizesse abrandar e eu pudesse recuperar o fôlego, mas ele continuou com o mesmo empenho. No entanto, não aguentava mais ter a sua boca longe da minha e puxei-o para mim para lhe dar um beijo. Depois afastei-o ligeiramente para o olhar nos olhos e sentir-lhe os contornos do rosto e por instinto anuí com a cabeça como se ele precisasse do meu sim para me penetrar. Podia não estar à espera dele, mas entendeu-o como um sinal de avanço e penetrou-me devagarinho sem nunca desviar os olhos dos meus. A minha boca abriu-se para soltar um gemido e ele voltou a fechá-la com um beijo. Aos poucos foi aumentando a velocidade com que me penetrava e os meus gemidos também foram subindo de volume. Sentia-me profundamente conectada com ele. Desde o desejo que nos unia até à forma dos nossos corpos, que pareciam desenhados à figura um do outro. Era a nossa primeira vez, mas parecia que já o tínhamos feito infinitas vezes. A certa altura, pela emoção que me possuía, senti-me desligar dos sons à minha volta como se tivéssemos literalmente submergido nas águas daquele rio e todos os meus sentidos

afunilaram no rosto do Rodrigo. Na sua expressão de esforço, mas acima de tudo de prazer por estar dentro de mim. Entretanto ele começou a abrandar os movimentos e a sua expressão mudou. Por momentos pensei que tinha feito algo de errado, mas depois aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou uma frase mágica.

— Eu amo-te, Alice, e não vou desistir de ti.

— Eu também te amo, Rodrigo. *Segurei-lhe no rosto e dei-lhe um beijo demorado.* E acho bem que não desistas de mim.

Sorrimos um para o outro e agarrei-o com tanta força contra o meu peito que parecia que o queria guardar literalmente dentro dele. Os minutos que se seguiram tiveram um sabor ainda mais especial, talvez por termos deixado claro o que sentíamos um pelo outro e isso desse ao nosso sexo uma dimensão completamente diferente. Quando terminámos, eu continuei despida sobre os lençóis e ele também, o que para mim era uma sensação estranha, porque não era algo que eu esperava que acontecesse. A impressão recente que eu tinha, ainda que não tivesse as memórias completas, era de que não me sentia confortável numa situação semelhante, mas isso não se verificou. Continuámos juntos e nus ainda por muito tempo, pelo menos até a fome nos lembrar do jantar adiado.

— Temos uma salada para terminar e comer e ainda uma viagem para fazer. Não me culpes se chegares atrasada a casa.

— Só chegarei atrasada se quiser chegar hoje... *Repliquei.*

Ele olhou para mim com uma expressão curiosa.

— Isso é o que eu estou a pensar? Queres passar a noite aqui?

— Se quiseres a minha companhia por mais algum tempo.

Voltámos a embrulhar-nos um no outro por mais algum tempo e depois o Rodrigo vestiu-se e saiu do quarto para terminar a salada que tínhamos deixado a meio. Acabámos por comer na cama e já não mais saímos de lá até ao dia seguinte. Quando me deitei, pronta para dormir, agarrei-me a ele e nem me apercebi do sono a chegar, pois apaguei por completo. Tal como da última vez em que tínhamos dormido juntos, ainda que sem tanto romantismo, também desta vez o Rodrigo não estava junto a mim quando acordei. Vi a camisa dele pendurada e decidi vesti-la para ir ver o que estava a fazer. Encontrei-o na sala, à entrada do iate, com o pequeno-almoço preparado sobre a pequena mesa da entrada e ele debruçado sobre ela a escrever qualquer coisa num papel.

— Sou eu que durmo muito ou tu que acordas cedo?

Ergueu o rosto para mim e sorriu-me.

— Bom dia! Eu levanto-me sempre cedo. Ainda me demorei na cama à espera que acordasses para te poder brindar com a linda

imagem do meu rosto logo pela manhã, mas tu continuavas a rressonar e eu percebi que não ias acordar tão cedo.

— Eu não rressono... *Disse com pouca confiança.*

— Rressonas de tal maneira que eu acordei a meio da noite assustado por pensar que o motor do iate estava a trabalhar.

— Parvo! *Dei-lhe um beliscão no braço.* O que é isto? *Questionei-o acerca do papel que estava a escrever.*

— É o teu discurso de final de ano. Disseste que não tinhas jeito e eu decidi dar-te uma ajuda. Agora com discurso pronto e teste feito, não tens desculpas para não aceites o desafio.

Peguei no papel e li as primeiras linhas do que tinha escrito.

— Isto é um discurso, Rodrigo, não é uma peça de teatro.

— É um discurso se decidires ler o texto, mas se o decorares e o dissseres em palco, passa a ser um monólogo.

— Não consigo. Isto é muita coisa. Não estou preparada.

— Corta e muda o que quiseses. Ninguém tem de saber que é decorado. Levas a folha contigo e se te sentires preparada dizes, se não te sentires preparada lês. É muito simples. Pensa nisso, mas agora come, que temos um mergulho para dar.

— No meio do rio? Com dezenas de metros de profundidade e de certeza peixes carnívoros, como, por exemplo, piranhas? Estás louco! Prefiro mil vezes aquele parque com veados gigantes.

— Vês demasiados filmes. Já mergulhei centenas de vezes neste rio e correu sempre tudo bem. E também já te provei que comigo nunca te acontece nada de mal. Não seria hoje.

— Tu fizeste alguma promessa para me estares a ajudar a ultrapassar os meus medos, foi? Estás muito empenhado nisso.

— A minha única promessa é fazer-te feliz e fazer-te viver. Às vezes no limiar do risco, é verdade, mas sempre em segurança. Porque eu gosto de te abanar, mas nunca te deixarei cair. Vá! Come qualquer coisa, eu vou ver se a água está boa.

— Espero que esteja tão fria que te faça desistir da ideia. *Disse-lhe quando ele já estava no exterior do iate.*

Não demorou muito a ouvir-se o som do seu mergulho e revirei os olhos e soltei um suspiro para mim mesma. Comecei a comer e não pude deixar de reparar e de me apaixonar pelo cuidado que ele teve com o pequeno-almoço. Enquanto comia, aproveitei também para ler o texto que ele escreveu e, como se já não bastasse tudo aquilo estar a ser demasiado bom, o texto também estava muito bem escrito. Ou então tudo não passava da inflação natural aos olhos de uma mulher apaixonada. O que é certo é que cada vez mais me convinha de que aquilo que eu estava a viver não era real e não era apenas por causa

da fase de esquecimento. Quando saí, o Rodrigo estava a nadar longe do iate e aproximou-se assim que me viu.

— Nessa caixa aí ao teu lado tens um colete salva-vidas. Disse-me. Põe-no e atira-te à água. Eu tomo conta de ti aqui.

— Rodrigo, só de olhar para essa quantidade de água faz-me impressão. Não me faças isto. Eu tenho medo.

— E se não venceres o medo vais continuar a ter. Ou achas que ele se vai embora de livre vontade? Vá! Confia em mim.

Apanhei o cabelo, pus o colete e sentei-me na borda do iate. Quando os meus pés entraram na água, todo o meu corpo se arrepiou e soltei um gemido queixoso. Depois respirei fundo uma última vez, ganhei coragem e atirei-me à água. Assim que o fiz, o Rodrigo aproximou-se de mim, agarrou-me e tranquilizou-me. Nos primeiros minutos, eu não parava de me queixar de frio e de medo, mas ele nunca me soltou a mão e isso fez-me sentir um pouco mais segura. Entretanto fui acalmando e o meu corpo estabilizando e foi então que me comecei a aperceber de que havia algo diferente no olhar do Rodrigo. Ele não me estava a olhar apenas por precaução, havia mais qualquer coisa que me estava a escapar.

— Porque é que me estás a olhar assim? *Tive de perguntar.* Pareces muito atento. Diria até nostálgico. O que se passa?

— Nada... Estou só a aproveitar o tempo que me resta.

Sorriu-me de uma forma tão bonita e delicada que me comoveu. Depois ficámos em silêncio de frente um para o outro enquanto ele ia bracejando para se manter à tona da água e eu ia flutuando com a ajuda do colete. À nossa volta, a natureza vigiava-nos atentamente como se já soubesse o que escondia o olhar do Rodrigo e estivesse só à espera que eu descobrisse. E eu descobri.

— Não me trouxeste cá para me mudar de ideias, pois não?

ALICE

Aproximou-se de mim antes de me responder. A respiração estava pesada pelo esforço que estava a fazer, mas o olhar continuava o mesmo. Calmo, nostálgico e também apaixonado.

— Sempre disseste que querias recuperar as tuas memórias e fui-me apercebendo de que, além de não ser correto tentar dissuadir-te, também não iria conseguir fazê-lo. Assim sendo, o melhor que eu podia fazer era aproveitar o tempo que me restava contigo.

— Trouxeste-me aqui para nos despedirmos, Rodrigo?

— Trouxe-te aqui para te dar um pouco mais de mim. Não esperava que tudo isto acontecesse, mas seria injusto olhar para isto como uma despedida. Não quero acreditar que vivemos o que vivemos porque era o último dia, pois eu não vivo cada dia da minha vida como se fosse o último, vivo-o como se fosse o primeiro.

Senti qualquer coisa a roçar na minha perna e dei um grito. O Rodrigo começou a rir-se e agarrou-se a mim.

— Calma! Fui eu que te toquei com o meu pé sem querer.

Respirei de alívio, mas continuava em sobressalto.

— Oh, meu Deus! Agora percebo porque disseste que havia animais grandes, mas eu não os iria ver. Estão debaixo de água!

— Pronto. Foi só um susto. *Tranquilizou com um sorriso.*

Os nossos rostos aproximaram-se e nesse momento o meu coração já não estava acelerado pelo susto, mas pela excitação de ter o corpo dele tão próximo do meu e a sua boca tão próxima da minha, até que não resisti mais e tive de a beijar. Os nossos lábios frios e molhados, além das condições em que estávamos, proporcionaram-nos um beijo completamente diferente, mas não menos encantador. Mas depois comecei a tremer de frio e ele apercebeu-se.

— É melhor voltarmos para dentro. *Disse-me.* Parabéns por mais um desafio superado. Vês? Não custou nada.

Regressámos ao iate e o Rodrigo deixou-me ir tomar banho à sua frente. Depois foi a sua vez e esperei por ele no exterior. Enquanto esperava, refleti sobre o que estava verdadeiramente a acontecer e percebi que, embora não tivéssemos combinado nada, estávamos os dois ali com o mesmo propósito. E isso tinha tanto de bonito como de

doloroso. Não demorou muito até voltar para junto de mim, mas, depois de ele ter deixado claro o que estava a acontecer, era impossível continuar a negar a realidade.

— Confesso que acreditava que ias tentar fazer-me mudar de ideias, mas também acreditava que eu era capaz de manter a minha decisão. Mesmo assim eu decidi aceitar a tua proposta porque percebi e senti que tinha de o fazer. Percebi que precisava de um último momento contigo para que percebesses que não é por não gostar de ti que o vou fazer. Precisava de te dizer o que sinto e talvez assim ficar um pouco mais de consciência tranquila, mas também não sei se fiz bem porque posso ter piorado a situação.

Encostou o dedo nos seus lábios, como que a dar-me sinal para me calar, e depois sentou-se ao meu lado.

— Não tens de te justificar, Alice. Tu fazes aquilo que entenderes ser o melhor para ti e só podes sentir-te culpada se tiveres agido com intenção de magoar alguém. Mas não foi o caso.

— Eu não quero magoar, mas também não quero enganar. Só que, para evitar um, eu não consigo evitar o outro.

— E, na hora de escolher, decidiste escolher aquilo que para ti é a verdade. Logo, não há nada para justificares ou te culpares. Deves sempre escolher a verdade, ainda que doa, porque só assim poderás ter a certeza de que aquilo que és, tens e te acontece é o que tem de ser. Não te preocupes com aquilo que me pode doer, senão a compaixão não te vai deixar fazer o que tem de ser feito.

— Eu preciso de o fazer, mas tenho medo, Rodrigo. *Pus o cabelo para trás das orelhas e apoiei os cotovelos nas coxas.* Tenho medo de te perder por não te valorizar. Não por não saber o que vales, mas por ficar confusa depois de me lembrar de que gosto de outra pessoa. E tenho medo que não compreendas isso.

Pegou-me no rosto e fez-me olhar para ele.

— Claro que irei compreender e é por isso que irei fazer a minha parte. Eu disse-te que não ia desistir de ti, Alice. Se eu te conquistei uma vez, também consigo conquistar-te uma segunda vez.

— Mas não são as mesmas circunstâncias! *Levantei-me e caminhei até à borda do iate.* Eu preciso que me prometas uma coisa. *Aproximou-se por trás de mim.* Eu sei que é muito bonita e poética essa ideia de não desistires de mim, mas ela é bonita nos livros e nos filmes, não na vida real. E tu sabes disso porque já falámos sobre essas coisas. Não é justo continuares indefinidamente a lutar por mim, por isso peço que me prometas que, se te aperceberes de que eu me tornei num caso perdido, vais desistir e seguir com a tua vida. *Ele demorou a responder.* Promete-me, por favor!

— Tudo bem! Eu prometo. Lutarei por ti quando e enquanto sentir que vale a pena. *Comprimi os lábios e anuí com a cabeça, um pouco mais descansada.* Trouxeste a ampulheta?

— Sim. Anda comigo na carteira. Achas que...

— Não vale a pena adiar mais. Estes momentos contigo têm sido perfeitos, mas agora que as cartas estão todas em cima da mesa, a cada minuto que passa torna-se mais doloroso. Quero que o faças comigo e, se tens a ampulheta, então vamos a isso.

— Porque é que isto me está a soar a uma despedida?

Senti os meus olhos a humedecerem-se.

— Isto não é uma despedida. É apenas o final de um capítulo e eu quero poder desfrutar dele até ao último segundo.

Não consegui aguentar mais as lágrimas e comecei a chorar. Virei-me para trás para o Rodrigo não ver a minha figura, mas ele não me deixou e puxou-me para junto dele para me poder abraçar. Ficámos em silêncio por um bocado enquanto eu soluçava com o rosto junto ao seu peito e ele me aflagava os cabelos. Não me disse nada. Não precisava de me dizer nada. Sabia, melhor do que ninguém, que eu só precisava de um abraço e de um silêncio daqueles para poder chorar à vontade. Ninguém ia morrer, ninguém ia embora, e ainda assim o aperto no peito era de despedida.

— Vai buscá-la. *Sussurrou ao meu ouvido.*

O choro parou instantaneamente com aquela frase e fiquei a olhar para o vazio ainda encostada ao seu peito. Depois afastei o rosto e sem ter coragem de olhar para ele fui à minha mala buscar a ampulheta. Quando regressei, o Rodrigo estava no mesmo local e na mesma posição a olhar para o horizonte. Coloquei-me ao lado dele e intercalando o olhar entre a ampulheta e o rio à nossa frente começou a despertar em mim uma vontade proibida.

— E se eu a atirasse? *Sugeri com uma voz insegura.*

Rodou a cabeça para mim e olhou para a ampulheta.

— Não serias capaz de fazer isso. Eu conheço-te.

— Já me puseste à prova muitas vezes. Ao teu lado já fiz coisas que nunca imaginei, por isso não duvido que seja capaz.

— Para seres capaz, primeiro tens de querer. E tu não queres.

— Acho que nunca quis nada tanto como quero livrar-me desta ampulheta para poder continuar a viver este sonho contigo.

— Ai sim? Então atira-a. *Olhei para ele de olhos arregalados.* Quando eu contar até três. Um... Dois... *Engoli em seco.* Três! *Bloqueei.* Vês? Eu sabia que não eras capaz. Eu conheço-te.

— E se eu a atirasse, o que é que irias fazer?

— Acho que me atirava ao rio para a ir buscar.

Ficámos ao lado um do outro a olhar para as águas hipnotizantes do rio e o balancear do iate amoleceu-me o corpo. Continuava com a ampulheta na mão, mas sentia que estava a atrasar o inevitável momento de a inverter, pois queria sempre só mais um minuto.

— Devo confessar que bem lá no fundo gostava que me dissesse o contrário. De certa forma gostava que tivesses tentado fazer-me mudar de ideias. Ainda não há muito tempo, estavas a pedir-me para mandar esta ampulheta para longe e para te deixar fazer-me a mulher mais feliz do mundo e isso deu-me uma sensação muito boa. Mas tenho de te agradecer por colaborares.

— Acho que é apenas porque agora penso da mesma forma que tu. O que significa que afinal foste tu que me fizeste mudar de ideias. De facto, não faz sentido esse desejo de querermos apagar uma pessoa ou um episódio da nossa memória só porque nos magoou muito. Porque isso contribuiu para sermos quem somos hoje. Se isso aconteceu ou se essa pessoa entrou na nossa vida foi porque havia um propósito e uma lição para tirar daí. Uma lição que nos fará evoluir, mas que só a vamos aprender se aceitarmos e ultrapassarmos o que aconteceu. Afinal a vida não nos dá nem tira ninguém, apenas nos empresta pessoas que têm determinada lição para nos ensinar. E esse Gustavo tinha uma, tal como eu tenho uma.

— Então espero que esse empréstimo não acabe hoje e que essa lição seja boa de aprender como tem sido boa de viver.

— Alguns empréstimos duram uma vida toda. Pode ser que o nosso seja um desses. Quanto à lição que temos um para o outro, é com certeza uma lição sobre amor e superação. E agora? *Olhou para a ampulheta na minha mão.* O que é suposto fazer?

— O Artur disse que precisava apenas de um lugar sossegado e o resto é apenas um exercício de imaginação.

— Vamos ali para dentro, então. Eu fecho a porta.

Entrei, sentei-me num dos sofás à entrada e pousei a ampulheta sobre a mesa. Logo depois, o Rodrigo sentou-se ao meu lado e de repente o clima ficou tenso. Ao aperceber-se do meu nervosismo, aproximou-se de mim e pegou-me na mão.

— Vai correr tudo bem. *Sussurrou.* Eu estou aqui.

Parecia ter adivinhado a frase e o gesto que eu precisava naquele momento e não resistimos em dar um último beijo. Um beijo intenso e demorado, mas com um gosto de saudade que me fez derramar uma lágrima. Ao ver a lágrima a descer, o Rodrigo levou a mão ao meu rosto e limpou-a com o polegar. Os seus olhos denunciavam o esforço que também fazia para se conter, mas não parava de sorrir. Era como se soubesse que eu precisava da força

dele para dar aquele último passo. E assim fiz. Foquei o olhar no meu nome, ainda invertido, respirei fundo e, quando senti o meu batimento cardíaco baixar, rodei a ampulheta e concentrei-me nos grãos de areia a cair. Aos poucos, os meus olhos foram ficando cada vez mais pesados e colados à ampulheta e os meus pensamentos foram ficando cada vez mais confusos. Parecia que tudo à minha volta estava distorcido e eu caía desamparada num vazio inóspito e surrealista. Era como se estivesse dentro de um sonho, embora acordada, e estava rodeada de imagens e de ideias aleatórias. Até que o último grão de areia caiu e eu despertei.



Fiquei apática durante um bocado após a areia ter terminado de cair e apercebi-me de que o Rodrigo estava a falar comigo, mas não entendia o que me estava a dizer. Era como se a realidade à minha volta estivesse enovoadada e só depois de o nevoeiro se dissipar eu poderia perceber o que estava verdadeiramente a acontecer. Passado algum tempo, as primeiras lembranças sobre o Gustavo começaram a ganhar forma como peças de um *puzzle* que se iam encaixando umas nas outras. Inicialmente pareciam meros *flashes*, mas depois tornaram-se ideias e imagens completas. Também no início a sensação, apesar de confusa, era boa, fruto das lembranças agradáveis que estava a recuperar. Depois começaram a surgir pelo meio lembranças de episódios desconfortáveis, palavras, gestos e expressões faciais do Gustavo que de bom não tinham nada e eu comecei a sentir-me mal. Era um autêntico turbilhão de sensações que me estava a deixar ansiosa por não conseguir controlá-las ou sequer identificá-las, até que de repente toda essa confusão terminou com uma lembrança muito específica. Estava tão nítida na minha mente que parecia que tinha acabado de acontecer. Era uma fotografia. Uma fotografia do Gustavo com a Clara, a ex-namorada que não era mais ex. Mas com a lembrança vieram as emoções agarradas a ela e eu comecei a sentir um aperto no peito. Precisava de apanhar ar. Levantei-me e fui para o exterior, mas a sensação não melhorou muito ao ver-me rodeada de água e sem muito espaço para me poder deslocar. Foi como se o aperto que estava a sentir no peito se estendesse ao ambiente que me rodeava e isso fez-me sentir ainda mais sufocada. Assim que saí, o Rodrigo veio atrás de mim e pela primeira vez consegui distinguir as suas palavras.

— Alice, fala comigo, o que é que estás a sentir?

O desconforto que me estava a consumir naquele momento aumentou quando percebi que o tinha deixado aquele tempo todo sem

um esclarecimento da minha parte. Como se não bastasse, a sensação de impotência expressa no seu rosto partiu-me ainda mais um coração já despedaçado pelo regresso daquelas memórias.

— Desculpa! Preciso de espaço para poder andar e apanhar ar. Vamos embora. Preciso urgentemente de sair daqui.

— Claro, claro! Vou só desancorar o iate.

O Rodrigo apressou-se a recolher a âncora, preparou a embarcação e depois arrancou em direção ao cais. Deixei-me ir do lado de fora para sentir o vento no corpo e isso ajudou-me a sentir um pouco mais aliviada. Quando por fim atracámos, desembarquei de imediato e comecei a caminhar sem destino. Ele percebeu que eu precisava de organizar os meus pensamentos e sentimentos e só o conseguiria fazer se estivesse sozinha, por isso não veio atrás de mim. No entanto, ficou a observar-me a partir do iate por um bocado antes de voltar para dentro. Após alguns minutos a vaguear pelas margens do rio, as melhorias não foram significativas e decidi regressar. Ao chegar junto do iate, o Rodrigo apercebeu-se e veio receber-me na plataforma flutuante do cais.

— Como é que te sentes? Já estás melhor?

— Foi um erro ter feito isto aqui. Não tinha de te sujeitar a uma cena destas. Estava a ser tudo tão bonito e estraguei a pintura.

— Foi quando tinha de ser e com quem tinha de ser.

Abanei a cabeça, cruzei os braços e olhei para o chão.

— Acho que é melhor ir para casa. Não te importas?

— Eu imaginava que sim. Já arrumei as coisas. Podemos ir.

Voltei ao iate e fui ao quarto buscar as minhas coisas. Antes de sair, olhei uma última vez para a cama e lembrei-me do que aconteceu nela na noite anterior. Sabia que tinha sido bom, mas o significado tinha mudado radicalmente. Era, com certeza, culpa do regresso das lembranças sobre o Gustavo e isso assustou-me. Já me tinham alterado as percepções sobre tudo o que se passou naquele iate e preparavam-se para contaminar tudo o resto que tinha vivido com o Rodrigo durante a fase de esquecimento. Eu conseguia lembrar-me das sensações que tive naquelas 24 horas com ele, mas não as sentia mais como as tinha sentido. Havia agora uma culpa associada a essas lembranças e uma sombra que lhes roubava o encanto que eu sabia que elas tinham. Abandonámos o iate, seguimos até ao carro e fomos embora. Pouco tempo depois, lembrei-me de que ainda me faltava fazer uma última coisa que o senhor Artur me tinha pedido e assim que vi o primeiro contentor do lixo pedi-lhe para encostar. Ele olhou-me intrigado, mas fez o que lhe pedi. Saí do carro e enquanto me aproximava do contentor tirei a ampolheta da

mala e olhei para ela uma última vez. Não consegui perceber qual a sensação que tinha em relação a ela, mas também já não importava mais. Atirei-a para dentro do contentor e voltei para o carro. A viagem de regresso foi toda feita num silêncio constrangedor. Por várias vezes o Rodrigo tentou quebrá-lo de uma forma subtil, mas era impossível abstrair-me do que estava a acontecer e as minhas respostas pareciam sempre forçadas. No entanto, quando finalmente estacionou em frente à sua casa para eu ir buscar o meu carro, que tinha ficado lá, era inevitável tocar no assunto.

— Desculpa. *Murmurei.* É o que mais me apetece dizer-te.

— Ei! *Inclinou-se para a frente para me procurar o olhar.* Não tens de pedir desculpa. Fizeste o que tinha de ser feito.

Tive de fazer um esforço hercúleo para não chorar.

— É muito estranho ainda há tão pouco tempo ter a certeza de tudo e agora não estar certa de nada. É melhor eu ir...

Saí do carro e ele também saiu e veio atrás de mim.

— Espera! Eu e tu sabíamos que as coisas iam mudar muito e que esta confusão ia acontecer. Mas eu preciso que tenhas consciência dela. Que entendas que é normal, mas nenhuma dessas lembranças apagou aquilo que vivemos. Lembra-te de que tu apenas recuperaste as memórias do Gustavo, não apagaste as minhas. Eu continuo aí dentro do teu peito como estava há umas horas. Talvez um pouco mais escondido, mas continuo lá.

— Mas está tudo diferente, Rodrigo! *Interrompi-o.* Eu estive há pouco no quarto onde nós dormimos e lembrei-me de tudo, mas já não senti o mesmo. Eu sei que está aqui, não se foi embora, mas já não estás só tu e isso muda tudo. Eu só sei que preciso de estar sozinha para organizar estas ideias. Isto ficou tudo uma confusão.

— Tudo bem, Alice. Tudo bem! Se precisas de ficar sozinha, eu irei respeitar. Leva o tempo que precisares.

Virei-me para me ir embora, mas parei logo depois.

— Rodrigo... Eu prometo que te direi alguma coisa, mas se tiveres um pouco de amor por ti, não fiques à minha espera. *Fiz uma pausa demorada.* Eu não sei quanto tempo irei demorar.

Fui para o meu carro e quando entrei nele desatei a chorar. Fiz assim a viagem toda de regresso a casa, a ponto de, por vezes, nem conseguir ver bem a estrada por culpa das lágrimas. Por um lado, chorava pelo que o Gustavo me tinha feito e, por outro, chorava por estar a fazer o Rodrigo sofrer em consequência disso. Ao mesmo tempo que me sentia injustiçada pela parte do Gustavo, também me sentia culpada pelo que estava a fazer com o Rodrigo, que, no final de contas, era o elemento mais inocente de todo este emaranhado onde

me tinha metido. Eram demasiadas informações e sensações para conseguir digerir ao mesmo tempo e, por isso, avizinham-se dias muito difíceis. Dias que eu passei quase como se tivesse uma balança dentro da minha cabeça que não parava de pender para um lado e para o outro. Chegava ao ridículo de tentar perceber de qual dos dois eu gostava mais como se fosse uma questão mensurável. As lembranças desagradáveis em relação ao Gustavo, especialmente a derradeira antes da fase de esquecimento, continuavam a afetar-me, contudo eu notava que já não era da mesma forma que antes. Mas não conseguia perceber se era porque aquilo que tinha aprendido com o senhor Artur já estava a surtir efeito ou se era porque, de alguma forma, sentia que tinha um plano B pelo facto de o Rodrigo gostar de mim. Esperava, claro, que fosse o primeiro caso. Durante esses dias tentei resistir sem pedir conselhos à Bela, embora não tivesse resistido a contar-lhe o que aconteceu no iate, e tentei também desenrascar-me sozinha sem a ajuda do senhor Artur. Além de não o querer incomodar, também não queria que ele pensasse que eu não era capaz de aplicar os seus ensinamentos e que, por isso, todas aquelas lições que tanto se esforçou para me dar tinham sido em vão. Queria provar a ele, mas acima de tudo a mim mesma, que era capaz de ultrapassar aquela fase sozinha, uma vez que já tinha o conhecimento necessário. Até porque, pelo que me explicou, foi para eu poder evoluir que passei por tudo aquilo e se continuasse a usá-lo constantemente como uma muleta acabaria por nunca me pôr verdadeiramente à prova. No entanto, havia ainda mais um motivo para evitar procurar o Rodrigo. Sabia que se fosse à loja ia cruzar-me com ele e ficaria sem saber como reagir, além de lhe poder estar a passar uma ideia errada, o que não queria que sucedesse. Algo semelhante já tinha acontecido quando soube que tinha de me afastar dele por me estar a apaixonar, ainda durante a fase de esquecimento, mas desta vez era diferente. Desta vez já não era porque tinha de ser, era porque eu escolhia que assim fosse. Eu é que escolhia manter esta distância dele, pois, ao contrário do que acontecia antes, eu não tinha mais certezas sobre o que sentia e, por isso, sobre o que queria. Uma distância que ele respeitou, tal como me disse que ia fazer. Precisava urgentemente de organizar a mobília e as gavetas dentro do meu peito, mas esse foi um problema que fui empurrando com a barriga para a frente com a desculpa que dava a mim mesma de que tinha um curso para terminar em poucos dias e não havia tempo para pensar em questões amorosas. A verdade é que finalizei o relatório, apresentei-o, terminei o curso e já não podia mais enganar-me com essa desculpa. Mas pouco depois, precisamente na véspera da

reunião para preparar a cerimónia de finalistas, recebi uma chamada que me trocou as voltas.

— Então? Já te lembras de mim? *Perguntou do outro lado.*

Reconheci de imediato a voz do Gustavo. Já não tinha o número de telemóvel dele, pois tinha decidido apagá-lo, mas aquela voz ainda continuava bem gravada na minha cabeça.

— Olá, Gustavo. Não estava à espera de uma chamada tua. Sim, já recuperei as minhas memórias, tal como te disse que ia fazer.

— Isso significa que já voltou o teu sentimento por mim?

Suspirei, com dúvidas sobre se lhe devia responder.

— Mais ou menos. Voltou, mas... inevitavelmente diferente. Até porque agora também sou uma pessoa diferente, pois sei o que antes não sabia. Porque é que me estás a ligar?

— Porque tenho uma proposta interessante para ti.

— E que proposta é essa?

— Não me parece elegante falar de algo tão importante por telemóvel. O que dizes a um jantar para falarmos pessoalmente?

— Gustavo, acabei de te dizer que recuperei as memórias. Ou seja, eu lembro-me do que aconteceu no último jantar. Assim como me lembro de que me trocaste pela tua ex.

— Eu não estou com ela, mas também podemos falar sobre isso se achares pertinente. Aceitas o jantar ou não?



Estava no corredor à porta da sala da faculdade à espera da hora da reunião com os meus colegas. Uma reunião onde, entre outras coisas, se iria eleger o elemento do grupo que iria fazer o discurso na cerimónia da entrega dos diplomas. Ainda não tinha chegado ninguém e eu aproveitei para pegar no discurso que o Rodrigo me tinha escrito no iate, e que eu trazia comigo na mala, e voltar a lê-lo. Esperava, talvez, encontrar naquela leitura a coragem necessária para me oferecer para fazer o discurso, mas muitas coisas tinham mudado entretanto. Se quando o Rodrigo me propôs o desafio eu já estava com um pé atrás, naquele momento estava com os dois. A confiança e a motivação já não eram as mesmas e não sabia se era pelo estado de espírito do momento ou se pelas influências negativas associadas ao regresso das memórias sobre o Gustavo. A verdade é que só de me imaginar a dizer aquele texto perante duas centenas de pessoas deixava-me nervosa e insegura. Apesar de tudo, o texto era muito bonito, e mergulhei de tal forma nele que me abstraí da realidade à minha volta e só despertei quando a Bela chegou junto de mim e me tocou no braço.

— O que é que estás a ler? *Perguntou-me.*

Dei um guincho com o susto.

— É um discurso de finalista. *Respondi quando me recompus.* Foi o Rodrigo que o escreveu. Desafiou-me a ser eu a dizê-lo.

— A sério? Mas isso é uma excelente ideia. Pelo menos assim tenho a certeza de que fica em boas mãos. E tu vais aceitar?

— Já tive mais vontade de o fazer. Não me sinto confiante.

— A confiança inventa-se, Alice. É melhor seres tu do que uma destas betinhas do nosso curso que têm a mania que são intelectuais. Ficaria muito orgulhosa se fosses tu a dizê-lo.

Só depois de ela me ter falado nas nossas colegas é que me apercebi de que a sala já estava composta. Depois olhei para a folha

e novamente para ela, mas ainda sem uma resposta.

— Não sei. Não sei mesmo. Depois vejo. Se alguém se oferecer primeiro, não lhe vou roubar o lugar. Mas antes que a reunião comece, eu preciso de falar de outra coisa contigo. *Olhou-me curiosa e aproveitou para guardar a folha na mala enquanto pensava na melhor forma de lhe dizer aquilo.* O Gustavo ligou-me ontem. Disse que tinha uma proposta para mim e que a queria apresentar pessoalmente e convidou-me para jantar. Disse-me ainda que não está com a Clara e isso abanou-me.

— Eu sabia. Eu sabia. Ele já andava a rondar e só estava à espera que tu recuperasses as memórias para atacar novamente. E estás a ponderar aceitar o convite para jantar, não é?

— Eu não lhe dei uma resposta. Queria falar contigo antes.

— O que é que importa? Não conseguiria fazer-te mudar de ideias, nem sei se seria correto fazê-lo. Como é que tu vais ficar descansada enquanto não souberes que proposta é essa, curiosa como és? Tu vais ter de aceitar o convite de uma forma ou de outra. E ele soube muito bem como jogar as cartas porque arranjou um bom motivo para te fazer aceitar o convite para jantar com ele.

— Mas também não me sinto confortável em aceitar um convite do Gustavo depois de ter dito ao Rodrigo que precisava de estar sozinha. Nem me parece justo. Sentir-me-ia mal.

— Só te vais sentir mal se o estiveres a fazer com segundas intenções. Se a tua única intenção for saber qual é a proposta para não ficares a matutar nisso, então está tudo bem.

Vieram chamar-nos à porta, dizendo que a reunião já ia começar, e deixámos o resto da conversa para depois. Um casal de colegas nossos tomou as rédeas da reunião e começaram por nos explicar o que ia acontecer e como ia acontecer. Onde é que nos íamos reunir, como íamos entrar e um conjunto de protocolos que era suposto cumprirmos para que tudo corresse bem. Durante a reunião, ia dividindo a minha atenção entre as palavras deles e as conclusões que não cheguei a tirar sobre a curta conversa que tinha tido com a Bela antes no corredor. Até que chegou o momento de pôr em prática uma delas quando perguntaram à audiência quem se voluntariava para fazer o discurso final. A Bela olhou para mim e eu acobardei-me e não disse nada. O resto da sala também não abriu a boca num primeiro instante e a Bela usou da palavra.

— Eu acho que a Alice é que devia fazer o discurso. *Disse ela, chamando a atenção da sala toda para nós as duas e fazendo-me desejar um buraco para me esconder.* A Alice inclusive já tem o discurso preparado, mas está um pouco acanhada porque não quer

passar à frente de ninguém. Se ninguém se opuser...

Olharam todos uns para os outros e por um segundo desejei que alguém se oferecesse para ir na minha vez, mas ninguém o fez. E quase como se se tratasse de um leilão fiquei eu com a responsabilidade de fazer o discurso. Quando me apercebi disso, comecei a sentir um friozinho na barriga e uma ansiedade excitante, mas igualmente assustadora. Tratou-se de mais um assunto e, não havendo mais questões, deu-se por terminada a reunião. Assim que abandonámos a sala, a Bela já sabia o que a esperava.

— Porque é que fizeste aquilo? *Questionei-a.*

— Porque gostei da ideia de seres tu. E, além de gostar, sei que tu és capaz de a cumprir na perfeição. No entanto, se estivesse à espera que tomasses a iniciativa, acabávamos por perder a vaga e não tive outra solução que não fosse chegar-me à frente.

— E assim de repente parece que fizeste uma aliança com o Rodrigo para me porem esta pressão extra sobre os ombros. É que foram literalmente vocês que decidiram isto por mim.

— Decidimos por ti, mas não contra a tua vontade. Se tens esse chamamento dentro de ti, então debes dar-lhe voz. Sê aquilo que tens de ser e vais ver que as portas se abrirão. É claro que o risco existe sempre, mas sem correres o risco das vaias nunca poderás chegar aos aplausos. Tu no fundo sabes muito bem o que queres, precisas é de um empurrão e é para isso que também servem os amigos. E, por falar em empurrões, eu acho que debes aceitar o convite do Gustavo o quanto antes. No entanto, precisas de ter uns cuidados extra para não te pores a jeito.

— Para não me pôr a jeito? Em que sentido?

— No sentido de evitares cair na tentação. Isto, claro, se não quiseses cair. Se de facto a tua única intenção for saber que proposta é essa que ele tem para ti, então debes saber resguardar-te. E isso passa, por exemplo, por não aceitares que seja ele a vir buscar-te a casa. Pois assim marcas a tua posição e seguras a tua independência nesse encontro, uma vez que podes ir embora quando quiseses. Isto são apenas algumas dicas para não perderes o controlo da situação e não fazeres nada que depois te deixe ainda pior.

— Não, não vou fazer nada. Eu não me esqueci do que ele me fez passar, mas quero ouvir o que tem para me dizer.

— Então faz isso logo. Quanto mais depressa souberes que proposta é essa, mais depressa arrumas esse assunto.

Fazia-me sempre bem falar com ela sobre assuntos delicados que envolvessem o sexo oposto e, mais uma vez, tinha-me ajudado a esclarecer as ideias. No regresso a casa respondi ao Gustavo, por

mensagem, que aceitava que ele me apresentasse a proposta pessoalmente, mas não aceitava o jantar. Era algo demasiado íntimo para o propósito associado, pelo menos da minha parte. Além de que me dava uma estranha sensação de culpa que me deixava desconfortável. Em vez disso, e pondo em prática as sugestões da Bela, propus que nos limitássemos a tomar um café no local sugerido por mim e que nos encontrássemos lá. Ele aceitou a alternativa e combinámos para a noite desse mesmo dia. Na viagem até ao nosso ponto de encontro, a ansiedade e o nervosismo foram gradualmente tomando conta de mim. Era a primeira vez que o ia ver desde que tinha recuperado as memórias e havia muitas dúvidas e medos na minha cabeça. Quando cheguei à porta do café, respirei fundo, ajeitei o casaco de ganga que trazia vestido e entrei. Olhei em volta e encontrei-o numa mesa junto à janela. Reparámos um no outro ao mesmo tempo e ele levantou-se assim que me viu. Aproximei-me com o coração aos saltos, cumprimentámo-nos e sentei-me.

— O que é que queres tomar? *Começou por perguntar.*

— Pode ser um descafeinado.

Denunciei o meu nervosismo logo na primeira deixa ao sair-me tremida a voz. Além disso, estava a ter dificuldades em olhar diretamente para ele e isso revelou ainda mais a minha insegurança. Sentia-me como uma adolescente envergonhada no seu primeiro encontro, sem saber o que dizer nem como se comportar.

— Obrigado por teres aceitado o convite. *Sorri, timidamente.* O teu irmão gostou do jogo? *Perguntou para quebrar o gelo.*

— Sim! Adorou a experiência. Foi um bom presente que lhe deste, mas não fui com ele. Ele decidiu levar dois amigos. E sinceramente acho que foi melhor assim. Aproveitou melhor.

— Muito bem. Fico feliz em saber. *Comprimiu os lábios e abanou a cabeça em concordância.* Nota-se à distância que já te lembras de mim. O teu olhar fica mais caloroso e tenho de confessar que já sentia falta. É bom saber que voltou tudo ao normal.

— Não é bem assim, Gustavo. *Murmurei.* Aconteceram muitas coisas ultimamente e muitas coisas mudaram.

— E eu que o diga, pois muitas coisas mudaram em mim também. Principalmente desde aquele dia na biblioteca em que me disseste que já não te lembravas de mim. Devo admitir que isso me afetou bastante e me fez abrir os olhos.

— Não terá sido antes quando me viste com o Rodrigo?

— Admito que não me foi indiferente. Talvez possa ter começado aí, mas o que me disseste na biblioteca doeu muito e foi quando eu tive mesmo noção do que estava a perder.

— Esse encontro na biblioteca não foi casual, pois não?

Demorou a responder-me e vi que estava a estudar a resposta.

— Mais ou menos. Digamos que eu precisava dos livros, mas não precisava de ir tão longe buscá-los.

Percebi que ele não estava a fugir às perguntas e isso alimentou a minha curiosidade, em contrapartida o nervosismo abrandou.

— Disseste-me por chamada que não estavas com a Clara. Ou melhor, já não estás com ela. Posso saber o que aconteceu?

— Aquilo foi um erro. Estava mais do que visto que não ia dar em nada, mas às vezes temos de tentar uma vez mais para ter a certeza de que essa vez já foi a mais. Foi o que aconteceu comigo. Mas depois de ter estado contigo e de sentir a tua frieza e indiferença consegui abrir os olhos e ver quem realmente queria ter ao meu lado. E essa pessoa és tu, Alice. Mas eu sei que tenho muito trabalho pela frente para limpar a imagem que deixei e que só com tempo é que a poderei limpar. E por isso mesmo ocorreu-me fazer-te uma proposta que eu também acredito que seja boa para ti.

— E que proposta é essa, Gustavo?



Ajeitou-se na cadeira antes de começar.

— Então é assim. Eu soube que já terminaste o teu curso. Não sei se já arranjaste emprego, mas, caso ainda não o tenhas feito, eu acho que tenho a solução perfeita para ti. Uma vez que estagiaste lá no hospital onde eu trabalho e onde nos conhecemos, achei que gostarias de ficar lá. Já andei a mexer uns cordelinhos graças aos conhecimentos que tenho e pelo que me disseram conseguem uma vaga para ti na farmácia do hospital. O que achas?

Abanei a cabeça e arregalei os olhos.

— Tu queres que eu vá trabalhar para junto de ti, é isso?

— Sim. Além de ser uma boa oportunidade de emprego, já que me dizias que adoravas trabalhar lá, também era uma forma de estarmos mais próximos, mais tempo juntos e de recomeçarmos a nossa história como tem de ser. *Pegou nas minhas mãos e debruçou-se sobre a mesa.* Agora será tudo diferente, Alice. Acabaram-se as dúvidas e na minha cabeça e no meu coração só existes tu.

Olhei para as nossas mãos dadas sobre a mesa e aquela imagem fez-me tanta confusão que as soltei por impulso. Os meus pensamentos começaram a correr compulsivamente à procura da resposta certa para lhe dar, pois sabia que tinha chegado a hora de pôr em prática o que tinha aprendido com o Artur. No entanto, não estava a conseguir pensar, perdi-me dentro da minha própria cabeça e não sabia o que era suposto responder-lhe.

— E agora quem tem dúvidas sou eu, Gustavo. *Disse-lhe por fim.* Parece que os nossos papéis se inverteram e nos voltámos a desencontrar. Se antes tinhas duas pessoas na tua cabeça e eu tinha uma, agora sou eu que tenho duas quando tu tens uma.

— É normal estares confusa, andaste a mexer com as tuas memórias, mas o teu coração sabe muito bem de quem gosta. E se aceitares esta proposta, com o tempo vais acabar por perceber que essa pessoa sou eu. Eu sei que não agi bem contigo, mas não foi por

mal. Foi apenas porque, tal como tu, estava confuso. E agora, melhor do que nunca, compreendes o que eu estava a passar.

— Compreendo o que estavas a passar, mas uma coisa é aquilo que sentimos, que não podemos propriamente controlar, outra é aquilo que fazemos com aquilo que sentimos. E o que fazemos demonstra o nosso carácter e a nossa personalidade. Eu posso estar a passar pelo mesmo que tu passaste, mas nunca te iria usar para fazer ciúmes a outra pessoa como tu fizeste comigo.

— Não estive bem. Foi um erro e já me arrependi. Mas isso é passado e agora é tempo de recomeçar. E temos a possibilidade de o fazer precisamente no local onde nos conhecemos.

— Gustavo. *Fiz uma pausa.* Já reparaste que estás a convencer-me a fazer aquilo que fizeste com a Clara e não resultou?

— A que é que te estás a referir? *Perguntou, receoso.*

— A tentar mais uma vez depois de tantas tentativas falhadas, que já eram suficientes para perceber que não ia dar em nada.

— Com ela já não estava a resultar porque já se tinha esgotado a relação e o sentimento. Mas quanto a nós é diferente porque nunca tentámos verdadeiramente. E estas circunstâncias talvez sejam um sinal de que chegou o momento de o fazermos.

— Com ela tinha deixado de resultar e connosco nunca resultou, porque é que havia de resultar agora?

— Por vezes não é à primeira, nem à segunda, nem à terceira. Às vezes só à quarta é que resulta porque é à quarta tentativa que estamos suficientemente preparados para que resulte.

Naquele momento, e pela primeira vez ao longo de toda a conversa, consegui lembrar-me de uma das imagens que o Artur me tinha dado. A imagem da fonte que dava água de vez em quando e que, por isso, as pessoas que residiam nas proximidades não aceitavam a sua demolição com esperança de que ela ainda viesse a jorrar água continuamente. Algo que tardava em acontecer e, por isso, nenhuma das partes via os seus anseios cumpridos. Foi inevitável fazer o paralelo com a situação do Gustavo.

— Se me dizes que às vezes só à quarta tentativa é que funciona, o mesmo serve para as tentativas seguintes. Porque eu posso dizer que só à quinta, ou à décima quinta, ou à quinquagésima tentativa é que vai resultar e não é por isso que vamos todos tentar cinquenta vezes. É preciso ter bom senso e às vezes basta uma ou duas tentativas para perceber que não vai dar em nada. Mas, mais importante do que isso, é preciso saber o momento certo para desistir. Eu até posso conseguir que dê certo à quinquagésima tentativa, mas ninguém me garante que essa conquista irá compensar a vida, o

tempo e o esforço que eu gastei nas quarenta e nove tentativas falhadas. Temos é de olhar para dentro e sentir se vale ou não a pena tentar uma vez mais. Por isso, não sei se é boa ideia aceitar a tua proposta.

— Não respondas já. Pensa primeiro e depois diz-me alguma coisa, mas lembra-te de que esta é uma oportunidade única.

Suspirei e fiquei pensativa por um momento.

— Eu já me tinha comprometido comigo mesma de que não ia pensar em trabalho antes da minha cerimónia de finalistas.

— Então dás-me uma resposta depois. Eu espero. Só quero que tomes a decisão certa. E a decisão certa é fazeres o que gostas junto de quem gostas. Quando é essa cerimónia?

— É dentro de uma semana. *Murmurei.*

— Que seja uma semana, então. Mas se fosse um mês ou um ano, era igual. Eu espero o tempo que for preciso por ti. Até lá ouve bem o teu coração e verás que é o meu nome que ele grita.

Eu sentia que me estava a falhar alguma coisa. Sabia que não estava a fazer o que o Artur me tinha aconselhado, mas a influência que o Gustavo estava a ter sobre mim bloqueava-me e impedia-me de dizer o que tinha de ser dito. Por mais perguntas desafiadoras ou argumentos perspicazes que eu apresentasse, ele arranjava sempre forma de os contornar e eu estava a deixar-me levar pelo seu poder de persuasão. Até que percebi que junto dele não conseguiria ter a lucidez necessária para me defender das suas investidas.

— É melhor eu ir-me embora. *Disse, pegando na mala.*

Voltou a pegar-me na mão antes de me levantar.

— Fica mais um pouco, ainda agora chegaste.

— O meu único propósito era ouvir a tua proposta, Gustavo.

— Então promete-me, pelo menos, que me dás uma resposta.

— Sim! Eu vou dar-te uma resposta, mas só depois da cerimónia. Não é uma decisão que possa tomar de ânimo leve.

Levantei-me e abandonei o café sem me despedir adequadamente. No caminho até ao carro, ia a exaltar e, ao mesmo tempo, a lamentar a ironia da minha vida por em tão pouco tempo ter passado por tantas sensações diferentes. Se antes de apagar as minhas memórias sentia que tinha ficado sem opções, depois de as apagar e, entretanto, as recuperar parecia que tinha ficado com opções a mais. O que, convenhamos, trazia algumas desvantagens, como era o caso da indecisão em que de repente mergulhei. Talvez por isso, senti uma necessidade súbita de orientação e naquele momento, enquanto ainda caminhava para o carro, só me ocorreu o nome do Artur. Agarrei no telemóvel e liguei-lhe, mas logo após o

segundo toque arrependi-me e desliguei. Pelos vistos, já não fui a tempo, pois assim que entrei no carro o Artur ligou-me.

— Vi que me tentou telefonar. *Disse-me assim que atendi a sua chamada.* Passa-se alguma coisa em que eu possa ajudar?

O meu primeiro impulso foi relatar-lhe tudo o que tinha acontecido e perguntar-lhe diretamente o que é que tinha de fazer, mas além de saber que ele nunca me daria o peixe, mas sim a cana para o pescar, também estava decidida a manter a minha posição de não o incomodar mais com os meus problemas.

— Foi um engano. Peço desculpa. Liguei por impulso ao ver-me atrapalhada com as minhas indecisões, mas não lhe vou perguntar nada, eu quero ser capaz de decidir por mim mesma.

— Com certeza. Acho que faz bem. Tomarmos as nossas próprias decisões é assumir o controlo da nossa vida. Que é nas nossas mãos que deve estar. Decidir, bem ou mal, é decidir. E isso é fundamental para o nosso crescimento interior porque nos torna corajosos, confiantes e independentes. No entanto, como sempre lhe disse, se precisar de alguma coisa, estarei deste lado.

Aquelas palavras podiam até não me ter dado uma resposta, mas deram-me a confiança que eu estava a precisar naquele momento para chegar a ela. Principalmente para chegar a ela pela minha própria cabeça. Por isso até agradeci o facto de não ter ignorado a minha chamada. Quando cheguei a casa, encontrei tudo muito sossegado e supus que a minha mãe e o meu irmão já estivessem nos respetivos quartos e fui também para o meu. Mas, antes que eu pudesse fechar a porta, o meu irmão surgiu atrás de mim.

— Escolhe uma carta. *Gritou propositadamente para me assustar enquanto segurava um baralho de cartas.*

— Que susto, Mateus! Já te pedi para não fazeres isso! Agora estás virado para os truques, é? Já deixaste as partidas?

— Eu andava a pedir um baralho de cartas à mãe desde o meu aniversário, mas só hoje é que ela mo deu. Escolhe uma carta.

Eu escolhi a carta e ele começou a fazer exatamente o mesmo truque que o Rodrigo me tinha feito no ensaio que fizemos no centro cultural, mas fiz de conta que não sabia para não lhe estragar o entusiasmo e reagi como se fosse a primeira vez.

— Foi o Rodrigo que te ensinou este truque? *Assentiu com a cabeça.* Vês, é muito mais engraçado fazeres truques de magia do que partidas. Assim a mana gosta mais de ti.

— Está bem. Eu vou aprender mais. Mas eu queria aprender uns truques que o Rodrigo fez na festa, só que não os encontro no YouTube. Quando é que ele vem cá de novo?

Aquela pergunta apanhou-me desprevenida e num primeiro instante fiquei atrapalhada, sem saber o que lhe responder.

— Não sei... *Respondi desanimada.* Mas se calhar não será em breve, por isso vai aprendendo outros truques. Está bem?

Ele abanou a cabeça, voltou para o quarto e eu fiquei de pé, estática e mortíça, a olhar para a porta aberta e a pensar na vida. Depois fui para a cama e assim que me deixo cair sobre ela ouve-se o bramido de uma buzina que entoa pela casa toda. Era, pois claro, o resultado de mais uma das partidas do meu irmão, que tinha estrategicamente escondido a sua buzina debaixo do meu colchão. Pelos vistos, apesar da sua nova paixão, ainda não tinha abandonado a anterior. Nos dias que se seguiram dediquei-me, quase por exclusivo, a estudar o discurso que o Rodrigo tinha escrito para eu ler e que eu tinha mantido, pois parecia-me perfeito para o evento. Li-o tantas vezes que, sem me aperceber, já o tinha decorado. Notei também que sempre que lia o discurso lembrava-me do Rodrigo e do que tínhamos vivido, certamente por ter sido ele a escrevê-lo, no entanto, tentei abstrair-me dessas imagens para não perder o foco do que era realmente importante naquela altura. O tempo foi passando e a ansiedade foi aumentando, até que o grande dia chegou. Depois de tantos anos longe dos palcos, tinha chegado o momento de vencer, ou não, o meu maior trauma.



Estava na casa de banho a maquilhar-me quando comecei a ouvir vozes no andar de baixo que me davam a entender que era a Bela a conversar com a minha mãe. Pouco depois tive a confirmação quando ela surgiu à porta da casa de banho. Um momento pouco apropriado, pois estava concentrada na tarefa sempre delicada de aplicar o *eyeliner* de forma perfeita. Ela apercebeu-se de que não podia distrair-me e limitou-se a observar-me encostada à ombreira da porta.

— Pareces uma diva. *Comentou assim que baixei o pincel.* Mas não se esperava menos da estrela da cerimónia.

— Somos todos estrelas, a festa é de todos os finalistas.

— Sim, mas tu serás a mais cintilante, e não é por causa da cor rosa do teu vestido. Hoje serás a voz de todos nós, Alice.

— Não faças isto maior do que o que é porque senão fico ainda mais nervosa. Lembra-te de que se correr mal também és culpada porque, se não fosses tu, eu não estava nesta situação.

— Felizmente não serei a única, uma vez que o Rodrigo também tem culpa nisto. E por falar no Rodrigo... Ele vai à cerimónia?

Estava à procura do rímel dentro do estojo de maquilhagem e parei quando ouvi aquela pergunta. Era um tema inevitável quando nos encontrávamos, mas naquele momento, a duas horas do início da cerimónia, e depois de ter passado uma semana a decorar um texto escrito por ele para cumprir um desafio proposto por ele, tinha um peso diferente. Por isso demorei a responder-lhe.

— Falámos sobre essa possibilidade, mas depois daquela nossa despedida é previsível que ele não apareça.

Voltei a remexer no estojo e peguei no rímel. A Bela ficou em silêncio por um bocado a observar-me, como se quisesse que eu digrisse primeiro aquela pergunta, e depois fez mais uma.

— Então e o Gustavo, achas que vai?

— Oh, Bela... Não me faças pensar nessas coisas agora. Já tenho tanto com que me preocupar e já estou nervosa o suficiente.

— Pronto! Assunto encerrado, mas tinha de perguntar.

Assim que passei o rímel, peguei num batom nude e no *gloss* e virei-me para ela para me ajudar a escolher.

— Qual é que achas que fica melhor com esta roupa?

— Estás indecisa? Não deixa de ser irónico perguntares-me isso logo após termos falado do Rodrigo e do Gustavo.

— Bela! Disseste que o assunto estava encerrado.

Tirou-me os batons das mãos e escondeu-os atrás das costas.

— Não falo mais nisso, prometo, mas, já agora, vamos ver o que é que o universo quer para ti. Imagina que o nude é um e o *gloss* é outro, mas não me digas quem é qual para não influenciar.

— Achas que é assim que se tomam decisões na vida, Bela?

— Vá lá! É só uma brincadeira. Escolhe. Esquerda ou direita?

Soltei um suspiro e fiquei a olhar para ela, mas não a demovi.

— Está bem. Esquerda. A minha esquerda.

Estendeu o braço e abriu a mão, exibindo o batom nude.

— Boa escolha. Qual dos dois é que ele representa?

— Não te vou dizer. Isto é ridículo. Dá cá isso.

Tirei-lhe o batom da mão e passei-o nos lábios.

— Sabes lá, pode ser um sinal. Diz-me. Qual deles foi?

— Foi um evento aleatório, Bela. Não tem qualquer fundamento. Estou pronta! Vou só buscar a minha mala.

Ela não insistiu mais, eu peguei na mala e descemos até ao andar de baixo. À minha espera estava a minha mãe e do lado de fora o meu irmão, sempre com o taco de hóquei nas mãos, a jogar sozinho no terraço e já com a roupa de sair. O que motivou mais um protesto por ele se andar a sujar. Entrámos, por fim, para o carro da minha mãe e a Bela para o carro do namorado, o Ricardo, que a aguardava do outro lado da estrada, e seguimos juntos até ao auditório da faculdade onde iria decorrer a cerimónia. Quando chegámos, encontrámos algumas dezenas de pessoas na zona de acesso ao auditório e nesse momento senti um aumento repentino do nervosismo. Não só por ter tanta gente à minha volta, mas principalmente por saber que dentro de pouco tempo estariam todos de olhos postos em mim. Entretanto avistei ao fundo o meu pai. Vinha acompanhado pela Estela e pela filha dela, a Daniela. Levantei-lhes a mão e quando me viram vieram ao nosso encontro. Assim que a minha mãe se apercebeu, colocou-se ao meu lado e pôs o meu irmão à sua frente. Percebi que foi uma forma que ela encontrou de se resguardar e não se sentir tão exposta e comprometida com as novas

companhias. Uma situação que não era confortável para ninguém, principalmente para ela, mas que tínhamos todos de fazer um esforço para compreender. As portas do auditório não demoraram a abrir-se e uma pessoa deu a indicação à audiência para que os familiares entrassem à frente. Despedi-me deles com um «Até já» e seguiam juntos para dentro do auditório. Em poucos minutos, restavam apenas, do lado de fora, os alunos, que, dentro em breve, seriam chamados um a um para descerem pelo meio da plateia e subirem ao palco para receberem das mãos do diretor da faculdade o respetivo diploma. Quando a responsável pelo evento nos reuniu para transmitir as últimas indicações, deparei-me com o Gustavo, acabado de chegar à faculdade, a caminhar na minha direção. Não estava a contar com ele e fiquei sem saber como reagir.

— O que é que estás aqui a fazer, Gustavo?

— Vim assistir à tua cerimónia. Achas que não devia?

— Não é isso, apenas não estava a contar com a tua presença.

Fez uma pausa para me olhar de cima a baixo.

— Estás muito bonita. Aliás, és de longe a mais bonita aqui da festa. *Sorri envergonhada.* Mas posso entrar, não posso?

Fiz-lhe um sinal afirmativo com a cabeça e ele entrou. Logo depois foi inevitável continuar a olhar em volta porque mais do que nunca estava a sentir a falta de uma pessoa, mas não havia sequer sinal do Rodrigo. A responsável pelo evento começou a organizar-nos por ordem alfabética, ficando eu na terceira posição da fila, e dei por mim mais atenta à porta que dava acesso ao exterior do que à do auditório. Tinha esperança de que ele surgisse por aquela porta com o seu habitual sorriso, mas isso não chegou a acontecer. Era compreensível que não viesse, mas mesmo assim não consegui evitar uma certa desilusão. Talvez fosse uma imagem demasiado cinematográfica para acontecer na vida real e eu decidi aceitar e conformar-me com o meu desencanto. Entretanto, começaram a chamar os nossos nomes, até que chegou a minha vez e eu descí pela plateia com as habituais palmas do público. Atrás do palco, numa grande tela, estavam a ser projetadas algumas fotografias dos meus melhores momentos ao longo daqueles cinco anos e tive de me conter para não estragar a maquilhagem com as minhas lágrimas. Em cima do palco recebi o meu diploma e juntei-me às minhas duas colegas que já o tinham também. E só quando me voltei para a plateia é que reparei que a minha família estava toda junta na fila da frente como há tanto tempo não via. Estava a Estela, a filha, o meu pai, o meu irmão e por fim a minha mãe, completando um retrato que me encheu o coração. Acenaram-me quando repararam que eu os tinha visto e

também lhes levantei a mão, visivelmente emocionada. Enquanto esperava em palco que os meus colegas recebessem os seus diplomas, fui observando a plateia e encontrei o Gustavo numa das últimas filas, mas continuava sem sinal do Rodrigo. Assim que a moldura de finalistas ficou completa, tirámos a foto de grupo para a posteridade e o diretor da faculdade aproximou-se do púlpito para o seu discurso. Sabia que quando terminasse era a minha vez e a ansiedade, se já era muita, aumentou ainda mais. Até que ele terminou o discurso, passou-me a palavra e o meu coração disparou. Houve silêncio na sala, desloquei-me para o púlpito, peguei na folha com o discurso, olhei uma última vez para a minha família que estava a torcer por mim e comecei a ler.

— Hoje termina uma etapa muito bonita das nossas vidas. Uma etapa onde aprendemos juntos, crescemos juntos e vivemos experiências que levaremos connosco para sempre. Na faculdade, tal como na vida, tivemos bons professores, grandes lições, algumas derrotas que por vezes nos deram vontade de desistir, mas nunca perdemos a esperança num final feliz. Por isso é que estamos aqui hoje, orgulhosos vencedores, prontos para enfrentar os desafios que nos esperam lá fora, prontos para navegarmos para o alto-mar. Não será fácil, nem é suposto que seja, mas também nada nos faz crescer mais do que aquilo que nos desafia.

Nesse momento apercebi-me de que a porta do auditório se abriu e através dela surgiu a figura do Rodrigo. Os nossos olhares cruzaram-se de imediato e sorrimos. Era a primeira vez que nos víamos precisamente desde o dia em que ele me tinha escrito aquele texto e não pude deixar de reparar na ironia do destino. Continuei a ler, mas já não conseguia ignorar o facto de o Rodrigo estar na sala e de saber que o desafio a que me tinha proposto era um pouco mais difícil. Ao mesmo tempo, comecei a sentir-me mais confiante, como se a presença dele fosse a peça que me faltava para me dar a coragem necessária, e decidi arriscar. Fiz uma pausa, respirei fundo, guardei o papel e continuei o discurso que tinha memorizado.

— E por isso quero lembrar a todos os meus colegas que hoje, mais do que um fim, é um novo começo. Porque é isso que todos os fins são, novos começos. Novas oportunidades que a vida nos dá de nos tornarmos melhores do que ontem. Hoje somos como pequenas árvores que precisam de sair de junto da árvore mãe para poderem continuar a crescer e a conquistar o seu lugar nesta floresta de desafios que só assusta aqueles que não se atrevem a sonhar. Hoje somos passarinhos que ousam lançar-se dos seus ninhos com asas ainda frágeis e delicadas, mas com a fé suficiente para os fazer

acreditar que hão de conseguir voar antes de chegar ao chão. E é isso que vos peço hoje. Hoje que é o primeiro dia de uma nova vida. Tenham a fé, a coragem e a ousadia necessárias para escolherem o caminho e as pessoas com quem se sintam felizes. Não aceitem vestir um fato que vos fica mal só porque vocês queriam muito um e era o único que havia na loja. Nem tampouco aceitem uns sapatos mais pequenos do que os vossos pés só porque gostaram muito deles, mas não havia o vosso tamanho. O esforço, o trabalho e a dor fazem parte da vida, mas não deixem que vos convençam de que a vida se resume a isso. A vida é, acima de tudo, para ser mágica, feliz e abundante. Mas garanto-vos que se vão cruzar com muitas pessoas que vos dirão o contrário e que, para se sentirem grandes, vão tentar convencer-vos de que vocês nasceram para serem pequenos, e isso não é verdade. Todos nascemos para sermos grandes e há espaço para sermos todos grandes. Até porque, para sermos grandes de verdade, basta sermos cheios de nós mesmos. Por isso vos peço que continuem humildes, mas não se deixem rebaixar. Sonhem, mas não se iludam. Lutem, mas não se matem a lutar. Tentem, mas saibam quando desistir. Porque, por mais que amem o que fazem, por mais que amem os outros, nunca podem deixar de se amarem e serem fiéis a vocês mesmos. Não é egoísmo, não é presunção, é apenas respeito por aquilo que são. E porque não chegaram aqui sozinhos, termino com uma palavra para aqueles que estiveram sempre do vosso lado: nunca se esqueçam de quem sempre se lembrou de vocês.



Durante meio segundo após ter terminado o discurso, a sala ficou em silêncio total e foi tempo suficiente para eu me pôr em causa. Mas de repente explodiu numa ovação que me deixou sem reação. Toda a gente estava a olhar para mim e a aplaudir-me, desde a pessoa ao fundo do auditório até ao diretor da faculdade e os restantes professores atrás de mim. Como se não fosse suficiente, alguém no meio da plateia decidiu levantar-se e logo depois começaram a levantar-se mais pessoas, até que em pouco tempo tinha a sala inteira a aplaudir-me de pé. Quando as palmas começaram a abrandar, apenas alguns segundos depois, mas que me pareceram uma eternidade, o diretor veio cumprimentar-me.

— Muitos parabéns pelo fantástico discurso. *Congratulou-me.* Eu diria que foi o melhor dos que me lembro de ouvir.

— Obrigada, mas não fui eu que o escrevi. Eu só o disse.

— E disse-o de uma maneira impactante. Parabéns!

Atrás dele veio uma professora dar-me os mesmos louvores e de repente estava rodeada de pessoas a quererem dar-me os parabéns e tive de dizer a cada uma delas a quem pertenciam as palavras escritas e que se eu tinha algum mérito era apenas por conseguir transmitir aquela mensagem da melhor forma possível. Entre a chuva de beijos, abraços e elogios, tentei espreitar por cima das cabeças na direção da entrada do auditório onde tinha visto o Rodrigo e não estava a conseguir encontrá-lo. Uma tarefa ainda mais difícil de cumprir depois da dispersão do público. A minha mãe, puxando o meu irmão pela mão e serpenteando pelo meio das pessoas que, entretanto, tinham subido para o palco para cumprimentarem os restantes finalistas, lá conseguiu chegar até mim e dar-me um forte abraço. Logo atrás dela veio o meu pai, que também me brindou com um abraço, e ficámos por um bocado a conversar todos em cima do palco. Depois do que tinha acabado de acontecer, ter a minha família junta num cenário tão especial para mim fez-me sentir uma alegria e

uma força gigantescas. Era como se depois de vencer aquele que era o meu maior trauma eu fosse capaz de conseguir vencer qualquer outro. Mas mesmo que eu não conseguisse levar aquele desafio até ao fim, saber que a relação entre o meu pai e a minha mãe estava mais apaziguada e que por isso podíamos estar todos juntos a partilhar aquele momento já era uma grande vitória para mim. Contudo, o grande responsável por aquilo estar a acontecer era o Rodrigo e precisava de ir ao seu encontro. Despedi-me momentaneamente da minha família e subi a escadaria do auditório olhando para um lado e para o outro, mas não o vi. Decidi sair e procurá-lo do lado de fora, mas também nem sinal dele. Confirmei ainda no estacionamento se não estaria por lá a moto ou o carro dele, mas sem sucesso. Comecei a ponderar a ideia de que talvez tivesse visto mal e que tinha sido iludida pela minha muita vontade de que fosse verdade, mas, embora a minha visão não fosse a melhor, as minhas lentes de contacto ainda me permitiam ver com nitidez até ao fundo da sala. Quando desisti de o procurar e me preparava para regressar, vejo o Gustavo a olhar para mim desde a porta que dava acesso ao estacionamento. Assim que nos vimos, caminhou até mim.

— Não me digas que estávamos à procura um do outro.

— Por acaso não, mas agora que te vejo talvez tivesse mesmo de ser contigo com quem eu devia falar agora. *Respondi.*

— É sobre a proposta que te fiz? *Anuí.* Bem, tu disseste que era depois da cerimónia, nunca pensei que fosse literalmente.

— Nem eu, mas eu sinto que agora é o momento certo para a dar, pois temo que depois de uma noite de sono me passe a coragem. *Fiz uma pausa e olhei para o chão.* Eu não vou aceitar.

Ficámos em silêncio por um momento, mas eu continuava sem olhar diretamente para ele, talvez por vergonha.

— E podes dizer-me porque estás a desperdiçar uma excelente oportunidade de emprego? É por eu trabalhar lá?

— Eu sei que é uma excelente oportunidade, mas é uma oportunidade que eu faço questão de recusar. É isso mesmo que estás a ouvir de mim, um *não*. Talvez seja o primeiro *não* que te digo e nem imaginas a coragem que foi preciso para o dizer, mas está a ser tão libertador. Não vou aceitar, Gustavo. Primeiro porque quero conseguir um emprego por mérito próprio e depois porque sei que nos iríamos cruzar muitas vezes e não seria bom para mim.

— Porque é que seria mau? Não me digas que já não gostas de mim, Alice. Eu sei que não é verdade. Vejo-o nos teus olhos.

— Mas esse é que é o grande desafio. Não percebes? Eu sempre gostei de ti e quase desde sempre precisei de te dizer *não*, porque

desde o início eu sentia que não ia dar em nada, mas estava iludida e preferi acreditar naquilo que me sabia melhor acreditar. Dizer-te que não quando já não gosto de ti é fácil. Agora dizer-te que não por saber que não és bom para mim, mesmo gostando de ti, isso sim é que é difícil. Mas hoje, finalmente, eu sou capaz de o fazer graças ao que consegui aprender durante o período em que passei sem as minhas memórias. Esta é, sem dúvida, a maior prova de amor-próprio que poderia dar a mim mesma. Não, Gustavo, não é por não gostar de ti, é por gostar de mim e não poder permitir dar mais oportunidades a uma pessoa que mostrou não merecer sequer a primeira. Não, Gustavo, não é por já não gostar de ti, até porque não se deixa de gostar assim de um momento para o outro. As pessoas não se esquecem, vão-se esquecendo, com tempo e paciência, mas acima de tudo com inteligência. Inteligência para não cometer erros como seguir a pessoa nas redes sociais, guardar as fotografias todas dela, ouvir a *playlist* que parece dizer o nome dela em todas as faixas e, pior do que isso, aceitar ir trabalhar para junto dela.

— Alice, nós nunca tentámos de verdade. Não podes tirar essas conclusões com base em situações distintas. Eu já não sou a mesma pessoa que em tempos não te valorizou e recusou.

— Eu acredito. E ainda bem. Mas eu também já não sou a mesma pessoa que em tempos insistiu muito além daquilo que devia. Que insistiu vezes sem conta na ideia de querer ser feliz e querer que fosse contigo, quando na verdade as duas vontades não eram compatíveis. E agora eu percebo que estava a tentar abrir uma porta com a chave errada, apenas porque meti na cabeça que era com aquela chave que eu a queria abrir. Mas não é assim que as coisas funcionam. Há chaves que nunca vão abrir a porta que nós queremos e tu és a chave que nunca iria abrir a porta da minha felicidade. E não é culpa tua, não é culpa minha. É apenas o que é. Se fosse para ser já teria sido, Gustavo. Eu sei que é sedutora a ideia de tentar mais uma vez, porque, quem sabe, talvez funcione à quarta ou à quinta, mas como te disse na última conversa, e até há minutos no discurso, devemos tentar, mas também devemos saber quando desistir, e chegou o momento. Quem tenta cinco facilmente tenta cinquenta e, enquanto tenta, a vida vai passando, a vida vai-se perdendo à espera de um final feliz que pode nunca chegar. Persistir sim, insistir nunca, e tu já és mais um caso de insistência do que de persistência. Eu já não sou mais aquela pessoa que por gostar de ti achava que eras a única pessoa do mundo que me poderia fazer feliz e que se não te tivesse não tinha nada, mas não. Isso apenas era uma ilusão criada pelo sentimento cego que tinha por ti e pela ignorância que tinha da vida.

Mas durante o tempo que estive sem as minhas memórias consegui abrir os olhos e ver que há mais pessoas no mundo. Muito mais compatíveis comigo e muito mais disponíveis para mim. Pessoas com as quais eu posso partilhar a felicidade que, na verdade, já deve existir em mim, porque se eu não estiver bem sozinha nunca poderei construir relacionamentos saudáveis. Se eu não me sentir inteira, cheia de mim mesma, eu irei sempre entrar em relacionamentos à espera que a outra pessoa me dê algo que eu não tenho em mim. E sabes o que é que isso vai fazer comigo? Vai tornar-me dependente dela e fazer-me acreditar que eu só posso ser feliz se a tiver ao meu lado. Mas isso não é amor e nem sequer é saudável, isso é somente uma obsessão que nos destrói de dentro para fora. Mas acabou, eu já não sou mais essa pessoa.

— Não podes desistir assim de um momento para o outro da nossa história e do nosso sentimento, Alice. Nem eu te estou a pedir para esqueceres tudo e correres para os meus braços. Estou a pedir-te para tentarmos de novo, mas tentarmos devagar. Com o tempo, paciência e inteligência que tu referiste há pouco. Em vez de usares isso para te esqueceres de mim e desperdiçares um sentimento que já é teu, usa-o para o aproveitares e lhe dares vida ao meu lado. Isso sim seria uma decisão inteligente da tua parte.

— Eu não estou a tomar uma decisão de um momento para o outro, mas se começar a ponderar muito nunca a vou tomar. Tinha de aproveitar este momento de coragem e agora vem a parte difícil de manter a minha decisão. Porque mandar-te embora é fácil, já o devo ter feito mil vezes, difícil é negar-te quando me voltas a procurar com essas falas mansas e discursos ilusórios de que desta vez é que é. Mas eu já aprendi a lição. Já abri finalmente os olhos e não voltarei a permitir que alguém mos feche e me faça acreditar que o amor é suposto doer, cansar e desgastar. Não, quando nos cansa e desgasta, é tudo menos amor. O amor é leve. É libertador. É suposto que nos eleve a confiança e a autoestima e não que nos subjogue como se numa relação um fosse o grande e o outro necessariamente o pequeno. Não. Numa relação tem de haver espaço para os dois serem grandes. Grandes e inteiros. *Aproveitei as palavras do discurso.* Eu apenas me cansei, Gustavo. Cansei-me de me diminuir para caber na tua vida, quando na verdade nunca houve espaço nela para mim. Cansei-me de encontrar justificações para a falta de reciprocidade e atitude da tua parte. Acima de tudo, cansei-me de acreditar nas tuas desculpas apenas porque elas diziam aquilo que eu queria ouvir. Mas no fundo apenas serviam para disfarçar a tua falta de vontade e assim poderes continuar a ter-me por perto para te dizer

sim sempre que as outras te diziam não. Eu sei que era confortável para o teu ego, mas acabou.

— Acabou. Acabou sim! *Disse com veemência, aproximando o rosto do meu.* Acabou a minha indecisão e acabaram também as desculpas, porque hoje, ao contrário de antes, eu sei muito bem o que quero e só te quero a ti. Alice! Ouve-me. Volta para mim e eu garanto-te que será tudo diferente desta vez.

As lágrimas começaram a descer-me pelo rosto.

— Não vou, não posso, nem me permito fazê-lo. Com que cara é que eu me iria olhar ao espelho depois de saber que, mais uma vez, tinha aceitado de volta uma pessoa que me fez passar pelo que tu fizeste? Se eu não me respeito, quem é que o vai fazer por mim? Se eu te aceito de volta, sabes o que é que eu estou a dizer a mim, a ti e à vida? Que é só isto que eu mereço. Mas eu mereço mais, Gustavo. Eu mereço ser feliz. E no fundo sempre soube que contigo nunca o iria ser, só que não era capaz de o admitir. Custa, claro que custa. Mas o que custa mais é o primeiro *não*. E esse eu acabei de o dizer. Agora é só manter a palavra e tenho a certeza de que a partir deste momento a minha vida nunca mais será a mesma. Para melhor.

— Não faças isso, Alice. Estás a cometer um erro!

— Não. Estou precisamente a livrar-me dele. Agora, se me permites, preciso de ir para a casa de banho chorar. Adeus...



Ainda me tentou agarrar, mas já não foi a tempo e eu corri para a casa de banho sem olhar para trás. Entrei para uma das divisórias, sentei-me sobre o tampo da sanita e recomecei a chorar até não ter mais lágrimas. Precisava de me libertar de toda aquela dor de sacrificar uma parte da minha vontade em prol daquilo que eu sentia ser o melhor para mim. Custava-me imenso, mas tentava contrabalançar aquela dor com o orgulho que sentia por ter tido a coragem de lhe dizer, e acima de tudo de fazer, muitas das coisas que tinha aprendido durante a fase de esquecimento. Não podia desperdiçar aquele pico de coragem que o momento do discurso me deu e quis acreditar que era também essa a vontade do destino ao fazer-me cruzar com o Gustavo naquele parque de estacionamento. Sabia que, se deixasse passar algum tempo, a confiança ia diminuir e por sua vez também a coragem e ia continuar tudo na mesma. Tal como o Artur me tinha dito por telefone, dias antes, decidir, bem ou mal, é decidir, e isso é fundamental para o nosso crescimento interior. Depois, claro, cabe-nos arcar com as respetivas consequências, mas sejam elas boas ou más servirão sempre de aprendizagem. Perdi a noção do tempo em que estive dentro daquela divisória a chorar e só quando ouvi o meu nome do lado de fora é que despertei. Era a Bela à minha procura. Assustou-se quando me viu naquele estado lastimável, até eu me assustei quando me olhei ao espelho, mas tratei logo de lhe explicar o que tinha acontecido.

— Agora vê se te pões bonita outra vez, que temos de voltar para a cerimónia. *Disse-me a Bela depois de encerrarmos aquele assunto.* Precisas de retocar essa maquilhagem.

— Deixei a pochete com a minha mãe, podes ir buscá-la?

Assim que regressou com a pochete, comecei a retocar a minha maquilhagem e ela aproveitou para fazer o mesmo.

— O discurso foi incrível. *Comentou.* Viste bem aquela reação no final? Eu sabia que ele estaria bem entregue nas tuas mãos.

Fez-me voltar a sorrir e agradeci-lhe em silêncio.

— Sim, foi fantástico, mas o mérito foi do Rodrigo. Foi ele que teve a iniciativa de o escrever e não mudei uma única palavra.

— Sabes, por falar no Rodrigo... *Fez uma pausa à espera da minha reação.* Achei curiosa a forma como ele conseguiu escrever sobre nós finalistas através de metáforas sobre ele mesmo.

Franzi o sobrolho e olhei para ela.

— Como assim? Que metáforas foram essas?

— Já não me lembro de tudo, mas fixei a parte em que ele escreveu sobre fatos que nos ficam mal e sapatos apertados. No fundo acaba por ser uma referência ao trabalho dele.

Parei tudo o que estava a fazer e peguei no papel com o discurso. Voltei a lê-lo, desta vez com a perspetiva que a Bela me tinha passado, e de repente pareceu-me um discurso completamente diferente, como se se tivesse feito luz na minha cabeça. Desta vez já não estava a falar de finalistas, estava a falar de mim, dele e de nós, e não sei como é que não percebi aquilo antes. Além das referências a fatos, sapatos e árvores, que remetiam não só para o que ele fazia, mas também para o episódio em que ele me levou a plantar uma árvore, consegui reconhecer referências à sua vertente de mágico, quando diz que a vida é para ser mágica, e ainda sobre os nossos momentos no iate, quando ele fala sobre navegar para o alto-mar. Todas aquelas referências subtis eram como elos à figura do Rodrigo e, de uma forma geral, a tudo o que vivemos juntos. Como se não bastasse, todo aquele discurso era, também ele, uma alusão ao capítulo que estava prestes a começar, pois ele já previa que aquele dia no iate seria, provavelmente, o último antes de eu recuperar as minhas memórias e enfrentar o que viria depois.

— Agora percebo porque é que me estava sempre a lembrar do Rodrigo quando estava a decorar o discurso. Não era porque tinha sido ele a escrevê-lo, foi porque ele carregou-o com mensagens subliminares que me remetiam para a nossa história. Oh, não! *Exclamei quando me lembrei de mais um pormenor.* Por isso é que ele me desafiou a decorar o discurso, pois sabia que assim aquelas mesmas mensagens ficariam gravadas na minha mente e serviriam de âncoras para o manter presente na minha cabeça quando recuperasse as memórias. E tudo isso fazendo-me acreditar que a sua única preocupação era ajudar-me a vencer o trauma do palco.

— Uau! Se de facto ele fez isso com essa intenção, tens de lhe tirar o chapéu, porque foi um belo truque de magia. Está visto que ele tem mesmo jeito para a coisa. E achas que resultou?

— A verdade é que tenho pensado muito nele, mas no fundo

acaba por ser natural, tendo em conta aquilo que vivemos. Por isso, não posso dizer que esteja relacionada uma coisa com a outra.

— E o que estás a pensar fazer agora?

Apoiei as mãos no lavatório e debrucei-me sobre ele.

— Eu preciso de falar com o Rodrigo. E eu ia fazer isso há bocado porque ele estava cá, mas, quando fui à procura dele, já não o encontrei e acabei por me cruzar com o Gustavo e ter aquela conversa de que te falei. Se calhar foi uma forma subtil de a vida me dizer que eu não tenho de ficar com um nem com o outro.

— Ou então foi um sinal a dizer-te que, para seres feliz, primeiro tens de te afastar do que te faz infeliz. Ou um sinal de que não podes querer começar algo de novo sem primeiro encerrar o que está para trás. Hoje a vida talvez só quisesse que tomasses as decisões pela ordem que elas deviam ser tomadas.

— Pois, mas como é que eu sei qual de nós está correta?

— Faz como eu, segue a intuição. Segue esse sexto sentido, que é para isso que ele serve. Quando a tua cabeça não chega lá e o coração está confuso, dá ouvidos a essa voz que vem lá não sei de onde, mas que sabe o que diz e tem o seu fundamento.

— Mesmo que seja isso que estás a dizer, eu agora não me sinto bem em ir atrás do Rodrigo depois do que acabou de acontecer com o Gustavo. Parece que ando a saltar de um para o outro.

— Eu entendo essa tua preocupação, mas, se pensares bem, ela não faz muito sentido. Na verdade, tu não estás a saltar de um para o outro porque tu nunca chegaste a voltar para o Gustavo. Apenas te sentias confusa e achaste melhor estar sozinha, o que é perfeitamente compreensível depois do que fizeste com as tuas memórias. Não te podes sentir culpada por algo que não podias propriamente controlar. Aquilo que podias controlar, controlaste. E bem. Que foi dar uma nega ao Gustavo. Mas agora que te afastaste daquilo que te faz infeliz, tens de lutar pelo que te faz feliz.

— Tens razão, mas se eu me afastei para tentar ser o mais correta e coerente possível, agora não posso voltar a procurá-lo de qualquer maneira. Eu preciso de falar com ele, é verdade, mas preciso de o fazer da maneira correta para não fazer mais estragos do que aqueles que já fiz. E para isso preciso de perceber primeiro quais os meus sentimentos por ele para agir em conformidade. Principalmente depois do turbilhão de emoções de hoje.

— E como vais saber o que sentes estando longe dele?

— Mas se estiver perto também não sei se é melhor.

— Então encontra um meio-termo, rapariga. Sei lá, volta a ler o discurso mais umas vinte vezes, faz qualquer coisa que já tenhas feito

com ele ou revisita um local onde estiveste com ele. Talvez assim consigas a distância ideal para perceberes o que sentes. Só não penses muito e deixa-te guiar pela voz interior. Agora termina de te maquilhar e vamos voltar para a cerimónia, que eu ouvi dizer que há um porto de honra e eu estou cheia de fome.

Voltámos para a cerimónia e eu não consegui pensar noutra coisa no que restou do dia. Nos dias que se seguiram, a situação não mudou e dava por mim a acordar e a deitar-me a pensar no mesmo. Finalmente decidi pôr em prática o que a Bela tinha sugerido e comecei a pensar num local ligado a nós os dois que eu pudesse visitar. Vieram-me vários à memória, mas houve um que se destacou, o parque onde ele me levou para plantarmos uma árvore juntos. Além de ser um lugar invariavelmente ligado à figura do Rodrigo, tinha passado a ser também um lugar associado a nós os dois e foi, por isso, o lugar escolhido por mim. Até porque estava curiosa para saber como estava a crescer a nossa árvore, já que ainda não tinha voltado lá. Vesti uma roupa confortável, calcei uns ténis, meti-me no carro e conduzi até ao parque. Quando cheguei, deparei-me com a zona de estacionamento praticamente cheia e percebi que não me iria faltar companhia. Pelo menos assim o risco de me cruzar sozinha com o *Bolt* era bastante menor, o que me deixou mais descontraída. Saí do carro e fiz o percurso que tínhamos feito da primeira vez até à clareira onde plantámos a árvore, só que quando lá cheguei deparei-me com cerca de uma dezena de pequenas árvores plantadas recentemente. Inclusive, naquele momento e não muito longe de mim, estava um homem, acompanhado por um rapazinho que devia ser o filho, a plantar mais uma. Não foi difícil de perceber que todas aquelas árvores foram plantadas depois da nossa, o que poderia significar que tínhamos criado, sem querer, mas ainda bem, uma bonita tendência. Não consegui evitar um sorriso com aquela imagem, mas era também uma imagem que levantava uma questão, qual daquelas árvores era a nossa? Lembrava-me bem onde ficava a clareira, mas já não tão bem da zona onde a tínhamos plantado, muito menos agora no meio de tantas outras, por isso restava-me dar uma volta por entre elas na esperança de a reconhecer. Não a reconheci, mas houve um adereço numa delas que me chamou a atenção e acabou por denunciá-la. Era uma fita presa num dos ramos, mas não uma qualquer, era uma fita cor-de-rosa e com a particularidade de ter o desenho da Hello Kitty. Que era, por sinal, o desenho estampado no capacete que o Rodrigo me deu no dia em que me levou de moto àquele parque. Com certeza foi a forma de ele marcar a nossa árvore ao aperceber-se de que muitas outras começavam a crescer em volta. Um pormenor muito

bonito da parte do Rodrigo, como só poderia ser, e que me emocionou. Uma emoção que me atirou de volta ao dia em que me deu aquele capacete e, por consequência, ao dia em que quase era multado por me ter emprestado o seu quando me ofereceu boleia para casa. De repente fiz uma viagem dentro da minha cabeça ao início de toda aquela nossa história cheia de peripécias, aventuras e sensações incríveis e assolou-me uma enorme saudade. Depois dos lembretes que me tinha deixado no discurso e que funcionaram, de certa forma, como brasas acesas no meu peito, aquela simples fita, amarrada na árvore, dentro daquele parque, era como um sopro que reacendia aquelas brasas. Senti que se tinha de fazer alguma coisa, independentemente de qual fosse o resultado, então era naquele momento. Voltei para o carro e ainda ponderei passar antes em minha casa para trocar de roupa e ir mais apresentável, mas tive receio de perder a coragem pelo caminho e desisti da ideia. Depois da viagem mental ao início da minha história com o Rodrigo, era a vez de voltar, literalmente, ao ponto onde ela começou, e fui direta para a loja do Artur. Imediatamente antes de abrir a porta ajeitei o cabelo, enchi o peito de ar e de ousadia e entrei. O Rodrigo estava sozinho, debruçado sobre o balcão, e ergueu o rosto para ver quem tinha acabado de entrar. Por um segundo receei que não gostasse do que estava a ver, pela sua expressão de surpresa, mas depois sorriu, como se no fundo já estivesse a contar comigo, e eu suspirei, aliviada.



Caminhei, contida e envergonhada, até ao balcão onde ele me aguardava atento e na expectativa de que eu tomasse a dianteira da conversa, o que era legítimo, já que tinha sido eu a procurá-lo.

— Demorei muito tempo? *Perguntei, receosa.*

— Um dia longe de ti já seria muito tempo.

Esbocei um sorriso, mas rapidamente se apagou, como se eu sentisse que não merecia sorrir depois daquela ausência.

— Acho que te devo mil e uma explicações.

— Gostava de dizer que sim, mas não posso. Fizeste o que achaste ser o melhor em função daquilo que sabias. E a mim competia-me fazer o mesmo. Não há nada de que te possa culpar.

— Podes culpar-me por não me ter afastado logo no início e evitar ter-te feito passar por toda esta instabilidade. Aliás, pensando bem, não foi muito diferente do que me aconteceu com o... *Fiz uma pausa na dúvida se devia dizer o nome ou não, mas ele incentivou-me com o olhar.* Com o Gustavo. E eu culpei-o pelo que me fez passar. Por isso é justo que faças o mesmo comigo.

— Não vou fazer o mesmo porque, além de a situação não ser a mesma, nós também não somos os mesmos. Eu sabia desde muito cedo onde me estava a meter. Eu sabia os riscos e aceitei-os desde o primeiro minuto porque também desde o primeiro minuto, quando entraste por aquela porta, eu senti que não foi um acaso. E quando pouco depois te encontrei a chorar naquela noite por causa desse mesmo Gustavo tive a certeza de que não era um acaso. E isso deu-me ainda mais vontade de saber qual era a intenção do universo ou da vida. Quis saber o que é que era suposto aprendermos um com o outro. E tudo é diferente quando estamos conscientes. Aquilo que tiver de doer, vai doer, e eu sei que serei capaz de tirar a devida lição dessa dor. Mas nunca te iria culpar pelo que quer que seja. Nem a ti nem a ninguém. Cada um faz o melhor que sabe com o nível de

consciência que tem. Não podemos obrigar as pessoas a ver o mundo e as coisas da mesma forma que nós. E se eu compreendo as minhas limitações, também tenho de compreender as dos outros. Já aprendi a aceitar e a perdoar há muito tempo.

— Mas perdão e reconciliação são coisas diferentes...

— É verdade. Perdoar não é reconciliar, nem implica necessariamente reconciliar. Mas no nosso caso não há nada para ser perdoado. Sempre fomos sinceros e honestos um com o outro. O que é que se poderia pedir mais? Foi, inclusive, para poderes ser mais verdadeira que decidiste recuperar as memórias. Tu sempre tentaste ser o mais correta possível comigo, fazendo as coisas da melhor forma que sabias, e eu sempre tentei fazer a minha parte e deixar o resto com o destino. Confiando, claro, que ele sabia o que era o melhor para mim. Se tivesses de voltar, ias voltar, e limitei-me a fazer aquilo que me pediste. Ou seja, não esperar por ti.

A forma como disse aquilo disparou os meus alarmes e ainda que receasse a resposta não podia deixar de lhe perguntar.

— Isso significa que já tens outra pessoa?

— Não. Nada disso. *Riu-se*. Significa apenas que não parei de viver, não pus em pausa os meus projetos e as minhas vontades à espera que voltasses. Acho que era isso que tu querias que eu fizesse, certo? *Assenti com a cabeça*. E foi melhor assim. Esperar por alguém, seja quem for, é boicotar toda a vida entre o momento em que se afasta e o momento em que volta. Isto, claro, se voltar. E talvez foi por isso mesmo que voltaste. Porque, embora eu desejasse que viesses, eu não estava à tua espera. E, como não estava à espera, não estava ansioso e isso permitiu a vida fluir naturalmente. E aqui estamos. Quer dizer, estou para aqui a falar e nem sei se vieste mesmo à minha procura ou para falar com o Artur.

— Não! Vim mesmo falar contigo. Então e... *Fiz novamente uma pausa na dúvida se devia avançar*. Essa história de não teres pausado as tuas vontades significa que estiveste com alguém este tempo? É só uma curiosidade. Não tens de responder.

Ele sorriu, comprimiu os lábios e negou com a cabeça. Depois fechou uma caixa com utensílios de costura que tinha à sua frente e guardou-a algures por baixo do balcão.

— E tu? Estiveste com alguém? *Devolveu a pergunta*.

— Não! *Respondi prontamente*. Quer dizer, estive com o Gustavo, mas não aconteceu nada. Só conversámos. Aproveitei e disse-lhe o que precisava de dizer e arrumei o assunto. Algo que já deveria ter feito há muito, mas que só agora tive coragem.

Desta vez foi ele a demonstrar alguma insegurança.

— E sentiste alguma coisa? *Perguntou sem olhar para mim.*

— Não me foi indiferente, nem tinha como ser, mas já não tinha nada a ver com o que sentia antes. Já não me conseguia imaginar ao lado daquela pessoa. E foi bom conversar com ele para perceber isso mesmo e fechar definitivamente essa porta.

— E vieste à minha procura com a mesma intenção?

— Na verdade, eu tentei fazer isso há bocado, ao visitar o parque onde plantámos aquela árvore juntos. Era uma forma de estar perto de ti, mas não tão perto ao ponto de ser influenciada por outros fatores. Precisava de perceber o que estava a sentir e tenho de admitir que depois de me reconectar com aquelas lembranças senti uma enorme vontade de te ver e falar contigo. Mas é justo que me mandes embora, tendo em conta o que aconteceu.

— E o que é que achas que significa essa vontade?

Inspirei fundo e expirei antes de lhe responder.

— Talvez seja um chamamento. Um apelo interior para dar voz e vida a isto que sinto. Mas eu não sei, só sei que tinha de te ver e agora estou aqui e não sei o que fazer. É como se a vida pegasse em mim, me pusesse aqui e me deixasse entregue à sorte.

— Mas não foi a qualquer sorte. Foi à sorte grande.

Sorri ao ver que ele tinha recuperado a expressão com que a dona Margarida, a senhora da mercearia, se referiu a ele.

— Bom, normalmente as pessoas mais velhas são sábias, e se a dona Margarida o disse é porque deve ter algum fundo de verdade. *Respondi-lhe com a mesma resposta que ele me deu no iate quando o confrontei com as palavras da senhora.*

— E, por falar em sorte, há uma outra sorte que eu espero que tu tenhas por teres vindo cá hoje. Vem comigo.

Fez-me sinal para o seguir e passou para a divisão atrás.

— O senhor Artur não está cá hoje? *Aproveitei para saber.*

— Teve de ir a um fornecedor, mas não deverá demorar muito a voltar. É provável que ainda te cruces com ele.

Atravessámos a biblioteca e saímos para o jardim, depois o Rodrigo parou de frente para o muro e apontou com o queixo. De imediato me saltaram à vista as casinhas para pássaros que o senhor Artur tinha ali, mas finalmente renovadas e pintadas.

— Vejo que cumpriste a promessa. Estão lindas. Parabéns!

Sorriu-me com um ar convencido.

— Agradeço, mas não era só isto que te queria mostrar.

Arregalei os olhos quando percebi ao que se estava a referir.

— É o que estou a pensar? Têm passarinhos lá dentro?

— Pelo menos temos recebido a visita de alguns desde que eu as

ajeitei. Deixa-me ver se está cá algum vizinho. *Espreitou pelos buracos das casinhas.* Parece que estás mesmo com sorte.

Fiquei ansiosa por espreitar, mas desanimei ao perceber que a casinha onde ele viu o pássaro ficava acima da minha cabeça.

— Eu também gostava de ver, mas não tenho a tua altura.

Riu-se, visivelmente orgulhoso do seu metro e oitenta.

— Não vais deixar de cumprir esse desejo só porque não tens altura suficiente. Eu pego em ti. *Estendeu-me os braços.* Assim cumpres dois desejos de uma vez só. *Sorriu, atrevido.*

Fiquei a olhar para ele por um momento e acabei por aceitar a ajuda. O Rodrigo baixou-se lentamente e, de olhos colados nos meus, pegou em mim pelo fundo das coxas. Aproximou-me da casinha, espreitei para dentro e soltei um guincho.

— São dois! *Exclamei de mão na boca, tal como uma criança empolgada.* É um casal, Rodrigo. Que lindos!

Fiquei tão deliciada com aquela imagem que continuei a olhar para os passarinhos enrolados um no outro dentro da casinha e só quando o Rodrigo se começou a queixar é que me apercebi de que já estava a segurar em mim há demasiado tempo.

— Ai, desculpa! Distraí-me. Podes pousar-me.

Ele não se opôs e pousou-me logo de seguida. Quando se voltou a erguer, deixou-se ficar junto a mim e olhámos um para o outro. Estávamos a pensar no mesmo, era impossível não estar, mas nem eu nem ele nos movemos. No fundo, ele sabia que ainda era cedo e foi bonito sentir a sua compreensão e paciência. Entretanto os passarinhos saíram da casinha de madeira e interromperam o nosso momento, voando logo de seguida para a olaia atrás de mim. Uma vez quebrado o clima, aproveitámos para nos recompor, mas continuámos a olhar envergonhados um para o outro.

— E agora? O que é que será que nos espera? *Perguntei.*

— Bom... *Franziu a testa.* Deixa-me ver se não me esqueço de nada. Depois de te dar boleia de moto e chegares a casa num carro da polícia. Depois de ires à festa do meu bairro e acabares a noite zangada comigo. Depois de plantarmos uma árvore juntos e eu acabar dentro do rio e, mais tarde, doente. Depois de teres sido a minha enfermeira particular por um dia. Depois de nos termos infiltrado num centro cultural, termos sido quase apanhados pela segurança e passarmos lá a noite porque ficámos trancados. Depois de fazermos um espetáculo de magia juntos e uma viagem de iate pelo rio com direito a mergulho e tudo o mais, eu diria que aquilo que nos espera só pode ser incrível como foi até agora.

Arregalei os olhos ao tentar assimilar todas as lembranças.

— Uau! Assim tudo condensado em poucas linhas tem mais impacto. Foi de facto uma bonita viagem até chegarmos aqui.

Depois daquele resumo da nossa história pela boca dele, não resisti e tive de o abraçar. Ele deixou-se envolver pelos meus braços e envolveu-me também com os seus, sussurrando-me ao ouvido.

— Como vês, correu sempre tudo bem e sei que vai continuar a correr tudo bem, só tens de confiar em mim. *Apertei-o com ainda mais força e ficámos assim por um momento.* Ah! Esqueci-me de uma outra coisa. *Soltei-o para o poder olhar.* Ainda resolvemos um mistério juntos. Quer dizer, quase que resolvemos.

— Estás a falar do senhor Artur? Na verdade, eu esqueci-me de te dizer, mas no dia em que fomos fazer aquela viagem eu tive uma conversa com ele e acabei por me descair e revelar-lhe o que sabia acerca da mulher dele e da existência da filha. Ele confidenciou-me que a filha morreu num acidente de viação, fazia no dia 20 do mês anterior um ano, mas não me quis contar a história.

— Espera lá, no dia 20 do mês anterior? *Pareceu que estava a fazer contas de cabeça.* Agora faz sentido... *Murmurou.*

— O que é que faz sentido, Rodrigo?

— Anda comigo. *Dirigiu-se para a biblioteca.* Desconfio que sei onde é que podemos desvendar mais sobre essa história.



O Rodrigo regressou à biblioteca e mal entrou começou a abrir desenfreadamente as gavetas dos armários enquanto eu me limitei a aguardar. Até que, pela reação que teve, percebi que tinha finalmente encontrado o que procurava. Da gaveta que acabara de abrir tirou um jornal e olhou atentamente para ele, como se reparasse nalgum pormenor em específico, logo depois tirou mais um e fez a mesma coisa. Por fim tirou todos os jornais da gaveta e espalhou-os por cima da mesa ao centro da biblioteca.

— Lembras-te de, no dia em que estávamos aqui pelas gavetas a procurar pistas sobre o mistério à volta do Artur, eu ter reparado nestes jornais, pouco antes de encontrarmos aqueles medicamentos que disseste estarem associados à depressão? *Perguntou-me.*

— Sim, acho que sim, mas no que é que reparaste?

— Nisto. *Apontou com o dedo para as datas dos diferentes jornais.* São todos do mesmo dia. Na altura achei curioso, mas não liguei. Agora tudo faz sentido, pois são todos do dia seguinte ao do suposto acidente da filha. O que significa que deve estar aqui dentro informações sobre o que realmente aconteceu.

— Então parece que temos de pôr mãos à obra.

Puxei uma cadeira para me sentar, peguei num jornal, o Rodrigo pegou noutro e começámos a folheá-los. Não demorou muito até surgir a secção dos acidentes e, logo depois, um dos títulos chamar a minha atenção. «Inversão de marcha mal calculada custa a vida a jovem de 26 anos», dizia no topo da notícia, que vinha acompanhada por uma fotografia de um carro amolgado.

— Encontrei! Só pode ser este o acidente da filha do Artur.

— O que é que diz aí? *Perguntou-me por cima do ombro.*

Começámos a ler a notícia em simultâneo, até que cheguei a uma parte que me fez levar a mão à boca.

— Era a mãe que ia a conduzir. A dona Adelaide. *Murmurei.* Diz aqui que a condutora tentava inverter o sentido de marcha numa zona de pouca visibilidade e que o outro veículo chocou com o carro dela

no lado onde seguia a filha, que acabou por não sobreviver. Já a condutora e o único ocupante do outro veículo, um homem de cinquenta e três anos, sofreram apenas ferimentos ligeiros e precisaram de receber acompanhamento psicológico. Meu Deus!

— Se perder um filho já é uma dor inimaginável, agora imaginemos ter responsabilidades nessa perda.

O Rodrigo sentou-se do meu lado e ficámos em silêncio e cabisbaixos a tentar digerir aquela informação.

— Como é que aquela mulher podia não acabar no estado em que a encontrei depois de um acontecimento trágico como este? Se já não conseguia imaginar a dor, muito menos a dor associada à culpa.

— Vou ver nos outros jornais se diz mais alguma coisa.

Continuei estarecida durante mais um bocado e a custo peguei num outro jornal e folhee-o. Também nesse vinha uma notícia sobre o mesmo acidente, mas ainda menos desenvolvida do que no jornal anterior, como se fosse apenas mais um acidente como tantos outros, e isso fez-me sentir ainda mais comovida e ao mesmo tempo revoltada. Peguei noutro e foi a mesma coisa, até que o Rodrigo chegou junto de mim e pousou outro jornal aberto à minha frente. Este, ao contrário dos outros, trazia uma informação adicional. Além da fotografia do carro, esmagado de um dos lados, trazia também uma fotografia da vítima, a Carolina, filha do Artur.

— Procurava mais informações, mas há coisas que eu preferia não ter visto. *Desabafou antes de voltar a afastar-se.* Desculpa se também não querias, mas não podia deixar de te mostrar.

Era tão jovem e bonita que me fez sentir uma agonia ainda maior. Olhei para aquela fotografia por um bocado e depois fechei os olhos, tombei a cabeça e respirei fundo. Não era só aquela fotografia que eu preferia não ter visto. Naquele momento, preferia também nunca ter tido a curiosidade e o atrevimento de tentar desvendar os segredos em torno do senhor Artur. Talvez assim me poupasse àquela descoberta que me tinha deixado abalada. Mas não tive muito tempo para refletir sobre o assunto, pois o Artur surgiu sem avisar à entrada. Fechei de imediato o jornal, mas percebi que já não valia a pena. O Artur olhou para a mesa, repleta de jornais, depois para a gaveta, ainda aberta, de onde eles tinham saído, e por fim para nós, que o encarávamos atrapalhados.

— Seja bem-vinda, Alice. Há quanto tempo. *Cumprimentou o Artur.* Posso saber qual a curiosidade pelos jornais?

Olhei para o Rodrigo, à espera de uma orientação, mas o olhar de rendição que me lançou foi bem esclarecedor.

— Peço desculpa se mexemos onde não devíamos, mas eu

assumo a responsabilidade. Pode culpar-me a mim. Eu juro que ia esperar que o Artur me contasse a história quando achasse apropriado, mas a oportunidade apareceu agora e eu agarrei-a.

Desviou o olhar para o chão, também ele, de certa forma, rendido à persistência da minha curiosidade e à inevitabilidade de a satisfazer, e depois voltou-se para o Rodrigo.

— A loja já deve estar há muito tempo sem ninguém.

Ele entendeu a dica e esgueirou-se pela porta, abandonando a divisão. Depois o Artur aproximou-se da mesa e começou a arrumar os jornais em silêncio. Assim que os voltou a guardar, sentou-se e fez um longo compasso de espera com um ar apreensivo.

— Sabe, a Carolina foi um fenómeno especial. *Começou por dizer.* Porque foi um ser que teimou em vir ao mundo e, quando veio, não ficou cá muito tempo. Digo isto porque a minha Adelaide tinha dificuldades em engravidar. Estivemos muitos anos a tentar sem sucesso e quando já nos tínhamos conformado com a ideia, uma vez que a minha mulher já estava perto dos quarenta, ela acabou por engravidar e foi uma alegria enorme. Um sonho realizado. A Carolina fez-nos esperar muito tempo, mas quando chegou compensou toda essa espera. Foi como se nos sentíssemos de novo um casal, na flor dos vinte, a começar a construir a sua família. Como forma de agradecimento à vida e à natureza, decidimos, simbolicamente, plantar aquela olaia ali no jardim. Que, como penso que já lhe disse, também é conhecida como árvore-do-amor. E a Carolina era a nossa melhor definição de amor. Sempre foi uma rapariga muito independente e desde cedo quis sair de casa. Embora nós não gostássemos muito da ideia, nunca lhe cortámos as asas, mas convencemo-la a ficar num dos nossos apartamentos que tínhamos a arrendar no centro da cidade. Sempre era uma forma de ela cumprir o seu desejo e nós continuarmos a tê-la por perto. Até que... *Engoliu em seco.* A tragédia aconteceu. Íamos fazer um churrasco aqui atrás no jardim e apercebemo-nos de que nos faltava qualquer coisa, já não me recordo o quê, e a Carolina ofereceu-se para dar um salto ao hipermercado comprar. Acontece que quando a Carolina decidiu ir viver sozinha não tinha carro e como nós tínhamos dois e a minha mulher não precisava muito do dela acabámos por lhe emprestar aquele. A partir daí a minha Adelaide deixou praticamente de conduzir porque dizia que não se dava com o meu carro e sempre que era preciso sair ou ir buscar alguma coisa levava eu o carro. Mas, para não desaprender de conduzir, de vez em quando aproveitava as vindas da Carolina para dar uma volta nele. E nesse dia isso aconteceu. Eu fiquei em casa a tratar das brasas e elas saíram. A

minha Adelaide levou o carro e a Carolina foi com ela. Foi e... *Fez uma pausa e eu baixei o olhar.* Não voltou... Penso que já viu nos jornais o que aconteceu. *Limitei-me a anuir em silêncio.* Desde então tudo mudou e a minha mulher afundou-se rapidamente numa depressão. Fechou-se numa concha, deixou de falar, de reagir, de comer pela própria mão e até de andar. E eu também me ia deixando afundar junto com ela, até que percebi que eu tinha de me manter à superfície para a poder puxar para cima. Afinal, eu era tudo o que ela tinha e ela era tudo o que eu tinha. Procurei forças onde elas não existiam, tentei ajudá-la da melhor forma possível, até que percebi que não podia fazer muito mais e procurei outro tipo de ajuda. Tomei conhecimento da Mãos Dadas & Companhia e resolvi interná-la lá. Nesse momento comprometi-me a resolver o que tinha para resolver, reformar-me, deixar a loja e ir para junto dela para poder ajudá-la diariamente. Ir lá durante uma tarde, ler-lhe um livro e dar-lhe o lanche não é suficiente. Preciso de estar lá todos os dias e que ela sinta que eu estou lá todos os dias. Preciso de continuar a acreditar que é reversível e que eu sou parte da solução.

Agora percebia porque é que naquele dia em que o Artur não estava faltava um dos livros na estante da mulher dele. Era porque ele o tinha levado aquando de uma das suas visitas para lho ler. Um gesto que me deixou comovida, mas que eu decidi não abordar. Em vez disso, decidi fazer-lhe uma outra pergunta.

— Aquilo que fez e faz pela sua mulher é muito bonito. E agradeço-lhe por partilhar essa história comigo, mas não podia deixar de lhe fazer esta pergunta. Espero que não me leve a mal. Mas porque é que o Artur não usou o seu dom com a sua mulher e lhe apagou as memórias, tal como fez comigo?

— Se bem se recorda, eu disse-lhe que para essa técnica funcionar era necessário cumprir duas condições, sendo que a primeira delas era querer. *Abri a boca de espanto ao perceber o que ele queria dizer com aquilo.* Na verdade, ela nunca sequer colocou a hipótese de se esquecer da própria filha. Disse-me que, por maior que fosse a dor, isso nunca justificaria apagar as coisas boas que a nossa filha lhe trouxe. E a mim restou-me apenas respeitar a sua vontade, ainda que muitas vezes isso me revoltasse.

— Não sei o que lhe diga. *Abanei a cabeça para tentar organizar as ideias.* Toda esta história é desconcertante.

— Não tem de dizer nada. Quem tinha de dizer era eu, pois já lhe devia esta resposta há algum tempo, e de certa forma assim fico um pouco mais aliviado. E, por falar em memórias, como é que têm sido estes últimos tempos depois de recuperar as suas?

— Tem sido uma fase com muitas coisas a acontecer ao mesmo tempo. Tanto a nível pessoal, como familiar e profissional. Muitas transformações e decisões, mas acima de tudo sinto que é uma fase de limpeza e organização. O que é bom. Ainda há muito caminho pela frente, mas acredito que a poeira vai assentar agora. Escusado é dizer que os seus conselhos foram preciosos.

— Então e em relação ao Rodrigo?

— Eu e o Rodrigo? *Questionei-o como se não tivesse ouvido bem depois de me apanhar desprevenida.* Falámos hoje a primeira vez desde que recuperei as memórias e não será com certeza a última, mas vou limitar-me a confiar e a entregar ao destino.

Esboçou um leve sorriso e abanou a cabeça.

— É isso mesmo. Fico feliz por mim e por si. Já sabe que as portas estarão sempre abertas. Volte sempre que quiser.

Levantou-se para sair e eu segui-o. Despedi-me dele e o Rodrigo ofereceu-se para me acompanhar até ao carro.

— Estiveram a falar sobre o que aconteceu com a filha dele?

— Sim! Foi dramática e comovente, como já se previa, mas prefiro focar-me no lado comovente pela demonstração de amor do Artur para com a sua mulher. Depois conto-te a história com mais calma. Vai haver oportunidade para isso, certo?

— Claro! *Sorriu com um brilho nos olhos.* Basta quereses.

— Até porque vamos ter de falar sobre aquele discurso.

— Que foi fantástico por sinal, mas o mérito foi teu pela bela interpretação. Já agora, estavas muito bonita. Parabéns.

— Obrigada! Deve ter sido por causa do batom nude que eu usei na cerimónia e que tu me ajudaste a escolher.

— Quando é que eu te ajudei a escolher um batom?

— Não ligués. Foi uma mera brincadeira com a Bela. *Sorri.*



Tinham passado três meses desde que decidi voltar a procurar o Rodrigo e agora, à distância do tempo, tinha a certeza de que foi a melhor decisão que eu podia ter tomado. Tal como me havia dito, se me conseguiu conquistar uma vez, também conseguiria uma segunda e provou isso mesmo. Aceitou sempre caminhar ao meu lado à minha velocidade em vez de impor a sua, e isso foi crucial para as coisas terem dado certo. Tinha passado com ele a experiência inédita de esquecer, literalmente, uma pessoa e por isso tudo aquilo que sabíamos sobre começos e recomeços tinha pouca validade perante aquela nova realidade e tivemos de saber adaptar-nos. Felizmente, graças à persistência e paciência de ambos, mas, acima de tudo, ao sentimento que nos unia, conseguimos-lo na perfeição. Já o Gustavo não me voltou a procurar desde o dia da cerimónia, o que acabou por dar ainda mais força à minha decisão e razão às palavras que lhe disse. Tinha começado, entretanto, a trabalhar numa farmácia da cidade e enquanto eu iniciava a minha vida profissional o Artur encerrava a sua, pois tinha decidido, finalmente, deixar a loja e mudar-se para junto da sua mulher. Por isso mesmo, naquele domingo, excecionalmente, o Artur abriu a loja para fazer as mudanças e eu e o Rodrigo fizemos questão de lá estar para o ajudar. Quando cheguei à loja, já o seu carro estava parado à entrada e nesse momento o Rodrigo estava a sair, carregando uma caixa para o carro. Parou quando se cruzou comigo para me dar um beijo e continuou, enquanto eu fui ter com o Artur. Encontrei-o na biblioteca a colocar os livros da esposa numa caixa.

— Agora fez-me lembrar uma das suas lições. *Virou-se para trás para ver quem tinha falado.* Aquela lição sobre pessoas que não têm espaço para nós na vida delas.

— Ah! É verdade! É muito mais fácil lembrar-se da mensagem quando ela está associada a uma imagem, não é?

— Sem dúvida. Nunca mais me esqueci de que não me posso diminuir para caber na vida de alguém e que, se não tem espaço para mim, simplesmente não vou. *Ele sorriu-me e continuou a passar os livros do armário para a caixa.* Diga-me uma coisa, senhor Artur. A sua esposa entende as histórias que lhe lê?

— Não sei. Mas mesmo que não entenda não é importante. No fundo, não estou a fazer isto por ela, sabe? Acho que é mais por mim. Porque me quero sentir útil e acima de tudo porque me sinto bem a fazê-lo. E só é amor quando damos pelo gosto de dar e não quando o fazemos apenas com o intuito de receber algo em troca.

Achei aquela frase muito bonita e para também me sentir útil ofereci-me para o ajudar com os livros. Quando terminámos de encher duas caixas de livros, ele apoiou-se sobre uma delas e olhou em volta com um semblante nostálgico de despedida.

— Bem! *Suspirou.* Acho que, para já, levo tudo o que é necessário. Ajuda-me com essa caixa, por favor?

Pegou numa das caixas, seguiu na minha frente e, ao mesmo tempo que saía, o Rodrigo entrava na biblioteca.

— É preciso levar mais alguma coisa? *Perguntou.*

— Só falta esta caixa de livros, mas eu levo-a, também tenho de fazer alguma coisa. *Aproximei-me dele e pus os meus braços à volta do seu pescoço.* Então e como é que o meu alfaiatezinho se sente agora que vai passar a ser gerente de uma loja?

— Entusiasmado e com receio de errar, mas depois penso que se fosse farmacêutico era muito mais dramático e tranquilo. Pelo menos se me enganar, em princípio, ninguém vai para o hospital. A não ser que algum cliente fique muito furioso comigo.

— É fácil de resolver. Dás-lhe uma dose de um olhar doce como o teu e isso passa-lhe de imediato. *Pus-me em bicos de pés e dei-lhe um beijo demorado, depois deixei-me estar por dois segundos a apreciar o seu rosto.* Já te disse que és perfeito?

— Hoje ainda não. *Sorriu e devolveu-me o beijo.* Vá! Vai lá levar os livros, que eu vou dar um jeito nesta sala.

Peguei na caixa com os livros e fui entregá-la ao Artur. Quando finalmente encontrámos um espacinho para ela na mala do carro, fechámos a porta e esfregámos as mãos em jeito de missão cumprida. No entanto, o semblante do Artur mudou de um momento para o outro e olhou para a loja antes de me falar.

— Alice... Eu preciso de lhe dizer uma coisa antes de me ir embora. *Franzi o sobrolho.* Eu acredito que há uma razão para tudo e por isso acredito que não foi um acaso ter vindo à minha loja naquele dia. Mas talvez a vida tivesse mais planos para si, quando a trouxe até

aqui, do que apenas aprender a largar e a esquecer alguém que não lhe fazia bem. E sinto que tem a ver com isto.

Foi ao bolso, tirou uma chave e entregou-ma, mas não era uma chave qualquer, era uma chave com o formato de um trevo e lembrei-me logo da porta do armário com o mesmo desenho.

— Estou certo de que sabe que porta abre esta chave, tal como estou certo de que saberá o que fazer com o que encontrar lá dentro, por isso estou a entregá-la e a confiá-la a si.

Fiquei estática a olhar para ele e para a chave sem saber como era suposto reagir. Mas, entretanto, o Rodrigo surgiu junto de nós para se despedir do Artur e já não tocámos mais no assunto. Ele próprio fez questão de não tocar nele. Apressou-se a despedir-se de nós e lançou-me um olhar compassivo antes de entrar no carro e seguir viagem. Para trás fiquei eu, o Rodrigo e um segredo.

— Que chave é essa que tens na mão?

— É da porta do armário da biblioteca que tem o trevo gravado. O Artur deixou-a comigo. *Respondi-lhe de olhos postos no carro dele, que desaparecia aos poucos no horizonte.* Acho que chegou a hora de descobirmos o que ela guarda.

Voltei para dentro e o Rodrigo veio atrás de mim. Introduzi a chave na fechadura, rodei-a e olhei para ele à procura de um último incentivo antes de abrir a porta. No interior vi duas gavetas, uma por cima da outra, e decidi puxar a de cima primeiro. Dentro dela havia alguns pequenos objetos e umas fotografias e o meu instinto foi pegar logo nas fotografias. Quando olhei com mais atenção para elas, fiquei em choque com o que acabava de ver.

— O que é que se passa, Alice? Que fotografias são essas?

Continuei a passar as fotografias e quanto mais olhava para elas mais o meu corpo se convulsionava numa mistura de sensações indescritível. Entre um aperto no peito, um coração acelerado e um enjoo repentino, tudo parecia assolar-me naquele momento. Ao ver-me naquele estado, o Rodrigo aproximou-se de mim e, no momento em que me tirou as fotos da mão, respondi-lhe.

— São fotos da filha do senhor Artur... contigo. *Fiz uma pausa e engoli em seco.* A Carolina era a tua namorada, Rodrigo.

Comecei a andar de um lado para o outro na biblioteca, passando as mãos no rosto e no cabelo, numa tentativa inútil de me livrar daquele nó na garganta que me angustiava e sufocava.

— Não é possível! *Exclamou ele.* Não me lembro de nada.

— Porque é que achas que não te lembras, Rodrigo? *O olhar que trocámos foi suficientemente esclarecedor.* Tu estás em fase de esquecimento. Estiveste todo este tempo em fase de esquecimento.

Desde muito antes de nos conhecermos.

— Não pode ser. *Continuou a negar com a cabeça.* Não faz sentido, se ele me tivesse apagado as memórias eu saberia, tal como tu sabias que tinhas apagado as memórias sobre o Gustavo.

— Não necessariamente. Eu lembro-me de ele me ter dito que, dependendo da situação, ele poderia fazer a pessoa esquecer-se de que se tinha esquecido. E deve tê-lo feito contigo.

— Mas qual era a vantagem? Se o objetivo era um dia recuperar as memórias, porque é que ele escondeu isso de mim?

Eu continuava a caminhar impacientemente pela sala à procura de respostas, ao mesmo tempo que batalhava para manter a calma e a lucidez, até que se fez luz na minha cabeça.

— Agora faz todo o sentido. *Murmurei.* Ele escondeu isso de ti porque entendeu ser o melhor em função da estratégia que pensou para ti. Por isso é que ele te fez acreditar este tempo todo que tinha perdido a mulher. Sem, no entanto, a ter perdido fisicamente. Foi para te habituar à ideia de perder a mulher que se ama e te mostrar que apesar de tudo a vida continua e que há uma razão para as coisas serem como são. Com certeza que depois de algum tempo a conviver diariamente com esta realidade na pele de outra pessoa tu estarias mais bem preparado para enfrentar a mesma dor um dia que recuperasses as memórias, Rodrigo.

— Quer dizer que eu era o namorado da filha do Artur e depois de ela ter morrido no acidente eu pedi-lhe para a apagar da minha memória? *Perguntou de olhar vazio, em jeito de resumo.*

Quis chorar naquele momento, mas as lágrimas não saíam.

— Agora tudo se encaixa. A história que me contaste sobre ti no dia em que fomos à festa no teu bairro era, na verdade, a versão que tinhas da tua vida sem a Carolina. Disseste que tinhas começado a trabalhar num bar no centro da cidade e que mais tarde te mudaste para um apartamento no mesmo edifício. Um apartamento que pertencia ao Artur. E quando ele me contou a história sobre a filha dele disse-me que ela tinha ido viver para o centro da cidade para um dos seus apartamentos. Deve ter sido nesse bar que se conheceram, acabando por se apaixonarem e ir viver juntos.

— Não sei o que pensar, nem o que dizer. *Desabafou.* Tudo isto parece demasiado surreal para ser verdade.

As ideias começaram a encadear-se na minha cabeça e quanto mais pensava naquela história mais sentido ela fazia.

— O álcool. *Continuei.* Disseste que a dada altura tinhas começado a exagerar no álcool. Deve ter sido depois do acidente, como uma forma de fugir da dor. E o Artur ao aperceber-se disso

convidou-te para vires trabalhar com ele. Não só para te afastar do álcool, mas também para poder estar perto de ti e te ir passando as mensagens de que irias precisar. E se te convidou a mudares para o apartamento onde estás agora de certeza que foi para te afastar de fontes de lembranças associadas à filha dele que poderiam prejudicar o teu processo de cura. Meu Deus! *Levei a mão à boca*. E adiou todo este tempo a sua ida para junto da mulher porque tu também precisavas dele. Apesar de todo o sofrimento que estava a ter com a perda da filha, ele percebeu que tinha de se aguentar porque havia pessoas à volta dele que precisavam da sua ajuda. E se decidiu ir agora foi, talvez, porque percebeu que estarias em boas mãos. Não sei. Só sei que isto tem tanto de bonito como de doloroso.

Ele estava de braços caídos a render-se, aos poucos, às evidências, até que uma lágrima começou a escorrer-lhe pelo rosto e foi como se aquela lágrima me desse autorização para chorar também. Aproximei-me dele, abracei-o e chorámos juntos.

— E na outra gaveta, o que é que terá? *Sussurrou*.

— Tenho medo de ver.

Ele mesmo tratou de abrir a outra gaveta e ficou a olhar para dentro dela enquanto eu esperava ansiosa por uma reação.

— É a ampulheta... *Murmurou*. Com o meu nome.

Naquele momento fechei os olhos e fiquei em silêncio, tal como ele, apenas atenta à minha respiração. Depois enchi o peito de coragem, abri os olhos e fiz-lhe a inevitável pergunta.

— E agora? O que é que vais fazer com ela?

O Rodrigo ergueu o rosto e não disse nada, mas reconheci logo aquele olhar. Era o mesmo olhar que ele tinha quando estávamos no iate. Um olhar que respondia à minha pergunta.

Para contactar o autor:



www.raulminhalma.com



www.facebook.com/raulminhalma



www.instagram.com/raulminhalma



www.twitter.com/raulminhalma



raulminhalma (Snapchat)



App Raul Minh'alma (Android)



raulminhalma@gmail.com



www.youtube.com/raulminhalma